

## **ENTREVISTAS**

<b><u>REPRESENTANTES INSTITUCIONALES UNIR/SEMED</u></b> .....	<b>585</b>
<u>ENTREVISTA A DO</u> .....	585
<u>ENTREVISTA A CP1 (FF2)</u> .....	591
<u>ENTREVISTA A CP2</u> .....	617
<u>ENTREVISTA A SE</u> .....	630
<u>ENTREVISTA A SP</u> .....	657
<b><u>FORMADORES DE FORMADORES</u></b> .....	<b>674</b>
<u>ENTREVISTA A FF1</u> .....	674
<u>ENTREVISTA A FF2 (CP1)</u> .....	684
<u>ENTREVISTA A FF3</u> .....	710
<u>ENTREVISTA A FF4</u> .....	720
<u>ENTREVISTA A FF5</u> .....	744
<u>ENTREVISTA A FF6</u> .....	769
<b><u>PROFESORAS (ES)-ALUMNAS (OS) DEL PROYECTO GRADUANDO NA ESCOLA VIVA</u></b> .....	<b>798</b>
<u>ENTREVISTA A PAp</u> .....	798
<u>ENTREVISTA A PA1</u> .....	823
<u>ENTREVISTA A PA2</u> .....	829

## REPRESENTANTES INSTITUCIONALES UNIR/SEMED

### ENTREVISTA A DO

#### REPRESENTANTE INSTITUCIONAL

FECHA: 24-09-98

LOCAL: Porto Velho/RO/Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estruturada.

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO / BR (la propia Investigadora)

ENTREVISTADA (DO): Profesora del Departamento de Letras y Directora del Núcleo de Educación - UNIR/RO/Brasil.

Vamos iniciar agora uma entrevista com a professora N.G., que atualmente está exercendo a função de Diretora do Núcleo de Educação da Universidade Federal de Rondônia, que é o órgão responsável pela execução deste Projeto - o Projeto da UNIR com a SEMED, onde a prioridade é a formação do professor à nível de pré - escolar e 1ª à 4ª série do ensino fundamental.

T) N., nessa função de diretora, como você vê esse projeto? Você considera que é um projeto com uma validade para a comunidade? Como é que você percebe esse projeto de formação do educador de pré e 1ª à 4ª série?

DO) Olha, na época da aprovação desse projeto, nós estivemos bastante empenhados, uma vez que já o considerávamos um projeto de grande relevância. Uma forma de abrir o leque de opções para as pessoas que estavam procurando o Curso de Pedagogia. Nós acreditamos que o investimento na educação fundamental de 1ª a 4ª série deve ter prioridade em todos os níveis educacionais (municipal, estadual e federal) porque formar professores com esse objetivo, com perfil para atender essa clientela de 1ª a 4ª série, deveria ser o foco principal de todo educador, pois é a base que dá sustentáculo a toda educação. Então, pensando nisso, é que nós, já por ocasião da aprovação do projeto, que era um projeto finito, firmado com a Prefeitura, através da SEMED, solicitamos que ele (o projeto com essa habilitação

especítlca) fosse também estendido para o Curso de Graduação regular da UNIR. O que, aliás, já está acontecendo este ano.

T) Este ano já iniciou a primeira turma?

DO) Exatamente. A primeira turma do curso com formação de professor de pré-escolar e 1ª à 4ª séries do ensino fundamental.

T) E, a experiência para você com relação a projeto, enquanto diretora do órgão operador e como responsável pelo desenrolar das atividades, como você vê tudo isto? O que você poderia dizer de pontos positivos e negativos?

DO) O ponto positivo mais relevante é o envolvimento dos professores, especialmente dos professores do Departamento de Ciências da Educação; é notório também o interesse dos alunos - professores, beneficiados pelo convênio. Como ponto negativo temos a parte operacional do convênio; nós temos tido muita ditlculdade, porque os professores sabem que dar aulas num projeto finito, é ter uma remuneração extra. Mas é, sobretudo, extrapolar sua carga horária, pois o curso regular funciona no período matutino e o curso conveniado funciona no período noturno. Quer dizer, o professor se "sujeita" porque, de alguma forma se identifica, ou com o projeto, ou com o curso, ou ainda, com os alunos, embora saiba que será um sacrifício a mais que se imporá em nome de uma complementação salarial. Então, na hora de receber a contrapartida da Prefeitura, é que acontecem os maiores transtornos. Algumas vezes, nós tivemos que paralisar o curso como única forma de pressão encontrada, a fim de que a Prefeitura pudesse repassar a verba do convênio, que, diga-se de passagem, não era só para Q pagamento das horas-aulas dos professores, mas inclui bibliografia, seminários, secretaria, coordenação, material de apoio, etc. Atualmente, estamos com o 2º semestre de 1997 a receber, e todo o ano de 1998. Na Prefeitura é assim: muda a administração, e o convênio sofre todo tipo de intervenção, pois foi firmado com a administração anterior, aliás, de partido político contrário. Não há uma identificação dos administradores com o projeto em si. Eles não conseguem perceber o benefício que um projeto dessa natureza poderá trazer para a comunidade como um todo. Partidos políticos diferentes, demonstram diferentes interesses e nenhum deles tem conseguido pensar "grande", ou seja, na educação. Isso tudo tem influenciado negativamente no andamento do

projeto. Daqui para a frente, nós já conseguimos conscientizar alguns professores para que abracem a causa e que as lutas devem ser independentes, ou seja, continuar lutando pela qualidade e continuidade do curso e pelo envolvimento dos professores, de um lado; buscar recursos da Prefeitura, por outro. São lutas paralelas que não devem interferir no funcionamento do curso. Ou seja, nós não pretendemos mais interromper esse curso.

T) Até porque a clientela está sendo prejudicada duas vezes.

DO) E. E, é uma clientela que tem nos dado respostas muito boas: a evasão é muito pequena e o interesse em apreender é crescente. Nós achamos que eles não merecem. Não gostaria de divulgar isso, porque tem nos servido como forma de pressionar a Prefeitura, a fim de que eles não se acomodem. Se sabem que vamos dar continuidade ao curso, mesmo que não paguem, podem se acomodar ainda mais. Aqui, internamente, já decidimos.

T} Certo. E, com relação a essa clientela que você falou, que demonstra um empenho muito grande- como eles já são professores com formação de nível médio, à nível de magistério - você acredita que essa bagagem que eles trazem, que eu estou chamando de "conhecimento teórico-prático prévio", eles influenciaram nessa interação na sala de aula? Você, enquanto professora e, principalmente, da área de línguas, você concorda? Você acredita que ele existe e que há uma interação?

DO) Acredito, claro. Eu acredito que o professor, não só o professor, mas todo profissional, tem que partir do relacionamento, das perguntas, dos questionamentos que ele trás e que vivencia, independentemente de qualquer teoria, ou seja, a teoria é importante, é até fundamental, não escapamos dela. Mas, se não estiver ligada a uma "praxis", não tem nenhum sentido. É como se ensinássemos as regras do jogo ao jogador de futebol e não o deixássemos nunca entrar em campo para experimentar o prazer de tocar a bola e fazer gols. Então, quando uma pessoa já vivencia uma experiência e sente falta de uma orientação metodológica no seu dia-a-dia, de certa forma a experiência em sala de aula auxilia, ajuda a encontrar o caminho certo, pois o professor já tem o seu objetivo, seu projeto de vida traçado. Os professores que vão dar aulas já sabem onde, o quê e como orientá-los. Muitas vezes, nos cursos de graduação regulares, nos deparamos com alunos não identificados com o curso; querem mudar, porque imaginaram algo diferente.

T) Estou buscando um nível superior?

DO) Isso. Muitas vezes é só "caça" ao diploma mesmo. Eles não estão identificados com o que fazem. E, com essa turma, esse problema não ocorre, pois a partida foi dada "da profissão para a qualificação" e não de uma possível vocação para uma futura profissão.

T) Este grupo tem uma característica própria.

DO) Tem. Muito peculiar e interessante, conforme já foi dito anteriormente.

T) Então, partindo do que você coloca e, pelo fato deles já terem cursado uma "Formação de Professor de 2º Grau", percebe-se que os conteúdos não estão sendo suficientes para estar dando qualidade à prática desse educador, além do que a nossa nova LDB exige que haja a formação à nível de 3º grau. Como você vê isso?

DO) Eu vejo sempre com bons olhos, Tânia. Porque, nós sabemos que a escola de 2º grau e, principalmente, a de Magistério, tem muitas falhas ainda. Não sei lhe dizer, não saberia dizer porque elas ocorrem. Quer dizer... até saberia, mas por questões outras (políticas, por exemplo) achamos sempre que a Universidade, por representar um campo específico do saber, um lugar onde o conhecimento se desenvolve com maior rapidez, as pessoas vêm aqui em busca desses conhecimentos, canalizados para a questão da educação. Acredito que a formação superior abre, ou, pelo menos, deveria abrir, a visão das pessoas com maiores possibilidades de feitos. Temos encontrado em todas as áreas profissionais sem formação superior que, ao chegarem à Universidade, se surpreendem com a exuberância de informações que recebem. É comum ouvirmos expressões do tipo: "Puxa! Quanta coisa diferente a gente aprende na Universidade, quantas disciplinas novas, quantas teorias, autores, professores, etc, etc. A nossa prática foi e continua sendo muito importante, mas não teríamos acesso à troca de conhecimentos se não buscássemos uma formação superior". A Formação Superior é uma questão muito ampla, necessária, complementar e que precisa ser discutida democraticamente. O assunto abre uma possibilidade de discussão, no mínimo, polêmica.

T) Você deve ter visto, DO, que o projeto, quando ele surgiu, veio dentro daquela proposta de "Escola Nova" que a Prefeitura estava desenvolvendo e, que o projeto inicial contava com uma base teórica em Paulo Freire, na teoria de Paulo Freire. Você acredita que ele, o projeto, está conseguindo trazer sua base teórica na relação que os professores têm trazido para a sala? Você acredita que essa tem sido uma das preocupações : manter esse fio condutor, que era no início, baseado na teoria de Paulo Freire?

DO) Acredito que sim, Tânia. Embora não possa afirmar com certeza. Acredito, inclusive, que os professores da UNIR e, especialmente, os do Departamento de Ciências da Educação, têm essa preocupação; sabem qual é o objetivo do projeto. Tenho pedido constantemente à Coordenação do Curso que não perca isso de vista, que procure contactar pessoas identificadas com a proposta. Uma conversa prévia tem garantido manter o objetivo do projeto. Pode acontecer, mas acho que até agora as pessoas têm correspondido.

T) DO, para a gente fechar, que eu sei que o nosso tempo está um pouco restrito, eu gostaria de te perguntar, são três questões que eu venho conversando com todos os entrevistados e acho que é importante entender sua concepção, você é a diretora. É importante entender como é que você pensa sobre essas três questões centrais do processo ensino-aprendizagem: O que seria considerado Conhecimento, dentro do que está sendo levado para sala? Como você conceberia o que é Ensinar? E, o que é Aprender, na perspectiva de uma gerenciadora, de uma gestora desse projeto?

DO) Bom, eu vou resgatar uma concepção de Educação na qual acredito. É uma concepção que coloca por terra aquela concepção tradicional e conservadora que diz que "ensinar é transmitir conhecimento". Eu não acredito nessa concepção. A minha concepção de educação é a seguinte "ensinar é construir o conhecimento". Ensinar está completamente relacionado com construir. A construção do saber se dá a partir do momento em que professor e aluno buscam a construção do conhecimento, resgatando, inclusive a etimologia da palavra "Educar = levar de um lugar para outro, de um passo maior. O professor traz o aluno para a sua perspectiva de vida e o aluno leva o professor para a perspectiva dele. Assim, os dois, juntos, constroem o saber.

T) Então, o que seria, o que você chamaria de Práxis Pedagógica?

DO) Exatamente isso que acabei de relatar. Uma troca de experiências

T) E o Conhecimento, o que seria nessa interação?

DO) O Conhecimento seria algo construído ao logo do relacionamento. O professor, naturalmente, com sua experiência maior, do ponto de vista teórico, não deve jamais desprezar o conhecimento do aluno. O saber será construído dentro dos objetivos propostos. Não deve ser um saber desvinculado dos princípios que norteiam a proposta educacional, como, equivocadamente, alguns costumam interpretar (o professor tem que respeitar o aluno e por isso tem que deixá-lo fazer o que quiser). Nada disso. É em nome desse respeito, que o professor deve fazer o aluno caminhar.

T) Em que tendência pedagógica você colocaria essa proposta a partir dessa forma de estar concebendo esses tres conceitos? Você se encaixaria em qual concepção?

DO) No Construtivismo e no Sócio-Interacionismo. Eu acho que as duas tendências se completam, não dá para descartar nenhuma. O Construtivismo e o Sócio-Interacionismo nos ensinam que só construímos em sociedade. O homem é um ser essencialmente social.

T) Você colocaria Paulo Freire nessa proposta?

DO) Sem dúvida. Colocaria como o maior precursor dessa proposta que, além de democrática, é humana e tem, comprovadamente, dado excelentes resultados.

T) Eu gostaria de te agradecer e dizer que logo que a entrevista esteja transcrita, estarei enviando para que você possa ler e autorizar o trabalho com o material produzido.

DO) Está bem. Tomara sirva para alguma coisa. Quero dizer, espero que você possa tirar proveito do que foi dito com muita humildade, porém, com bastante sinceridade.

**ENTREVISTA A CP1 (FF2)**

FECHA: 24 /07/99



LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estruturada

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO / BR (la propia Investigadora)

ENTREVISTADA (CP1/FF2): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación - UNIR/RO/Brasil

Estamos iniciando agora a entrevista com a prof<sup>a</sup> M.C.S., que é do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia e que em 1995, participou do Projeto "Graduando na Escola Viva" como coordenadora desse curso de pedagogia.

T) Prof<sup>a</sup>. MCS, gostaria de lhe perguntar: como que você vivenciou esse momento de estar assumindo esta coordenação, de estar colaborando neste projeto?

CP1) Quando você começa assim e me faz essa pergunta Tania, eu, já veio duas coisas assim, na minha cabeça: você falou: como que eu me colocava, né?

T) Como que você se percebia colaborando nesse processo, do projeto, e como que você se viu coordenadora?

CP1) Quer dizer, eu me lembro que, assim, eu já questi, eu me questionei o que significa colaborar porque, de inicio, eu nao me via colabrando, tá? E eu tinha acabado de chegar do mestrado e a professora N. (DO), na época era a diretora do núcleo de educação, me chamou e falou: olha, M.C.S., você está chegando do mestrado (sorri), foi por ai assim, sabe?

T) Hum, hum.

CP1) Você está chegando do mestrado e sabendo dos "apertos" da Universidade com a Secretaria Municipal de Educação, na realização de um curso de pedagogia. Entao, como você está chegando, já sei do departamento que você vai ter só alguns alunos para orientar, nao vai ter disciplina para você, e eu acho que você está disponível e tem condições, porque acabou de fazer um curso de mestrado para assumir esse projeto. Entao, assim, a

principio, eu, eu aceitei, mas vou te dizer: nem conhecia o projeto, nem nada, quer dizer: nao foi aquela coisa assim, de que você sente que está colaborando com a educação. Foi mais assim, uma coisa de obrigação mesmo: "a diretora do núcleo me chamou, e colocou essa situação, (sorri) e eu me encontrava, tipo assim, "você nao tem mesmo, sabe, para onde ir.

T) Está faltando serviço.

CP1) Está faltando serviço para você, você está ociosa, você chegou já em setembro, eu tinha defendido a dissertação 30 de agosto, eu cheguei em setembro, as disciplinas do departamento já tinham sido dividida entre os diversos professores, o departamento já tinha decidido que eu iria ficar só orientando alunos em monografias. Entao, eu foi chamada mais ou menos por ai.

T) Pela necessidade de ambos os lados.

CP1) Isso.

T) De lotar, com relação à carga horária e do projeto que eles necessitava de uma pessoa para está acompanhando?

CP1) Ha! Ha! Isso. E, ela achava que uma pessoa que tinha acabado de, de terminar o mestrado, defender uma tese, defender uma dissertação de mestrado, era uma pessoa qualificada na Universidade para assumir, entao um projeto novo, algo que nao tinha acontecido antes na instituição, dentro daquela forma como o projeto vinha. Entao, ela me falou: com a SP e tal, a SP, ex-aluna nossa da pedagogia, por sinal uma excelente aluna e tudo, uma pessoa também boa de convivência. "Assume isso ai, vai ser uma coisa legal". Mas naquela hora que ela me falava aquilo, sabe, eu tinha, como eu falei, acabava de chegar do mestrado, numa instituição como a UNICAMP, com toda aquela estrutura, eu fiquei me imaginando e vendo o que estão sabendo os meus colegas, né? eles sendo coordenadores, né? porque eu nunca tinha sido coordenadora, eu estava na UNIR como psicologa, né? e tinha feito concurso para o departamento de educação, eu nao tinha condição, digamos assim, pela legislação de ser coordenadora do curso de pedagogia, que

ele diz que é só para quem tem o curso de licenciatura em pedagogia. Entao, eu fiquei vendo tudo isso, eu falei: "nossa, que trabalhadeira que eu vou me meter" porque eu vejo assim: nós nao temos sala para nada, será que eu vou ter estrutura para executar esse projeto, para desenvolver esse projeto? Aonde que eu vou ficar, eu vou ter lugar? E eu pensei, eu falei pra ela: "olha, DO, tá, tudo bem, depois eu tenho que conversar contigo, eu vou pensar. E ai eu fui pensar , pensei , pensei essas coisas, sabe? Se eu vou ter estrutura , eu vou ter, assim, um lugar para ficar, porque a gente tem que esperar até as salas na UNIR, na Universidade, nós nao temos sala e tal.

T) Nós nao temos estrutura ainda.

CP1) É. E eu pensei: será que eu vou ter isso? Vou ter um lugar pelo menos para me ficar ou eu vou ficar andando como muita gente fica andando com os documentos, com as coisas todas na pasta? E foi assim que eu fiquei. Ela disse pra mim: nao, você vai ter uma sala, se você precisar de uma sala, você pode usar a sala do Núcleo. Foi por ai. E naquele momento, 95, nao era o momento de desenvolver o curso, era o momento de analisar o projeto, de ver como poderia melhorar ele técnicamente e pedagógicamente, o projeto em si pra que, e legalmente também, né? pra articular. Entao, as questoes assim foram mais nesta ordem e ai, e ai ela falou:"olha! no trabalho que você vai desenvolver tem remuneração e você se for ter remuneração é se o curso realmente for implantado, se você for a coordenadora do curso, oficialmente, do projeto, né? porque nós dizemos curso mais é um projeto, né?

T) Um projeto fechado?

CP1) Um projeto de duas instituicoes, né?: um projeto da SEMED, na época, e da UNIR, quer dizer, atualmente. A gente fala na época eu acho até porque como as coisas estao andando atualmente. Entao, as coisas foram por ai.

T) Você sentiu que, no momento que você aceitou esse desafio, e essa chamada da DO, que você tinha que fazer esse assessoramento, que seria mais uma questao de assessoramento, você sentiu que houve uma empatia, houve uma aproximacao no teu caso, junto com o pessoal da SEMED para elaborar, para fazer essa estruturação toda que você crer que foi necessária? Como é que foi essa parceria na prática?

CP1) Na prática, foi um trabalho muito bom. Não sei se, eu acho que toda a equipe da SEMED. Eu ia falar, assim, da SP, que era coordenadora, que é ainda coordenadora pela SEMED. Realmente foi um trabalho, porque todo mundo estava muito engajado, as pessoas muito interessadas em realizar um projeto daquela, daquele porte, um projeto que estava voltado para qualificar professores do 1º grau, e professores que nunca tinham tido oportunidade de ter acesso para fazer um curso na Universidade, pública e particular, eu creio que eles não teriam porque não tinham condições financeiras para fazer. Então, estava todo mundo muito empenhado, era um projeto muito bonito, porque duas instituições juntas elaborando um projeto (silêncio), não sei, eu acho que, as pessoas que trabalham na área da educação (sorri)

T) Cheia de ideais.

CP1) É, tem muito coisa do ideal. Então, a gente, a gente trabalhou, foi uma parceria, naquela época era mais assim, uma revisão de ordem técnica, como eu falei: legal. E, a gente tinha os dias, a gente fixou dias para a gente se encontrar, eu e a Luiza, porque ela é que era a responsável, tinha toda uma equipe lá na SEMED, mas, assim, as pessoas mesmo que trabalhavam efetivamente éramos nós: eu e SP.

T) Hum! Hum!

CP1) Ela já tinha, a SEMED já tinha trazido uma proposta, um projeto já elaborado, né? para que a Universidade analisasse. Então, a pessoa que analisou o projeto, representando a Universidade, foi eu. Então, a gente arrumou o projeto dentro das, digamos assim, dentro das exigências da universidade; foi quando ele ficou pronto, veio a parte então realmente, passou pelas estâncias da instituição, então, quando chegou o momento de realmente ser implementado, desenvolvido, foi o momento do vestibular e aí (sorriu) veio: "já que você, M.C.S. (sorri)

T) se atreveu, no primeiro momento...

CP1) Com esses meses trabalhando, desde setembro a dezembro, você ficou trabalhando, (a questão de data agora eu não estou lembrada) ficou trabalhando, porque a gente ficava trabalhando constantemente na grade curricular, então agora fui chamada para. Vem agora

o processo de seleção, isto a gente já tinha determinado alguns critérios junto com a SEMED, como é que seria: só quem fosse professor, realmente quem tivesse em sala de aula; depois a gente descobriu que um ou outro não estava na sala de aula (sorri) mais, enfim.

T) Era funcionário.

CP1) Era funcionário, da Secretaria, era professor, só que naquele momento, as vezes, essa pessoa não estava na função, mas era professor, tinha estado em sala de aula e tudo. E que assim, a pessoa tinha que ter um documento que atestava que era funcionário e tal. Então, esse foi assim, eu acho que, um dos momentos mais, assim, eu diria assim, interessantes, mas assim, aquele momento mesmo onde você está bem próximo daquilo que você, de tudo quanto a Universidade pública tem falado, sabe? da clientela pra quem ela está destinando o seu trabalho, a gente fala muito pra uma Universidade voltada para a realidade do aluno, voltada para as camadas bem populares da sociedade. Mas foi justamente naquele momento lá, da inscrição, é que começou todo o processo mesmo já de coordenação. Quer dizer, não foi naquela hora que já..., quando o curso já estava funcionando, não. No vestibular : foi aí que você começa a conhecer quem é a clientela, as coisas que as pessoas falam na hora da inscrição, toda aquela ansiedade, até pelo tipo físico, as coisas que as pessoas diziam, as dificuldades. Nossa, eles tiveram dificuldade para fazer a, para ter dinheiro para pagar a inscrição, na época. A gente teve que prorrogar, porque foi uma época em que não era a data de recebimento do pagamento do salário, né? E que, foi assim, então tivemos que prorrogar. O Secretário falou com o Reitor, a gente falou : olha! muita gente quis fazer a inscrição, muita gente falou com a gente - estatisticamente eu não posso falar, mas tinha muita gente ...

T) Foram cento e poucos professores que chegaram efetivamente a concorrer, 114 ou 120, mais ou menos, foram os inscritos concretamente e selecionados foram 80.

CP1) Ha, tá. Hum, Hum. Então, aí, eu até que alguns, né? outros chegavam assim, discentes, não achavam que, achavam que, mas eu, e assim, "será que isso é verdade?" Sabe?

T) Um vestibular fechado, né? Ele teve essa característica.

CP1) Sim. E, por outro lado, a gente ouvia, por parte, bom, algumas pessoas foram no prédio da UNIR - Centro e, eu fiquei pensando: como que eu vou agora, porque tem toda uma coisa assim, que não é falado, né? Por exemplo: eu não sabia como é que efetivamente acontecia um processo de vestibular, um processo de seleção do vestibular; eu tive que, essa parte que era parte da universidade, que a Luiza não poderia fazer, porque não era pertinente a ela, então, eu tive que fazer desde a documentação pedindo, para conseguir salas para realização do vestibular, ir as escolas pedir (sorri) para liberar aquele dia; e sair na polícia militar, fazer um requerimento para a polícia militar, lá no comando geral da polícia para ter um policiamento naquele dia, todas aquelas questões legais que têm que ser cumpridas, a questão do fiscal, selecionar fiscal (sorrir),

T) Toda aquela burocracia, aquele ritual próprio da seleção.

CP1) Que nem é próprio, que a própria Universidade Federal de Rondônia não faz porque ela tem, ela contrata uma empresa lá do Pará, que faz esse serviço para ela. Então, eu tive que fazer isso só, eu não pedi ajuda para a Luiza porque não era função dela fazer, era da universidade aquilo. Mas como eu conseguir pessoas para fazer isso? Não é possível isso não. Como? E, então a professora DO falou assim: "olha! Celeste, você tem suas relações aqui dentro da universidade, convida agora esses seus colegas ..."

TE tudo foi voluntário? Ninguém recebeu nada nesse momento?

CP1) Não, assim, ...

T) A seleção, houve o pagamento?

CP1) Houve, houve; mas, assim, a princípio não se sabia que iria se receber. Quando eu fui falar, que dizer, que só ia ter dinheiro quando o curso já tivesse funcionando. Então, ela falou: você convida os seus colegas. Então, eu fui com colegas meus, quer dizer, bom, tem um pessoal da biblioteca, que eu tenho uma proximidade muito grande, que para pedir: "olha!" Os outros não, são assim, em sala de aula, dando aula, e pra deixar, né? Então, eu

fui lá na biblioteca, falei com o bibliotecario, com outras pessoas lá de outros setores da instituição e disse: "olha! nao vai ter dinheiro, vou logo avisando tá? (sorri) É, tem que fazer trabalho, assim, um trabalho pensando que assim: "bom, o nosso papel é da instituição, é contribuição com a educação.", vai por ai, tem que chamar assim porque, tipo aquela coisa mesmo que eu digo sempre:"nós nao estamos fazendo negócio, mas no fundo eu acho que a gente, a gente faz muito o papel mesmo assim, de, de fazer as coisas sempre pensando no melhor, né? para que realmente a nossa instituição seja uma instituição respeitada na sociedade, seja valorizada, né? e quem trabalha em educação é assim mesmo: tem que saber que, bom ...

T) É compromisso.

CP1) É um compromisso, isso. Entao, é por ai que eu ia e convidava as pessoas para ir: "falava que é um curso assim, a clientela é essa, o objetivo, nosso objetivo é esse: de qualificar, essas pessoas estao num momento e é isso. Se por acaso tiver dinheiro, ótimo, vocês receberao. E assim foi. E essas pessoas foram bem à vontade. Depois, ai apareceu: "olha! vai ter um dinheiro para", entramos em contato com a SEMED, eu nao sei como é essa questao do dinheiro como é que chegou, mas enfim, tinha um tipo de uma "diariarinha" para quem ficou fazendo inscrição. Eu acho que teve alguma coisa, nao estou delirando. E ai veio a parte depois de

T) Inscrição, depois, dos aprovados.

CP1) Nao. A parte de treinar os fiscais do vestibular. A gente teve que treinar, fazer um cursinho de fiscal para o vestibular, e ainda você, uma das coisas mais difíceis eu achei, essa coisa nao é tao assim, é uma dificuldade que a gente sente até mais física, mas tem outras questoes que sao, assim, da ordem política, porque, eu comecei, eu acho que, uma coisa que vai acontecendo mesmo, sabe? me envolver com o projeto, porque é uma coisa muito bonita: um projeto onde você, você vê, desde o processo de inscrição, quem sao aquelas pessoas que íam? É realmente as pessoas que a Universidade diz: " Olha! essa aqui é uma instituição pública, tem um objetivo: uma Universidade, de produzir o saber, de produzir conhecimento, tem a responsabilidade de ensinar, de fazer pesquisa, de fazer extensao, essa coisa toda. Para a comunidade, a Universidade tem que está voltada para

aquela clientela que não têm acesso. As coisas de consumo da sociedade, que não têm acesso a boa alimentação, a boa escolaridade, e tal. Então, a gente está sempre escutando: "ah! Porque a gente tem que pensar na realidade do aluno; mas, eu ficava pensando: "mas esses alunos que estão vindo aqui se inscrever não são aqueles nossos alunos", está entendendo? aqueles nossos alunos que nós tínhamos no curso de Pedagogia regular, que mal ou bem, uma boa parte tem carro, tem luz, tem água, sabe? tem uma rede de transporte, tem uma parte física, assim, para essas pessoas, né? E, a gente estava vendo ali que essa clientela era realmente aquela que o projeto dizia que ia atender, enfim, sabe? É aquilo tudo que a gente aprende no curso de Pedagogia ou em Psicologia Escolar, está entendendo? Efetivamente era assim. Pode ter até alguém dizendo assim: "Poxa! Mas é uma professora ingenua, de está vendo, embora eu tenha feito uma pesquisa também no curso de Pedagogia, que era um projeto de caracterização, eu e a Graça, e a gente tinha lá os dados econômicos, culturais, sociais, enfim, da nossa clientela do curso de Pedagogia. Não era nada daquela clientela que estava chegando ali para fazer o vestibular. E aí eu tinha que lidar com o quê estavam falando, com comentários, com avaliações de alguns colegas da instituição, que era esse outro, o outro, né? aquele outro que, sabe? tem uma outra visão, tem uma outra perspectiva e que dizia assim: "mas o quê, que história é essa de vestibular específico aí? Isso é uma coisa ilegal, isso não pode." Quer dizer, as pessoas, ou também se colocava, e se colocava contra o projeto, que assim, ele não fosse um projeto que chegou e a UNIR aceitou ele, ponto. Pela parte da administração, Sim. Mas, a comunidade ainda parece que condicionou com relação a isso, e ele recebeu diversas críticas., ele foi avaliado. E as críticas boas eu não vou falar, evidentemente, né? assim, é o mesmo que você está jogando confetes por cima de você, do projeto. Mas, eu ficava pensando, assim, nas coisas que as pessoas estavam dizendo negativamente do projeto e isso me levava a questionar e eu colocava isso para a Luiza também, confiei em em algumas pessoas, em muitas pessoas estavam avaliando o projeto negativamente: dizendo que era um curso tipo assim, passar "velinha", era uma forma, até na época, o projeto está ali, na questão do Secretário que é de um partido de esquerda. Então, a hora que você ia pra tua casa, eu dizendo assim: "Olha! isso aí é um cara de esquerda, usando estratégia da direita pra conseguir votos na próxima eleição, porque ele é um político. Está entendendo? Bom, e que se fosse isso? Eu estava pensando era assim: "e se esse projeto vai realmente atingir, essa é uma força, digamos, mediadora, a partir da qual essa clientela vai ter acesso, quer dizer, essas pessoas vão ter um ganho, e estão pensando que só elas que terão ganho,



ela não está pensando no outro, como o outro pode também aproveitar essa "brecha" do sistema, e ali também soma a força contrária, porque também vão ter, ele vai ter, está pensando em ganhar votos com esse projeto? Uma pergunta que as pessoas colocavam, até afirmavam, as pessoas até afirmavam. Eu falei: Olha!

T) Que seja!

CP1) Que seja ou não seja. Eu vejo assim: mas é uma oportunidade que as pessoas têm. E até falei o seguinte: que a gente fala muito que a, os instrumentos do saber, ele socializa, ele socializa a, ele divide essa cota do saber, ela faz com que as pessoas socializem, dividam mais aquilo que não é dividido, digamos, na economia e na política. Só que a coisa estava feita: é agora a oportunidade. (sorri) dessas pessoas, né? porque agora é a oportunidade que elas estão tendo. Então, assim, houve todo o processo, houve a parte do vestibular, os alunos fizeram a prova, e, teve toda uma outra equipe, né? que foi, que era a instituição que foi determinada, na época a vice-reitora que tomou conta dessa parte, né? de quem seriam as pessoas, o grupo de professores que iriam analisar as provas. Foi lá em Vilhena. Que iam analisar a prova do vestibular. E ela veio me dizer que os resultados, que essa clientela tinha se saído muito mal (silêncio), tinha se saído muito mal porque as notas eram muito baixas, que assim, eles ficavam no mínimo, no mínimo, no mínimo, que essas pessoas tinham problemas de escrever, disso e daquilo. E eu pensei assim: mais mal, na minha perspectiva eu via isso por um outro lado. Eu via isso assim.

T) Mais razão para entrarem.

CP1) Justamente. Porque esse vestibular é tão elitizado, nossa forma de vestibular, quando eu comecei a fazer a minha tese de dissertação de mestrado, que foi sobre a questão do conflito político que a UNIR passou nesses últimos três anos quando teve a intervenção, e eu fui fazer um histórico de como é que foi que começou o processo de vestibular no Brasil, para entender até a questão de como aconteceu o processo de eleição de um reitor, fui buscar provas na história da educação brasileira. Então, ele vem mesmo pra isso: pra separar, pra...

T) Pra discriminar.

CP1) Pra discriminar, pra selecionar realmente aqueles que tiveram uma boa educação, que tiveram acesso a boa escola, bons estudos, que tiveram acesso ao saber elitizado para poder estar numa Universidade, que é aquele lugar elitizado, a Universidade é isso, né? Assim, a Universidade brasileira ainda mantém isso. Entao, com esse curso eu via por um outro lado, a oportunidade da Universidade realmente cumprir, sabe? aquele discurso que ela vive dizendo que faz, que ela é voltada pra isso.

T) Nossa Universidade, ela é pública.

CP1) Entao, se por um lado, era um vestibular específico para essas pessoas, entao eram pra elas que realmente iriam sair com eles, porque eles nao tinham condição de pagar uma faculdade particular.

T) E, a linha da seleção: a partir do momento que se tomou contato com esse resultado, foi feito à nível classificatório?

CP1) Foi feito à nível classificatório, também, né? porque tinham mais candidatos do que vagas. E para essas pessoas, era muito difícil pra elas até pagar a inscrição, mas assim, o grande, o primeiro momento mais, meu, na minha experiência, mais enriquecedor mesmo, foi quando eu fiquei coordenando o curso. Porque ai é que você vai conhecendo realmente, assim, todas aquelas hipóteses que você tinha feito à respeito dessa clientela, quem eram eles? Como eles eram? Entao, foi coordenando o curso e mais ainda quando fui professora deles, quando ministrei Introdução à Educação. Ai é que a gente vai conhecer realmente quem era aluno das classes populares, aquele aluno que está nos livros de Pedagogia, sabe? aqueles alunos que estão nos textos que grandes autores brasileiros como o **Paulo Freire**, **Moacir Gadotti**. E eu nao sei se eles tiveram oportunidade de dar aula mesmo na Universidade para esse tipo de clientela, porque esse tipo de clientela de que eles falam nos livros, eu acho que eles nunca tiveram como alunos. Eu nao posso dizer, afirmar categoricamente, mas como eu estou com pessoas de grandes Universidades, dificilmente eu estudando com, eu fiz meu mestrado na UNICAMP, agora estou fazendo doutorado na UNICAMP, lá eu nao vi, sabe, nessas Universidades, sao excelentes Universidades, mas lá, as camadas populares realmente nao têm acesso. No dia que uma pessoa que era faxineira

passou no vestibular na UNICAMP, ela saiu no jornal. Todos os jornais. Foi até no jornal nacional. Entao, assim, o nosso aluno, nao. O curso de Pedagogia desse projeto da Escola Viva, nao é dessa, faxineira. Eles sao alunos, sao, estao se qualificando dentro do processo, eles sao professores, e como professores, agora você vê, a LDB (sorri)

T) A seguir, a LDB foi aprovada.

CP1) Pra você vê. E, a gente já estava com essa visao. Eu trabalhei porque eu já me envolvi no projeto e aceitei trabalhar, eu nao era obrigada a ficar ali. Ele é realmente um projeto que, com um fim como esse projeto, com um fim de, realmente eu via que tudo aquilo que fala, que estava contratado, ele realmente na prática é aquilo, nesse curso, esse projeto tá acontecendo agora, nesse curso de Pedagogia, é um privilegio pra gente trabalhar nele porque ele realmente é aquilo que está teoricamente nos livros dos grandes autores brasileiros, dos grandes estudiosos da educaçao. Lá, ali está, você vê, pela condiçao, né? pelas condiçoes sócio-econômicas, culturais. Entao, quando no primeiro momento, enquanto exerci a coordenaçao, havia um conflito muito grande, né? os alunos, eles, eles estavam, eles, bom, tem aquele primeiro momento, né? de você está na Universidade: dá um choque com a Universidade, as novas exigências. Normalmente para um aluno sai do 2º grau e entra, ele sente normalmente aquele choque, ele nao vai ter mais aquela história de alguém que fica na porta para vigilar ele entrar ou de ficar cobrando, né? sao outras formas de se portar, de se comportar dentro, mais madura, nao tem ninguém para estar te cobrando ali: o negócio de horário, de aula, aquela coisa toda, o nível de exigência: vários professores pedem monografia, pedem um outro tipo de trabalho, um outro nível, os alunos ficam apavorados. Eu sei disso porque, dez anos quando eu entrei na UNIR, eu entrei para dar aula de Introduçao para a Educaçao, né? entao eu pegava o pessoal entrando na Universidade.

T) No primeiro período.

CP1) Nossa! Com aquela aflição por ele está entrando na Universidade. Agora, você imagina essa clientela, nao por querer rebaixar o padrao que eles vinham, sentir mais. Mas é claro que eles íam ter um choque muito grande, porque eram pessoas que já trabalham a muito tempo, pessoas com mais de 40 anos, né? 50. Pessoas que já estao há muito tempo

no mercado de trabalho, dando aula, e jamais, assim, se imaginaram, a maioria deles, a maioria, de estar numa sala de aula, dentro da Universidade, fazendo um curso de Pedagogia. E foi uma competição tao grande. Eles se sentiam muito indiscriminados porque tinha aquele conflito: tanto em relação aos professores, né? o choque que eles estavam passando por estar dentro da Universidade, e dos professores com relação a eles, né? porque, nota: Filosofia e Psicologia, uma serie de disciplinas que questionam a educação, que questionam o sistema, um sistema elitista, que tira a oportunidade das pessoas, né? mas na hora que o professor estava lá, eu via assim, sabe? uma constituição de dois sujeitos, dois sujeitos que tinham que se constituir naquele momento e que tinham que deixar coisas do lado, coisas de lado, e ao mesmo tempo trazer coisas que ele já tinha, e até "pintar" outras, porque aquele momento exigia aquilo, tanto por parte dos alunos, como por parte do professor. E assim: eu, professor, me constituir agora como professor dessa clientela, dessa clientela que eu tenho falado, que eu tenho defendido na sala de aula, e que agora eu estou diante dela e que eu estou com medo, porque eu não sei fazer, porque tudo que eu aprendi, tudo que eu ensinei e tudo que eu falo, agora eu estou aqui, presente deles.

T) Na prática.

CP1) Na prática. O quê é que eu vou fazer agora com isso? Entao, havia um choque muito grande. E os alunos, diante daquele material, diante da forma do professor dar aula, eles ficavam, eles chegavam pra mim e falavam assim: "eu acho que nós vamos ficar reprovados, vai ficar todo mundo reprovado, eu não estou entendendo, não estou compreendendo aquele professor, ou entao, aquela professora", porque ao mesmo tempo havia dois professores de duas disciplinas, né?e que davam aula para as duas turmas. Entao, eu via assim, que havia esse conflito e que precisava haver ao mesmo tempo uma destituição de coisas, sabe? de coisas assim, preconcebidas, que foram atendidas mas nunca colocadas em prática, por parte dos professores. E eu acho que eles ficavam com medo também, sabe? Não sei se eu fui muito para o lado psicológico da coisa, sabe? Mas eu via isso.

T) Não. Mas eu acho que é importante você fazer isso porque há o depoimento dos alunos que isso eles vivenciaram. É importante você está trazendo no total, enquanto coordenadora, porque você também percebe isso.

CP1) Entao, eu acho que, a gente, nós temos assim, nós temos uma ata, nao sei se você leu?

T) Nao.

CP1) Uma ata onde a gente registrou, quando a gente criou o colegiado de curso, onde a gente registrou reunioes com os representantes e os professores. Entao, todo professor, quando ele ia pra sala de aula, antes dele ir pra sala de aula, eu e a SP, a gente conversava. E, a SP, a gente se encontrava constantemente, para sentir o que estava acontecendo, pra avaliar, porque, assim, era uma coisa que a gente, era um projeto que a gente pensava constantemente, reavaliando e tomando posições em função das avaliações que estavam acontecendo, né? Entao, antes dos professores entrarem na sala de aula, a gente conversava sobre o projeto: olha! esse projeto tem esse objetivo, o fim é qualificar esses professores, e é uma clientela dessa forma, nao é de curso regular de Pedagogia.

T) Até porque o curso regular era de Supervisao e habilitação em Magisterio de 2º grau, né?

CP1) Hum! Hum!

T) E esse é o primeiro curso na UNIR com o desafio de habilitar pré escolar e 1ª à 4ª série.

CP1) E era justamente ai que os alunos se sentiam discriminados, porque eles achavam que eles estavam (sorri) na Universidade e eles queriam deixar de ser professores. Eles diziam: "se for para mim continuar sendo professor", alguns chegavam pra gente, "Nao, pra que eu estou fazendo este curso, se eu vou continuar sendo professor? Eu nao vou ser supervisor, como nem o pessoal da manha?" O pessoal da manha, os alunos da manha, da Pedagogia, eles chegam dizendo pra mim: " escuta, mas vocês vao passar 4 anos fazendo esse curso pra quê? Nós vamos ser supervisores, nós vamos supervisionar professores, nós vamos assessorar os professores, nós vamos orientar professores. Vocês nao. Vocês vao ficar na sala de aula sendo professor".

T) Quer dizer: desvalorizando o próprio papel do professor na sala da aula.

CP1) Entao, você imagina entao, que tipo de mentalidade tem essas pessoas. Eu falo dos alunos da manha e dos alunos também da noite, como eles se viam, como eles se viam. A gente pode até avaliar assim: como é que, que sentidos sao esses, que esses alunos constroem de si mesmo?

T) É a imagem, né?

CP1) É. É a imagem.

T) É a idéia que eles têm do papel de ser professor.

CP1) De ser professor. Porque ser professor é ser desvalorizado, sabe? É aquela coisa de você: está ai, é onde você tem o seu "ganha pao", mas se um dia você tiver a oportunidade de ser outra coisa, você vai deixar de ser. Você ver muitas coisas, muitos sentidos, algum sentido que sao produzidos à partir dessas "falas", dessas avaliações desses alunos, dessa clientela, né? Eu até tenho, sao legítimas, porque sao eles que estao no dia a dia lá, eles chegam: "olha! a gente passa manha e tarde com um bando de meninos, ne? (sorri), às vezes nao tem estrutura, numa sala quente, sem ventilador, e à noite, a gente tava ali, num CAMPUS-UNIR e quando terminava as aulas nao tinha como voltar para casa, sabe?os alunos nao tinha muitas vezes como voltar pra casa porque nao tinha mais ônibus. As aulas eram dadas, como ainda hoje sao dadas, lá naquele bloco aonde funciona o curso de Enfermagem, o curso de Psicologia: lá no final o ônibus na ia até lá, porque nao queria ir lá à noite. O motorista nao queria ir. Às vezes os alunos tinha que sair de lá pra chegar até, na "guarita" da entrada da Universidade. Algumas alunas e alunos se expuseram suas vidas, a sua segurança, a sua integridade física e moral pedindo carona na BR, porque a UNIR fica na estrada. Porque, e a gente, agora está melhorando, enfim, para que tomassem às necessárias providencias, mas é uma coisa assim, do próprio motorista: ele nao ia, nao queria ir lá e nao ia, pra pegar os alunos. Nao tinha lanchonete: muitos alunos iam pra lá com fome, sabe? Saim direto do trabalho, pegavam o ônibus. Eles sao assim, grandes dificuldades que eles, entao esses sao realmente os alunos das camadas populares da sociedade, com todas as suas dificuldades, né? mas também com todo o seu enriquecimento, com toda a sua experiência que tinha, e que tem, e que estao dando muitas

coisas para os nossos professores. Tenho certeza que nós estamos aprendendo. Eu, nossa! Eu me modifiquei até pelo fato de eu sempre está assim, como professora e como professora é uma outra constituição que você se faz ou que fazem também de você, naquela relação com o aluno, né? porque tem uma coisa assim, de você querer passar o seu saber, e você naturalmente, tendo que está de um outro lado, exigindo dos alunos, de um aluno que também está de um outro lado, e em alguns momentos vocês estão juntos. E como coordenadora, não. Você só está de um lado praticamente (sorri) que é do lado do aluno, entendeu? E foi pra esse lado que eu fui, um lado que eu nunca tinha estado plenamente como eu estive no papel de coordenadora. Então, assim, e pude estabelecer um outro tipo de relação e uma outra visão, sabe? Então, me oportunizei e eles me constituíram como uma pessoa que se reformulou, que se enriqueceu dentro do processo. Eu vivia assim, sabe? e fazendo também e via as coisas acontecendo comigo naquele papel ali com eles. Então, assim, foram muitas dificuldades mas muitos ganhos. Eu sei que, uma das maiores dificuldades fui na época, pedagógicas e de lidar com o professor. Até por essas dificuldades todas. Mas assim, a coisa mesmo que é o nosso papel: que é a questão do ensino, né? de transmitir esse conhecimento, de mudar as mentalidades, contribuir para a mudança da mentalidade e realmente junto como aluno. Qualificar ele para que pudesse, que ele possa também passar isso lá para o aluno dele. Eu via por exemplo, a professora de Português, na época, ela dizendo das dificuldades que esses alunos tinham, mas eu, ela foi uma das pessoas que eu senti (silêncio), ela se percebendo no processo que eles estavam, e as coisas que ela fazia, as técnicas que ela usava, que ela assim, pra se modificar enquanto professora, para atingir aquele aluno, porque o problema não eram eles, os alunos em si, que não tinham condição para entender, era também, era do professor principalmente de mudar as suas técnicas porque ele estava diante de uma outra clientela, ele tem que conhecer, aquela coisa toda que a gente aprende: a gente tem que conhecer pra ver o aluno, para adequar à realidade. Mas na hora, todo mundo estava acostumado só com aquele tipo de aluno que se enfrentava num vestibular, vestibular regular, para essa clientela. Quando a gente foi pegar esse "cara" que tá lá, na sala de aula, na escola pública, lá na zona rural de Porto Velho, sabe? Lá na zona rural, lá no município assim, desses lugares distantes daqui de Porto Velho, e ter que fazer ele entender, ele compreender, chegar até ele, e colocar pra ele, dizer assim: aquilo ali é um outro, é um outro que eu tenho que chegar até lá. O meu outro, que vai me constituir também. É difícil, sabe? Eu às vezes sentia assim, também, em

relação a outros professores, quando eu estava no lugar de coordenadora, né? porque esse reconhecimento aí é mais difícil.

T) E, eu creio que, a partir do momento em que as pessoas têm mania de colocar que é o lado da academia, né? aquela visão da Universidade como a produtora de conhecimentos, como se esse conhecimento tivesse que ser algo considerado mais importante do que o próprio senso comum ou o conhecimento desse conceito de vida dessas pessoas desse projeto, tão específico. Como é que você vê isso: essa visão da Universidade enquanto academia e recebendo essa clientela de uma camada popular, como é que fica esse choque? Eu sei que você estava comentando acerca desse conflito que existiu, no momento que encontrou um professor dessa academia, que está se percebendo como alguém que está produzindo ou repassando conhecimento dentro da concepção de cada um, e que muitas vezes não considera esse conhecimento trazido do senso comum, esse conhecimento produzido por esses professores dentro das escolas, dentro da sua prática de iniciação?

CP1) Bom. A nossa, eu não posso nem falar pela UNIR como produtora do conhecimento, ou até de falar que a, inclusive como uma coisa assim, que, até com o relacionamento do professor do mestrado. Embora a Universidade seja um lugar de ensino, de pesquisa e de extensão, a UNIR, nesses poucos anos que ela nem tramite como Universidade, ela tem voltado essa atividade mas basicamente para o ensino e mesmo voltada para essa questão de reproduzir o ensino e tal, e tal, nessa hora aí (sorri) ela foi chamada pelo seu quadro de professores, né? pra ter que se reformular, não só pela questão do senso comum, mas para reconhecer o que é que realmente é uma prática, sabe? uma prática pedagógica, uma prática de ensino, e eu acho que essa clientela até está trazendo, Tania. Eu lembro assim, até como interpretar um texto, na forma como os alunos, quando eles iam expor os trabalhos, quando eu fui professora deles, e quando ele iam expor o trabalho, em colocar a visão deles, eles colocavam como eles interpretavam os textos dos alunos deles. Está entendendo? Então assim, eu tinha que me reformular para que eles pudessem compreender e, ao mesmo tempo, nesse processo, eu tinha que compreender-los pra que eu também pudesse me constituir enquanto professora deles, porque senão não ia dar. Então assim, quando eu vejo esta questão desse choque, eu não vejo muito, viu Tania, pela questão da academia em relação ao senso comum. Eu vejo mesmo pelo lado de reconhecer e efetivamente trabalhar com aquilo que esse aluno estava vendo, que não é aquele aluno,



como eu tenho frizado durante a entrevista pra ti, tenho trazido na Universidade, tenho falado, falam muito mas efetivamente na hora de você exigir. Mas, eu acho que a Universidade, é por desafio. É um desafio para a Universidade. Eu, bom, fiquei um ano como, novembro eu passei na seleção do doutorado, né? e eu deixei, eu tive que sair para o doutorado, então eu passei, eu entreguei a coordenação para a professora DO com antecedência, falando que eu tinha passado no doutorado e que eu iria ter que deixar a coordenação e que não podia ficar sózinha, né? Mas, até no momento que eu estive coordenando o curso, o curso é pago (sorri), o que os professores recebiam na época era uma compensação muito grande pra dar aula no curso. As pessoas queriam dar aula no curso, todo mundo queria. Mas, quando ele chegava eu dizia: olha! tudo bem. Os professores que queriam a gente chamava, mas explicava: o projeto é esse, passou e tal, não é só a questão do dinheiro não. O objetivo é esse aqui: qualificar essa clientela, são pessoas que estão lá na escola, tá na ponta, você está ensinando para o "cara" levar lá na ponta aquilo que está aprendendo aqui, para reformular lá, a forma dele, pra enriquecer e ao mesmo tempo trazer as suas experiências pra ensinar pra gente aqui.

T) Para reformular também dentro da Universidade.

CP1) Para dentro da Universidade. No sentido assim, eu acho que, até na gestão que eu estive como coordenadora, a gente esteve, nós tivemos conflito e esse conflito foi legal, porque ele apareceu e ele, em vez de ser uma coisa pra ser escondida, não, pelo contrário, ele era para ser discutido e foi legal que ele apareceu porque ele mostrou que as coisas estavam, sabe, sendo jogadas debaixo do tapete. Ele mostrou realmente a oportunidade da Universidade se reformular e foi legal porque foi no curso de Pedagogia, no curso de Educação.

T) Eu queria te perguntar, quando você comenta, quando você assumiu a coordenação, que sempre antes do professor começar a trabalhar, nessa fase você procurava apresentar o projeto, comentava qual era o objetivo. Nesse momento, você também comentava do suporte teórico dele que direcionou esse projeto, que é a teoria de Paulo Freire? Havia alguma preocupação por estar fazendo esse comentário sobre a proposta, que a Escola Viva é toda construída com base nos princípios teóricos, principalmente do Paulo Freire, como é

que isso ficou quando havia a conversa direta com o professor, em algum momento isso era colocado?

CP1) A gente colocava assim, na teoria especificamente não. A gente falava assim ao professor da teoria. A gente, a teoria estava embutida no momento que você coloca uma perspectiva e coloca uma forma de trabalhar, né? O projeto: qual era o ponto de vista que esse projeto tinha sido construído, a partir de que ponto de vista? Agora, não se especificava, assim: a teoria tal, autor tal, direto. Mas, quando se fala do projeto em si, porque o que era interessante pra ele, para a gente naquele momento, era falar dos fundamentos, da base daquele projeto e os objetivos. Então, quando a gente falava estava implícito, evidentemente, né? a teoria. A gente não tinha essa preocupação de falar: olha! está baseado na teoria Paulo Freire. A gente falava: olha! o projeto é esse, tem o objetivo de qualificar, baseado nessa forma, vamos trabalhar com os conteúdos da educação, os conteúdos da educação assim, sabe? A função do professor é mais ou menos essa, aqui dentro do curso. Era por aí que a gente ficava. Então, quando a gente especificava o projeto, a sempre estava com o projeto na mão, o professor podia dar uma olhada. Por exemplo: o professor começava na semana que vem, então, uma semana antes a gente chamava ele pra conversar. Ou mesmo, por exemplo, se ele fosse entrar e não podia vir, se ele fosse entrar hoje na aula de aula, ele ia dar aula, por exemplo: 7 horas da noite, ele chegava 6 horas da tarde, 6 e pouco, e a gente ficava numa sala e colocava pra ele, mostrava o projeto, não pra ficar aquela coisa enfadonha, tipo assim: caracterizar que existisse uma regra, ou aquela coisa totalitária, como se fosse uma forma. Mas para ele ter conhecimento de onde, pra ele sentir aonde que ele estava pisando, né? mais ou menos por aí: pra facilitar o trabalho dele, por esse caminho que a gente fazia.

T) Agora, eu acho que seria interessante, eu sei que você já falou em vários momentos um pouco também, mas de forma assim, concreta, o que você traria, agora no depoimento, quando você foi professora: o que você conseguiu perceber, especialmente você que trabalhou com as duas turmas, o que veio diferente da coordenadora, da professora nesse momento? O que mais você sentiu com essa proximidade maior, dentro da sala de aula, iniciando conteúdos específicos com a turma?

CP1) Foi onde eu pude vivenciar também aquilo que os meus colegas estavam passando (sorri), entendeu? Quando eu pude vivenciar e que me ajudou inclusive na hora de dar "dicas", de dar a orientação, de colocar algumas questões para que eles refletissem, parecia que eles questionassem. Eu acho que foi que me deu, digamos assim, mais oportunidade, porque eu senti, eu vivenciei, eu tive experiência tanto como coordenadora como professora. Então, como professora, eu pude sentir também o que meus colegas sentindo, aquele choque, aquele conflito, sabe? aquela vontade muitas vezes poder colocar tudo aquilo que a gente acha legal, acha ótimo, né? Que o importante é o saber, sabe? Por exemplo, para quem dar Introdução à Educação, o aluno saber a relação entre educação e sociedade, a relação entre educação e política, a relação entre a educação e economia, a partir dos vários, digamos assim, aspectos políticos da sociedade brasileira, os momentos políticos, históricos, a educação vai tomando um outro rumo, uma outra feição, uma série de coisas que modificam: legais, acadêmicas, tudo em função do momento político - econômico. Então, essas questões que a gente acha super importante que as pessoas percebam, que é comum você descortinar e descobrir, eu tinha aquela vontade de passar aquilo, sabe? Mas, como passar aquilo, está entendendo? Mas como passar, porque era nesse passar que havia o conflito, tá entendendo?

T) Na metodologia?

CP1) As dificuldades da metodologia, está entendendo? Porque você vem com uma, você tem uma formação, você é uma pessoa de classe média, os professores da nossa profissão são professores de classe média, preparados numa Universidade pra dar aula pra alunos de classe média. De repente você está lá, dentro de um processo desse, dando aula para uma camada que você aprendeu nos livros, mas que efetivamente você nunca esteve lá junto com ela, e agora era a hora, aquele era o momento, para que você ter que reformular, sabe? A questão não é só metodológica, é uma questão política, sabe? De teoria. De política de teoria, de política de teoria porque não é só mudar o instrumental que vai, o instrumento é esse ou aquele pra fazer o aluno atingir. Você também tem que se constituir, tem se permitir constituir com essa clientela, a partir dessa clientela. Então, você vai mudar politicamente, até sua própria teoria vai mudar, porque você não está tendo mais uma prática, é uma práxis, uma realimentação dialética. Então, é uma outra coisa. Eu não diria assim que o professor ou eu, naquele momento, a gente teve que, nós, professores, tivemos

que mudar. Aquele que só mudou o instrumental, ele não conseguiu, ele passou pelo curso. Provavelmente não se constituiu, sabe? não se constituiu mesmo enquanto um sujeito que quer modificar. Não um sujeito voluntarioso. Num sujeito que ao mesmo tempo em que ele, sei lá, que ele modifica, que ele pode mudar a coisa, ele pode entender, mas é um sujeito que nem está percebendo que muitas coisas estão acontecendo e que está modificando ele, sabe? É a ideologia enquanto que ele está ali; ele está levando e está recebendo sem ele nem perceber. Então, se ele se oportuniza isso, ele vai mudar a teoria dele, ele vai procurar ler mais, ele vai procurar ouvir mais aqueles alunos e aí a coisa começa a funcionar: na marcha lenta (sorri) Então aí, foi que as coisas começaram a funcionar melhor, está entendendo? Você sente que a ansiedade do aluno em relação a sua presença, a sua disciplina, muda; a sua presença, a sua disciplina é gostosa pra o aluno, é prazerosa pra ele. Eles ficam comentando os textos, eles ficam falando das experiências, das coisas que eles estão percebendo: um jornal que chamou à atenção, uma notícia, sabe? Eles vão trazendo pra sala de aula, tudo aquilo que está acontecendo com ele lá fora. E eu senti que ao mesmo tempo (sorri), eu tive que cuidar pra não ser paternalista.

T) A "maezona"?

CP1) É. Sabe? defender. Você ficava parecendo que, começar a política, a teoria, sabe, tem hora que, não é um trabalho muito científico, naquela hora, sabe? Tem horas que você sente que é uma, você se coloca defendendo, eu me via às vezes defendendo o pessoal não mas cientificamente: muito envolvida, sabe?

T) No campo emocional mesmo?

CP1) É, no campo emocional mesmo, você, sabe? não dá muito pra separar em educação, ter essa postura. Bom, eu já sabia que não existe isso, o positivismo já está acabado há muito tempo. Melhor dibuxar o conhecimento que não pode mais puxar pelos seus próprios saberes e que se afundou no pantano, né? Hoje em dia a gente sabe, né? Bom, a gente pensa que se sabe, não sei. Todo mundo, quase todo mundo na Universidade e trabalhando, atualizando o seu ponto de vista. Alguns acham que é suficiente reformular a coisa, que é só reformular, botar uma cara nova que você está atingindo, que você está conseguindo ser aprendido e acha que, ao mesmo tempo, está aprendendo nesse processo. Quer dizer:

conforme a "figura" dá pra perceber, que é uma coisa muito constituidora, se você se dê a oportunidade você vai saber crescer enquanto professora, vai crescer politicamente também, né? então, eu acho que as duas coisas que eu vi, assim, que não é apenas uma questão, sabe Tania, de "um outro vestuário" para o instrumental. Se você não está sabendo buscar uma reformulação teórica e política, sabe? Vai dar um conflito que aconteceu ali, sabe, pontos de vista diferentes que entraram no conflito e que passou, sabe? Então, essa é uma preocupação que a gente tinha, eu e a Luiza, sabe? a gente tinha, que os outros professores passassem pouco tempo, porque as aulas são intensivas, né? a gente tinha reunião sempre com o colegiado, com os alunos, as questões assim, todas as questões a gente discutiu na sala de aula, e discutiu com os representantes, né? como naturalmente a gente não podia ficar discutindo todo mundo para se chegar a um acordo. Então, a gente dizia: "olha! vocês discutem, façam a votação de vocês sobre as medidas que a gente tem que tomar", porque era sempre assim, um argumento assim: Ah! Eu sou a coordenadora, a SP é a coordenadora pelo lado da Prefeitura e agora a gente vai fazer assim". Até para se vai apoiar a greve dos professores da UNIR, está entendendo. Se o prédio está "rachado", pode cair em cima da gente, sabe? o quê é que nós vamos fazer? Nós vamos fazer um documento porque se esse negócio cair a gente está "salvaguardado" (sorri). Então, isso tudo era discutido entre a gente e a gente tinha sempre reuniões, era gostoso porque você está ali, mas alguém podia pensar que: poxa! O pessoal fica, tá entendendo? O pessoal diz assim: "poxa! Aqui ninguém se entende!" Eu acho que era a turma que mais se entendia.

T) O processo de democracia passa por aí, por um processo democrático.

CP1) Isso. A gente sempre discutia tudo. Eu nunca gostava assim, de que, assim, eu acho que não sei se foi até uma forma de me proteger, se era cômodo pra mim, ou porque a gente estava passando por esse processo sempre está levando as coisas, sempre pra discutir, não eram discussões, aquelas coisas de discussões intermináveis, não. A gente discutia e objetivamente a gente, olha, bom, nós chegamos a que ponto? Esse é o nosso ponto. Botava em votação. Se não tinha nesse dia aula no Campus UNIR, a gente dizia assim. "vamos se reunir lá na UNIR - Centro; se reunia nas escadarias, a gente se reunia, votava as coisas e decidia: agora é isso, a gente vai fazer isso. Então assim, era uma coordenação que a gente procurava fazer assim, uma coordenação conjunta, participativa com os alunos. Sempre a gente procurava fazer. Não sei que dia a gente vai poder fazer

isso lá no curso de Pedagogia Regular, com 4 turmas. A gente fazia com duas, e dava certo, entendeu? Os alunos discutiam, votavam as questões, muitas vezes eles levavam para o colegiado, né? os alunos apresentavam. No colegiado, a gente decidia lá e chegava: olha, a turma, a maioria está com isso aqui; e com o professor também, aqueles que participavam do colegiado, que era um colegiado diferente, porque parecia um colegiado assim, itinerante, digamos assim, porque os professores que participam, você não tem um professor participando efetivamente durante dois anos do colegiado. Era assim: os professores que estão dando aula no curso, naquele momento, eram os professores do colegiado.

T) Eram incorporados de acordo com a situação do momento?

CP1) Sim. Ai, aqueles professor saíam, então, aqueles que iam entrar, eram os professores do colegiado, aqueles que estavam entrando. Então, as coisas eram um pouco difícil.

T) Então, era uma forma até de comprometer diretamente as pessoas no momento do conflito?

CP1) Claro. Todos os professores participavam do colegiado. Eu não sei como isso está funcionando agora, sabe? Se o colegiado continua funcionando? como que... Eu vou lá e tal: oi, pessoal, como é que vai, como é que estão? Mas eu não entro porque, por questões éticas eu não vou chegar e dizer. Não, tem um coordenador, né? tem uma professora que está coordenando, então, mas enfim, era dessa forma.

T) E hoje, como é que a M.C.S., hoje, como você acabou de dizer, você vai a Universidade, você vê as coisas como estão ocorrendo mas você hoje não pode mas está se envolvendo diretamente ou interferindo nessa realidade desse momento agora. Mas como você se sente com relação à esse projeto hoje, você ainda sente ele próximo a você, você se sente comprometida com esse grupo de professores? Como é que é isso, criou-se um vínculo?

CP1) Criou sim, criou um vínculo de afetividade e também assim, uma necessidade de realização, sabe? Como que, uma coisa do tipo assim, eu vou me realizar como professora, numa Universidade também, em parte, é uma realização minha, como eu tenho o objetivo de fazer meu doutorado, terminar o meu doutoramento, né? uma coisa que vai me gratificar muito é o momento da colação de grau deles e saber assim, que apesar de tantas diversidades que a gente vivenciou juntos, que eu sei que a gente não está mais vivenciando porque eu estou num outro processo, e eles é que estão vivenciando lá, mais diretamente, mas assim, de eu saber que apesar de todas essas adversidades que são impostas pelo sistema, por essa forma de economia de exclusão de uma grande parte da nossa sociedade, principalmente em países de terceiro mundo, como o Brasil, que está sendo considerado de terceiro mundo, né? Enfim, países em desenvolvimento. Cada vez encontram um termo pra dizer, pra falar de países que estão realmente bem mais à margem do sistema econômico mundial, da ordem mundial, mas, que enfim, que colocam essas pessoas numa situação de não ter oportunidade pra fazer um curso, entrar numa Universidade. Enfim, eu até me pergunto assim, se (fica emocionada) a Universidade realmente é necessária, está entendendo? Mas já que ela é necessária dentro do universo do conhecimento, porque é o lugar aonde as pessoas vão pra ter contato com o conhecimento mais especializado, então, nesse sentido, ela é necessária, e até às pessoas vencerem isso, sabe? É uma coisa assim, que eu, é como se fosse uma parte de mim que vai vencer também. Pra quem, assim, desde a época de estudante, fui militante no movimento estudantil, (...), participei no movimento estudantil, assim, um pouco já, menos dentro da Universidade, né? eu participei no nosso Sindicato, mesmo em comissão de estudantes, muitas coisas que eu sonhei, né? que muita gente sonhou, ou muitas teorias, muitas idéias, como eu diria? ideologia hoje, né? como eu vi, eu vi a ideologia como uma forma de reprodução do que tá aí mas, de uma utopia, de querer formar uma sociedade melhor, né? então, eu diria assim, que eu sou torcedora, sabe? Isso é uma parte de mim que sofre e que vai, "parece até "piegas", ao mesmo tempo", né?

T) Não, não.

CP1) Para que isso! Esse sentimentalismo, eu não sei? Entendeu? Os psicólogos, os teóricos, que falam da objetividade (sorri).

T) Afinal de contas a pessoa, que existe dentro da profissional Celeste, ela está se manifestando.

CP1) Não é essa coisa mal separada, né? Então, assim, eu, é uma realização minha assim, sabe? E eu quero ter a oportunidade de quando, e eu vou me oportunizar, isso eu vou, eu não quero ter, eu vou me oportunizar, dentro das condições que a Universidade tem, de tentar fazer, sabe? Planejar e tentar realizar coisas efetivas, sabe? Esse curso me fez pensar que a gente pode fazer, sabe? de chegar mais próximo das pessoas, de tentar dividir realmente o conhecimento que a gente, esse saber especializado, que é dado na "corte", e ver chegar nisso aí. Isso é uma utopia! Essa ideologia aí, para a gente tentar mudar, e juntar com outras pessoas. Utopia no sentido que eu disse: não de saber reproduzir o que está ali, mas pra mudar, a gente sempre tendo, pensando que pode mudar, né? mudar com outras pessoas, eu penso que com você, Tania (sorri). Também um "nós" que se constitui com "você" e com alguns outros colegas do nosso Departamento. E, a nossa Universidade é uma Universidade relativamente nova, mas com ...

T) Com um grande desafio dentro desse contexto desse Estado, que também é um Estado novo, né?

CP1) Isso.

T) Nós temos um compromisso aqui.

CP1) E, assim, de constituir essa história junto com outros colegas, enfim, a gente está modificando, a gente está se enriquecendo com essa prática. A gente está tendo a oportunidade ainda de estar fazendo um curso, de estudar e, não só de estudar, mas também de experiências como essa, de viver.

T) De enriquecimento.

CP1) É. Se a gente também ficar muito no campo teórico, acontece como aconteceu diante dessa realidade: a gente entra nestes conflitos. Tem também a questão da gente se dá a oportunidade de se constituir, que eu acho também que a gente pode, muitas vezes, você



nao se dá a oportnidade, mas forçozamente, você termina se constituindo, uns mais outros menos, né?

T) Celeste, eu gostaria de ti agradecer por está oportnidade, até porque você nao estava aqui no ano passado, eu já queria ter ti entrevistado desde a primeira vez, quando eu estive aqui, iniciando esse proceso, e que fui feliz que nesse momento você está aqui na cidade e a gente pode estar registrando esse seu depoimento. E ti colocar que logo que tenha a gente tenha a fita transcrita vou estar ti enviando pra você está lendo e autorizando a análise do documento.

CP1) Bom. Eu (sorri), eu me lembro que foi, a gente, eu e G., quando a gente, é um período muito gostoso, eu e a G., pessoas que só com especialização e a G. só com a graduação dela e a gente criou o CIEP com vontade de fazer pesquisa, a gente já fez muita coisa: a graça recebeu uma portaria do Reitor dizendo que ela estivesse na sala de aula em 48 horas porque ela pensava em modificar coisas, em fazer coisas diferentes, em produzir. A gente ia há muitos bairros de Porto Velho: Caladinho, Cidade do Lobo, nessas escolas periféricas de Porto Velho, procurando conhecer a realidade desses bairros de migração, dessas escolas, dessa clientela, dessas pessoas e a G. foi punida. Foi uma coisa muito triste, né? a gente tentando fazer pesquisa. Naquela época a gente tentando criar, fazer, fazer da instituição... E aí, com referencia, eu nao sei, olha! quando eu fui reconhecer mesmo, que você terminou de fazer essa sua colocação para encerrar a entrevista, e eu me lembrei assim: poxa! das coisas, eu fiquei até pensando: nossa! O que é que eu falei? como foi que eu falei? Agora eu estou fazendo doutorado, que coisas foram essas que eu falei, assim, saíram muito na emoção, e você nao trouxe nenhum roteiro, nao trouxe questionario, nada pronto. As coisas que saíram aqui saíram fluíram. Eu me lembro que quando eu e G.a fomos pra aplicar as nossas pesquisas na FARO, aqui em Porto Velho, buscar material na Prefeitura, na Secretaria de Educação do Estado e, eu me lembro que a gente fez um estudos antes sobre essas técnicas para entrevista (sorri) e a gente ia fazendo essas entrevistas com as pessoas (sorri), e agora eu me senti no lugar das pessoas, está entendendo? E eu acho que foi isso que me fez lembrar, me lembrar do CIEP, me lembrar dessas técnicas que a gente estudava pra, eu me lembro que o Januario do, e a gente conversando com ele sobre essa vontade de fazer pesquisa, e ele cedeu um material pra gente, nós tiramos cópia, ele estava fazendo o Mestrado dele lá na USP, entao, "o material

aqui é de primeira que a gente usa lá na USP". Entao, passa pra gente. Ele passou e a gente tirou cópia. Eu me lembro que tinha várias técnicas: de relato de experiências, de deixar a pessoa falar, e agora também eu vivi na pele (sorri). E eu me preocupando, mas enfim.

T) E, é importante porque você deixa fluir e junto com a emoção, vem toda a razão daquele momento que você viveu. E eu procurei não está dirigindo a tua fala, eu ti dei a fala, né? E a gente procurou fazer uma troca dentro desse fluir da tua experiência, que você é quem pode falar, você é quem tem que dirigir. E também quero ti agradecer. (sorri)

CP1) De nada, Tania.

FECHA: 24 /09/98

LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estruturada.

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO / BR (la propia Investigadora)

ENTREVISTADA (CP2): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación - UNIR / RO / Brasil– Coordinadora del Proyecto “*Graduando na Escola Viva*” - Convenio UNIR / SEMED.

Vamos iniciar agora a entrevista com a professora W., professora do Departamento de Ciências da Educação e que atualmente se encontra no Núcleo de Educação, com a função de Coordenadora Pedagógica do Projeto Especial do Curso de Pedagogia entre a UNIR e a Secretaria Municipal de Educação – SEMED.

T) CP2, eu gostaria de saber de ti, como você vê este projeto? Você considera que é um projeto relevante? Qual é a repercussão dele, no contexto da escola?

CP2) Olha Tania, eu, no meu ponto de vista, eu tenho um projeto de maior relevância nessa questão da formação e capacitação dos profissionais de educação dos sistemas públicos, tanto municipal, agora, esse sendo municipal, que é um projeto piloto, de experiência e que eu achei, assim, de uma iniciativa muito importante, porque nós caminhamos realmente para uma exigência cada vez maior da capacitação dos profissionais e, na Educação, a gente vê que há muito tempo ninguém nunca se preocupou em trabalhar essa questão da formação específica do magistério do ensino básico de 1ª a 4ª série. Eu achei uma iniciativa louvável de quem teve. Parece que foi na gestão passada, do outro Prefeito, do outro Secretário, com a Universidade, né? E, um dos critérios que foi estabelecido: que o curso seria dado apenas para os funcionários, professores já contratados, trabalhando na sala de aula, na rede municipal. E, como coordenadora, eu não tenho o conhecimento muito específico da prática deles, do desenvolvimento, da relação. Como coordenadora, não dá para eu perceber isso. Eu percebo de uma maneira geral, através de conversas com os professores: que eles têm um bom desempenho, tanto que você vê: foram, começaram com 80 (oitenta) pessoas, duas turmas né? duas turmas de 40

(quarenta); a desistência foi mínima. Alguns foram transferidos para o dia, mas nós temos o quê? 62 (sessenta e dois) alunos?

T) 72?

CP2) É. 72 (setenta e dois) alunos, quer dizer, a diferença foi muito pouca de desistência. Eles enfrentam muitos sacrifícios, porque são professores que trabalham durante o dia inteiro. Às vezes, já vão do próprio trabalho para a sala de aula, e você sabe que ali - o Campus, as dificuldades são muitas mesmo: a distância, a chuva, é a falta de luz, é tudo. E, não sei, ultimamente a gente tem, vem, assim, trabalhando com muita dificuldade na questão de repasse de recursos, sabe? Repasse de recursos para pagar os professores, porque os professores são da Universidade, que dão estas aulas fora do seu contrato específico, da sua carga horária; e, eles, é justo, que eles recebam por isso, né? que é um trabalho fora, à parte, extra, que eles se dedicam muito e, ultimamente, há um atraso enorme; a gente se recente é de quem, das próprias autoridades, por exemplo: assim, da própria reitoria, do próprio Secretário de Educação Municipal; fica, assim, parece que ninguém sabe de quem é a responsabilidade para manter essa coisa atualizada, né?

T) E, o projeto CP2, em cima disso que você está colocando, o projeto deixa muito claro, o projeto original do curso, o acordo no ato do convênio, de que a responsabilidade de financiamento é totalmente da Secretaria Municipal de Educação?

CP2) Certo. A gente vê isso no projeto, no convênio, só que eles alegam que, que, que a RIOMAR, a UNIR, através da RIOMAR, não prestava as contas devidamente. Mas, ultimamente não é isso: as nossas contas estão todas em dia, agora é uma demora muito grande. Você vê: nós estamos com o 2º semestre de 97 inteiro, os professores não receberam o 2ª semestre de 97, o 1º de 98, e já está terminando o 2º semestre de 98. Alguns professores se recusam a querer dar aula nessas condições; você sabe que nosso quadro é pequeno, muitas vezes a gente tem que repetir o professor pra outra disciplina, que é uma coisa que eu não acho muito, não é muito, não motiva tanto. Mas, a gente já tem feito isso. E, está aí os professores né? não se negam, mas tá ficando difícil a gente manter o curso. Eu não gostaria de interromper, sinceramente não gostaria, porque os professores do município, enquanto alunos, eles também estão sofrendo dessa, eles estão em conflito por

causa dessa inadimplência da Prefeitura junto à Universidade. Eles ficam sempre sobresaltados, eles ficam, assim, inseguros se a aula vai parar, se a aula não vai parar. E, isso eu vejo que prejudica muito, prejudica uma coisa: que o rendimento poderia ser bem maior, se tudo estivesse num clima estável, né?

T) Então, você acredita que, de certa maneira, a própria produção da sala de aula, o material que eles estão sendo exigidos no seu trabalho, pode estar sendo prejudicado por causa dessa situação?

CP2) Com certeza. Com certeza, porque eles ficam, já foi suspenso a aula uma vez nesse período de greve da UNIR, né? Eles acompanharam a greve, não por causa da greve, mas sim por causa desses recursos. Então, nós fizemos o maior esforço na volta da greve, fizemos um seminário, trouxemos gente de fora para reanimar os ânimos. Aí, vê se volta todo muito bem animado, não se pensando em interromper novamente. É que são 4 (quatro) anos, com a intenção até, de dentro de um ano está todo mundo se formando. E, de repente a gente vê novamente uma ameaça de ter que suspender as aulas por falta de repasse dos recursos, não cumprimento as partes do convênio, né? E, eu estou assim, numa luta feroz, falei para eles: eu vou terminar indo para sala de aula. Mas, isto não vai acontecer, porque senão eu entrego isso. E a DO fica: se eu entregar, ela também interrompe.

T) A DO é quem assume a direção ...

CP2) É a diretora do Núcleo de Educação.

T) Que é o órgão executor ...

CP2) Que é o órgão executor do projeto, né?

T) W., em cima dessa tua angústia, que a gente vê que você também já adotou o curso...

CP2) É. Exatamente.

T) ...como fazendo parte também da sua luta, ...

CP2) Realmente.

T) Você acredita que os professores do curso que estão por vir, ainda que estão por vir, essa situação de insegurança também pode estar presente, na hora que ele for assumir a disciplina?

CP2) Com certeza. Porque os demais que já passaram, e que até hoje não tiveram a resposta de seus, seus salários, de seus pagamentos, de seus “pro labores”, já passam para os outros. Quando a gente convida, eu mesmo me sinto assim : envergonhada de convidar um professor para ir dá aula e ainda dizer para ele que eu não sei quando ele vai receber ,tá? Então, fica muito difícil e eu me preocupo muito com isso daí : que prejudique o objetivo maior do, da experiência que vinha acontecendo muito bem, que é realmente o aprendizado, a melhoria do nível desses profissionais para atuarem no ensino básico, que eu acho que é a preocupação atual ...

T) E a finalidade dele.

CP2) E a finalidade. É a preocupação maior, é a base fortalecida, para que esses, os alunos, os estudantes, tenham um 1º grau sem dificuldades, sem falhas, sem lacunas. São muitos ..., como já falei anteriormente, a experiência é louvável, e outros, já tem outras pessoas querendo aplicar essa experiência, como tem uma faculdade nova agora - FATEC - já está trabalhando esta possibilidade. Já tem uma grade curricular voltada pra professores, para formar professores de ensino básico, no curso de Pedagogia, porque todo mundo estava voltando para a formação desse início, desse início da formação dos alunos.

T) A própria nova Lei de Educação de Diretrizes e Bases vem exigindo essa formação.

CP2) Justamente. Em cumprimento dessa exigência da nova de Lei de Diretrizes e Bases.

T) W., outra coisa que eu gostaria de saber de você, e que eu considero importante enquanto sua função de coordenadora pedagógica: quando você, ao selecionar ou convidar um profissional para assumir uma determinada disciplina, normalmente você tem

uma preocupação com a ligação desse profissional com o perfil que esse curso tem? Com a característica desses alunos? De certa maneira, quais seriam os critérios que você tem se preocupado desde o momento que você assumiu a coordenação?

CP2) Desde o momento que eu assumir, em janeiro de 97, porque era a professora Celeste, que saiu para o doutorado. Então, a DO me convidou para eu assumir isso aí. Então, a nossa preocupação é realmente procurar o professor do Departamento de Educação e de outros Departamentos, como já utilizamos de Educação Física, de Filosofia e Sociologia, de Matemática, é aquele professor realmente que tenha o perfil, um perfil de identificação com a questão do processo ensino - aprendizagem. Aquele professor que você sabe, Tania, que a gente sabe do desempenho dele, através até de informações dos próprios alunos, aquele professor que está sempre atento, está sempre produzindo dentro do Departamento, não é? Até porque a gente sabe, através dos alunos, aqueles professores que renderam, aqueles que não renderam e aqueles que eles não querem mais. Então, tudo isso eu venho sabendo através deles. Foi muito importante isso: os professores que têm passado lá, são os melhores que a gente tem na casa, né? E, tem trabalhado, assim, sem nenhum problema que os próprios alunos fazem os comentários e, dar para gente identificar. Só que ultimamente eu estou com esse outro problema: eu já não tenho mais, assim, digamos, prestígio para ir convidar um professor de qualidade para ir trabalhar no curso. Estive até pensando da gente colocar os nossos ex-alunos da UNIR, que já são nossos ex - alunos do programa de pós- graduação: pessoas novas, bem ativas, como agora mesmo a gente está com a Ivonete, dando uma disciplina e, de repente, eu até me surpreendi que ela não poderia lecionar lá, porque ela é, ela é funcionária da SEMED. Mas isso aí não tem problema, porque ela está trabalhando para a RIOMAR. O importante é que passe o recurso que a gente ... , não é a Prefeitura que vai pagar, mas a RIOMAR. Eu achei que seria uma medida muito boa porque nossos professores do Departamento, todos, a maioria já passou lá. Os melhores já passaram. Então, essa história de repetir professor duas, três vezes ...

T) Muito desgastante para o próprio aluno.

CP2) Desgasta o aluno e o próprio professor. Então, a gente viu com bons olhos pegar esse nosso produto que já está saindo da graduação, da pós - graduação. Então, isso é uma coisa que eu vou ter que conversar com a DO, para ver se a gente credencia essas pessoas,

normaliza a questão financeira, que seria um novo, um processo diferente, que eu acredito que ia crescer tanto os alunos, como esse próprio nosso ex- aluno.

T) Seria uma forma de dar a formação do formador?

CP2) Justamente. Seria muito importante, eu acho. Até para a própria Universidade, né? Como ela está formando o seu produto? Como é que está saindo o seu produto, que passou por uma graduação e uma pós - graduação?

T) E, poderia estar absorvendo esse professor na faculdade.

CP2) Justamente. Infelizmente, com essa política nacional e federal , você sabe, nós não temos ninguém se anima hoje pra fazer concurso pra a Universidade, né?

T) Em função da forma com que está sendo paga os salários?

CP2) Da forma como estão sendo pagos esses salários e, sem a possibilidade de trabalhar em outro campo, com esse regime aí de DE e essa coisa toda.

T) Dedicção excludiva: um regime que ele tem que está vinculado unicamente à Universidade.

CP2) Hum, Hum!

T) W., eu estava querendo te perguntar sobre a disciplina de Prática de Ensino, que vai iniciar logo que seja possível.

CP2) Certo.

T) E, a gente sabe que a Prática, na história dos Cursos de Pedagogia, ela tem sido ministrada ao final do curso. Eu sei que neste Curso vocês já estão pensando de forma diferente. Como é que é isso? A partir de quê surgiu a idéia?



CP2) Justamente por causa dessa, dessa experiência que a gente tem de, vem há muito anos colocando a prática já no 6º, 7º ou 7º, 8º período. Uma coisa que sufoca muito os alunos, sufoca muito os alunos. Eles vêm com umas teoria, teoria, teoria e de repente, se desliga da sala de aula e vai para prática e tem tido muito, assim, perde o vínculo um pouco e muitas vezes eles não sabem como aplicar aquela teoria com aquela prática, naquele momento. Dada a essa experiência, nesse curso, como é uma experiência específica, eu, em contato com a Roseni, com a Wanir, com a Elza, a gente tentou planejar, programar de uma maneira de colocar já na metade do curso, no 6º período; até tendo em vista que eles, todos, alguns não estão na sala de aula, mas muitos estão. E, quem não esteve, vai estar ou vai voltar, né?

T) Alguns estão em desvio de função.

CP2) Estão em desvio de função mas, a maioria, está na prática. E, também revendo à questão da nova Lei de Diretrizes e Bases, que aconselha a você trabalhar essa, essa, aproveitar esse trabalho do professor já em sala de aula, direcionando para uma possível experiência prática, né?

T) E, de que maneira vocês estão pensando viabilizar isso, dentro da estrutura do curso, porque tem algumas alunas que...

CP2) Já. Nós até tínhamos já convidado os professores: a professora S., a professora E. para medida da disciplina de núcleos, é, de núcleos comuns, né? Disciplinas que direcionam para a prática. À medida que o professor de didática trabalhou, a professora de prática trabalha junto, trabalhar a prática, a didática e a avaliação e as metodologias. Eles programaram juntos, para ver se a gente consegue um suporte mais claro no entendimento do aluno, nessa relação teoria – prática.

T) Qual é a essência da prática pedagógica? Seria a práxis?

CP2) É a práxis.

T) Dentro disso, o quê seria para você esse aprender e esse ensinar, nessa relação de práxis?

CP2) Olha, Tania, essa é uma das dimensões do trabalho educacional que eu sempre me questiono junto com meus alunos: quem é que garante que você ensinou alguma coisa e que seu aluno aprendeu alguma coisa, né? Isso são coisas que você vai observar posteriormente, através da devolução da práxis desse próprio aluno que passou por você: pelo comportamento, na medida que ele vai desempenhar a sua função, não é? e, isso com suas demonstrações na sala de aula. Mas, que isso vai se fixar mesmo, já quando profissional lá, no seu desempenho. Como a gente costuma ver, eu observo muito isso: que nossos alunos de graduação, que terminaram e, de repente foram para pós-graduação, e hoje eu observo, muitos alunos meus da Pedagogia que fizeram recentemente a pós-graduação de administração escolar, e eu vou lá observar uma menina – a Z., a S., coordenando uma reunião de diretores. Olha, eu trouxe esse retorno aqui pra Fundação, falei para a DO da satisfação que a gente tem: a mudança, o crescimento que essas pessoas ...

T) Estão demonstrando na prática?

CP2) Estão demonstrando na sua prática, viu? Então, eu acho importante isso, essa relação aonde realmente se dá a questão do aprendizado, nessa relação professor - aluno, no desempenho da prática, na sua função específica, né? Foi, assim, muito empolgante. Não são todos, porque a gente sabe que tem pessoas que passam para ter o título e etc. Mas, aqueles realmente que foram lá com objetivo: a mudança dos diretores, já com uma característica de uma direção, de uma gestão participativa na sua escola, com segurança. Eu achei excelente, não é em vão, apesar das dificuldades.

T) Você acredita que a base para isso foi o quê? porque uma das coisas nessa relação é a mediação que passa pelo conhecimento ...

CP2) conhecimento ...

T) Para você, o quê seria esse conhecimento?

CP2) Esse conhecimento, você sabe, que o conhecimento é realmente, ele é, ele não é o fim, ele é o meio. Conhecimento é o meio, que depende muito de quem direciona esse conhecimento: que é o professor, né? Então, a gente observa muito bem a prática dos nossos professores, na condução desse conhecimento, desses conhecimentos, dessas diferentes áreas, para dar ciência, direcionando esses alunos para uma práxis com competência. Acredito muito no conhecimento, muito embora sabendo que ele, em alguns momentos é "uma faca de dois gumes": depende de quem direciona, né? porque sozinho ele realmente não relaciona, não resolve, não leva a lugar nenhum, certo? Ele é um meio, não é um fim dentro de si. O fim são as metas traçadas: o que nós queremos com o conhecimento, a realidade de determinadas práxis, né? E, a gente ..., nós realmente trabalhamos, até hoje os professores que têm conduzido estes trabalhos para a gente, eu acredito que têm conseguido direcionar nessa visão do nosso processo, desse processo.

T) Eu sei que você é uma profissional que já está há mais de trinta anos atuando na Educação, não é isso?

CP2) Tem mais de, acho que de não sei quantos mil quilômetros de giz.

T) Mas dá em torno de quase trinta anos, W.?

CP2) Já. Claro.

T) E, nessa tua caminhada de Educadora, nos vários níveis de ensino, assumindo chefia na parte administrativa também, você já teve esta oportunidade várias vezes, o teu contato com esses alunos aqui nessa região: o que você diria desses alunos desse curso? já que, eu pelo menos nesse projeto, levanto que esse conhecimento que eu acredito que já exista, um conhecimento teórico - prático prévio, que eles trazem na sala de aula, pela própria característica de serem também docentes: você acredita que eles apresentam esse conhecimento? De que maneira você concebe, se você acredita que ele existe, esse conhecimento lá, na sala de aula?

CP2) É como eu te falei: o pouco contato como coordenadora, eu não tenho essa visão específica de cada aluno, a não ser pelas conversas dos corredores, pelos resultados das avaliações, pela conversa com os professores. Mas, eu acredito que eles, eles vindo de um 2º grau de magistério e outros nem do magistério de escola normal, essa coisa, assim, eles necessitavam muito de uma teoria. Eles tinham a prática, mas eles não sabiam identificar sua prática, tá? E, com esse curso, eles realmente estão conseguindo relacionar, visualizar o processo da relação teoria - prática, que realmente o intelectual jamais, o profissional intelectual que não souber fazer essa relação e o domínio dessa teoria, a sua prática realmente não tem nenhum significado, porque nem ele mesmo tem conhecimento daquilo que ele está desempenhando, né? Isso eu observo nesse curso, assim, como eu observo em outros e é uma das questões, é uma das coisas que eu mais imploro com meu aluno: se ele realmente não sabe, é, digamos assim, escrever, reproduzir o seu próprio pensamento, teorizar sua própria prática, ele está sendo um robô, está sendo um computador, está sendo qualquer coisa, menos um ser pensante, o idealizador da sua própria teoria e da sua própria prática. E, eu acredito que naquele curso ali, isso foi, nesse projeto é muito, eles precisavam realmente disso, e ainda digo mais: precisam ir até mais além, né? Após disso aí, porque as mudanças você vê, são constantes né? Os novos conceitos, as novas, os novos paradigmas surgindo aí e o educador que não se atualiza, aliás, todos os profissionais. Essa semana mesmo eu estava lendo na última VEJA uma reportagem sobre essa questão da diversidade ... das diversificações profissionais e, onde o reporter faz a pesquisa dos setores que exigem hoje o profissional que sabe pensar, que relacione coisa com coisa, que assuma os problemas e dê solução; e isso é o que realmente eu sempre estou passando, é, repetindo, junto com eles: se estão aqui e realmente vão repetir sua própria prática? eu acho que não vale a pena, né? Mas, nesse projeto, eu acredito que está sendo trabalhado isso. E, a gente tá vendo que ele já tem uma outra, tem essa perspectiva de futuro, tem essas perspectivas da melhoria de gerenciar seus trabalhos, de desenvolver. Se está no caminho, se está caminhando no rumo que se propôs, que foi projetado, com os objetivos direcionados para a atualidade, né?

T) Para finalizar, eu queria te perguntar o seguinte: essa clientela, esse curso, o perfil desse projeto, você acredita que ele possa efetivamente trazer uma melhoria para sala de aula? E, como isso poderia estar sendo verificado pela própria Instituição, que é a SEMED? Como ela poderia verificar se o seu investimento realmente tem relevância, valeu à pena? Eu

perguntaria também a você, junto à essa questão, se você acha que por trás desse embasamento, dessa prática empírica e, ao mesmo tempo, com um pouco de base teórica, nós teríamos Paulo Freire como alguém que veio contribuindo nesses anos todos para essa formação?

CP2) Olha, não querendo ver pelo lado político, né? político partidário, que você sabe que tudo se cria aqui nesse país, e aqui também, por questões políticas, até a conotação que este projeto teve – foi na gestão de, de um partido ..., de uma gestão política diferente, né? Mas, que pensou muito na questão da Educação, realmente baseado em teorias de Paulo Freire, na questão da Educação Popular, que é a realidade brasileira, e a nossa realidade está incluída, está vinculada à essa realidade de dificuldades, de alunos pobres, de professores pobres e que precisam realmente criar uma nova prática, né? uma nova maneira de ... (interrupção em função do telefone celular) Nós temos a questão da teoria de Paulo Freire. Você sabe que é muito trabalhada entre a gente, né? principalmente nós educadores, o pouco que nós conseguimos aprender com Paulo Freire e todos os professores nossos, que eu tenho conversado, lidado, a gente retoma muito, trabalha muito, tenta pelo menos, né? porque se a gente não acerta, mas a gente tenta trabalhar a linha, a teoria Paulo Freire, que é essa questão da práxis, que foi um ensinamento muito grande, e lamento a perda que nós tivemos do grande educador, que, por enquanto, a gente não vê substituição nessa área da teoria da prática pedagógica do educador. E, nesse curso, também, a maioria dos nossos professores, principalmente do Departamento de Educação, os trabalhos são voltados para esta questão. Pelo menos eu tenho oportunidade de conversar na elaboração, sempre a gente senta com o professor, antes de entrar na sala de aula, até pra elaborar as suas ementas, porque esse projeto foi aprovado sem ementas, não sei como passou por lá, né? Então, cada professor elabora a sua ementa da sua disciplina, e a sua maneira de avaliar, a sua maneira de conduzir o aluno, sempre baseado na experiência que eles já trazem e, sempre enfocando essa questão da prática. Dificilmente as leituras que são pedidas pelas diferentes disciplinas não está incluída alguma coisa de Paulo Freire. Através desse convênio já compramos alguns livros, todos os semestres tem relação de livros, só pudemos comprar um, até porque essa dificuldade de repasse.

T) Gostaria de ti agradecer pela sua colaboração e colocar que logo que a entrevista esteja transcrita, estarei enviando para que você possa ter acesso à ela e esteja autorizando sua análise.

CP2) Justamente. E, você fica à vontade e se tiver, quiser, precisar de alguma outra informação que a gente possa mandar, eu já passei para minha agenda o seu endereço. E, se você mudar, entra em contato com a gente, tá bom?

T) Obrigada.

CP2) Fique à vontade.

## ENTREVISTA A SE

FECHA: 23/07/99

LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estruturada.

ENTREVISTADORA (T): Professora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO / BR (la propia Investigadora)

ENTREVISTADO (SE): Secretario de Educación del Municipio de Porto Velho (Gestión 93/96) - Rondônia/Brasil.

Vamos estar iniciando hoje a entrevista com o professor R., que no período de Janeiro/93 à Abril/96 assumiu a função de Secretário de Educação do Município de Porto Velho.

T) R., eu gostaria de estar conversando contigo, se você está de acordo em relatar como foi essa experiência de iniciar esse desafio de assumir a Secretaria Municipal, dentro de uma cidade que também estava se estruturando enquanto Cidade, enquanto Estado novo?

SE) Olha, a gente, a minha origem, ela é uma origem que vem do movimento sindical. A militância nossa toda é na área de educação. Mais do que uma militância dentro da sala de aula, é uma militância no movimento sindical e reivindicando determinadas, empunhando determinadas bandeiras de luta: em defesa das escolas, da questão da melhoria da qualidade do ensino, da qualificação profissional, do aspecto das crianças em sala de aula. Entao, baseado nessa experiência, um grupo de técnicos e professores, oriundos do movimento sindical, vem para a Secretaria Municipal de Educação sem nenhuma experiência do ponto de vista mais profissional de gerenciamento do sistema. E, assumimos uma Secretaria tendo como propostas às bandeiras de luta que nós defendíamos

no movimento sindical. No primeiro momento, isso foi um choque muito grande, porque você tem toda uma estrutura, é uma estrutura preparada, montada para funcionar de uma maneira muito lenta, muito arcaica, que é realmente para não funcionar, que nós chegamos com o peso de, digamos, chegamos para modificar. Sem saber muito, sem ter muito claro aonde nós tentamos ir, aonde queríamos ir, nós já sabíamos, com certeza, que dessa maneira não poderia continuar. Então, esse combustível nosso, essa militância nossa do movimento, é o que faz com que a gente introduza dentro da Secretaria Municipal de Educação um projeto que nós denominamos de Projeto "Escola Viva", que basicamente procurava tocar em questões relacionadas com a Gestão Democrática e, entendemos Gestão Democrática não como o ensino da maneira como era gerenciado, mas, como a universalização do acesso das crianças à escola, que eles têm o direito. Também a questão da gestão democrática, a questão da qualificação profissional, para que se possa melhorar a qualidade do ensino a partir de um investimento mais maciço em cursos mais densos, principalmente voltados para a questão da melhoria da qualidade do ensino. Esses são os principais pontos: a gestão democrática, (talvez você já tenha verificado estas questões). O que mais poderíamos falar? Vamos falar mais do ponto de vista pedagógico. Mais é isso: a universalização do acesso, a gestão democrática; investimos na qualificação profissional, a valorização dos nossos professores, através, não só da área de qualificação, mais também, através do ponto de vista da remuneração. Mudança na estrutura das escolas, criando condições para que essas escolas pudessem atender, de maneira mais adequada, a finalidade delas; e, nesse sentido, nós construímos, não vamos entrar aqui no como nós fizemos o negócio, porque senão é complicado. Nós vamos mais no ponto de vista ...

T) Pedagógico.

SE) do pedagógico, da dinâmica pedagógica, disso daí. Na questão da qualificação profissional: chegamos, também, em função desse curso aí, da Universidade, esse convênio que foi feito entre a Universidade e a Secretaria. Na linha de qualificação profissional "em serviço". Nós entendemos que a formação, ela tem que ser um processo permanente, ela não pode ser : acontece isso, depois não. Tem que ser um processo permanente. Dentro dessa visão, nós encontramos vários (...).O escrito sobre o tema é o seguinte: os cursos que aconteceram dentro da Secretaria eram aqueles cursos que os próprios professores diziam o



seguinte: era o mesmo curso do ano anterior, com o mesmo cafezinho, com o mesmo biscoquinho ou com o mesmo chá. Era isso que era dito lá. E é isso que ...

T) Na prática...

SE) Em geral acontece agora: é o mesmo biscoquinho, (sorri), com as mesmas pessoas, aquela mesma conversa (sorri): a mesma “ladainha” de sempre. E nós entendemos que não cabe esse tipo de curso. Você tem curso de curta duração, você tem de longa duração, mais não podia ser que ... (...), ficou, virou até “chacota” esse tipo de qualificação, de formação que era levado a campo. E, nós começamos a mudar. Nós tivemos alguns exemplos, trazendo alguns profissionais de ponta no Brasil, ligados às questões educacionais, às questões de gênero, para fazer debates com questões mais vivas, mais presentes, mais do dia a dia daquelas pessoas. Quer dizer, precisávamos e tínhamos lá, e deveríamos, os professores deveriam ter oportunidade em ter uma graduação de nível superior. Que a sua graduação, apenas de nível de mestrado (2º grau), não era mais suficiente para que essas pessoas pudessem dar conta de uma realidade da escola, em uma visão dinâmica de melhor qualidade do ensino. Já não bastaria apenas com esse curso, não teria o suficiente, e apostava também na Universidade.

T) Eu ia te perguntar: nesse período, que ano é que era isso? Quando você começou esse debate sobre essa proposta?

SE) A partir de 1993 nós colocamos que iríamos investir na qualificação profissional. Mas essa proposta, esse convênio com a Universidade, ele surgiu em ...

T) Início de 94?

SE) Foi em 94, ele começou a ser gestado em 94. Ele surgiu a partir do seguinte: nós queríamos colocar professores na Universidade e não tínhamos como colocar-los diretamente na Universidade. Então, nós criamos um cursinho pré-vestibular para os professores. Então, os professores, eles tinham acesso a um cursinho pré-vestibular que era mantido pela Secretaria, e desse curso, eu não tenho os números aqui, mais me parece que

chegaram a ser de 40 professores na Universidade, que fizeram esse cursinho pré-vestibular, tentaram entrar, e estão na Universidade.

T) Pelo vestibular regular?

SE) Pelo vestibular regular. Nós queríamos colocar-los na Universidade, só que passou o primeiro ano; no segundo ano, isso esgotou, porque quem queria estar no cursinho e numa Universidade, já tinha entrado; e os outros não queriam mais. E quem estava vindo participar desse cursinho era os profissionais de outras Secretarias, da comunidade e essa não era a nossa realidade. Isso não era o nosso objetivo; o objetivo era criar o espaço para colocar professores lá na Universidade. Esgotou essa etapa - conseguimos colocar um número, alguns professores, alguns funcionários que não tinham nada a ver com a questão do profissional (sorri), mais tudo bem.

T) Mais uma questão de uma opção pessoal, de cada um?

SE) É, é. E, de qualquer maneira, eram profissionais da rede, e eram profissionais do sistema, que poderiam dar retorno também numa outra área, que necessariamente não só na questão da Educação. Então, esgotando esse processo de colocação de profissionais na Universidade, via essa forma aí, nós passamos para o seguinte plano: nós precisamos encontrar uma outra maneira de colocar um número maior de profissionais na Universidade.

T) E ...

SE) Estávamos com o contato com a Universidade e...

T) E você comentou que passou a acreditar e querer investir junto com a Universidade. Em que sentido?

SE) Eu, no nosso entender, um profissional de nível superior, com um curso mais aperfeiçoado, mais para o magistério ..., aí tem que abrir um parêntese: nós pedimos a participação da Universidade, queríamos colocar os professores na Universidade, só que

nós não queríamos que os professores tivessem o curso que a Universidade oferecia na Pedagogia.

T) De Supervisão Escolar e Magisterio de 2º grau?

SE) Que é de Supervisão e magisterio de 2º grau. Nós não queríamos porque esses não davam conta. E, mais do que isso: nós não queríamos que a grade dos cursos lá fosse a grade da Universidade, porque, no nosso entender, a Universidade estava muito afastada da realidade da Rede, da problemática da Rede. Nós tínhamos problemas ligados às questões da coordenação, de aprovação. A SP também veio integrar a equipe para ver isso, porque isso está escrito. Quando nós começamos a discutir uma "Universidade democrática", para montar uma grade curricular lá, nós levamos em consideração os problemas concretos que nós enfrentávamos na Rede, no dia a dia, e que nós não estávamos conseguindo dar conta daquela demanda ali. Nós não tínhamos condições, do ponto de vista técnico e do ponto de vista mesmo, de continuidade daquela problemática, nós não tínhamos condições. Então, apostávamos, né? e ainda aposto nisso, que a Universidade poderia dar essa retarguarda do ponto de vista mais teórico, que a gente pudesse ter uma melhor intervenção com relação àquelas demandas que sofriamos no ensino de 1ª a 4ª série, especialmente. E, com a Universidade, nós discutimos a montagem de um curso, que era a graduação de professor habilitado em pedagogia de 1ª a 4ª série. Isso não impede que, depois, se ele quiser se supervisor, ele possa fazer ...

T) Uma complementação.

SE) Me parece que hoje, essa grade que foi montada em parceria com a SEMED e a Universidade, uma grade nova, essa grade depois foi incorporada pela Universidade.

T) Foi. A Universidade, a partir dessa experiência, criou seu curso regular, no horário da manhã, pré-escolar e 1ª a 4ª.

SE) No seu currículo regular. Porque, com esse problema, nós não tínhamos espaço para o profissional na área de pedagogia, na maneira como ele vinha sendo formado: o supervisor, o diretor. Não era isso, nós não tínhamos esses espaços. Outra: a formação, os conteúdos

que esses profissionais tinham na Universidade, do ponto de vista acadêmico, eram muito, como eu já disse aqui, era muito distante do que estava acontecendo. Você colocava esse pessoal na escola, era um estranho no "ninho", eles se sentiam verdadeiros estranhos no ninho, porque...

T) O campo teórico estava distante da prática?

SE) É, há uma distância muito do que estava acontecendo na Universidade, e o que estava acontecendo dentro das escolas. E, um fator positivo de você colocar esses professores dentro da Universidade, a nossa avaliação é a seguinte: que nós teríamos condições de conciliar a teoria com a prática, e na qualificação em "serviço". Ele está vivendo uma realidade ali, e está tendo a oportunidade de teorizar lá, na Universidade, em cima da mesma prática. Pelo menos essa era a nossa intenção.

T) E eu creio que essa foi uma realidade, na prática também.

SE) Essa era a nossa intenção. Eu não tenho acompanhado muito isso aí; só tenho acompanhado, assim, mais as dificuldades que as pessoas estão enfrentando: que não pagam a Universidade, não passam o dinheiro para lá, e é um absurdo isso. Mais ainda, nessa questão mais pedagógica: quando esses profissionais passam a entender, com sua experiência do dia a dia, com a Universidade, com aquele acúmulo de saber ali, relacionarem essa questão da teoria e da prática, no nosso entender, essa experiência só teria que ser positiva. É diferente de você ter, por exemplo, um curso parcelado. Agora, é uma qualificação em "serviço", e nós queríamos propor uma certa facilidade para esse profissional, tipo: reduzir a jornada de planejamento, alguma coisa, justamente para que ele pudesse estar mais folgado. E nossa avaliação é a seguinte: esse investimento, que alguns chamam "este custo" de bancar a Universidade, porque esse não é um custo, isso é um investimento, porque esses profissionais, já são profissionais, então, você imagina uma Rede, nós já havíamos colocado 40, aí colocamos 80, 80 e poucos. Me parece que foi nessa turma daí, nós estávamos trabalhando numa perspectiva de ter uma Rede de ensino com 80% à 90% dos profissionais, com nível superior.

T) Isso, à nível de Brasil, é de ponta.

SE) Exato. É de ponta, é uma Rede de ponta, altamente qualificada e com um custo muito baixo: é de cinco mil reais por mês, para uma Secretaria que tem o orçamento em torno de um milhão e duzentos reais.

T) Quer dizer: isso não é nada.

SE) Não é nada (sorri). Isso não é nada. Daí, você vê as dificuldades dos administradores, a falta de visão política e de compromisso com a questão educacional mesmo, de modificar essa realidade aí. Então, tínhamos essa preocupação: de qualificar e tornar uma rede de excelência, tanto é que após esse projeto, o governo federal começa a fazer as discussões aí, do ponto de vista da autonomia, e essa coisa toda, e coloca lá, na legislação, de que os profissionais, tanto de 1ª a 4ª, todos teriam que ter nível superior num prazo de 10 anos. Então, quando eles começam a dar, a encaminhar isso, do ponto de vista legal, nós já havíamos feito, na prática, dentro da Rede.

T) Isto é até o que torna o projeto mais "novedoso", como se diz em castelhano; porque é um projeto inovador, efetivamente.

SE) Nós tínhamos essa preocupação. E, hoje, eu vejo: é todo mundo querendo fazer curso, aquela coisa toda, aquele corre-corre. Vamos falar um pouquinho da Universidade. Eu me lembro que eu participei de um seminário na Universidade sobre uma discussão que parece que foi sobre "Avaliação Externa da Universidade". Eles fizeram uma avaliação interna e estavam fazendo uma avaliação externa, e eu fui chamado para fazer um painel sobre essa avaliação externa. E, eu dizia o seguinte: que a Universidade, que eu, enquanto Secretário Municipal de Educação de Porto Velho, que tinha uma Secretaria com uma condição financeira melhor, tinha condições de investir nesses profissionais e pagar para a Universidade o valor que eles estavam cobrando.

T) Que não era alto, com relação a você estar trazendo profissionais de fora.

SE) Não, não era alto. Só que eu, a Secretaria, dispunha de recursos para fazer aquilo ali. Só que eu conhecia outras Secretarias que não tinham aquela condição que Porto Velho

tinha e eu sabia que as outras Secretarias, principalmente as municipais, tinham condições, tinham as necessidades, as mesmas necessidades que a de Porto Velho tinha de qualificar seus profissionais, essas outras mesmo, também tinham. Só que elas não tinham recursos. E eu argumentava um pouco com a Universidade do ponto de vista do seguinte: que a Universidade, eu a encarava assim, do ponto de vista muito mercantilista, do ponto de vista muito de preocupar com a questão financeira. A Universidade só vai se ela tiver o recurso financeiro; agora, é lógico, se a Universidade não tem recurso nem para a sua manutenção lá, própria, como é que eu posso pedir para a Universidade, que ela qualifique esses profissionais sem cobrar nada da Rede?

T) E tem só, você deve ter conhecimento, R., tem uma questão muito séria: que nós também somos uma Universidade nova, que nós temos um corpo docente com quantidade de profissionais insuficiente; então, esses cursos teriam que ser à noite, e a noite, é fora da carga horária desses professores.

SE) Este tipo de coisas se conversou, e muitas Secretarias, algumas, outras prefeituras do interior, tentaram fazer isso e "morreu" no meio do caminho. Não conseguiram vaga. Deu o maior "rolo". Tem problemas até hoje aí, com algumas prefeituras. Mas, dentro desse projeto nosso aí, eu, o nível de evasão deles, você deve estar mais por dentro do que eu: é pequeno.

T) É pequeno. Quer dizer: foi inicialmente quatro evasões. Agora, não sei se você sabe, esse último ano houve uma evasão maior, em função desses conflitos todos ...

SE) Períodos sem aula ...

T) Exatamente.

SE) Sem saber se vai continuar ou não vai. Já era para, inclusive, para acabar agora.

T) Exatamente. No final de 99.

SE) E, já vai à frente aí, quer dizer, ...

T) Pelo menos mais 6 meses, eu acho que ainda precisa.

SE) Isso é uma falta de compromisso. Eu fico revoltado com esse negócio ai. Eu, na época, eu lembro até hoje: eu gastava 11 mil reais em vigilância da Secretaria, em vigilância nas escolas. 11 mil reais mês, e gastava 5 mil reais na qualificação desses profissionais.

T) Você vê: Se essa escola estiver próxima da comunidade, essa vigilância acaba.

SE) Acaba.

T) Porque a comunidade vai proteger a escola.

SE) É um absurdo: eu gastava 11 mil reais de vigilância e 5 mil numa qualificação. É claro que não era só nesse curso, a gente investia em outros, mais eu gosto dessa comparação: investíamos mais na vigilância, do que no curso.

T) Na qualificação?

SE) Na qualificação. E, você vê nesses outros administradores ai, o mesmo. Depois que eu sair da Secretaria, o negócio complicou também, não foi só com o Chiquilito não, teve com outros administradores também, porque a gente tava lá, tem que pagar, tem aquela coisa toda. O outro, através desse curso, não tem, eles não têm esse tipo de preocupação.

T) E, ainda tem, não sei se você concorda, aquela questão: "o que o outro fez é dele", não há uma visão institucional.

SE) Isso é uma verdade. Esse foi o grande problema, porque, a tendência, do ponto de vista político, dos administradores público ai, é a seguinte: é entrar, o que houve pra traz não vale mais, vamos começar tudo de novo aqui. Só que eles cometem um erro, e, nesse caso, eles cometeram um erro maior porque o projeto que estava sendo encaminhado não era algo somente da minha cabeça. Não, era um negócio que estava muito enraizado dentro da Rede, e, para você desmontar aquilo ali você não estava indo contra o gestor anterior, você

estava indo contra toda a Rede. Tanto é que esse pessoal ai, eles estão sendo verdadeiros heróis.

T) Exatamente.

SE) Eles estão, assim, é uma questão de perseverança muito grande, eles estão na busca de um curso superior. Ai, outra coisa: os críticos desse curso, principalmente no início, diziam o seguinte: que esses professores não queriam estudar, que o professor não queria mais estudo, são muito acomodados; que não tinham a preocupação de se qualificar, não tinham a preocupação de continuar nesse processo de aprendizagem. O professor era uma categoria mais, é, conformada, em função das condições salariais, de questões salariais, das condições de ensino na escola. Esse conceito desmonta essas argumentações, porque as pessoas lutaram para entrar e estão lutando para continuar. Se você for fazer o mesmo, do ponto de vista da evasão, se você pegar a evasão dos profissionais desse curso, dos alunos desse curso, e dos alunos do regular da Universidade, eu acho que vai ter muita diferença. Eu acho que no regular a evasão é muito maior do que aqui. Porque aqui há uma vinculação direta com a questão do serviço dele, com a vida dele mesmo, ali; ele não vai começar, ele já está naquilo ali, ele está, ele sabe que está melhorando a forma de trabalhar no dia a dia. E tem muito mais compromisso.

T) E, que tem uma coisa também, que eu acho que isso caracteriza muito, e eu até estou tendo a oportunidade agora de visualizar, que são pessoas que vieram, como se diz, das classes populares mesmo. Então, são trabalhadores de luta, de construção de sua própria vida, que representa aquela profissão.

SE) Do ponto de vista do perfil daquele professor, daqueles alunos ali, é esse perfil ai mesmo: são oriundos das camadas populares, são o professor - a professorinha de magistério, do antigo primário. São aquelas pessoas que, no momento, estão ali, tentando galgar um espaço melhor na sociedade e através da instrução formal, via a educação formal. Então, existe essa questão também: para as pessoas, já que, se você não consegue criar condição do ponto de vista financeiro, mas você tem a atenção do ponto de vista intelectual, do ponto de vista da educação, e essas pessoas que estão ali, nunca iam em busca disso daí; sabe, da melhoria do seu trabalho lá, mais também de alcançar um patamar



diferenciado na sociedade: se não é possível, via questão financeira, mais é possível, do ponto de vista da Formação Universitária.

T) E, neste ponto, R., específico da questão da valorização do profissional, que a gente está falando agora, com esse fundo atual que o MEC aprovou de manutenção e financiamento do ensino fundamental e valorização do professor, você acha que ele pode estar contribuindo para que a gente possa, nesse momento, está pensando em melhorar outros profissionais também? Há condição? Você acha que há suporte financeiro?

SE) Esse fundo, na realidade brasileira, ele é um fundo que não alterou em nada o montante dos recursos destinados à educação. Pelo contrário, ele retirou recursos que eram aplicados na educação, principalmente do governo federal. Aqui no Estado não entra um dinheiro novo do governo federal. O que é feito? Você pega os recursos do Estado que arrecada X, 15% você bota na conta. Pega da Prefeitura, você arrecada X, pega esses 15% e bota nessa conta. E aí, você distribui isso, em função do número de alunos. Porto Velho perdeu muito, eu não tenho os dados, mais Porto Velho, eu acho que perdeu. O que ele arrecadava, 15% ficou no fundo, vai para o fundo. Mais na hora de voltar, não volta os 15% que ele colocou.

T) Porque o Estado cresceu muito no interior.

SE) Exato. E o Estado também perde, o Estado também perde porque ele tem uma Rede... Quem ganha? Ganha aqueles pequenos municípios, os grandes perdem. Eu não sei, aí é que é a questão: tem Redes, no nosso caso aqui, nessa Prefeitura, em 93, quando nós assumimos, nós tínhamos em torno de 12 mil alunos, cerca disso, uns 12 mil alunos. Quando nós saímos, nós já deixamos com mais de 20; em três anos e pouco, a gente levantou não só o ensino fundamental em todas as áreas. E, mesmo assim, você vê que, você, quando entra esse fundo, a Prefeitura ainda perde muito dinheiro. Porque o que acontecia era o seguinte: você tinha uma Rede pequena, um grande volume de recursos e esse volume de recursos, ele não era aplicado na questão educacional, ele era desviado das mais variadas formas, das formas que você pode pensar, das mais variadas formas esse dinheiro saía da Secretaria Municipal de Educação. Então, ela tinha uma Rede pequena, tinha muito recurso; nós aumentamos a Rede, ficou com o mesmo número de profissionais,

nao aumentou um; era menor ainda: tinha 1700 quando nós entramos, com 11.000, 12.000 alunos. Nós saímos com 1.650, 1.680. com quase 20.000 alunos; só trabalhando melhor a questao dos recursos humanos, colocando realmente nos pontos chaves. Essa questao do Fundo, na legislação diz que você pode aplicar do recurso do fundo, que é esse 15%. do 25%, que você pode aplicar como pagamento de salário para os professores até 50% desse montante. E, também você pode utilizar desse recurso para pagar, para qualificação de professores "leigos" e também para a questao dos professores de nível superior. Nao há uma fonte de recursos novos para a educação em função do Fundo. O Fundo, simplesmente ele modifica a forma de gerenciamento dos recursos, porque ele faz com que uma parcela dos recursos que sao arrecadados vá para uma conta, uma conta da educação. Esse é um ponto positivo.

T) É uma forma de evitar o desvio.

SE) Esse é um ponto positivo, que você consegue visualizar melhor aonde está o dinheiro, você consegue monitorar melhor, porque ele está apenas numa conta. Ele agora está numa conta específica, quer dizer, mais tarde você sabe onde está. Mas, o que está acontecendo hoje, em função desse Fundo? As Prefeituras e o governo nao querem investir mais no ensino de educação infantil. Por quê? Porque a educação infantil nao entra no FUNDEF, ai nao querem investir na educação infantil, e outra: várias Prefeituras estao aplicando na educação somente o recurso do FUNDEF, porque 15% da arrecadação vai para o FUNDEF e os outros 10%, continuam nas contas normais da Prefeitura, mais que tem que ser aplicado na educação.

T) Porque é 25%.

SE) É 25%. sao 25% e eles nao estao fazendo isso. Do meu ponto de vista ou o FUNDEF, agora, se o governo cumpre o que está inscrito na lei, o que está inscrito na lei tem lá um mecanismo que você faz um cálculo para atingir o valor do "custo-aluno", para você ter o valor do "custo-aluno". O "custo-aluno" definido pelo governo federal é de R\$315 reais, custa um aluno nosso para todo o país, todas as Redes. E, se um Estado, juntando todos os recursos contabilizados para a educação, dividido pelo número de matrículas lá, dá um valor acima de R\$315 reais, o governo federal nao entra com um "Tostao". Hoje, no país,

são só três Estados que recebem alguma coisa do governo federal por não atingirem esses R\$315 reais; o restante todo ultrapassa. Rondônia, custa um aluno aqui R\$388 reais, ficou em 98, esse é o custo.

T) Então, ele ultrapassa?

SE) Ele ultrapassa esse valor definido pelo governo federal, pelo o que está escrito na lei, o valor do "custo-aluno" hoje deveria ser R\$420 reais; ele está em R\$315 reais. Se fosse o valor de R\$420, você teria um aporte de recursos novo para o Estado, que poderia investir na normalidade das coisas. Mas, só para te dar um dado aqui: o problema do Estado não é dinheiro. O problema do Estado não é dinheiro. Eu fiz um levantamento recentemente, uma análise nas contas da, na aplicação dos recursos do governo do Estado, de 90 a 98; não há um ano em que eles apliquem 25% na educação. Não há um ano, nos últimos 10 anos. Tem um caso assim, que eles aplicaram 12% no ano, 12%, 15%, 17%, 18%, 16%, 20%, no máximo; assim, um caso na educação. Somando o que eles deixaram de aplicar, se somarmos tudo isso, são R\$158 milhões de dólares, em 10 anos, que foram desviados da educação do Estado. Estou pensando em fazer o da Prefeitura, no caso específico aqui, da Secretaria de Educação. Então, o recurso existe, só que a maneira com ele é administrado proporciona esse tipo de coisas: o dinheiro sai pelo "ralo", de uma maneira escancarada.

T) E, que órgão, que nível da administração poderia estar fazendo esse acompanhamento, para poder evitar? Quem poderia estar dando essa prestação de contas?

SE) A lei diz que quem faz isso é o Tribunal de Contas. Só que o Tribunal de Contas, ele é muito susceptível a coação política, pela forma como os seus conselheiros são indicados: são conselheiros ligados a, ou eram ligados ao Piana, ou eram ligados ao Gerônimo, ou é ligado ao Ralpp. Então, é muito, são muito susceptíveis. E, a maneira que eles vinham avaliando as contas dos governantes possibilitava essas "maquiagens". O que o governante faz: em todas as contas, foram aprovadas pelo tribunal de contas; a exceção 97, 98, mais o restante, mesmo não tendo investido os 25%, foram aprovadas; só que os governantes utilizam um artifício legal: qual é? Eles vêm investindo na educação, a lei estadual diz que tem que ser 25% mensalmente: arrecadou, 25%, arrecadou, 25%. Eles não fazem isso. Eles vão pegando 10%, 15%, 10% 15%, aí, quando chega lá, no fim do ano, aí eles vêm com

um aporte maior para fazer dá os 25% da arrecadação. Só que o quê acontece? Quando chega nesse período, eles empenham: "construção de uma escola" lá no bairro tal, licita e empenha, porque ele tem o orçamento. Licitou R\$100 mil reais, está lá licitado; "construção da quadra não sei aonde", mais R\$50 mil reais, está lá licitado; Então, ele está empenhando uma grande quantidade de obras e de despesas que não serão efetivadas. Então, quando eles vão fazer a prestação de contas, está aqui: prestação de contas: quanto foi gasto para a educação? 27%.

T) Passou já?

SE) Já. Porque o Tribunal vinha considerando o empenhado como realizado. Passa para o ano seguinte, o quê os governantes fazem? Uma boa parte desse recurso, eles anulam esses empenham, anulam. Pronto: prestou conta ...

T) No ano anterior.

SE) Do ano anterior, e passa para o ano seguinte e anula. Algumas dessas formas, no caso, assim, que passaram, vamos supor: que eles vão realmente fazer, o que eles fazem? Eles computaram esse valor no ano anterior para dar os 25% e no ano seguinte, ele vai, dota o dinheiro nessa obra, faz uma obra e utiliza de novo essa obra pra chegar nos 25%. Era isso que vinha sendo feito. É isso que está sendo feito.

T) Isso mostra o descaso, uma falta realmente de um comprometimento, de um compromisso até na questão do cidadão, uma questão de cidadania mesmo.

SE) É isso, é isso. Eu tenho, eu estou terminando um trabalho sobre esta questão. Nós vamos fazer umas propostas de alteração do ponto de vista de leis, na Assembleia; nós vamos propor algumas questões do ponto de vista legal. Nós vamos propor mudanças no conselho do FUNDEF, nesse conselho, pedindo que ele seja mais transparente para justamente modificar isto que nós constatamos na prática. Quando eu estava terminando esse trabalho, eu fiquei com tanto ódio, porque eu vim para a Secretaria em 93, antes eu vivia muito no Sindicato e era aquela seqüenciação de greves, greves e greves, perdendo emprego, três vezes eu perdi o emprego por causa de greves. Greve, greve, greve para quê?

Para receber salário atrasado, greve para aumentar o salário. E a gente dizia que tinha dinheiro; eu dizia que tinha dinheiro, mais eu não tinha ...

T) Argumentos concretos.

SE) Aonde que está o dinheiro, porque 10 anos quase, depois, desse período, que eu fosse ao tribunal de contas, sobre o "guarda- chuva" da Assembleia Legislativa.

T) Hoje, você está lá?

SE) Eu sou da Assembleia. Eu também tinha sido demitido da Assembleia, por causa de greve. Uma greve que nós fizemos lá; voltei pela justiça, aí, eu movia dois deputados contra o Tribunal, estou fazendo o trabalho com os deputados, aí eu tenho o acesso ao Tribunal de Contas e chego à essa conclusão: que os "caras" tentam me enganar, não a mim,

T) Ao povo.

SE) A população, de uma maneira descarada, que é desviar dinheiro mesmo, de forma criminosa, que essas pessoas fizeram. Também, até isso.

T) Deixa eu te perguntar uma coisa de forma mais concreta: você colocou que, a tua história, o teu trajeto, esteve dentro do Sindicato. Hoje, como é que você vê o papel do Sindicato nesse momento, com relação à esse processo todo que a nossa educação tem passado?

SE) Eu acho que o Sindicato, ele está meio sem rumo. Você tem uma conjuntura econômica totalmente desfavorável ao movimento sindical: desemprego, crise de recursos, e o Sindicato me parece que não conseguiu, ainda, se encontrar dentro dessa realidade que nós estamos vivendo. E, as suas, os seus encaminhamentos, as suas bandeiras de luta tem deixado, do meu ponto de vista, muito à desejar. Muito à desejar. Por exemplo: eu estou te dando esses dados das questões dos recursos, né? Você não vê uma preocupação por parte do Sindicato em desenvolver um trabalho junto à sociedade, denunciando isso; mais no caminho da questão do cidadão mesmo, trabalhando numa conscientização do que os

governantes fazem, ao dizer que não tem recursos, não tem recursos, porque a forma como eles estão administrando faz com que isso aconteça, e nós somos os prejudicados aqui. Você não vê esse empenho, você não vê a entidade, trabalhando mais do ponto de vista da formação dos trabalhadores da educação, que seja do ponto de vista mais político, que seja: você faz, o professor (...), mas certas pessoas têm uma capacidade de compreender melhor essa realidade aí, até para poder intervir de maneira diferenciada e investir na questão educacional, também. O Sindicato também tem essa função e, a forma como o Sindicato vai, e eu já passei por isso, é aquela história: "é o mesmo cursinho, o mesmo biscoitinho, ao mesmo almoço e à mesma janta", porque os espaços que a entidade utiliza para fazer a formação política são os congressos ou nos grandes seminários. Então, você não tem proposta dessa instituição mais voltada a dar mais ...(...), porque, você veja: nós estamos num período de transformação e de mudança, e mudanças muito grandes por conta dessa questão de globalização, desse negócio maluco que está aí, e nós somos afetados diretamente por isso daí. Tem toda uma visão neoliberal de que, para administrar, o Estado tem que servir o mínimo, tem que ser mais enxuto, aquela coisa toda aí; então, e nós que estamos no Estado, na área da educação, nós estamos sendo afetados diretamente por isso e não estamos conseguindo nos contrapor a isso que vem sendo colocado. A força sindical tem ..., estão encaminhando, tem coisas, tem marcha, tem atividades lá que ainda estão vigorando. Mas eu acho que essas atividades estão muito além do que eles poderiam fazer.

T) Ou seja, as estratégias não são adequadas ao momento atual?

SE) Do meu ponto de vista, não. Eu acho que poderia ter outras táticas, outras formas de agir, mais ligadas aos problemas concretos e, a partir desses problemas concretos, você consegue fazer uma discussão do ponto de vista mais político, levando estas questões mais gerais. E, eu vejo muito esta questão: às questões que vêm..., das questões gerais e, estas questões gerais já conseguem ter uma receptividade dessa massa, desse conjunto de trabalhadores que não assimilam esse compromisso de classe. Então, eu vou pelo inverso: das questões concretas, do dia a dia, e fazer essa ligação com as questões nacionais e, a partir disso, você vai ... fazer um trabalho de, de, de...

T) Base.

SE) De educação mesmo, um trabalho de educação, levando em consideração a realidade que está colocada ali.

T) Eu até te fiz uma pergunta do sindicato porque, quando você colocou (e o próprio projeto da "Escola Viva" deixa muito claro que ele surge a partir dessa luta sindical), que através desse recurso que tem a Secretaria, que efetiva todo esse sonho (se pode se chamar assim) numa questão prática, no momento que você tem a possibilidade de está intervindo nessa realidade. Mas, nesse momento, a gente tem escutado, tem tido depoimentos de que na época que iniciou o projeto, muitos dos funcionários que estavam no SEMED eram pessoas com tempo de serviço temporário, não eram profissionais efetivos, e você considerou eles funcionários, até porque eram, e investiu também, deu oportunidade para que esse pessoal pudesse ter também acesso a esse curso. Claro, contando que posteriormente eles viriam ser incorporados efetivamente à Rede, através de concurso. E, a gente sabe que, na prática, o que que ocorreu depois que você saiu? A maioria dessas pessoas foram demitidas. E, eu pergunto: o Sindicato teria um papel nesse momento? Como é que você pensa disso?

SE) São duas coisas: uma, é sobre esses professores que não eram efetivos na Rede. No meu entendimento, eu queria que os profissionais que fossem para a Universidade ficassem trabalhando na Rede, essa era a questão central. Pois bem, porém, isso não era algo exclusivo, a mim não me importava, a minha prioridade era com os profissionais que ficassem na Rede, atuando na Rede; Mas, se ele não ficasse na Rede, não tinha problema, porque ele trabalharia na educação num outro ramo: ou ele trabalharia no Estado, ou ele ia para o setor particular. Ele iria trabalhar na educação, e a educação era a primeira beneficiada. O município, independente da Rede Municipal de ensino, estaria sendo beneficiado, porque os "municípios" daqui, teriam os frutos do trabalho desse profissional; ou na Rede Particular, ou na Estadual, ou na Municipal, não tinha problema. Queríamos que ficassem na Rede municipal de ensino, bonitinho, mas, se não ficassem, não tinha problema. Nós levantamos isso na época, e nós encaminhamos dessa maneira: nós queremos que ele fique, se ele ficar aqui, muito bem; se ele não ficar aqui, ele vai ficar numa sala de aula, na Rede Estadual. Mas, de qualquer maneira, ele vai estar trabalhando com a questão educacional. Só uma, uma contradição de destino com relação a nossa origem sindical e o papel do Sindicato, frente a nossa administração: o eixo central, o

movimento sindical, ele é bastante corporativista, economicista; ele trabalha muito nessa questão do salário. A minha origem é lá, e falo isso com muita tranquilidade e, tudo isso, em função do referencial de análise que você tem, você também vê às questões somente dessa forma aí. Ele é eminentemente economicista: salário. Então, várias ações que nós desenvolvemos frente à Secretaria Municipal de educação, que eram ações ligadas à questão pedagógica, à questão de administração, de aplicação de recursos, de acesso de jovens e aquela coisa toda, que eram bandeiras de luta nossa, no movimento sindical, só que eram bandeiras de luta nossa lá no sindical, tipo assim: aumentar o salário, pagar o salário, a lutar. Aí, depois: toda criança na escola, aí, depois, qualificação, bem lá em baixo estava lá, no nosso documento. Mas essa não era a questão central, no nosso movimento sindical. Mas, na Secretaria, nós achamos que era a questão central, era importante e investimos nisso. Pelo fato de não conseguirmos, de nós não termos conseguido atender às reivindicações do ponto de vista econômico da melhoria de salário dos profissionais, a partir especialmente do terceiro ano, nós fomos duramente criticados pelo Sindicato, que não viu esses outros aspectos que nós encaminhávamos na Secretaria. E, a única coisa que era percebida era a situação econômica e, era algo fora da nossa governabilidade, enquanto Secretário de Educação. Nós não tínhamos o controle do recurso, nós defendíamos, também, que os professores deveriam ter um reajuste, mas só que o controle disso não fica a cargo do Secretário de Educação; o controle disso é a cargo do executivo e o executivo entendia que se aumenta a educação, tem que aumentar para todo mundo. E, nós dizíamos que a educação tinha recursos específicos, que aqueles recursos podem ser utilizados, mas não conseguimos convencer o executivo. Então, o Sindicato, ele não deu muito valor a esse tipo de curso. Só que o destino é algo interessante: nós fizemos, eles não deram valor, até questionaram. E hoje, de uma maneira equivocada, altamente equivocada, eles estão intermediando, viraram intermediários do saber, da seguinte maneira: o professor, eles estão querendo firmar convênio com a Universidade. O professor, direto com a Fundação RIOMAR, agora desconta para o Sindicato e o Sindicato paga para a Universidade. Esse é o papel que eles estão se prestando hoje, com relação à qualificação. Conheço um monte deles que diz(...). Eu já disse pra eles: mostro que tem dinheiro, mostro que está altamente equivocado; eles dizem que se os professores não se qualificarem, eles estarão demitidos. É mentira, não tem isso, a lei não diz nada disso. A lei diz que são 10 anos, que fecha em 2007, que os profissionais deverão ter o magistério, porque a lei é de dezembro de 96. Tem lá, dentro das disposições transitórias dessa própria lei, dizendo o seguinte: que se o



profissional não fizer, ele está na Rede, vai haver um tipo "quadro de extinção", uma coisa assim. Ele não vai ser demitido, ele não tem como ser demitido. E eles estão criando um terrorismo. E o pior de tudo é que criam o terrorismo aonde o professor tem que pagar, eles estão, eles aceitaram a privatização do ensino puramente, e ainda, pior do que isso, viraram verdadeiros intermediários do negócio: o professor paga para eles e eles pagam para a Universidade. Há um erro de foco do movimento, o foco do movimento não é esse; o foco do movimento é contra o Estado, é contra a prefeitura, no sentido de mostrar que os recursos estão disponíveis, a legislação atribui esse tipo de coisa, e que os governantes têm que investir na qualificação profissional. Não com eles chamando para si essa responsabilidade, como se eles fossem pagar. Ai, o professor tem que pagar R\$125, R\$130 reais, quando ele ganha R\$400, quando ele ganha R\$300, quando ele ganha R\$250.

T) Eu estive até conversando com alguns professores, quando eu passei um questionário, e a média salarial está em torno de R\$250 reais.

SE) Na prefeitura?

T) Na prefeitura.

SE) No Estado é maior.

T) Mas eu falo específico do...

SE) Que fosse R\$500. Você tem família, você tem gastos. É R\$150 reais, R\$120 reais diretamente, e tem outras coisas que você gasta também. Não tem sentido, isso é uma loucura e o sindicato está nesse barco, de uma maneira altamente equivocada. Outra coisa que vem acontecendo nesses parcelados: é uma loucura, todo mundo tem que estudar, todo mundo tem que estudar, todo mundo tem que ir para a Universidade. E a Universidade tem uma proposta de 4 mil e quinhentas novas vagas ai, dentro desse sistema parcelado. É uma loucura isso, gente!

T) Não sei como vai ser.

SE) Eu acho que isso não tem sentido, porque você vai exportar toda a Universidade para esse negócio; vai, porque é todo mundo, todos os profissionais vão entrar nesse negócio aí.

T) E o pessoal que está lá, aqui fora, vai estar sendo cadastrado, o pessoal com pós-graduação, na comunidade...

SE) Há, tá. Não vão ser só os profissionais da UNIR não?

T) Não. Vão estar sendo cadastrados para serem professores nesse curso, porque a Universidade não tem essa quantidade de professores.

SE) Não tem como.

T) Ela vai estar mobilizada, mediando esta situação.

SE) Que é um esforço grande que,

T) É uma estratégia de guerra.

SE) Eu até entendo, e tem momentos que tem que ser assim mesmo: tem que "peitar" logo e vamos embora. Minha preocupação é um pouco a qualidade do curso.

T) Qualidade. Isso é uma preocupação que a Universidade, pelo menos, não sei diretamente a RIOMAR, que você sabe que é o braço privado da UNIR, ela é quem administra essa questão financeira. Mas, a questão pedagógica, nós, internamente, dentro da Universidade, estamos muito apreensivos também.

SE) Eu acho interessante esse esforço aí, agora, dentro dessa linha aí: o Estado, o governo do Estado. O Sindicato, brigando que o professor tem que estudar e ainda quer que o professor pague? Eu vejo um monte de deputado até com "Outdoor" aí: "o deputado da faculdade parcelada". Você não viu isso ainda não, espalhado pelos Campos?

T) Não. Já me falaram.

SE) " ...(...) dos Santos - o deputado da faculdade parcelada, o homem que conseguiu a faculdade parcelada". Que conversa é essa? Ai, você vê um monte de políticos, prefeitos, aquela coisa toda.

T) Todo mundo é o pai da criança.

SE) E o governo do Estado, que é o grande responsável desse "troço" todo, o quê é que vai fazer? Nós, é, é, interessa à idéia, é muito boa, porque senão perde. Ele não entra, ele é que tem que entrar, ele não entra. Ele está assim, ...(...), ele não entra. Ele é que tem que entrar no processo. Onde já se viu: eu vou precisar, por exemplo, é a mesma coisa que eu estivesse na Secretaria lá, um monte de vereador fazendo esse movimento aí, para que eu botasse os professores na Universidade. Eu, contra não sei quem. Não, isso é uma questão de concepção política-pedagógica, eu sou o administrador, é o compromisso mesmo. Se você acha que tem que investir em qualificação, você vai na Universidade, você vai procurar estabelecer um vínculo para que isso aconteça. Agora não, tem um monte de "seres estranhos" à área da educação, pior, e fazendo demagogia. Não dá. Fazendo demagogia contra o meio educacional, com os recursos da educação, como se eles é que dessem. Esse "Outdoor" é o supra-sumo do negócio; o "Outdoor" aí, que está colocado "o deputado da faculdade parcelada". Eu não acredito numa coisa dessa.

T) É uma política ...

SE) Eu não acredito numa coisa dessa.

T) R., deixa eu te perguntar uma coisa: com relação ao papel mesmo, que é algo muito discutido hoje, em função até do próprio conflito entre a Universidade e a Secretaria. Quem está atualmente gerenciando a Secretaria Municipal de Educação, desde o anterior Secretário e o atual, na questão dos papéis, como ficou? Voltando na questão do projeto: Qual é que seria, efetivamente para você, que iniciou esse processo, o papel que compete à UNIR, o papel que compete à SEMED, à Prefeitura, através da SEMED, na administração desse projeto "Graduando na Escola Viva"? Porque é uma coisa que está havendo um transtorno muito grande e a gente, às vezes, não consegue definir essa situação.

SE) Eu nao entendi ainda.

T) Nao? É o seguinte: a gente saiu da discussao do deputado e eu, de repente, fiz uma pergunta específica do projeto. Hoje, essa discussao toda de que tem que qualificar, que tem que fazer o curso. Entao, naquela época, você lança um projeto de qualificação, à nível superior, e que tinha muito claro, eu acredito, inclusive com o convênio emplacado, definir os papéis que competia à cada instituição, nesse processo. E hoje, esse papel, a gente sabe que ele foi relegado, às vezes por uma, às vezes pela outra. Eu queria saber de você, se você se recorda, na hora de firmar esse convênio, como é que ficou essa questao das competências? Quando eu falo do papel, é dá responsabilidade de cada instituição nesse processo de estar capacitando esse pessoal da Rede?

SE) De maneira geral, o contrato, o convênio diz o seguinte: que a Universidade, o papel da Universidade é assegurar a esses alunos a graduação de nível superior. Esse é o papel da Universidade. E o papel da Secretaria é bancar, junto à Universidade, esses recursos. É isso. Eu nao sei se é isso que você esta querendo?

T) Nao. Mas essa questao precisa ficar muito clara, nao é?

SE) Agora, eu dei, eu, veja bem: responsabilidade do poder público, no caso da educação, é investir em seus profissionais. É responsabilidade do poder público. Porque isso? Se você quer, se você está na iniciativa privada, e você quer colocar um produto de melhor qualidade na sociedade, se você quer produzir um produto de melhor qualidade, você investe na qualificação profissional, nao só do ponto de vista do profissional, mas existe uma série de recursos que você utiliza quando você quer um produto mais adequado ao mercado, principalmente nesse mercado competitivo como é. No setor educacional, no poder público, o que você coloca no mercado nao é uma mercadoria, é um serviço que você coloca no mercado. E você, a satisfação de você, enquanto administrador, é que esse serviço, que é colocado para a sociedade, seja um serviço que atenda à comunidade como ela deve ser atendida. Dessa maneira, a responsabilidade de qualificar esses profissionais é do patroa. Do patroa: a Secretaria, a Prefeitura Municipal de Porto Velho, ela quer prestar um serviço melhor? Bem, entao ela tem que investir para que esse serviço seja prestado de melhor maneira. E ai, vai procurar no cenário instituições que possam atender aquilo que

ela quer, do ponto de vista de modernização da administração, modernização dos equipamentos, de qualificação melhor dos recursos humanos. Esse é um papel do gestor. Agora, quando o gestor não tem claro o que é que ele tem que fazer, enquanto gestor, quando ele não tem claro qual é o papel que a educação tem para a sociedade, e o que é que tem que ser oferecido, que tipo de serviço que tem que ser oferecido para essa comunidade, se ele não tem claro como é que deve ser administrado aquilo ali, quando tem que ser aplicado: o que é prioritário e o que não é, então fica difícil a esse gestor ter uma clareza da sua responsabilidade. Mas ele não tem essa clareza porque ele não tem claro quais são os objetivos da coisa: licitamento, ... (...), e tudo.

T) Certo. E, dentro dessa linha, a questão do acompanhamento, que é uma coisa que a gente percebe que esse processo de acompanhar a execução desse projeto poderia, inclusive, estar ajudando a esclarecer, ou pelo menos, até, filtrando esses papéis durante o processo de execução do próprio projeto. Como é que você vê essa questão do acompanhamento, por parte da própria SEMED?

SE) O acompanhamento desse projeto? São alunos da Universidade. No meu entender, o próprio feito voltado para (...). Mas, essa fase pedagógica, esse acompanhamento, no desenrolar do curso, essa coisa toda, a maior parte é da Universidade, no meu entender. É da Universidade, em função de que eles são alunos da Universidade e nós estamos contratando um serviço. Nós contratamos um serviço e esse serviço diz o quê? Nós queremos que esse profissional seja habilitado na "tal, tal, tal, tal" e ao final disso ele vai concorrer a um trabalho na ...

T) Na Rede?

SE) Nós queremos um serviço completo, nós estamos pagando para isso. Agora, é lógico que a Secretaria precisa ter uma interface com alguns desses dados, porque se você, por exemplo: você está detectando que esses profissionais estão tendo uma determinada atuação na Rede e essa atuação não está em consonância com a Universidade, você vai poder, com as próprias informações daquilo, até para poder monitorar esse curso.

T) Essa é uma formação em "serviço".

SE) Exatamente. Até para poder você ir monitorando o quê que está acontecendo, fazer correções, ou não. Verificar, promover discussão precisa ter isso, para que você tenha um administrador que não tenha a preocupação com a qualificação do profissional, ele não vai ter nenhuma preocupação de fazer essa relação: de que está acontecendo na Universidade com o que está acontecendo aqui, na Rede. Aquilo é um encargo, aqueles professores, nessa realidade, eles estão ali como um encargo, "que eles têm que pagar todo mês", ..., aquela coisa toda. É um custo mais, do ponto de vista do custo, não é do ponto de vista do investimento; não levando em consideração de que, se ele faz isso, a qualidade desse produto, desse serviço que ele oferece a sociedade, vai ser uma qualidade muito melhor: se ele trabalha em coisas do processo, no gerenciamento dentro desse curso aí. Nós tínhamos montado uma própria maneira de acompanhamento, depois foi amadurecido isso com a Universidade. Eu não sei como é que foi o final de tudo isso, como é que foi o empenho das partes, mas, da mesma maneira como houve a questão do descompromisso de estar fazendo essas coisas, com certeza isso deve ter sido renegado.

T) R., atualmente, na função que você está exercendo hoje, você acha que poderia, de alguma maneira, estar contribuindo para que este curso realmente se efetive, até o seu final, ou você acha que hoje, você já está totalmente desligado do processo, até porque você já não é mais Secretário de Educação de Porto Velho?

SE) Eu, eu tenho limitações para intervir nesse processo aí. Durante esses anos, em função desses problemas, em determinados momentos os próprios alunos me procuraram. A gente passou algumas informações, mas eu não, não tive uma participação mais efetiva com relação a acompanhar esse pessoal, e, até do ponto de vista didático mesmo. Aquele negócio: o que vem do governo anterior não presta, não serve; o que presta e o que serve é aquilo que eu faço. Essa é a lógica do administrador. Então, se eu intervir em qualquer dessas discussões para defender esses profissionais, é a mesma coisa que eu pedir para (...), aí é que é pior.

T) Por quê?

SE) Porque isso é da administração anterior, isso era do "outro" Secretário, era do "outro" Prefeito. Eu até me afastei para não prejudicar, na minha cabeça, para não prejudicar os alunos, porque se eu fosse ter uma reunião com o Prefeito, ou aquela coisa, ou se eu fosse denunciar os "casos", aquela coisa toda, e não fiz isso, em determinados momentos, em conversa com os próprios professores mesmo. Eu até pensei em denunciar, à nível de partido, e o pessoal "não, não, não", "suja", e aquela coisa toda. Tá muito enrolado. Vocês é que, então, conduzam da maneira que vocês acham. E sofreram muito, passaram muita raiva. Ficaram, assim, num verdadeiro processo de mendigância: "Bajular, pelo amor de Deus, para que eu posso concluir o curso". Como se aquilo ali, gente, fosse, assim, não fosse uma obrigação do poder público, não fosse algo que o poder público deveria fazer; e colocaram na prateleira: está aqui, nós vamos fazer isso aqui, não vamos fazer mais.

T) Felizmente, me veio ao conhecimento, eu acho que agora eu posso estar falando sobre isso, porque a entrevista foi feita há um ano atrás, com a, na época, com a Diretora do Núcleo de Educação da Universidade (ela pediu que não divulgasse, até porque era algo que se fosse divulgado, poderia até estar prejudicando as negociações). Mas, foi decidido, internamente, que a UNIR já tinha "adotado" esse curso, que ela não deixaria o curso parar porque era já um compromisso social dela. Mas, ao mesmo tempo, ela tinha fechado que não era justo que isso viesse a público, oficialmente, porque mais uma negligência iria ocorrer com a instituição, que seria a pagadora. Então, como é que você vê isso?

SE) Tá, deixa eu só te dizer algo: quando nós montamos o curso todo, nós sabíamos, nós avaliávamos que isso poderia acontecer. Eu não quero dar uma de espertinho na história.

T) Eu não vejo como uma questão de "esperto". São projeções.

SE) Nós sabíamos que esse tipo de entrave "ridículo", do ponto de vista de "empacar", aquela coisa toda, poderia acontecer. Mas, optamos em correr o risco: nós vamos trabalhar na política do "fato consumado". É por isso que eu estou te dizendo: nós fomos meio "espertalhões" na essência da coisa, mais eu acho que não tem necessidade disso: você estabelece um contrato, um convênio, e tem que cumprir aquilo ali; mas nós fomos muito mais longe: "vamos tornar esse curso aqui algo irreversível" e a Universidade não vai ter como cair fora, nem que a Prefeitura fique fora. Na nossa avaliação, anterior de contar isso

ai, nós já caminhamos nesse sentido porque tinha um pouco daquele negócio:" porque isso era obrigação da Universidade".

T) Me estranha você dizendo isso, você conhece nossa realidade?

SE) Isso é obrigação da Universidade. Mas ai o pessoal vem: nao tem recurso e aquela coisa toda. E o poder, o poder municipal, que tem o recurso, ele nao tem que ter disponibilidade para encerrar o ciclo. E, o que foi, o que nós discutimos, aconteceu. Nao foi algo que navegou por águas calmas nao. E isso, com certeza, inclusive na questao do próprio processo de aprendizagem.

T) Com certeza.

SE) Desses nossos profissionais que estao lá, na Universidade. Esse tumulto todo, isso é prejudicial; estao falando enquanto mediadora, né?agora, já era algo previsto. E, tanto é que a Universidade hoje, nesses parcelados novos que estao querendo fazer, ela está se cercando de tantos cuidados jurídicos, justamente para evitar que aconteça outros "casos" como esse dai.

T) Até porque, hoje, ela está buscando professor da comunidade também e ela nao tem como assumir isso.

SE) Exatamente.

T) R., eu queria te agradecer, depois desse tempo todo de mais de 40 minutos, com certeza, que a gente esteve conversando. E também queria te perguntar se você gostaria de deixar alguma mensagem, alguma coisa, para essa turma, que está sendo um verdadeiro desafio?

SE) Olha! Eu, essa "rapaziada" ai, eu dou um valor muito grande a eles, que nao sao, nao é qualquer um que consegue entrar numa Universidade pública, com a origem que eles têm. É a questao da origem também, né?conseguir entrar para uma Universidade, já é um primeiro obstáculo, isso é algo que para o grupo seria "intransponível": conseguir conciliar nível social com acesso à Universidade pública, em função das condições do ensino



fundamental do setor público, é um negócio muito difícil você acessar à universidade. Entao, eles venceram esse primeiro obstáculo. E, como a coisa, como a vida para essas pessoas nunca foi fácil, e como forma disso, você tem uma reivindicação que você tem que dar a retarguarda para esses professores acabar de andar. Toda essa série de dificuldades que sao colocadas para essas pessoas, e essas pessoas tem muita vontade, vem conseguindo superar todos esses obstáculos. Isso para mim é muito importante. E, eu acho que as pessoas, assim, muito, tem muita coisa e de uma maneira geral, eles colocam muita... (...), para os governantes, que se as condições forem oferecidas, esses profissionais estao dispostos a se qualificar. E se depender desses profissionais, a qualidade do ensino vai multiplicar. Agora, a sensibilidade que esses profissionais têm, nao é a mesma dos nossos governantes.

T) Muito obrigada por tudo.

SE) Eu é que agradeço a oportunidade de estar falando.

T) Nao, eu é que te agradeço. Obrigada.

## ENTREVISTA A SP

FECHA : 26/07/99

LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estruturada.

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO / BR (La propia investigadora).

ENTREVISTADA (SP): Supervisora del Programa de Formación Permanente de la Secretaría Municipal de Educación de Porto Velho (Gestión 93/96) - Rondônia/Brasil.

Vamos iniciar agora a entrevista com a supervisora M.L., que atualmente exerce a função de chefe da Divisão Técnica - Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho. A L., na época que esse Projeto “Graduando na Escola Viva” teve a sua formação, a sua implantação, ela é quem assumiu a supervisão do programa de formação permanente da SEMED.

T) M.L., você poderia colocar, nesse momento, como é que foi que surgiu essa idéia? De onde é que partiu essa idéia da construção desse projeto “Graduando na Escola Viva”, que é a formação do professor de pré escolar e 1ª a 4ª série, à nível de 3º grau?

SP) O projeto surgiu dentro de um projeto maior, que é o Projeto “Escola Viva”. E, na época, quando um grupo de pessoas do partido dos trabalhadores entrou, elas tinham uma visão de que – uma visão que também é minha - que o ensino também, e principalmente, melhoraria se tivesse a questão, se trabalhasse na questão da formação. E, em cima disso, foram elaborados vários projetos voltados para a questão da formação de professor. E uma formação que não seria uma formação "estaque", mas uma formação continuada do professor. Então, foram elaborados dentro desse programa de formação permanente, quatro

projetos: um, que seria de habilitação de professores "leigos"; um projeto de Pré-Vestibular para os trabalhadores em Educação, da Rede Municipal ; um de Especialização em Gestão Escolar e o de pós graduação, aliás, um de Graduação. Esse projeto de Graduação, ele ficou engavetado, ele se perdeu pela Universidade mais ou menos um ano. Em 94 ele foi concebido pela Secretaria, foi encaminhado para a Universidade e foram inumeros motivos de desencontros na Universidade, que também passou por um outro processo, né?

T) De intervenção.

SP) Inclusive ele ficou parado por um ano. Só em final de 95, início de 96, é que ele foi tomando corpo. Já começou uma negociação mais direta entre Prefeitura e Universidade.

T) A gente sabe que na época você estava desenvolvendo um trabalho na Secretaria, e no momento em que este projeto tomou esse impulso dentro da UNIR, foi encaminhado uma profissional para fazer esse acompanhamento por parte da Universidade. Como é que foi essa experiência, no momento de efetivar essa parceria?

SP) Foi interessante porque a gente tinha a Universidade, a gente estava naquele momento buscando as parcerias, principalmente com a Universidade. E o objetivo maior mesmo era trazer a Universidade, para que ela desse uma contribuição efetiva no ensino fundamental e no ensino medio do Municipio de Porto Velho. E aí, a parceria foi interessante porque a pessoa que veio foi a Professora FF2 (CP1). O projeto já estava tramitando na Universidade para ser aprovado e, depois de ter sido aprovado pelas instâncias da Universidade, ele veio para algumas reformulações; ai foi quando nós sentamos com a professora FF2 (CP1) e fizemos as reparações necessárias no projeto e foi muito bom. E, principalmente para mim, foi uma experiência boa porque eu já tinha tido este contato, mas enquanto aluna da Universidade, este contacto com o professor, com o pessoal da casa. E a gente estava tendo já um contato mais à nível de profissional para profissional. Isso é interessante, eu acho que para ela também foi muito bom, né?.

T) Com certeza.

SP) (Sorri).

T) É gratificante a gente reencontrar com o aluno já atuando no mercado de trabalho e com competência. Luiza, esse projeto que você coloca, que ele vem de um projeto maior, que é o projeto da “Escola Viva”, como é que foi essa idéia desse projeto “Escola Viva”? Ele surgiu daqui ou vocês buscaram referências em outro Estado? Como é que foi isso?

SP) Quando eu vim para a Secretaria já existia esse grupo de pessoas, que era formado basicamente por pessoas do movimento sindical, do sindicato dos professores, dos educadores, e quando eu cheguei já existia. E eu não acompanhei esse início. Eu já peguei a “Escola Viva” já, o projeto, vamos dizer “Teórico”, já montado, criado. Eu vim para somar mais com a questão mesmo prática, do fazer desse projeto. Mas, assim, do que eu sei, os técnicos da Secretaria viajaram para outras localidades onde já existiam projetos semelhantes ao que se queria montar aqui, justamente projetos voltados para uma administração do PT (partido dos trabalhadores). Essas pessoas viajaram, conheceram mais profundamente e daí sentaram e, com as idéias que o professor R.S. (SE) já tinha, sentaram juntos e montaram o projeto “Escola Viva”.

T) E esse projeto “Escola Viva”, você acredita que ele realmente conseguiu dar esse impulso que ele pretendia à nível da Rede, no momento em que você passou a atuar incorporando o projeto?

SP) Eu acredito que sim porque o projeto, ele tinha uma coisa que é interessante, que era a questão da valorização do profissional. Então, dentro desse projeto, a questão da formação. Eu acho assim: o que mais marcou – eu não sei se para mim, porque eu estava diretamente ligada - mais eu acho que uma das coisas que marcou na Secretaria foi esta questão da formação, coisa que eu até fiz uma pesquisa e a gente observou que as administrações anteriores não tinham trabalhado a questão da formação. Trabalhavam a formação enquanto cursinho de uma semana, aquela formação mais, eu diria “estagnada”, “parada”: “vamos dar aqui um cursinho”, ia lá e dava; mais nada voltado nem para a habilitação, nem para a formação mais geral desse profissional, não tinha.

T) E, nesse momento, tinha um número significativo de professores “leigos” ainda na Rede?

SP) Tinha, tinha um número muito significativo. Nós tínhamos, eu acho que uma média – não me recordo precisamente – mais nós tínhamos mais de 200 professores "leigos".

T) O nº total de professores, eram quantos?

SP)Ha!

T) De 1000 professores?

SP) Mais. Mais, era muito significativo o nº.

T) E as estratégias, que você colocou que houve um vasto programa de formação para compensar esta situação que vocês encontraram, diretamente a questão do professor "leigo", vocês atuaram com um projeto específico de ....

SP) O projeto de habilitação de professores "leigos", que a gente chama esse professor "leigo" de "monitor" na rede. Na rede, ele tem esse título de "monitor" e não de "leigo". Então, foi feito um projeto para sanar, para dar escolaridade realmente para esse professor.

T) À nível de 2º grau?

SP) A nível de 2º grau. Então, o professor, o professor que participou desse projeto, ele já tinha o 2º grau, só que não tinha a formação no magisterio. Ele tinha um 2º grau que era: ou contabilidade, ou colegial, e a gente entrou com esse projeto para dar a formação específica do magisterio. Ai, foi uma outra parceria também com a Universidade.

T) E você acredita que nesse projeto – hoje - você tem conhecimento que exista professores "leigos", um "Graduando na Escola Viva" que veio desse projeto anterior?

SP) Tem. É até um orgulho, né? É interessante a gente ver isso porque, nós temos, nós temos a Liginete, nós temos ... não me recordo não, mais nós temos umas cinco ou seis pessoas que participaram daquele projeto do interior e hoje fazem o "Graduando".

T) E você poderia dizer o quê, você já percebe, porque tem contato com elas, você percebe alguma mudança já, dentro desse processo, dessa formação?

SP) Eles se colocam assim: que eles não esperavam que tivesse acontecido essa mudança na vida profissional deles; que até eles terem feito o projeto de habilitação de monitores, eles jamais imaginaram, mesmo com toda a empolgação dos professores, na animação de dizer: "não, vocês têm que dar continuidade", eles não esperavam que fosse ser tão rápido esse processo de entrarem na Universidade, que esse projeto "Graduando" proporcionou com maior rapidez, né?. E, a mudança é, assim, visível do que eles eram: muita gente era professor que trabalhava em zona rural, que a Secretaria trouxe para a zona urbana para poder fazer o projeto, e hoje já está fazendo o "Graduando".

T) E, como é agora a questão do projeto "Graduando na Escola Viva"? Você poderia falar dessa implantação, do período da seleção? Como é que foi essa vivência de estar fazendo, de estar participando de um processo de vestibular específico, um vestibular fechado? Como é que foi essa vivência?

SP) É, foi interessante porque a gente participou de todo o processo. E, nós fizemos antes de iniciar o projeto, antes de efetivar, nós fizemos uma pesquisa de campo, né? Nós mandamos questionários para todas as escolas onde tinham nossos professores, e eles preencheram o questionário; e a gente questionando do interesse no curso: se era interessante fazer, qual o horário que seria mais oportuno fazer? E, quando a gente concebeu o projeto, nós visitamos a Universidade do Acre, que também tinha uma parceria com a Prefeitura, e lá eles desenvolviam um projeto parecido com o que nós trabalhamos aqui no Estado com os "parcelados", com o que a Universidade trabalha. E a gente veio com aquela ideia de trabalhar no parcelado, para trabalhar esse professor no período de férias. Ai, nós esbarramos com os trâmites legais na Universidade, porque, se eu não me engano, não podia trabalhar o "parcelado" na Capital, só poderia ser feito com o Interior. Então, daí feita essa pesquisa, vendo o interesse dos alunos em fazer um curso regular, a gente chamou a atenção para a Universidade. Voltamos à conversar, demonstramos esse interesse no curso regular, e que ele fosse no período da noite. Coisa assim que na Universidade ainda não era trabalhado o Curso de Pedagogia à noite, só pela manhã. Ai,

nós conseguimos: veio de encontro a real necessidade da Rede Municipal porque esse professor que está na rede, ele está lá, mas ele também está no Estado, ou ele está numa escola particular; e a gente tinha que ver um horário que fosse mais viável para ele. Sendo professor do magisterio, a gente só trabalha no ensino fundamental com as séries iniciais, de manha e de tarde, né? À noite, não teria como, né? Então, o viável era fazer o curso à noite. Ai, nós fizemos um “Como vamos fazer a seleção?”. Então a gente vai criar um, vamos trabalhar a parte legal disso: uma seleção de vestibular específico para a rede. Foi ai quando teve assim, eu diria que, um “racha”: alguns, na Universidade, não aceitavam, alguns professores, diziam que era discriminação e algumas pessoas também da rede municipal achavam que a gente estava querendo passar a mão por cima, não entenderam muito bem o processo. Mais foi feito um vestibular especial, “especial” porque foi direcionado para uma clientela, uma clientela específica; não foi aberto ao público, e nós detivemos as 100% das vagas, que era questionado também. O pessoal queria que a gente fosse 80% e abrisse 20% para a comunidade. Mas a nossa necessidade também era muito grande, porque a gente tinha um número muito grande de “leigos”, que não tinha graduação na rede municipal.

T) E essa questão de selecionar o pessoal, a expectativa de vocês com relação ao número de inscritos, ela foi atendida, porque você diz que fez uma pesquisa diagnóstica?

SP) Eu acho que, pelo número de vagas que foi oferecido, porque inicialmente nós oferecemos 70 vagas, e nós tivemos uma aprovação no vestibular, superior. Ai, de novo a Universidade nos chamou para conversar e a gente demonstrou interesse em que esse número de vagas aumentasse para, pelo menos 80, que era para formar duas turmas de 40. A gente queria muito mais que isso. Queria até colocar todo mundo, mas ai não tinha como a Universidade absorver um número grande de professores. Eu acho que foi um dos momentos, a expectativa, ela foi atingida porque a gente conseguiu fechar, e até aumentar o número de vagas. Mas, por outro lado, nós gostaríamos que fosse um número bem maior de pessoas. A necessidade era maior ainda, mais eu acho que, no geral, nós atingimos essa esperança.

T) E você participou um pouco do processo de seleção? Como o dá definição de critérios?

SP) O projeto, ele já trazia alguns critérios. Primeiro: que o profissional que tivesse passado pelo magistério fosse um professor que tivesse o 2º grau voltado para o magisterio; depois, que ele fosse funcionário da Rede Municipal; aí, a gente não fechou que ele tinha que ser "estatutário" não, por isso que deu abertura para pessoas que estavam prestando serviço também fazerem o curso; até porque eram pessoas que já prestavam serviço para a prefeitura há dez anos, há oito anos, e a gente entendia também que esse profissional já tinha dado muito de si para a Rede Municipal, né?

T) E que poderia estar continuando.

SP) Poderia continuar e contribuir, se não era na Rede Municipal, na Rede de Ensino do Estado. E foi feito o vestibular seletivo, de entrada.

T) Você chegou a acompanhar o período de dar o resultado para essa clientela? Como é que foi?

SP) Nós divulgamos..., a Universidad nos passou o resultado, nós divulgamos; tivemos assim: um forte cuidado para não divulgar "notas", até para não deixar as pessoas más ..., que não diga: "oh! meu Deus! eu não entrei". Então, a gente teve esse cuidado. Más, assim: vibravam quando sabiam os resultados. Fizemos um ofício, comunicando às escolas com a relação das pessoas que tinham sido aprovados. Alguns vieram questionar : " mais eu fiz uma boa prova, porque eu não entrei, e tal?", e muita gente se arrependeu de não ter estudado um pouquinho mais, porque teria sido selecionada também.

T) E hoje, você percebe que hoje, a demanda continua? Ela está maior? Como é que está a repercussão desse projeto, que hoje já está no 4º ano, está finalizando? Como é que está essa expectativa, de quem não entrou naquela época?

SP) Hoje, existe uma cobrança muito grande por parte de quem não entrou, e quem hoje está na Rede, que não tem um curso de graduação: procurando, pedindo para que a prefeitura monte outras turmas para esse curso.



T) E você, acha que isso é possível, nesse momento? Como é que está essa questão desse convênio, como é que ele está?

SP) Eu acredito que nesse momento, Tania, eu acredito que a Universidade, a Prefeitura não está tendo muita credibilidade com relação à essa parceria com a Universidade. Porque, por todo essa conjuntura, a Prefeitura não está tendo como pagar em dia esse pessoal; então, nós estamos devendo todo o ano de 98, e já estamos quase entrando no final de 99 e não foi pago nenhuma parcela. E, isso tem implicado na parte afetiva do curso mesmo, na hora de contactar com o profissional, na hora de convidar um professor para dar aula. O professor questiona: "está quanto tempo sem pagar?" e a coordenação, por parte da Universidade, se coloca, assim, dizendo que ela tem dificuldades de conseguir profissionais para trabalharem no curso, porque a Prefeitura não está pagando em dia. Então, eu acredito que, por mais que a Prefeitura queira, por mais que a SEMED queira, eu acho que têm algumas coisas que vão ter que ser ...

T) primeiro fechadas.

SP) Fechadas, para poder ter essa abertura.

T) Mas a intenção, no caso tua, como responsável, também ainda voltada para a questão hoje, apesar da sua função hoje ser chefe da Divisão Técnica Pedagógica, do programa de formação permanente, está vinculado?

SP) É, eu diria, assim, que eu não quis abrir mão, porque eu disse assim: "não gente, eu já estou até aqui, o curso já está para acabar, eu é que venho acompanhando, eu prefiro ficar, com mais uma função até, para poder dar esse suporte". Porque, depois que esse curso teve início, nós já passamos por três Secretários de Educação diferentes, e cada um concebe de uma forma diferenciada: uns dão muito menos importância, outros dão quase nada, outros deixam levar, mais não, também não dizem que é interessante, nem que não é. E a gente sabe que é. Então, eu costumo dizer: os Secretários que passam, eles passam porque eles não são do quadro efetivo, também. Mas nós somos técnicos do quadro efetivo da Prefeitura. Hoje, eu vejo com muita dificuldade a continuidade para um próximo curso.

T) E, atualmente, você, apesar de já não está na função, mais continuar acompanhando o programa, o projeto, você poderia está relatando esse processo de reclamação, as dificuldades iniciais: houve ou não houve dificuldades? O momento de coordenar o apoio da Secretaria e a implantação do projeto, com a intervenção pedagógica via Universidade? Como é que foi esse início?

SP) Esse início foi, eu diria, eu acho que foi a melhor fase. Primeiro, porque a Prefeitura pagou em dia, então, a Universidade não tinha como dizer: "Ah! eu não vou contribuir porque não foi pago". Então, a professora Celeste correu atrás, os professores foram selecionados, todo mundo estava aberto, apesar de ter um grupo da Universidade que não aceitava o curso. Talvez até por medo da mudança que esse curso traria para o curso que já existia na Universidade, como reformulação do curso de pedagogia da UNIR, que eu acho que para a Universidade essa foi uma das grandes contribuições desse curso, né? E, esse trabalho foi feito de uma forma assim: bem integrada com a Universidade, porque era a professora Celeste, e a gente tinha um contato, um contato mais próximo. A gente, eu acho, que pensava muito parecido e eu acho que isso ajuda também; então, a gente fazia o trabalho muito em parceria: às vezes, nos encontrávamos uma vez por semana, no mínimo, e planejávamos fazer o acompanhamento no campo, uma série de coisas que hoje as dificuldades estão maiores, né?, porque hoje, para fazer esse acompanhamento em campo, que é o que a Secretaria deveria está fazendo, a gente não tem pessoal, a gente não tem carro, quando tem carro, não tem gasolina, e uma série de dificuldades que vão aparecendo e que você não tem como dar conta de acompanhar "in locus". Mas, esse era no início, e é até hoje, o nosso maior interesse, porque tudo que a gente sabe é porque a gente conversa com o aluno - professor, que está lá na aula, que está lá na escola; que a gente conversa com o diretor da escola, que acompanha esse professor. Quer dizer: é uma informação mais indireta, do que direta, de acompanhamento.

T) E, que informação é que tem das escolas nessa forma indireta? Que retorno que essa comunidade escolar já pode estar afirmando que tem desse curso?

SP) Às diversas que sofreram a prática do professor: as mudanças que ocorreram nessa prática. Hoje, o diretor chega e a gente pergunta e questiona: "e como é que está "fulana"? Ah! "fulana", do que era para o que é agora; como dar vontade até para mim, que sou

"leigo", o diretor falava, pra mim também fazer uma Universidade, porque eu estou vendo mudanças. Mas, há também aquele diretor que não vê dessa forma: aquele diretor que "brega" o professor, que acha que ele está empregado porque está fazendo um curso, e que logo que ele terminar o curso, essa empolgação, essa vontade de mudar, de transformar a sala de aula, vai também desaparecer. Alguns dizem assim: "Ah! Eu também já fui assim quando eu também fiz Universidade, também era empregado, e quando a gente chega na escola, com muitas dificuldades, a gente perde essa empolgação". Então, a gente vê às várias versões, né?

T) E do próprio aluno, direto, esses que você tem condição de estar conversando, que você encontra, você lembraria de alguma "fala" que poderia demonstrar?

SP) Do próprio aluno, direto? Eles colocam sempre que, apesar das dificuldades, e que foram muitas que eles passaram para estarem aqui, agora, até aqui, chegarem aqui, eles colocam que: " Nossa! eles estão se transformando". Mesmo tendo que correr atrás de muitas coisas, porque eles acham que deveriam, que a Universidade deveria estar dando muito melhor do que têm dado. Eles acham que eles cresceram muito, que eles não podem ficar aqui; eles querem fazer uma especialização, querem fazer uma pós- graduação, eles querem seguir à frente.

T) Quer dizer que você tem a "fala" deles, você percebe que eles já percebem sua própria prática, já conseguem fazer uma leitura da sua ação, do dia a dia, e de tentar intervir sobre ela?

SP) Com certeza. Alguns, a gente sabe que não, mas eu acho que essa é uma norma que tem que existir.

T) Luiza, partindo em relação a esse projeto, o projeto "Graduando na Escola Viva", como ele tinha uma vinculação direta com o próprio projeto "Escola Viva", uma das intenções era mudar inclusive a forma de compreender ensinar e aprender, além de propor o resgate da identidade desse educador. Como é que você vê isso hoje, você, enquanto supervisora, e que faz esse acompanhamento, você acredita que essa concepção do ensinar e do aprender, no mundo de hoje, tão necessária, isso também foi incorporado?

SP) Eu acredito que sim. E, esse principio, a gente discutia na época de montar o projeto, que nós gostaríamos muito que o nosso professor pudesse conceber a teoria que a Universidade passa, e que ele pudesse pegar essa teoria, vivenciar essa teoria no cotidiano dele, no dia a dia, coisas que, às vezes, a gente tem dificuldades de transpor o teórico para dentro da prática. E, dentro disso, podendo pegar isso e transformar em prática, ele pudesse se realizar enquanto profissional, e obtendo esses conhecimentos, ele pudesse também melhorar o seu salário. Eu acredito que uma das coisas, essa coisa de aliar essa teoria com sua prática, eu acho que muitos, ou a grande maioria, consegue fazer, fazê-lo bem; más, de melhorar esse ensino - aprendizagem global, entao nao. Agora, essa questao do financeiro, do salário, pesa muito, porque muitos deles questionam assim: "porquê que eu tenho que dar o melhor de mim, se a Prefeitura me dá tao pouco?". A gente sabe que nao é certo aliar essas duas coisas, né?

T) Mais também nao pode ser desvinculado.

SP) Mas, também ...

T) Eu acho que nao é um sacerdócio.

SP) Exatamente.

T) Ele é um profissional.

SP) Entao, eu acho que hoje, uma das coisas que pega muito é, essa questao da qualidade do trabalho do professor na rede municipal, é o salário.

T) E o salário hoje, Luiza, ele está em torno de quanto?

SP) Para ter uma média: de nível superior, está R\$200 e pouco: 40 horas.

T) Quer dizer: o que já tem o curso superior?

SP) O curso superior. O que tem o magistério deve ser R\$ 100, e alguma coisa.

T) Quer dizer, quase como ...

SP) Um pouquinho mais que o "mínimo". E ...

T) Você acredita que o sindicato poderia estar intervindo nesse processo, ou você acha que não caberia a ele?

SP) Tania, desde 93, 94, que esse salário vem sendo "achatado", né? Uma das coisas, assim, que o Roberto acreditava, que não é o Secretário que paga o salário, é a Prefeitura que diz que pode ou não aumentar o salário. Esse entendimento, a gente conseguiu perceber. A gente, eu digo, a Secretaria, enquanto técnicos aqui. Mas, o pessoal que está na escola não consegue ver isso. Então, o Roberto, uma das coisas que eles crucificaram, foi o fato de não ter conseguido um salário melhor. E, hoje, a Prefeitura consegue provar por A mais B que ela não pode conseguir melhorar o salário. Eu não sei que mágica é essa. E, o que o SE dizia: "eu não posso pagar bom salário, mais eu posso investir em capacitação, então eu invisto. Eu não posso pagar um bom salário, mais eu posso trabalhar à questão da gestão na escola, então, eu vou trabalhar essas questões". Então, você não podia ter bons salários, mas você poderia ter um curso bom. Quer dizer, é uma medida paliativa? Não, você está sendo, vamos dizer, você está lutando de uma outra forma: não só em salário efetivo, mas podendo ter uma formação, sem ter que pagar, sem ter que pagar do próprio bolso. Então, ele usava essas alternativas e hoje a gente vê que você nem tem um curso de formação, que você não tem uma coisa que possa compensar, nem tem salário. Então, houve um retrocesso, com certeza.

T) E, mais uma coisa, Luiza, a questão do trabalho coletivo: eu me lembro que, na época, em função da própria "Escola Viva" também, vocês desencadearam todo um processo de planejamento participativo, integrado. Havia um horário de planejamento na escola, onde se procuraria criar espaços de estudo, de discussão. Isso hoje está efetivado? Como é que isto está agora?

SP) Isso hoje, com o FUNDEF dentro da escola, eu acho que está sendo resgatado. Do ano passado pra cá, com a questão do "Fundo Escola", com a exigência de, para ter esse fundo, tem que ter um planejamento participativo, o pessoal tem feito. Mais "esse tem feito" eu diria até , e aqui eu estou sendo muito sincera, de forma isolada da Secretaria: tá lá a escola X, com seus professores, mas sem vínculo com a Secretaria, para participar disso.

T) Cada escola faz seu movimento.

SP) Fazendo o seu movimento. E eu acho que isso, essa ligação da Secretaria com a escola, que tinha no projeto "Escola Viva", se perdeu muito. Talvez, se nós na época tivéssemos o "Fundo Escola", e tivéssemos a concepção da Escola Viva, talvez nós teríamos "explodido", teríamos, assim, conseguido muitas coisas. Porque o dinheiro vem direto para a escola hoje, então, a escola é quem gerencia, é ela que organiza cursos específicos lá, para a sua própria clientele. E coisa que a gente não tinha. Eu acho, assim, que, como diz o Roberto: "o que eu fiz dá para qualquer Secretário fazer. É um mínimo que dá para uma Secretaria mandar fazer, não depende de recursos próprios. Depende de você ter projetos, encaminhar para o MEC, de encaminhar para outros setores e de investir, pelo menos esses 40% dos (...), nessas formações. Agora, com o máximo que eu posso aplicar é 50%: se eu administro mal a casa, como é que vou dar aumento? Era isso ....(...)"

T) Luiza, como a gente está praticamente fechando, eu queria perguntar duas coisas: uma, acerca da Teoria de Paulo Freire, que a gente sabe que este projeto veio um pouco costurado, ...

SP) É, é.

T) Que tinha a sua base apoiada nas idéias, nessa teoria desse nosso grande educador. Como é que você vê isso: Essa questão de Paulo Freire como pano de fundo, e isso conseguiu, você acredita que isso foi buscado, na hora de se convidar os professores? Como é que foi isso?

SP) É, eu acho que alguns, que já trazem essa linha consigo, eu acho que eles têm conseguido passar. Mas, a idéia da gente, principalmente com CP1, isso acontecia muito:

quando convidava o professor, a gente fazia questão de sentar, de passar o que era o projeto, o que foi o projeto, de colocar esse pano de fundo, para que o professor continue "alinhando" isso, no aluno. Mas, com as mudanças na coordenação, eu acredito que esse processo está muito falho, alguns professores não: cada um vê a linha que bem entende, que bem quis, porque não estava tendo acompanhamento por parte da coordenação da Universidade. Então, eu acho que muita coisa nessa mudança da coordenação se perdeu também. Esse "alinhamento" aconteceu por poucos.

T) E, essa mudança, se deu pelo fato da prof<sup>a</sup> está saindo para o Doutorado. É importante que se esclareça isto.

SP) É, com certeza.

T) Com relação a atual coordenação, como é que você vê esse processo? O que você poderia estar dizendo: houve uma continuidade, o quê que você sentiu que interrompeu, como é que você vê isso?

SP) Olha, eu diria que não houve essa continuidade. Eu diria até que, a coordenação atual, o ano passado praticamente parecia até que ela era mais funcionária da RIOMAR do coordenadora, por parte da Universidade; porque, eu acho que existe uma diferença grande. Então, a coordenação atual, e ela se coloca muito assim: que o ano passado ela ficou o ano inteiro correndo atrás do pagamento dos professores, com relação ao processo de pagamento, que eu acho que é função da RIOMAR. Que é óbvio que é a ponto de intervir, que é quem mexe com o financeiro. Então, ela ficava muito em função do financeiro e deixando o pedagógico solto. Muitas (...) entrava em contato com o prof. (...). O curso parou por inúmeras vezes por conta de não ter professor. Ou o aluno ia se sentindo prejudicado, ia atrás do professor e o professor se dispunha a dar as aulas. Mas, ela dizia que não, que o professor não tinha vontade de dar aulas no curso porque a Prefeitura não pagava. Então, a Prefeitura ficou numa situação ruim, em cobrar, porque não estava pagando em dia e a Universidade, se apegando no fato da Prefeitura não estar pagando. Então, paraliza o curso. Por isso é que eu digo: "os alunos são uns heróis, os que continuam ainda." A evasão foi mínima, pelas dificuldades enormes, eu acho que você é sabedora, porque você foi professora do curso, e eles devem ter falado, né? Mas, o curso parou muito e essa continuidade, ela não existiu porque muitas das vezes a coordenação

entrava em contato com um professor, passava assim: muito em linhas gerais o que é o curso, a parte filosófica do curso (quando passava), e mandava o professor ir. Às vezes, nem apresentava para os alunos, o professor chegava lá, se apresentava, se colocava à disposição, Agora, esse ano, a gente já teve professor que nem horário pra estar no curso integral ele tinha. O professor dava aula lá, no sei se em Ji-Paraná ou em Cacoal, Villena, sei lá: trabalhava três dias no curso aqui, e trabalhava dois dias no curso lá; e esse aluno ficava sem acompanhamento. Eram passados trabalhos para serem feitos em casa. Então, ficou uma coisa, assim, que, difício de conceber.

T) Compromete o próprio processo de aprendizagem.

SP) Com certeza.

T) E, como ficou os alunos nisso aí: houve reclamação, vieram direto para você?

SP) Vieram direto, a gente tentou, de diversas formas, conversar com a coordenação e colocar que (eu acho que um problema sério da coordenação é questão da disponibilidade para o curso), tem outros afazeres, que ela tem no próprio horário de coordenar o curso. Agora, já para o final, ela se colocou que: "estava não sei quanto tempo sem receber, que também não teria tempo para o curso, não tem tempo disponível, que tem outros afazeres". O curso, para tentar não parar, os alunos vieram aqui para o centro, para tentar ficar mais amenizado, por que o Campus também é uma distância muito grande, pra fazer um curso à noite, naquelas salas aonde eles fazem o curso, que muitas vezes o ônibus nem passava por lá. O período de greve da Universidade, porque é um curso pago, não poderia paralizar. Mas, por outro lado, também tem o aspecto político disso tudo. Tem o trabalho político de conscientização do aluno e eles acabavam também aderindo a essa greve. Algumas vezes, teve greve na Universidade e eles continuaram, e para não continuar lá, foram para uma outra instituição: estudavam no Carmela, estudavam no Duque de Caxias, estudaram no Darcy Ribeiro. Mas, eu acho que, apesar disso tudo, tem válido à pena, mais poderia ter válido muito mais, poderia contribuir muito mais.



T) Entao, pelo que você coloca, eu percebo que uma das coisas até, que se propunha nesse projeto maior, que era redimensionar o político na escola, desmascarar o mito de educação neutra e apolítica, eu acho que, na prática, o pessoal está podendo viver isso?

SP) Com certeza (sorrir). Eu acredito que sim, está sendo vivenciado. Eu acho que esse aspecto está sendo, assim, muito vivenciado.

T) Luiza, eu queria te agradecer pela oportunidade de estar relatando esta experiência, apesar de ser uma entrevista, mas é mais um relato de uma vivência, que você tem acompanhado esse período todo, e também queria te agradecer e colocar que, logo que a entrevista esteja transcrita, eu estarei te enviando para que você possa estar lendo e está autorizando a gente a trabalhar nela.

SP) Antes de terminar, eu gostaria até de te sugerir, eu nao sei se você já entrevistou, que entrevistasse a professora FF6. A professora FF6 foi uma das professoras, assim, no curso, ela trabalhou com uma disciplina, depois retornou, depois fez um tabalho de seminário com os alunos, que eu fiquei, assim, "babando" mesmo, que eles ... Essa questao dessa teoria com a prática, eles puderam vivenciar no seminário, desde o trabalho da organização inteira de seminário, que é uma coisa de louco, com a exposiçao de quadros, com uma série de coisas e, vivenciar aquilo que eles aprenderam lá, no "banco" da Universidade, colocando na vida prática deles e apresentando isso para o público. Entao, eu acho, assim, que ela, se nao foi entrevistada, é uma pessoa interessante.

T) (sorri)

SP) Já, né? Ela é uma das pessoas ...

T) Já. Foi uma hora e meia de entrevista.

SP) Das professoras que mais me passou a questao da motivação, do resgate, da auto-estima do aluno. Ela trabalhou muito e foi, assim, marcante.

T) E ela, a entrevista dela, passou por três disciplinas. Ela teve realmente esse contato direto com eles.

SP) Direto, de perceber quem é quem, de avaliar, de dizer: cresceu, não cresceu, melhorou aqui, não melhorou. Eu acho que ela é uma pessoa que ...

T) Ela já foi uma das nossas entrevistadas do ano passado...

SP) (sorri). Que bom!

T) ... quando eu estive aqui. Já temos o depoimento, também, dessa professora.

SP) E o seminário foi muito bom.

T) Nós estamos continuando, mais eu gostaria até, inclusive, de te convidar. A gente está encerrando, você sabe que, neste momento, eu estou com o grupo, na disciplina de prática de ensino I. A prática de ensino, onde eu estou aplicando a investigação - ação como foco central do meu projeto de tese com esa clientela. E, a gente está encerrando esta disciplina com um seminário, vai ser agora dia 28/07, onde a gente chama "Seminário de Conscientização"; onde eles vão poder estar fazendo, eles próprios, para poder relatar o diagnóstico que eles fizeram da rede municipal, uns dados "estanques" dos problemas que foram levantados, também por eles próprios, dentro de uma técnica que a gente chama "Técnica do Problema", onde eles procuraram refletir, fazer uma reflexão da finalidade maior dessa formação, que é a melhoria da qualidade do ensino da rede pública municipal. Então, em função disso, eles foram à campo tentar minimizar um pouco o senso comum e levantar essa realidade hoje, pelo menos, à nível um pouco superficial, mas que já dá um mínimo de referência. E aí, eu queria está te convidando para você participar.

SP) Estarei.(sorri)

T) Inclusive o SE, também, já se colocou.

SP) Eu acredito que seja interessante também convidar os técnicos dessa Secretaria, que é uma forma também de estar lá presente, para ver, ver isso, ver isso e poder intervir também.

T) Claro.

SP) Ver o que está sendo diagnosticado por eles.

T) Muito obrigada.

SP) De nada. O que eu puder.

## **FORMADORES DE FORMADORES**

### **ENTREVISTA A FF1**

FECHA: 22/09/98

LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estruturada.

ENTREVISTADORA (T): Professora do Departamento de Ciências da Educação – UNIR / RO / BR - (la propia investigadora).

ENTREVISTADA (FF1): Professora del Departamento de Psicología – UNIR / RO/ Brasil.

Nós vamos fazer agora uma entrevista com a profª M. C., professora do Departamento de Psicologia, da Universidade Federal de Rondônia.

T) C., você sabe que a UNIR está desenvolvendo atualmente um projeto de intercambio com a Prefeitura, no caso específico com a Secretaria Municipal de Educação, um projeto que visa qualificar os professores que já estão na rede com o curso de Normal de 2º grau para o magistério de nível superior. Você considera que esse investimento, essa preocupação com esta formação desse profissional, é um projeto que tem relevância? Você considera como um projeto importante, especialmente para a cidade de Porto Velho?

FF1) Eu acho bastante relevante, em função de que esses professores, eles apresentam uma dificuldade muito grande na sua prática. Eu percebi, dentro de sala de aula, no meu trabalho feito com eles, que eles têm uma dificuldade em resolver determinadas questões que envolve a relação deles como aluno, a relação deles até mesmo com outros profissionais da educação. Então, eu acho que falta conhecimento científico, eu acho que falta um conhecimento didático para que eles possam desenvolver o trabalho com os alunos de 1ª à 4ª série. Esse curso é muito relevante em função dessa formação que eles vão adquirir, que se pretende adquirir até o final desse curso.

T) Então, dentro disso que você coloca, você acredita que pelo fato deles terem se formado à nível de 2ª grau, ou seja, supostamente já existe um conhecimento teórico,-prático prévio, esse conhecimento esteve presente pelo menos nas suas aulas? E, se houve interferência, ela foi positiva ou negativa?

FF1) Interferência?

T) É, no sentido deles já terem uma formação, de serem professores e de terem uma prática e que eles já a transferem. Você acredita que isso veio para dentro de sua sala de aula?

FF1) Com certeza.

T) E, como você percebe isso?

FF1) Olha, eu fiquei muito surpresa com a prática deles dentro da sala de aula, porque há uma dificuldade, eu percebi uma dificuldade muito grande em trabalhar essas dificuldades que eles tinham. De conciliar uma teoria com uma prática, da qual eles já vivenciavam. Eu fiquei muito surpresa com atitudes mesmo, que eles tomavam diante de determinadas situações dentro de sala de aula: Desorientação, de desorientação com relação ao como apresentar determinados conteúdos, de como motivar o aluno, dificuldades de como lidar com problemas sociais do aluno, da escola. E, cada série de situações das quais eu não percebi que essa prática prévia deles estivesse bem estruturada para que eles pudessem, com essa prática, desenvolver um bom trabalho na área da educação.

T) Entao, você acredita que a experiência ...

FF1) Não é o suficiente. A experiência que eles apresentaram, no meu ponto de vista, não era suficiente ainda, para que eles pudessem ter um trabalho eficaz.

T) Você trabalhou com essas turmas com que disciplinas?

FF1) Psicologia do Desenvolvimento e Relações Interpessoais.

T) E, você ministrou as duas mais ou menos no mesmo período? Qual o espaço entre uma e outra?

FF1) Não. Foi de um ano. Eu dei primeiro Relações Interpessoais para as duas turmas. A dificuldade da interrelação entre eles já era bastante conflituosa, no sentido de ..., não entre eles, mas da ..., parece que na classe de professores mesmo: de escola para escola, de professor para professor, mesmo estando dentro da mesma escola; e, até mesmo dessa sala de aula, que é uma pequena amostra dessas relações que aconteciam lá fora.

T) Entao, ele, no papel de aluno ...

FF1) Eles apresentavam esses conflitos e essas dificuldades de interação.

T) E, você conseguiu perceber se houve algum avanço nesse sentido, ou não? Quando você retornou na turma que você trabalhou a Psicologia do Desenvolvimento, você percebeu algum crescimento, alguma mudança de comportamento?

FF1) Das relações entre eles?

T) De forma específica e, posteriormente, à nível de algum acréscimo desse plano do curso.

FF1) Eu acredito que tenha havido um crescimento de um ano para outro, tanto nas relações entre eles, quanto na questão de conteúdo, mesmo os quais eles já estavam ..., já vinham recebendo da formação aqui, do convênio.

T) Houve algum relato de experiência concreta durante as suas aulas?

FF1) Muito, muitos. A gente tentava trazer estas experiências buscando algumas reflexões à nível da Psicologia do Desenvolvimento: de como que essas relações transferenciais dessa relação deles com o aluno, deles com os pais, com os outros professores. E, de como elas acontecem e criavam determinadas situações, refletindo nesse desenvolvimento da criança e na aprendizagem da criança, no desenvolvimento cognitivo e afetivo.

T) Quando trabalhou essas disciplinas, você basicamente usou que tipo de estratégias de ação? Usou que metodologias, dentro do espaço de sala de aula?

FF1) Olha! Foi usado muito estudo de grupo, em função de que as aulas eram condensadas. Nós temos poucos dias, pouco tempo, apesar de que temos que cumprir a carga horária em poucos dias. Então, tivemos que dinamizar muito a questão dos conteúdos. Então, houveram muitos debates, muitas discussões em grupos, estudos em sub-grupos, leituras em grupos, além de aulas expositivas também, que concluíam esses assuntos e esses debates feitos por eles.

T) E, aos avaliá-los, como é que você trabalhou a perspectiva da avaliação nesse grupo, nessas disciplinas que você atuou?

FF1) Olha! A avaliação aí, eu acho que é muito difícil, apesar de ter sido feita. É muito complexa a questão da avaliação, né? Mas ela foi feita segundo a participação de cada um deles, segundo a apresentação nos debates. Essa avaliação foi feita encima daquilo que eles vieram a ter até então: cada um deles, individualmente e também a participação dentro do grupo. Foi difícil, mais foi feito assim.

T) E, você sentiu, na tua concepção, na tua forma de percepção dessa clientela específica desse projeto, você sentiu que “é o grupo que mostra”? Você trabalha com a graduação

todo o ano, no seu caso com o curso de Psicologia, mas você também já foi professora no curso de Pedagogia da Universidade. Você faria alguma analogia, alguma comparação dessa clientela com a clientela do curso de pedagogia matutino?

FF1) Olha! Eu acho que existem pontos positivos e pontos negativos. Eu acho que um dos pontos positivos é o empenho desses alunos em ler, em pesquisar, em estar em tarefas que eles, muitas vezes, estão mais motivados a concluir em função da necessidade que eles sentem e percebem lá fora, dentro das escolas. Eu acho que isso é um ponto muito positivo. Quanto ao negativo, é a questão do tempo: de que é um curso com uma programação muito rápida, muito corrida, cansativo, muitas vezes, tanto para o professor como para os alunos. Eu acho que isso é, eu vejo como negativo. O esforço dele é muito maior, então o nível de motivação em vencer, em superar, e tem que ser mesmo muito maior para que haja continuidade disso. E, mais um dos pontos positivos também é que eu acredito que eles têm um bom resultado no final, apesar dessas dificuldades todas. Eu acredito no crescimento deles.

T) E, nessa perspectiva que você tem abordado do seu trabalho, você diria que você estaria vinculada a que tipo de concepção pedagógica? Qual você acredita que tem uma prática que você busca atingir, dentro daquelas linhas de concepção pedagógica?

FF1) Olha! Com relação à postura do professor?

T) É. A que ação efetiva na sala de aula, a que conduta com relação aos conteúdos?

FF1) Olha! Eu acho que, nesse caso, como foi feito, eu fiz assim: no primeiro dia de aula eu levantei questões com eles assim: de ver que tipos de conteúdos eles teriam necessidade? que tipo de conteúdos que eles estariam motivados a ver? o que eles já haviam visto, anteriormente, em outras disciplinas, para que eu pudesse fazer uma ..., dar um fechamento com as outras disciplinas das quais eles já tinham passado. Então, eu acho que o professor tem que ter um ..., tem que estar livre para poder mudar até a sua proposta, conforme a necessidade também desses alunos.

T) E, você sentiu em algum conteúdo que foi trabalhado, principalmente dentro da Psicologia do Desenvolvimento, uma maior dificuldade deles? e se esta dificuldade surgiu, você sentiu que seria com base em quê?

FF1) Eu senti muita dificuldade deles no sentido de compreender e de saber lidar com a prática mesmo da escola relacionada à dificuldade de aprendizagem do aluno e daqueles que apresentam a dificuldade de aprendizagem onde os aspectos afetivos e familiares estão envolvidos. Eles têm muita dificuldade de lidar com essas questões familiares e sociais que os próprios alunos trazem para dentro da sala de aula.

T) Você fala, no caso deles, no papel de professor. E aqui, como aluno, o quê você percebeu da dificuldade afetiva deles, ao ministrar os seus conteúdos, enquanto professora?

FF1) Deles, enquanto alunos?

T) Sim. Enquanto alunos, onde você verificou maior facilidade ou maior dificuldade quando você propôs as discussões? Você sentiu neles alguma limitação? Se houve, em que sentido?

FF1) Eu percebi que eles sentiam muita dificuldade em fazer da prática alguma coisa mais voltada para a questão teórica. Então, compreender, por exemplo, a teoria na prática deles. Eles defenderem: “mas como que nós vamos tentar? Mas como é que nós vamos fazer isso? Como vai ser isso? Como que se pode fazer isso?”

T) A partir dessa questão que você traz, eu gostaria que você me dissesse qual é a tua forma de conceber o quê seria conhecer? O quê seria o conhecimento? E, a partir daí, o quê seria aprender e o quê seria ensinar?

FF1) No caso deles?

T) Você, enquanto pessoa, enquanto profissional?



FF1) Olha! Conhecer eu acho que é viver a experiência, quer dizer, você conhece alguma coisa por experiência, por viver aquilo, mesmo sem compreender. Você passa por um conhecimento às vezes um conhecimento prático, mais muitas vezes não compreendido, não completo. Mas, eu acho que ela perpassa por essa questão de passar por uma prática, vivenciá-la, mas sem ter uma clareza do que está acontecendo, do que você está vivendo.

T) E, o que seria ensinar? O que seria aprender?

FF1) Olha! Ensinar, eu acredito que seja o professor ser capaz de ver o outro, o aluno. O que o aluno conhece? A partir de que ponto eu posso estar ensinando alguma coisa? O ensinar, eu acho, eu acredito que tem que estar voltado para o conhecimento do outro, com a prática do outro, com aquilo que ele vivencia, com aquilo que ele acha que sabe, que talvez não saiba. Ou com aquilo que ele sabe e não sabe que sabe. Então, coisas que ainda estão inacabadas, que estão ainda para ser preenchidas. Eu acho que, a partir disso, a gente tem que começar a ensinar, compreendendo o que é que está ... qual é o ponto que o outro está? Por isso que eu acho importante saber o que é que o outro está vivenciando, o que é que o outro está conhecendo. O que eu penso, o que ele pensa, para a gente partir para uma teoria embasada nessa experiência.

T) E o aprender, nesse caso?

FF1) O aprender vai ser exatamente o inverso: compreender que a prática dele está ligada também a um conhecimento científico, a uma teoria, a um pressuposto teórico e conciliar isso. Conhecimento vai ser unir essas coisas. Eu acho que isso vai ser uma aprendizagem.

T) E isso seria o que nós normalmente buscamos, que seria a práxis pedagógica?

FF1) A práxis pedagógica. Eu creio que seria isso: conciliar essas coisas.

T) E como fica o papel do professor nesse processo? A relação professor - aluno, dentro desse processo de ensinar e aprender algo, que seria esse conhecimento?

FF1) Há uma troca, ,uma troca que deve existir numa relação pedagógica. Não tem como você não trocar. Você tem que está trocando com eles porque a partir do momento em que eu vou buscar no outro o que ele sabe, o que ele conhece, eu vou ter que, conhecendo o que ele tem, eu vou estar acompanhando esse crescimento que ele vai ter, e desenvolver, ajudar a desenvolver em algumas coisas das quais ele ainda não pensou, ou das quais ele ainda não concluiu.

T) A gente sabe que isso é uma das coisas que a gente vem buscando enquanto profissionais no contexto da sala de aula. Mas, sabemos que nossas turmas, elas tem em média 35 alunos. Como você pensa viabilizar ou como você tem procurado viabilizar essa busca dessa relação participativa, do aluno ativo, tendo essa limitação de tempo e de espaço?

FF1) É. Aí, o professor tem que ser artista na verdade. Tem que ser um artista para poder estar buscando a participação desses trinta e poucos alunos. Trinta, trinta e cinco alunos em função da própria diversidade que existe entre eles de interesse. Unificar todas essas coisas é muito difícil, mas eu não acredito que seja impossível. Que essa é uma busca, que essa é uma meta que a gente vai buscar e eu acho que, logicamente, que temos também que considerar os conteúdos programáticos que têm que ser cumpridos. Tudo isso tem que ser levado em consideração. Mas, buscar acima de tudo essa participação dos alunos para que esse próprio programa seja cumprido.

T) A sua disciplina é uma das disciplinas que vem sendo eixo básico para a Prática de Ensino, disciplina que ainda está praticamente vinculada ao último ano desse curso. Dê que maneira você acredita que os conteúdos vieram a dinamizar - se efetivamente? E qual foi o processo de interação que ha sido produzido nas aulas de relações interpessoais? O que que você acredita que realmente ficou, que registrou com os seus alunos, e que eles podem estar levando para a prática?

FF1) Olha! Uma coisa que eu acho que tentei mostrar com maior ênfase é a questão do respeito ao aluno. Eles, enquanto profissionais da educação, devem ter esse respeito aos alunos, dos quais muitos chamam de “alunos problemas”, “alunos com dificuldades”. Na Psicologia do Desenvolvimento, nas aulas de Psicologia do Desenvolvimento nós tentamos

trabalhar essa questão do aluno rotulado, do aluno que é colocado à margem pelo professor, pela direção da escola, pelos próprios colegas. Então, eu acho que inclusive algumas posturas, de alguns professores, que foram colocadas, tipo: chamar aluno de “burro” - eles estavam tão livres para poder se expressar, segundo a prática deles, que eles colocaram mesmo: os alunos colocaram que já chegaram ao ponto de terem essa atitude antipedagógica e chamar aluno de burro, de mandar aluno calar a boca. Eu fiquei bastante surpresa com isso, porque eu não acreditava que isso ocorresse, por não participar da rede pública de ensino de 1º e 2º graus. Eu fiquei um pouco surpresa e eles perceberam essa minha surpresa e isso foi discutido em sala de aula; e eles alegaram que “essa é a prática de verdade, que isso acontece lá fora” e eu aproveitei que isso apareceu em sala de aula para trabalhar essas questões e mostrar que: o aluno não é burro, que o aluno é marginalizado, que o desenvolvimento não deve ser visto como uma coisa fechada, mas que é um momento. E aí eu fui dando as teorias do desenvolvimento, as teorias cognitivas, afetivas e psicosexuais.

T) Praticamente você se utilizou de qual autores, dentro da bibliografia? Pelo menos os principais, aqueles que você concentrou o seu trabalho?

FF1) Olha: Piaget, Freud. Coloquei um pouco sobre Vygotsky, um pouco sobre alguns teóricos mais da teoria do desenvolvimento. Foram os principais: Piaget. Foram esses os mais trabalhados.

T) E você percebeu que já havia conhecimento anterior deles sobre esses autores?

FF1) Olha, o conhecimento ..., não existia um conhecimento profundo. Existia um conhecimento superficial de cada um deles. Com certeza eu também não pude estar trazendo todo um conhecimento, ficou o assunto. Eu acho que foi dado mais no sentido, não com a preocupação de que eles conhecessem totalmente toda a teoria de cada um deles, mas que eles repensassem na questão dessa postura deles, diante do desenvolvimento do aluno. Do aluno e de como lidar com o desenvolvimento de cada um, enquanto ser individual.

T) Eu percebo, M.C., na tua fala, uma preocupação sempre constante de estar levando em consideração, a pesar de alunos, alunos - professores que eles são. Então, você teve isto como um eixo norteador na sua relação com eles?

FF1) Com certeza.

T) Você procurou estar sempre atenta e a partir de ...

FF1) Sempre, dentro desse aspecto. Sempre buscando como eles fazem as coisas na sala de aula. A maioria são professores. Alguns, eu acredito que não sejam.

T) Estão desviados de função.

FF1) Desviados de função. Então, eu estava sempre voltada para esta questão da prática: do que acontecia lá, dentro da sala de aula, dentro da escola, tentando ver essa questão teórica com o que acontecia; de como é que era essa postura deles e de como que eles achavam que essas coisas poderiam ser melhoradas; as dificuldades deles enquanto educadores: como que eles poderiam mudar, em função daquelas dificuldades que eles encontraram.

T) Apesar da sua disciplina ser uma disciplina mais do eixo cognitivo, mas direto com a questão da Psicologia, você tem alguma referência, ou pensou ter trabalhado alguma referência com relação a Paulo Freire? Em algum momento você sentiu que ele poderia estar presente na tua ação, na sala de aula?

FF1) Na minha?

T) É. Enquanto professora.

FF1) É, eu acredito que sim. Eu acho que sim. Eu tenho mesmo uma identificação com a questão da Educação mais participativa, do aluno enquanto uma relação mais prática, do aluno dentro de sala de aula. Eu acredito que sim. Mas, Paulo Freire participar desse...tem muita sutileza. Não falei muito, não falei nada praticamente sobre Paulo Freire.

T) Eu estou te perguntando porque sei que não é um conteúdo específico. Mas, enquanto você, profissional, com relação à formação?

FF1) Eu acredito que eu tentei passar muita coisa dessa educação mais participativa, mais livre, que eles pudessem, vamos dizer assim, lembrar ou tentar copiar, ou se identificar com alguma coisa pelo fato de já ser professor, ter o seu papel, que ele é uma âncora de identificação posterior para os outros professores.

T) M.C., eu gostaria de ti agradecer e colocar que essa entrevista vai ser transcrita posteriormente e a gente vai estar te enviando para que você possa estar lendo e confirmando tudo isso que a gente discutiu. Obrigada.

FF1) De nada.

#### **ENTREVISTA A FF2 (CP1)**

FECHA: 24 /07/99

LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estruturada

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO / BR (la propia Investigadora)

ENTREVISTADA (CP1/FF2): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación - UNIR/RO/Brasil

Estamos iniciando agora a entrevista com a prof<sup>a</sup> M.C.S., que é do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia e que em 1995, participou do Projeto "Graduando na Escola Viva" como coordenadora desse curso de pedagogia.

T) Prof<sup>a</sup>. MCS, gostaria de lhe perguntar: como que você vivenciou esse momento de estar assumindo esta coordenação, de estar colaborando neste projeto?

CP1) Quando você começa assim e me faz essa pergunta Tania, eu, já veio duas coisas assim, na minha cabeça: você falou: como que eu me colocava, né?

T) Como que você se percebia colaborando nesse processo, do projeto, e como que você se viu coordenadora?

CP1) Quer dizer, eu me lembro que, assim, eu já questi, eu me questionei o que significa colaborar porque, de início, eu não me via colaborando, tá? E eu tinha acabado de chegar do mestrado e a professora N. (DO), na época era a diretora do núcleo de educação, me chamou e falou: olha, M.C.S., você está chegando do mestrado (sorri), foi por aí assim, sabe?

T) Hum, hum.

CP1) Você está chegando do mestrado e sabendo dos "apertos" da Universidade com a Secretaria Municipal de Educação, na realização de um curso de pedagogia. Então, como você está chegando, já sei do departamento que você vai ter só alguns alunos para orientar, não vai ter disciplina para você, e eu acho que você está disponível e tem condições, porque acabou de fazer um curso de mestrado para assumir esse projeto. Então, assim, a princípio, eu, eu aceitei, mas vou te dizer: nem conhecia o projeto, nem nada, quer dizer: não foi aquela coisa assim, de que você sente que está colaborando com a educação. Foi mais assim, uma coisa de obrigação mesmo: "a diretora do núcleo me chamou, e colocou essa situação, (sorri) e eu me encontrava, tipo assim, "você não tem mesmo, sabe, para onde ir.

T) Está faltando serviço.

CP1) Está faltando serviço para você, você está ociosa, você chegou já em setembro, eu tinha defendido a dissertação 30 de agosto, eu cheguei em setembro, as disciplinas do departamento já tinham sido divididas entre os diversos professores, o departamento já tinha decidido que eu iria ficar só orientando alunos em monografias. Então, eu foi chamada mais ou menos por aí.

T) Pela necessidade de ambos os lados.

CP1) Isso.

T) De lotar, com relação à carga horária e do projeto que eles necessitava de uma pessoa para está acompanhando?

CP1) Ha! Ha! Isso. E, ela achava que uma pessoa que tinha acabado de, de terminar o mestrado, defender uma tese, defender uma dissertação de mestrado, era uma pessoa qualificada na Universidade para assumir, então um projeto novo, algo que não tinha acontecido antes na instituição, dentro daquela forma como o projeto vinha. Então, ela me falou: com a SP e tal, a SP, ex-aluna nossa da pedagogia, por sinal uma excelente aluna e tudo, uma pessoa também boa de convivência. "Assume isso aí, vai ser uma coisa legal". Mas naquela hora que ela me falava aquilo, sabe, eu tinha, como eu falei, acabava de chegar do mestrado, numa instituição como a UNICAMP, com toda aquela estrutura, eu fiquei me imaginando e vendo o que estão sabendo os meus colegas, né? eles sendo coordenadores, né? porque eu nunca tinha sido coordenadora, eu estava na UNIR como psicóloga, né? e tinha feito concurso para o departamento de educação, eu não tinha condição, digamos assim, pela legislação de ser coordenadora do curso de pedagogia, que ele diz que é só para quem tem o curso de licenciatura em pedagogia. Então, eu fiquei vendo tudo isso, eu falei: "nossa, que trabalhadeira que eu vou me meter" porque eu vejo assim: nós não temos sala para nada, será que eu vou ter estrutura para executar esse projeto, para desenvolver esse projeto? Aonde que eu vou ficar, eu vou ter lugar? E eu pensei, eu falei pra ela: "olha, DO, tá, tudo bem, depois eu tenho que conversar contigo, eu vou pensar. E aí eu fui pensar, pensei, pensei essas coisas, sabe? Se eu vou ter estrutura, eu vou ter, assim, um lugar para ficar, porque a gente tem que esperar até as salas na UNIR, na Universidade, nós não temos sala e tal.

T) Nós não temos estrutura ainda.

CP1) É. E eu pensei: será que eu vou ter isso? Vou ter um lugar pelo menos para me ficar ou eu vou ficar andando como muita gente fica andando com os documentos, com as coisas todas na pasta? E foi assim que eu fiquei. Ela disse pra mim: não, você vai ter uma sala, se você precisar de uma sala, você pode usar a sala do Núcleo. Foi por aí. E naquele momento, 95, não era o momento de desenvolver o curso, era o momento de analisar o

projeto, de ver como poderia melhorar ele tecnicamente e pedagogicamente, o projeto em si pra que, e legalmente também, né? pra articular. Entao, as questoes assim foram mais nesta ordem e ai, e ai ela falou: "olha! no trabalho que você vai desenvolver tem remuneração e você se for ter remuneração é se o curso realmente for implantado, se você for a coordenadora do curso, oficialmente, do projeto, né? porque nós dizemos curso mais é um projeto, né?"

T) Um projeto fechado?

CP1) Um projeto de duas instituições, né?: um projeto da SEMED, na época, e da UNIR, quer dizer, atualmente. A gente fala na época eu acho até porque como as coisas estão andando atualmente. Entao, as coisas foram por ai.

T) Você sentiu que, no momento que você aceitou esse desafio, e essa chamada da DO, que você tinha que fazer esse assessoramento, que seria mais uma questão de assessoramento, você sentiu que houve uma empatia, houve uma aproximação no teu caso, junto com o pessoal da SEMED para elaborar, para fazer essa estruturação toda que você crer que foi necessária? Como é que foi essa parceria na prática?

CP1) Na prática, foi um trabalho muito bom. Não sei se, eu acho que toda a equipe da SEMED. Eu ia falar, assim, da SP, que era coordenadora, que é ainda coordenadora pela SEMED. Realmente foi um trabalho, porque todo mundo estava muito engajado, as pessoas muito interessadas em realizar um projeto daquela, daquele porte, um projeto que estava voltado para qualificar professores do 1º grau, e professores que nunca tinham tido oportunidade de ter acesso para fazer um curso na Universidade, pública e particular, eu creio que eles não teriam porque não tinham condições financeiras para fazer. Entao, estava todo mundo muito empenhado, era um projeto muito bonito, porque duas instituições juntas elaborando um projeto (silêncio), não sei, eu acho que, as pessoas que trabalham na área da educação (sorri)

T) Cheia de ideais.

CP1) É, tem muito coisa do ideal. Entao, a gente, a gente trabalhou, foi uma parceria, naquela época era mais assim, uma revisão de ordem técnica, como eu falei: legal. E, a



gente tinha os dias, a gente fixou dias para a gente se encontrar, eu e a Luiza, porque ela é que era a responsável, tinha toda uma equipe lá na SEMED, mas, assim, as pessoas mesmo que trabalhavam efetivamente eramos nós: eu e SP.

T) Hum! Hum!

CP1) Ela já tinha, a SEMED já tinha trazido uma proposta, um projeto já elaborado, né? para que a Universidade analisasse. Entao, a pessoa que analisou o projeto, representando a Universidade, foi eu. Entao, a gente arrumou o projeto dentro das, digamos assim, dentro das exigencias da universidade; foi quando ele ficou pronto, veio a parte entao realmente, passou pelas estancias da instituição, entao, quando chegou o momento de realmente ser implementado, desenvolvido, foi o momento do vestibular e ai (sorriu) veio: "já que você, M.C.S. (sorri)

T) se atreveu, no primeiro momento...

CP1) Com esses meses trabalhando, desde setembro a dezembro, você ficou trabalhando, (a questão de data agora eu não estou lembrada) ficou trabalhando, porque a gente ficava trabalhando constantemente na grade curricular, entao agora fui chamada para. Vem agora o processo de seleção, isto a gente já tinha determinado alguns criterios junto com a SEMED, como é que seria: só quem fosse professor, realmente quem tivesse em sala de aula; depois a gente descobriu que um ou outro não estava na sala de aula (sorri) mais, enfim.

T) Era funcionário.

CP1) Era funcionário, da Secretaria, era professor, só que naquele momento, as vezes, essa pessoa não estava na função, mas era professor, tinha estado em sala de aula e tudo. E que assim, a pessoa tinha que ter um documento que atestava que era funcionário e tal. Entao, esse foi assim, eu acho que, um dos momentos mais, assim, eu diria assim, interessantes, mas assim, aquele momento mesmo onde você está bem próximo daquilo que você, de tudo quanto a Universidade pública tem falado, sabe? da clientela pra quem ela está destinando o seu trabalho, a gente fala muito pra uma Universidade voltada para a realidade do aluno, voltada para as camadas bem populares da sociedade. Mas foi

justamente naquele momento lá, da inscrição, é que começou todo o processo mesmo já de coordenação. Quer dizer, não foi naquela hora que já..., quando o curso já estava funcionando, não. No vestibular : foi aí que você começa a conhecer quem é a clientela, as coisas que as pessoas falam na hora da inscrição, toda aquela ansiedade, até pelo tipo físico, as coisas que as pessoas diziam, as dificuldades. Nossa, eles tiveram dificuldade para fazer a, para ter dinheiro para pagar a inscrição, na época. A gente teve que prorrogar, porque foi uma época em que não era a data de recebimento do pagamento do salário, né? E que, foi assim, então tivemos que prorrogar. O Secretário falou com o Reitor, a gente falou : olha! muita gente quis fazer a inscrição, muita gente falou com a gente - estatisticamente eu não posso falar, mas tinha muita gente ...

T) Foram cento e poucos professores que chegaram efetivamente a concorrer, 114 ou 120, mais ou menos, foram os inscritos concretamente e selecionados foram 80.

CP1) Ha, tá. Hum, Hum. Então, aí, eu até que alguns, né? outros chegavam assim, discentes, não achavam que, achavam que, mas eu, e assim, "será que isso é verdade?" Sabe?

T) Um vestibular fechado, né?Ele teve essa característica.

CP1) Sim. E, por outro lado, a gente ouvia, por parte, bom, algumas pessoas foram no prédio da UNIR - Centro e, eu fiquei pensando: como que eu vou agora, porque tem toda uma coisa assim, que não é falado, né? Por exemplo: eu não sabia como é que efetivamente acontecia um processo de vestibular, um processo de seleção do vestibular; eu tive que, essa parte que era parte da universidade, que a Luiza não poderia fazer, porque não era pertinente a ela, então, eu tive que fazer desde a documentação pedindo, para conseguir salas para realização do vestibular, ir as escolas pedir (sorri) para liberar aquele dia; e sair na polícia militar, fazer um requerimento para a polícia militar, lá no comando geral da polícia para ter um policiamento naquele dia, todas aquelas questões legais que têm que ser cumpridas, a questão do fiscal, selecionar fiscal (sorrir),

T) Toda aquela burocracia, aquele ritual próprio da seleção.

CP1) Que nem é próprio, que a própria Universidade Federal de Rondônia não faz porque ela tem, ela contrata uma empresa lá do Pará, que faz esse serviço para ela. Então, eu tive que fazer isso só, eu não pedi ajuda para a Luiza porque não era função dela fazer, era da universidade aquilo. Mas como eu conseguir pessoas para fazer isso? Não é possível isso não. Como? E, então a professora DO falou assim: "olha! Celeste, você tem suas relações aqui dentro da universidade, convida agora esses seus colegas ...

TE tudo foi voluntário? Ninguém recebeu nada nesse momento?

CP1) Não, assim, ...

T) A seleção, houve o pagamento?

CP1) Houve, houve; mas, assim, a princípio não se sabia que iria se receber. Quando eu fui falar, que dizer, que só ia ter dinheiro quando o curso já tivesse funcionando. Então, ela falou: você convida os seus colegas. Então, eu fui com colegas meus, quer dizer, bom, tem um pessoal da biblioteca, que eu tenho uma proximidade muito grande, que para pedir: "olha!" Os outros não, são assim, em sala de aula, dando aula, e pra deixar, né? então, eu fui lá na biblioteca, falei com o bibliotecário, com outras pessoas lá de outros setores da instituição e disse: "olha! não vai ter dinheiro, vou logo avisando tá? (sorri) É, tem que fazer trabalho, assim, um trabalho pensando que assim: "bom, o nosso papel é da instituição, é contribuição com a educação.", vai por aí, tem que chamar assim porque, tipo aquela coisa mesmo que eu digo sempre: "nós não estamos fazendo negócio, mas no fundo eu acho que a gente, a gente faz muito o papel mesmo assim, de, de fazer as coisas sempre pensando no melhor, né? para que realmente a nossa instituição seja uma instituição respeitada na sociedade, seja valorizada, né? e quem trabalha em educação é assim mesmo: tem que saber que, bom ...

T) É compromisso.

CP1) É um compromisso, isso. Então, é por aí que eu ia e convidava as pessoas para ir: "falava que é um curso assim, a clientela é essa, o objetivo, nosso objetivo é esse: de qualificar, essas pessoas estão num momento e é isso. Se por acaso tiver dinheiro, ótimo,

vocês receberam. E assim foi. E essas pessoas foram bem à vontade. Depois, ai apareceu: "olha! vai ter um dinheiro para", entramos em contato com a SEMED, eu não sei como é essa questão do dinheiro como é que chegou, mas enfim, tinha um tipo de uma "diararinha" para quem ficou fazendo inscrição. Eu acho que teve alguma coisa, não estou delirando. E ai veio a parte depois de

T) Inscrição, depois, dos aprovados.

CP1) Não. A parte de treinar os fiscais do vestibular. A gente teve que treinar, fazer um cursinho de fiscal para o vestibular, e ainda você, uma das coisas mais difíceis eu achei, essa coisa não é tão assim, é uma dificuldade que a gente sente até mais física, mas tem outras questões que são, assim, da ordem política, porque, eu comecei, eu acho que, uma coisa que vai acontecendo mesmo, sabe? me envolver com o projeto, porque é uma coisa muito bonita: um projeto onde você, você vê, desde o processo de inscrição, quem são aquelas pessoas que iam? É realmente as pessoas que a Universidade diz: "Olha! essa aqui é uma instituição pública, tem um objetivo: uma Universidade, de produzir o saber, de produzir conhecimento, tem a responsabilidade de ensinar, de fazer pesquisa, de fazer extensão, essa coisa toda. Para a comunidade, a Universidade tem que está voltada para aquela clientela que não têm acesso. As coisas de consumo da sociedade, que não tem acesso a boa alimentação, a boa escolaridade, e tal. Então, a gente está sempre escutando:" ah! Porque a gente tem que pensar na realidade do aluno; mas, eu ficava pensando: "mas esses alunos que estão vindo aqui se inscrever não são aqueles nossos alunos", está entendendo? aqueles nossos alunos que nós tínhamos no curso de Pedagogia regular, que mal ou bem, uma boa parte tem carro, tem luz, tem água, sabe? tem uma rede de transporte, tem uma parte física, assim, para essas pessoas, né? E, a gente estava vendo ali que essa clientela era realmente aquela que o projeto dizia que ia atender, enfim, sabe? É aquilo tudo que a gente aprende no curso de Pedagogia ou em Psicologia Escolar, está entendendo? Efetivamente era assim. Pode ter até alguém dizendo assim: "Poxa! Mas é uma professora ingenua, de está vendo, embora eu tenha feito uma pesquisa também no curso de Pedagogia, que era um projeto de caracterização, eu e a Graça, e a gente tinha lá os dados econômicos, culturais, sociais, enfim, da nossa clientela do curso de Pedagogia. Não era nada daquela clientela que estava chegando ali para fazer o vestibular. E ai eu tinha que lidar com o quê estavam falando, com comentários, com avaliações de alguns

colegas da instituição, que era esse outro, o outro, né? aquele outro que, sabe? tem uma outra visão, tem uma outra perspectiva e que dizia assim: "mas o quê, que história é essa de vestibular específico aí? Isso é uma coisa ilegal, isso não pode." Quer dizer, as pessoas, ou também se colocava, e se colocava contra o projeto, que assim, ele não fosse um projeto que chegou e a UNIR aceitou ele, ponto. Pela parte da administração, Sim. Mas, a comunidade ainda parece que condicionou com relação a isso, e ele recebeu diversas críticas., ele foi avaliado. E as críticas boas eu não vou falar, evidentemente, né? assim, é o mesmo que você está jogando confetes por cima de você, do projeto. Mas, eu ficava pensando, assim, nas coisas que as pessoas estavam dizendo negativamente do projeto e isso me levava a questionar e eu colocava isso para a Luiza também, confiei em algumas pessoas, em muitas pessoas estavam avaliando o projeto negativamente: dizendo que era um curso tipo assim, passar "velinha", era uma forma, até na época, o projeto está ali, na questão do Secretário que é de um partido de esquerda. Então, a hora que você ia pra tua casa, eu dizendo assim: "Olha! isso aí é um cara de esquerda, usando estratégia da direita pra conseguir votos na próxima eleição, porque ele é um político. Está entendendo? Bom, e que se fosse isso? Eu estava pensando era assim: "e se esse projeto vai realmente atingir, essa é uma força, digamos, mediadora, a partir da qual essa clientela vai ter acesso, quer dizer, essas pessoas vão ter um ganho, e estão pensando que só elas que terão ganho, ela não está pensando no outro, como o outro pode também aproveitar essa "brecha" do sistema, e ali também soma a força contrária, porque também vão ter, ele vai ter, está pensando em ganhar votos com esse projeto? Uma pergunta que as pessoas colocavam, até afirmavam, as pessoas até afirmavam. Eu falei: Olha!

T) Que seja!

CP1) Que seja ou não seja. Eu vejo assim: mas é uma oportunidade que as pessoas têm. E até falei o seguinte: que a gente fala muito que a, os instrumentos do saber, ele socializa, ele socializa a, ele divide essa cota do saber, ela faz com que as pessoas socializem, dividam mais aquilo que não é dividido, digamos, na economia e na política. Só que a coisa estava feita: é agora a oportunidade. (sorri) dessas pessoas, né? porque agora é a oportunidade que elas estão tendo. Então, assim, houve todo o processo, houve a parte do vestibular, os alunos fizeram a prova, e, teve toda uma outra equipe, né? que foi, que era a instituição que foi determinada, na época a vice-reitora que tomou conta dessa parte, né?

de quem seriam as pessoas, o grupo de professores que iriam analisar as provas. Foi lá em Vilhena. Que iam analisar a prova do vestibular. E ela veio me dizer que os resultados, que essa clientela tinha se saído muito mal (silêncio), tinha se saído muito mal porque as notas eram muito baixas, que assim, eles ficavam no mínimo, no mínimo, no mínimo, que essas pessoas tinham problemas de escrever, disso e daquilo. E eu pensei assim: mais mal, na minha perspectiva eu via isso por um outro lado. Eu via isso assim.

T) Mais razao para entrarem.

CP1) Justamente. Porque esse vestibular é tao elitizado, nossa forma de vestibular, quando eu comecei a fazer a minha tese de dissertação de mestrado, que foi sobre a questão do conflito político que a UNIR passou nesses últimos três anos quando teve a intervenção, e eu fui fazer um histórico de como é que foi que começou o processo de vestibular no Brasil, para entender até a questão de como aconteceu o processo de eleição de um reitor, fui buscar provas na historia da educação brasileira. Entao, ele vem mesmo pra isso: pra separar, pra...

T) Pra discriminar.

CP1) Pra discriminar, pra selecionar realmente aqueles que tiveram uma boa educação, que tiveram acesso a boa escola, bons estudos, que tiveram acesso ao saber elitizado para poder estar numa Universidade, que é aquele lugar elitizado, a Universidade é isso, né? Assim, a Universidade brasileira ainda mantém isso. Entao, com esse curso eu via por um outro lado, a oportunidade da Universidade realmente cumprir, sabe? aquele discurso que ela vive dizendo que faz, que ela é voltada pra isso.

T) Nossa Universidade, ela é pública.

CP1) Entao, se por um lado, era um vestibular específico para essas pessoas, entao eram pra elas que realmente iriam sair com eles, porque eles nao tinham condição de pagar uma faculdade particular.

T) E, a linha da seleção: a partir do momento que se tomou contato com esse resultado, foi feito à nível classificatório?

CP1) Foi feito à nível classificatório, também, né? porque tinham mais candidatos do que vagas. E para essas pessoas, era muito difícil pra elas até pagar a inscrição, mas assim, o grande, o primeiro momento mais, meu, na minha experiência, mais enriquecedor mesmo, foi quando eu fiquei coordenando o curso. Porque aí é que você vai conhecendo realmente, assim, todas aquelas hipóteses que você tinha feito à respeito dessa clientela, quem eram eles? Como eles eram? Então, foi coordenando o curso e mais ainda quando fui professora deles, quando ministrei Introdução à Educação. Aí é que a gente vai conhecer realmente quem era aluno das classes populares, aquele aluno que está nos livros de Pedagogia, sabe? aqueles alunos que estão nos textos que grandes autores brasileiros como o **Paulo Freire**, **Moacir Gadotti**. E eu não sei se eles tiveram oportunidade de dar aula mesmo na Universidade para esse tipo de clientela, porque esse tipo de clientela de que eles falam nos livros, eu acho que eles nunca tiveram como alunos. Eu não posso dizer, afirmar categoricamente, mas como eu estou com pessoas de grandes Universidades, dificilmente eu estudando com, eu fiz meu mestrado na UNICAMP, agora estou fazendo doutorado na UNICAMP, lá eu não vi, sabe, nessas Universidades, são excelentes Universidades, mas lá, as camadas populares realmente não têm acesso. No dia que uma pessoa que era faxineira passou no vestibular na UNICAMP, ela saiu no jornal. Todos os jornais. Foi até no jornal nacional. Então, assim, o nosso aluno, não. O curso de Pedagogia desse projeto da Escola Viva, não é dessa, faxineira. Eles são alunos, são, estão se qualificando dentro do processo, eles são professores, e como professores, agora você vê, a LDB (sorri)

T) A seguir, a LDB foi aprovada.

CP1) Pra você vê. E, a gente já estava com essa visão. Eu trabalhei porque eu já me envolvi no projeto e aceitei trabalhar, eu não era obrigada a ficar ali. Ele é realmente um projeto que, com um fim como esse projeto, com um fim de, realmente eu via que tudo aquilo que fala, que estava contratado, ele realmente na prática é aquilo, nesse curso, esse projeto tá acontecendo agora, nesse curso de Pedagogia, é um privilégio pra gente trabalhar nele porque ele realmente é aquilo que está teoricamente nos livros dos grandes autores brasileiros, dos grandes estudiosos da educação. Lá, ali está, você vê, pela condição, né?

pelas condições sócio-econômicas, culturais. Então, quando no primeiro momento, enquanto exerci a coordenação, havia um conflito muito grande, né? os alunos, eles, eles estavam, eles, bom, tem aquele primeiro momento, né? de você está na Universidade: dá um choque com a Universidade, as novas exigências. Normalmente para um aluno sai do 2º grau e entra, ele sente normalmente aquele choque, ele não vai ter mais aquela história de alguém que fica na porta para vigiar ele entrar ou de ficar cobrando, né? são outras formas de se portar, de se comportar dentro, mais madura, não tem ninguém para estar te cobrando ali: o negócio de horário, de aula, aquela coisa toda, o nível de exigência: vários professores pedem monografia, pedem um outro tipo de trabalho, um outro nível, os alunos ficam apavorados. Eu sei disso porque, dez anos quando eu entrei na UNIR, eu entrei para dar aula de Introdução para a Educação, né? então eu pegava o pessoal entrando na Universidade.

T) No primeiro período.

CP1) Nossa! Com aquela aflição por ele está entrando na Universidade. Agora, você imagina essa clientela, não por querer rebaixar o padrão que eles vinham, sentir mais. Mas é claro que eles iam ter um choque muito grande, porque eram pessoas que já trabalham a muito tempo, pessoas com mais de 40 anos, né? 50. Pessoas que já estão há muito tempo no mercado de trabalho, dando aula, e jamais, assim, se imaginaram, a maioria deles, a maioria, de estar numa sala de aula, dentro da Universidade, fazendo um curso de Pedagogia. E foi uma competição tão grande. Eles se sentiam muito indiscriminados porque tinha aquele conflito: tanto em relação aos professores, né? o choque que eles estavam passando por estar dentro da Universidade, e dos professores com relação a eles, né? porque, nota: Filosofia e Psicologia, uma série de disciplinas que questionam a educação, que questionam o sistema, um sistema elitista, que tira a oportunidade das pessoas, né? mas na hora que o professor estava lá, eu via assim, sabe? uma constituição de dois sujeitos, dois sujeitos que tinham que se constituir naquele momento e que tinham que deixar coisas do lado, coisas de lado, e ao mesmo tempo trazer coisas que ele já tinha, e até "pintar" outras, porque aquele momento exigia aquilo, tanto por parte dos alunos, como por parte do professor. E assim: eu, professor, me constituir agora como professor dessa clientela, dessa clientela que eu tenho falado, que eu tenho defendido na sala de aula, e que



agora eu estou diante dela e que eu estou com medo, porque eu não sei fazer, porque tudo que eu aprendi, tudo que eu ensinei e tudo que eu falo, agora eu estou aqui, presente deles.

T) Na prática.

CP1) Na prática. O quê é que eu vou fazer agora com isso? Então, havia um choque muito grande. E os alunos, diante daquele material, diante da forma do professor dar aula, eles ficavam, eles chegavam pra mim e falavam assim: "eu acho que nós vamos ficar reprovados, vai ficar todo mundo reprovado, eu não estou entendendo, não estou compreendendo aquele professor, ou então, aquela professora", porque ao mesmo tempo havia dois professores de duas disciplinas, né? e que davam aula para as duas turmas. Então, eu via assim, que havia esse conflito e que precisava haver ao mesmo tempo uma destituição de coisas, sabe? de coisas assim, preconcebidas, que foram atendidas mas nunca colocadas em prática, por parte dos professores. E eu acho que eles ficavam com medo também, sabe? Não sei se eu fui muito para o lado psicológico da coisa, sabe? Mas eu via isso.

T) Não. Mas eu acho que é importante você fazer isso porque há o depoimento dos alunos que isso eles vivenciaram. É importante você está trazendo no total, enquanto coordenadora, porque você também percebe isso.

CP1) Então, eu acho que, a gente, nós temos assim, nós temos uma ata, não sei se você leu?

T) Não.

CP1) Uma ata onde a gente registrou, quando a gente criou o colegiado de curso, onde a gente registrou reuniões com os representantes e os professores. Então, todo professor, quando ele ia pra sala de aula, antes dele ir pra sala de aula, eu e a SP, a gente conversava. E, a SP, a gente se encontrava constantemente, para sentir o que estava acontecendo, pra avaliar, porque, assim, era uma coisa que a gente, era um projeto que a gente pensava constantemente, reavaliando e tomando posições em função das avaliações que estavam acontecendo, né? Então, antes dos professores entrarem na sala de aula, a gente conversava

sobre o projeto: olha! esse projeto tem esse objetivo, o fim é qualificar esses professores, e é uma clientela dessa forma, não é de curso regular de Pedagogia.

T) Até porque o curso regular era de Supervisão e habilitação em Magisterio de 2º grau, né?

CP1) Hum! Hum!

T) E esse é o primeiro curso na UNIR com o desafio de habilitar pré escolar e 1ª à 4ª série.

CP1) E era justamente aí que os alunos se sentiam discriminados, porque eles achavam que eles estavam (sorri) na Universidade e eles queriam deixar de ser professores. Eles diziam: "se for para mim continuar sendo professor", alguns chegavam pra gente, "Não, pra que eu estou fazendo este curso, se eu vou continuar sendo professor? Eu não vou ser supervisor, como nem o pessoal da manhã?" O pessoal da manhã, os alunos da manhã, da Pedagogia, eles chegam dizendo pra mim: "escuta, mas vocês vão passar 4 anos fazendo esse curso pra quê? Nós vamos ser supervisores, nós vamos supervisionar professores, nós vamos assessorar os professores, nós vamos orientar professores. Vocês não. Vocês vão ficar na sala de aula sendo professor".

T) Quer dizer: desvalorizando o próprio papel do professor na sala de aula.

CP1) Então, você imagina então, que tipo de mentalidade tem essas pessoas. Eu falo dos alunos da manhã e dos alunos também da noite, como eles se viam, como eles se viam. A gente pode até avaliar assim: como é que, que sentidos são esses, que esses alunos constroem de si mesmo?

T) É a imagem, né?

CP1) É. É a imagem.

T) É a ideia que eles têm do papel de ser professor.

CP1) De ser professor. Porque ser professor é ser desvalorizado, sabe? É aquela coisa de você: está aí, é onde você tem o seu "ganha pão", mas se um dia você tiver a oportunidade de ser outra coisa, você vai deixar de ser. Você ver muitas coisas, muitos sentidos, algum sentido que são produzidos à partir dessas "falas", dessas avaliações desses alunos, dessa clientela, né? Eu até tenho, são legítimas, porque são eles que estão no dia a dia lá, eles chegam: "olha! a gente passa manhã e tarde com um bando de meninos, né? (sorri), às vezes não tem estrutura, numa sala quente, sem ventilador, e à noite, a gente tava ali, num CAMPUS-UNIR e quando terminava as aulas não tinha como voltar para casa, sabe? os alunos não tinham muitas vezes como voltar pra casa porque não tinha mais ônibus. As aulas eram dadas, como ainda hoje são dadas, lá naquele bloco aonde funciona o curso de Enfermagem, o curso de Psicologia: lá no final o ônibus não ia até lá, porque não queria ir lá à noite. O motorista não queria ir. Às vezes os alunos tinham que sair de lá pra chegar até, na "guarita" da entrada da Universidade. Algumas alunas e alunos se expuseram suas vidas, a sua segurança, a sua integridade física e moral pedindo carona na BR, porque a UNIR fica na estrada. Porque, e a gente, agora está melhorando, enfim, para que tomassem as necessárias providências, mas é uma coisa assim, do próprio motorista: ele não ia, não queria ir lá e não ia, pra pegar os alunos. Não tinha lanchonete: muitos alunos iam pra lá com fome, sabe? Saíram direto do trabalho, pegavam o ônibus. Eles são assim, grandes dificuldades que eles, então esses são realmente os alunos das camadas populares da sociedade, com todas as suas dificuldades, né? mas também com todo o seu enriquecimento, com toda a sua experiência que tinha, e que tem, e que estão dando muitas coisas para os nossos professores. Tenho certeza que nós estamos aprendendo. Eu, nossa! Eu me modifiquei até pelo fato de eu sempre está assim, como professora e como professora é uma outra constituição que você se faz ou que fazem também de você, naquela relação com o aluno, né? porque tem uma coisa assim, de você querer passar o seu saber, e você naturalmente, tendo que está de um outro lado, exigindo dos alunos, de um aluno que também está de um outro lado, e em alguns momentos vocês estão juntos. E como coordenadora, não. Você só está de um lado praticamente (sorri) que é do lado do aluno, entendeu? E foi pra esse lado que eu fui, um lado que eu nunca tinha estado plenamente como eu estive no papel de coordenadora. Então, assim, e pude estabelecer um outro tipo de relação e uma outra visão, sabe? Então, me oportunizei e eles me constituíram como uma pessoa que se reformulou, que se enriqueceu dentro do processo. Eu vivia assim, sabe? e fazendo também e via as coisas acontecendo comigo naquele papel

ali com eles. Entao, assim, foram muitas dificuldades mas muitos ganhos. Eu sei que, uma das maiores dificuldades fui na época, pedagógicas e de lidar com o professor. Até por essas dificuldades todas. Mas assim, a coisa mesmo que é o nosso papel: que é a questão do ensino, né? de transmitir esse conhecimento, de mudar as mentalidades, contribuir para a mudança da mentalidade e realmente junto como aluno. Qualificar ele para que pudesse, que ele possa também passar isso lá para o aluno dele. Eu via por exemplo, a professora de Português, na época, ela dizendo das dificuldades que esses alunos tinham, mas eu, ela foi uma das pessoas que eu senti (silencio), ela se percebendo no processo que eles estavam, e as coisas que ela fazia, as técnicas que ela usava, que ela assim, pra se modificar enquanto professora, para atingir aquele aluno, porque o problema nao eram eles, os alunos em si, que nao tinham condição para entender, era também, era do professor principalmente de mudar as suas técnicas porque ele estava diante de uma outra clientela, ele tem que conhecer, aquela coisa toda que a gente aprende: a gente tem que conhecer pra ver o aluno, para adequar à realidade. Mas na hora, todo mundo estava acostumado só com aquele tipo de aluno que se enfrentava num vestibular, vestibular regular, para essa clientela. Quando a gente foi pegar esse "cara" que tá lá, na sala de aula, na escola pública, lá na zona rural de Porto Velho, sabe? Lá na zona rural, lá no municipio assim, desses lugares distantes daqui de Porto Velho, e ter que fazer ele entender, ele compreender, chegar até ele, e colocar pra ele, dizer assim: aquilo ali é um outro, é um outro que eu tenho que chegar até lá. O meu outro, que vai me constituir também. É difícil, sabe? Eu às vezes sentia assim, também, em relação a outros professores, quando eu estava no lugar de coordenadora, né? porque esse reconhecimento ai é mais difícil.

T) E, eu creio que, a partir do momento em que as pessoas têm mania de colocar que é o lado da academia, né? aquela visão da Universidade como a produtora de conhecimentos, como se esse conhecimento tivesse que ser algo considerado mais importante do que o próprio senso comum ou o conhecimento desse conceito de vida dessas pessoas desse projeto, tao específico. Como é que você vê isso: essa visão da Universidade enquanto academia e recebendo essa clientela de uma camada popular, como é que fica esse choque? Eu sei que você estava comentando acerca desse conflito que existiu, no momento que encontrou um professor dessa academia, que está se percebendo como alguém que está produzindo ou repassando conhecimento dentro da concepção de cada um, e que muitas

vezes não considera esse conhecimento trazido do senso comum, esse conhecimento produzido por esses professores dentro das escolas, dentro da sua prática de iniciação?

CP1) Bom. A nossa, eu não posso nem falar pela UNIR como produtora do conhecimento, ou até de falar que a, inclusive como uma coisa assim, que, até com o relacionamento do professor do mestrado. Embora a Universidade seja um lugar de ensino, de pesquisa e de extensão, a UNIR, nesses poucos anos que ela nem trâmite como Universidade, ela tem voltado essa atividade mas basicamente para o ensino e mesmo voltada para essa questão de reproduzir o ensino e tal, e tal, nessa hora aí (sorri) ela foi chamada pelo seu quadro de professores, né? pra ter que se reformular, não só pela questão do senso comum, mas para reconhecer o que é que realmente é uma prática, sabe? uma prática pedagógica, uma prática de ensino, e eu acho que essa clientela até está trazendo, Tania. Eu lembro assim, até como interpretar um texto, na forma como os alunos, quando eles iam expor os trabalhos, quando eu fui professora deles, e quando ele iam expor o trabalho, em colocar a visão deles, eles colocavam como eles interpretavam os textos dos alunos deles. Está entendendo? Então assim, eu tinha que me reformular para que eles pudessem compreender e, ao mesmo tempo, nesse processo, eu tinha que compreender-los pra que eu também pudesse me constituir enquanto professora deles, porque senão não ia dar. Então assim, quando eu vejo esta questão desse choque, eu não vejo muito, viu Tania, pela questão da academia em relação ao senso comum. Eu vejo mesmo pelo lado de reconhecer e efetivamente trabalhar com aquilo que esse aluno estava vendo, que não é aquele aluno, como eu tenho frizado durante a entrevista pra ti, tenho trazido na Universidade, tenho falado, falam muito mas efetivamente na hora de você exigir. Mas, eu acho que a Universidade, é por desafio. É um desafio para a Universidade. Eu, bom, fiquei um ano como, novembro eu passei na seleção do doutorado, né? e eu deixei, eu tive que sair para o doutorado, então eu passei, eu entreguei a coordenação para a professora DO com antecedência, falando que eu tinha passado no doutorado e que eu iria ter que deixar a coordenação e que não podia ficar sózinha, né? Mas, até no momento que eu estive coordenando o curso, o curso é pago (sorri), o que os professores recebiam na época era uma compensação muito grande pra dar aula no curso. As pessoas queriam dar aula no curso, todo mundo queria. Mas, quando ele chegava eu dizia: olha! tudo bem. Os professores que queriam a gente chamava, mas explicava: o projeto é esse, passou e tal, não é só a questão do dinheiro não. O objetivo é esse aqui: qualificar essa clientela, são

peessoas que estao lá na escola, tá na ponta, você está ensinando para o "cara" levar lá na ponta aquilo que está aprendendo aqui, para reformular lá, a forma dele, pra enriquecer e ao mesmo tempo trazer as suas experiências pra ensinar pra gente aqui.

T) Para reformular também dentro da Universidade.

CP1) Para dentro da Universidade. No sentido assim, eu acho que, até na gestao que eu estive como coordenadora, a gente esteve, nós tivemos conflito e esse conflito foi legal, porque ele apareceu e ele, em vez de ser uma coisa pra ser escondida, nao, pelo contrario, ele era para ser discutido e foi legal que ele apareceu porque ele mostrou que as coisas estavam, sabe, sendo jogadas debaixo do tapete. Ele mostrou realmente a oportunidade da Universidade se reformular e foi legal porque foi no curso de Pedagogia, no curso de Educação.

T) Eu queria te perguntar, quando você comenta, quando você assumiu a coordenação, que sempre antes do professor começar a trabalhar, nessa fase você procurava apresentava o projeto, comentava qual era o objetivo. Nesse momento, você também comentava do suporte teórico dele que direcionou esse projeto, que é a teoria de Paulo Freire? Havia alguma preocupação por estar fazendo esse comentario sobre a proposta, que a Escola Viva é toda construída com base nos princípios teóricos, principalmente do Paulo Freire, como é que isso ficou quando havia a conversa direta com o professor, em algum momento isso era colocado?

CP1) A gente colocava assim, na teoria especificamente nao. A gente falava assim ao professor da teoria. A gente, a teoria estava embutida no momento que você coloca uma perspectiva e coloca uma forma de trabalhar, né? O projeto: qual era o ponto de vista que esse projeto tinha sido construído, a partir de que ponto de vista? Agora, nao se especificava, assim: a teoria tal, autor tal, direto. Mas, quando se fala do projeto em si, porque o que era interessante pra ele, para a gente naquele momento, era falar dos fundamentos, da base daquele projeto e os objetivos. Entao, quando a gente falava estava implicito, evidentemente, né? a teoria. A gente nao tinha essa preocupação de falar: olha! está baseado na teoria Paulo Freire. A gente falava: olha! o projeto é esse, tem o objetivo de qualificar, baseado nessa forma, vamos trabalhar com os conteúdos da educação, os

conteúdos da educação assim, sabe? A função do professor é mais ou menos essa, aqui dentro do curso. Era por aí que a gente ficava. Então, quando a gente especificava o projeto, a sempre estava com o projeto na mão, o professor podia dar uma olhada. Por exemplo: o professor começava na semana que vem, então, uma semana antes a gente chamava ele pra conversar. Ou mesmo, por exemplo, se ele fosse entrar e não podia vir, se ele fosse entrar hoje na aula de aula, ele ia dar aula, por exemplo: 7 horas da noite, ele chegava 6 horas da tarde, 6 e pouco, e a gente ficava numa sala e colocava pra ele, mostrava o projeto, não pra ficar aquela coisa enfadonha, tipo assim: caracterizar que existisse uma regra, ou aquela coisa totalitária, como se fosse uma forma. Mas para ele ter conhecimento de onde, pra ele sentir aonde que ele estava pisando, né? mais ou menos por aí: pra facilitar o trabalho dele, por esse caminho que a gente fazia.

T) Agora, eu acho que seria interessante, eu sei que você já falou em vários momentos um pouco também, mas de forma assim, concreta, o que você traria, agora no depoimento, quando você foi professora: o quê você conseguiu perceber, especialmente você que trabalhou com as duas turmas, o quê veio diferente da coordenadora, da professora nesse momento? O quê mais você sentiu com essa proximidade maior, dentro da sala de aula, iniciando conteúdos específicos com a turma?

CP1) Foi onde eu pude vivenciar também aquilo que os meus colegas estavam passando (sorri), entendeu? Quando eu pude vivenciar e que me ajudou inclusive na hora de dar "dicas", de dar a orientação, de colocar algumas questões para que eles refletissem, para que eles questionassem. Eu acho que foi que me deu, digamos assim, mais oportunidade, porque eu senti, eu vivenciei, eu tive experiência tanto como coordenadora como professora. Então, como professora, eu pude sentir também o que meus colegas sentindo, aquele choque, aquele conflito, sabe? aquela vontade muitas vezes poder colocar tudo aquilo que a gente acha legal, acha ótimo, né? Que o importante é o saber, sabe? Por exemplo, para quem dar Introdução à Educação, o aluno saber a relação entre educação e sociedade, a relação entre educação e política, a relação entre a educação e economia, a partir dos vários, digamos assim, aspectos políticos da sociedade brasileira, os momentos políticos, históricos, a educação vai tomando um outro rumo, uma outra feição, uma série de coisas que modificam: legais, acadêmicas, tudo em função do momento político - econômico. Então, essas questões que a gente acha super importante que as pessoas

percebam, que é comum você descortinar e descobrir, eu tinha aquela vontade de passar aquilo, sabe? Mas, como passar aquilo, está entendendo? Mas como passar, porque era nesse passar que havia o conflito, tá entendendo?

T) Na metodologia?

CP1) As dificuldades da metodologia, está entendendo? Porque você vem com uma, você tem uma formação, você é uma pessoa de classe média, os professores da nossa profissão são professores de classe média, preparados numa Universidade pra dar aula pra alunos de classe média. De repente você está lá, dentro de um processo desse, dando aula para uma camada que você aprendeu nos livros, mas que efetivamente você nunca esteve lá junto com ela, e agora era a hora, aquele era o momento, para que você ter que reformular, sabe? A questão não é só metodológica, é uma questão política, sabe? De teoria. De política de teoria, de política de teoria porque não é só mudar o instrumental que vai, o instrumento é esse ou aquele pra fazer o aluno atingir. Você também tem que se constituir, tem se permitir constituir com essa clientela, a partir dessa clientela. Então, você vai mudar politicamente, até sua própria teoria vai mudar, porque você não está tendo mais uma prática, é uma práxis, uma realimentação dialética. Então, é uma outra coisa. Eu não diria assim que o professor ou eu, naquele momento, a gente teve que, nós, professores, tivemos que mudar. Aquele que só mudou o instrumental, ele não conseguiu, ele passou pelo curso. Provavelmente não se constituiu, sabe? Não se constituiu mesmo enquanto um sujeito que quer modificar. Não um sujeito voluntarioso. Num sujeito que ao mesmo tempo em que ele, sei lá, que ele modifica, que ele pode mudar a coisa, ele pode entender, mas é um sujeito que nem está percebendo que muitas coisas estão acontecendo e que está modificando ele, sabe? É a ideologia enquanto que ele está ali; ele está levando e está recebendo sem ele nem perceber. Então, se ele se oportuniza isso, ele vai mudar a teoria dele, ele vai procurar ler mais, ele vai procurar ouvir mais aqueles alunos e aí a coisa começa a funcionar: na marcha lenta (sorri) Então aí, foi que as coisas começaram a funcionar melhor, está entendendo? Você sente que a ansiedade do aluno em relação a sua presença, a sua disciplina, muda; a sua presença, a sua disciplina é gostosa pra o aluno, é prazerosa pra ele. Eles ficam comentando os textos, eles ficam falando das experiências, das coisas que eles estão percebendo: um jornal que chamou à atenção, uma notícia, sabe?



Eles vão trazendo pra sala de aula, tudo aquilo que está acontecendo com ele lá fora. E eu senti que ao mesmo tempo (sorri), eu tive que cuidar pra não ser paternalista.

T) A "maezona"?

CP1) É. Sabe? defender. Você ficava parecendo que, começar a política, a teoria, sabe, tem hora que, não é um trabalho muito científico, naquela hora, sabe? Tem horas que você sente que é uma, você se coloca defendendo, eu me via às vezes defendendo o pessoal não mas cientificamente: muito envolvida, sabe?

T) No campo emocional mesmo?

CP1) É, no campo emocional mesmo, você, sabe? não dá muito pra separar em educação, ter essa postura. Bom, eu já sabia que não existe isso, o positivismo já está acabado há muito tempo. Melhor dibuxar o conhecimento que não pode mais puxar pelos seus próprios saberes e que se afundou no pantano, né? Hoje em dia a gente sabe, né? Bom, a gente pensa que se sabe, não sei. Todo mundo, quase todo mundo na Universidade e trabalhando, atualizando o seu ponto de vista. Alguns acham que é suficiente reformular a coisa, que é só reformular, botar uma cara nova que você está atingindo, que você está conseguindo ser aprendido e acha que, ao mesmo tempo, está aprendendo nesse processo. Quer dizer: conforme a "figura" dá pra perceber, que é uma coisa muito constituidora, se você se dê a oportunidade você vai saber crescer enquanto professora, vai crescer politicamente também, né? então, eu acho que as duas coisas que eu vi, assim, que não é apenas uma questão, sabe Tania, de "um outro vestuário" para o instrumental. Se você não está sabendo buscar uma reformulação teórica e política, sabe? Vai dar um conflito que aconteceu ali, sabe, pontos de vista diferentes que entraram no conflito e que passou, sabe? Então, essa é uma preocupação que a gente tinha, eu e a Luiza, sabe? a gente tinha, que os outros professores passassem pouco tempo, porque as aulas são intensivas, né? a gente tinha reunião sempre com o colegiado, com os alunos, as questões assim, todas as questões a gente discutiu na sala de aula, e discutiu com os representantes, né? como naturalmente a gente não podia ficar discutindo todo mundo para se chegar a um acordo. Então, a gente dizia: "olha! vocês discutem, façam a votação de vocês sobre as medidas que a gente tem que tomar", porque era sempre assim, um argumento assim: Ah! Eu sou a coordenadora, a

SP é a coordenadora pelo lado da Prefeitura e agora a gente vai fazer assim". Até para se vai apoiar a greve dos professores da UNIR, está entendendo. Se o prédio está "rachado", pode cair em cima da gente, sabe? o quê é que nós vamos fazer? Nós vamos fazer um documento porque se esse negócio cair a gente está "salvaguardado" (sorri). Então, isso tudo era discutido entre a gente e a gente tinha sempre reuniões, era gostoso porque você está ali, mas alguém podia pensar que: poxa! O pessoal fica, tá entendendo? O pessoal diz assim: "poxa! Aqui ninguém se entende!" Eu acho que era a turma que mais se entendia.

T) O processo de democracia passa por aí, por um processo democrático.

CP1) Isso. A gente sempre discutia tudo. Eu nunca gostava assim, de que, assim, eu acho que não sei se foi até uma forma de me proteger, se era confortável pra mim, ou porque a gente estava passando por esse processo sempre está levando as coisas, sempre pra discutir, não eram discussões, aquelas coisas de discussões intermináveis, não. A gente discutia e objetivamente a gente, olha, bom, nós chegamos a que ponto? Esse é o nosso ponto. Botava em votação. Se não tinha nesse dia aula no Campus UNIR, a gente dizia assim. "vamos se reunir lá na UNIR - Centro; se reunia nas escadarias, a gente se reunia, votava as coisas e decidia: agora é isso, a gente vai fazer isso. Então assim, era uma coordenação que a gente procurava fazer assim, uma coordenação conjunta, participativa com os alunos. Sempre a gente procurava fazer. Não sei que dia a gente vai poder fazer isso lá no curso de Pedagogia Regular, com 4 turmas. A gente fazia com duas, e dava certo, entendeu? Os alunos discutiam, votavam as questões, muitas vezes eles levavam para o colegiado, né? os alunos apresentavam. No colegiado, a gente decidia lá e chegava: olha, a turma, a maioria está com isso aqui; e com o professor também, aqueles que participavam do colegiado, que era um colegiado diferente, porque parecia um colegiado assim, itinerante, digamos assim, porque os professores que participam, você não tem um professor participando efetivamente durante dois anos do colegiado. Era assim: os professores que estão dando aula no curso, naquele momento, eram os professores do colegiado.

T) Eram incorporados de acordo com a situação do momento?

CP1) Sim. Ai, aqueles professor saiam, entao, aqueles que iriam entrar, eram os professores do colegiado, aqueles que estavam entrando. Entao, as coisas eram um pouco dificil.

T) Entao, era uma forma até de comprometer diretamente as pessoas no momento do conflito?

CP1) Claro. Todos os professores participavam do colegiado. Eu nao sei como isso está funcionando agora, sabe? Se o colegiado continua funcionando? como que... Eu vou lá e tal: oi, pessoal, como é que vai, como é que estao? Mas eu nao entro porque, por questoes éticas eu nao vou chegar e dizer. Nao, tem um coordenador, né? tem uma professora que está coordenando, entao, mas enfim, era dessa forma.

T) E hoje, como é que a M.C.S., hoje, como você acabou de dizer, você vai a Universidade, você vê as coisas como estao ocorrendo mas você hoje nao pode mas está se envolvendo diretamente ou interferindo nessa realidade desse momento agora. Mas como você se sente com relação à esse projeto hoje, você ainda sente ele próximo a você, você se sente comprometida com esse grupo de professores? Como é que é isso, criou-se um vínculo?

CP1) Criou sim, criou um vínculo de afetividade e também assim, uma necesssidade de realização, sabe? Como que, uma coisa do tipo assim, eu vou me realizar como professora, numa Universidade também, em parte, é uma realização minha, como eu tenho o objetivo de fazer meu doutorado, terminar o meu doutoramento, né? uma coisa que vai me gratificar muito é o momento da colação de grau deles e saber assim, que apesar de tantas diversidades que a gente vivenciou juntos, que eu sei que a gente nao está mais vivenciando porque eu estou num outro processo, e eles é que estao vivenciando lá, mais diretamente, mas assim, de eu saber que apesar de todas essas adversidades que sao impostas pelo sistema, por essa forma de econômia de exclusao de uma grande parte da nossa sociedade, principalmente em países de terceiro mundo, como o Brasil, que está sendo considerado de terceiro mundo, né? Enfim, países em desenvolvimento. Cada vez encontram um termo pra dizer, pra falar de países que estao realmente bem mais à margem do sistema econômico mundial, da ordem mundial, mas, que enfim, que colocam essas

peessoas numa situação de não ter oportunidade pra fazer um curso, entrar numa Universidade. Enfim, eu até me pergunto assim, se (fica emocionada) a Universidade realmente é necessária, está entendendo? Mas já que ela é necessária dentro do universo do conhecimento, porque é o lugar aonde as pessoas vão pra ter contato com o conhecimento mais especializado, então, nesse sentido, ela é necessária, e até às pessoas vencerem isso, sabe? É uma coisa assim, que eu, é como se fosse uma parte de mim que vai vencer também. Pra quem, assim, desde a época de estudante, fui militante no movimento estudantil, (...), participei no movimento estudantil, assim, um pouco já, menos dentro da Universidade, né? eu participei no nosso Sindicato, mesmo em comissão de estudantes, muitas coisas que eu sonhei, né? que muita gente sonhou, ou muitas teorias, muitas idéias, como eu diria? ideologia hoje, né? como eu vi, eu vi a ideologia como uma forma de reprodução do que tá aí mas, de uma utopia, de querer formar uma sociedade melhor, né? então, eu diria assim, que eu sou torcedora, sabe? Isso é uma parte de mim que sofre e que vai, "parece até "piegas", ao mesmo tempo", né?

T) Não, não.

CP1) Para que isso! Esse sentimentalismo, eu não sei? Entendeu? Os psicólogos, os teóricos, que falam da objetividade (sorri).

T) Afinal de contas a pessoa, que existe dentro da profissional Celeste, ela está se manifestando.

CP1) Não é essa coisa mal separada, né? Então, assim, eu, é uma realização minha assim, sabe? E eu quero ter a oportunidade de quando, e eu vou me oportunizar, isso eu vou, eu não quero ter, eu vou me oportunizar, dentro das condições que a Universidade tem, de tentar fazer, sabe? Planejar e tentar realizar coisas efetivas, sabe? Esse curso me fez pensar que a gente pode fazer, sabe? de chegar mais próximo das pessoas, de tentar dividir realmente o conhecimento que a gente, esse saber especializado, que é dado na "corte", e ver chegar nisso aí. Isso é uma utopia! Essa ideologia aí, para a gente tentar mudar, e juntar com outras pessoas. Utopia no sentido que eu disse: não de saber reproduzir o que está ali, mas pra mudar, a gente sempre tendo, pensando que pode mudar, né? mudar com outras pessoas, eu penso que com você, Tania (sorri). Também um "nós" que se constitui com

"você" e com alguns outros colegas do nosso Departamento. E, a nossa Universidade é uma Universidade relativamente nova, mas com ...

T) Com um grande desafio dentro desse contexto desse Estado, que também é um Estado novo, né?

CP1) Isso.

T) Nós temos um compromisso aqui.

CP1) E, assim, de constituir essa história junto com outros colegas, enfim, a gente está modificando, a gente está se enriquecendo com essa prática. A gente está tendo a oportunidade ainda de estar fazendo um curso, de estudar e, não só de estudar, mas também de experiências como essa, de viver.

T) De enriquecimento.

CP1) É. Se a gente também ficar muito no campo teórico, acontece como aconteceu diante dessa realidade: a gente entra nestes conflitos. Tem também a questão da gente se dá a oportunidade de se constituir, que eu acho também que a gente pode, muitas vezes, você não se dá a oportunidade, mas forçosamente, você termina se constituindo, uns mais outros menos, né?

T) Celeste, eu gostaria de ti agradecer por está oportunidade, até porque você não estava aqui no ano passado, eu já queria ter ti entrevistado desde a primeira vez, quando eu estive aqui, iniciando esse processo, e que fui feliz que nesse momento você está aqui na cidade e a gente pode estar registrando esse seu depoimento. E ti colocar que logo que tenha a gente tenha a fita transcrita vou estar ti enviando pra você está lendo e autorizando a análise do documento.

CP1) Bom. Eu (sorri), eu me lembro que foi, a gente, eu e G., quando a gente, é um período muito gostoso, eu e a G., pessoas que só com especialização e a G. só com a graduação dela e a gente criou o CIEP com vontade de fazer pesquisa, a gente já fez muita coisa: a graça recebeu uma portaria do Reitor dizendo que ela estivesse na sala de aula em

48 horas porque ela pensava em modificar coisas, em fazer coisas diferentes, em produzir. A gente ia há muitos bairros de Porto Velho: Caladinho, Cidade do Lobo, nessas escolas periféricas de Porto Velho, procurando conhecer a realidade desses bairros de migração, dessas escolas, dessa clientela, dessas pessoas e a G. foi punida. Foi uma coisa muito triste, né? a gente tentando fazer pesquisa. Naquela época a gente tentando criar, fazer, fazer da instituição... E aí, com referência, eu não sei, olha! quando eu fui reconhecer mesmo, que você terminou de fazer essa sua colocação para encerrar a entrevista, e eu me lembrei assim: poxa! das coisas, eu fiquei até pensando: nossa! O que é que eu falei? como foi que eu falei? Agora eu estou fazendo doutorado, que coisas foram essas que eu falei, assim, saíram muito na emoção, e você não trouxe nenhum roteiro, não trouxe questionário, nada pronto. As coisas que saíram aqui saíram fluíram. Eu me lembro que quando eu e G. fomos pra aplicar as nossas pesquisas na FARO, aqui em Porto Velho, buscar material na Prefeitura, na Secretaria de Educação do Estado e, eu me lembro que a gente fez um estudo antes sobre essas técnicas para entrevista (sorri) e a gente ia fazendo essas entrevistas com as pessoas (sorri), e agora eu me senti no lugar das pessoas, está entendendo? E eu acho que foi isso que me fez lembrar, me lembrar do CIEP, me lembrar dessas técnicas que a gente estudava pra, eu me lembro que o Januario do, e a gente conversando com ele sobre essa vontade de fazer pesquisa, e ele cedeu um material pra gente, nós tiramos cópia, ele estava fazendo o Mestrado dele lá na USP, então, "o material aqui é de primeira que a gente usa lá na USP". Então, passa pra gente. Ele passou e a gente tirou cópia. Eu me lembro que tinha várias técnicas: de relato de experiências, de deixar a pessoa falar, e agora também eu vivi na pele (sorri). E eu me preocupando, mas enfim.

T) E, é importante porque você deixa fluir e junto com a emoção, vem toda a razão daquele momento que você viveu. E eu procurei não está dirigindo a tua fala, eu te dei a fala, né? E a gente procurou fazer uma troca dentro desse fluir da tua experiência, que você é quem pode falar, você é quem tem que dirigir. E também quero ti agradecer. (sorri)

CP1) De nada, Tania.

### **ENTREVISTA A FF3**

FECHA: 23 /09/98

LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estructurada.

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO / BR (la propia investigadora).

ENTREVISTADA (FF3): Profesora de la SEMED y Profesora colaboradora en el Departamento de Ciencias de la Educación - UNIR / RO / Brasil .

Vamos iniciar agora, a entrevista com a professora M.I., professora vinculada a Universidade através do curso de Mestrado em Psicologia da Educação em Psicologia Escolar do convênio UNIR/USP.

T) I., no curso que você está atuando atualmente, este convênio UNIR/SEMED, para o curso de formação de magisterio na modalidade normal superior, você está assumindo a disciplina de Política e Educação. Como você percebe a tua disciplina? Qual a validade que você percebe que ela tem, dentro dessa estrutura desse curso de formação de magisterio?

FF3) Eu acho que é fundamental. Fundamental porque a partir do momento que os alunos, eles começam a pensar, conhecer, a refletir sobre as políticas públicas e claro, que o nosso enfoque são nas políticas educacionais, eles começam a perceber um monte de coisas que não tinham visto antes e que o curso não possibilitou isso antes. A gente já tem alguns depoimentos já nesse pouco tempo, de coisas assim, que eles ainda não tinham parado para pensar, para analisar, porque, na realidade, o que eu estou mostrando para eles, e aí eu tinha duas opções: uma era ficar discutindo os projetos da SEDUC, da SEMED e do MEC, e eu tinha uma outra opção: que seria discutir essa política já mesmo a nível de macrosistema: o que é que tem por trás das políticas de educacionais? O que é que hoje representa o banco mundial dentro das políticas públicas. E foi essa a opção que eu fiz: de fazer toda uma discussão teórica, em cima já do que tem escrito no Brasil a respeito disso e a serviço de quem está essa educação que, na verdade, são eles que estão executando lá na ponta. Alguém que pensa uma educação pensada por economistas, para um professor lá, em qualquer canto desse país executar, né? Que na realidade, eu estou concluindo a disciplina amanhã e sinto, me sinto realizada porque, eu acredito que quase, na sua totalidade, eu atingir esse objeto. Porque eu vim para cá, quando eu peguei essa disciplina, comecei a ler, a planejar, eu vim para tentar fazer que eles percebessem isso, que há um programa, que há um pacote montado e que eles estão executando e que são vítimas também, tanto quanto os alunos, Então, assim, eu sinto que há um estalar neles, e eu acho com muito bons olhos.

T) E o que é que você coloca quando você diz que eles precisam saber algumas coisas? O que você chamaria essas coisas? Dentro da prática da sala de aula?

FF3) Eu chamaria, tipo assim, na prática da sala de aula, por exemplo: eles estão lá na escola executando, hoje discutindo, por exemplo, hoje a febre é, na maioria das escolas é um PDE – Programa de Desenvolvimento, proposto pelo Banco Mundial, quando ele nem



sabia o que era isso, nem sabia que era uma proposta que vem vinculada a “N” políticas econômicas, né? E aí eles começam a perceber que estão fazendo aquelas coisas que não é bom para eles, que não é bom para a comunidade. E várias outras coisas com que eu percebo, né? Por exemplo a questão da merenda escolar, mostrar, começar a discutir que o programa que é importante, porque as pessoas têm fome, mas que não é o essencial. O importante é você lutar para que os pais tivessem um mínimo de condição: trabalho, saúde, educação, sabe? Uma visão de cidadania que eles não ..., que o professor, como é que o professor, ele constrói cidadãos, constrói pessoas livres, no entanto ele é incapaz de fazer isso, né?

T) Então, como você colocou inicialmente, você disse que está encerrando a disciplina amanhã, você está colocando que você acredita que atingiu seu objetivo?

FF3) Eu acho que pelo menos despertar essa curiosidade, uma das coisas. A própria metodologia que eu optei: pela leitura e a escrita. Desmistificar esse negócio de que a gente não sabe ler; quem não sabe ler nem escrever é analfabeto, né? Nós também na graduação, nós no mestrado, as vezes até no doutorado não sabemos ler e escrever. Isso é um aprendizado, uma construção diária. Eu acho que, a própria metodologia que eu escolhi para trabalhar com eles, esse “feedback”: ler, escrever, pensar sobre o que está lendo isto já é um começo, né? Eu penso que já é um começo, eu sinto que já é um começo. Primeiro, aí eu queria colocar algumas coisas pessoas que eu não tenho como, né? É o que eu estou sentindo: é um curso que foi negligenciado pela SEMED e está sendo negligenciado pela UNIR. Negligenciado porquê? Porque às vezes, é como se fosse um apêndice, é isso que eu sinto. Eu até conversei isso com a L: porque é que eu estou sentindo isso? Não sei se é porque eu vi parir, eu vi a gestação e vi o parto desse curso, pela minha passagem pela SEMED e sei qual era o objetivo da equipe quando propôs, né?

T) E você poderia dizer agora?

FF3) Qual era o objetivo? Qual era o nosso objetivo? Não só acredita numa formação, não é que não seja bom em algum momento aqueles curso de 30, 40 horas que tira o professor da sala de aula. Primeiro porque o professor vai insatisfeito, porque as vezes a direção não deixa ele registrar aula, e quando ele deixa, quando a, eu não sei o que, às vezes a direção

nao deixa ele registrar e aí ele nao vai para o curso; ele só vai para o curso, que é esta a validade que a gente tinha na SEMED, ele só ia para o curso de uma semana se ele registrasse; se nao registrasse ele nao iria, porque isso também acarretaria “N”, nao conseguia perceber que isso iria ajudar , porque na realidade , às vezes nem ajudava muito discurso, corrido e tudo. E aí, o que a equipe discutia na época? Eu sei que nós vamos atingir um número menor de pessoas, eu sei que vai ser duro, é um desafio, mais é muito mais importante investir numa formação a longo prazo, que aí já vai de encontro, já nao é a política “o pacote tal” para os países em Desenvolvimento da America Latina que o Banco Mundial propoe nao é isso. Sao cursos de curta duração, lá no serviço e pronto. E aí , dentro do programa de formação permanente tinha essa visao de um curso que tivesse uma longa duração e que desse , instrumentalizasse o professor principalmente para atender as crianças de pré a 4ª série . Quando a gente pensa que a SEMED. A SEMED, na pessoa do SE, comentando as pessoas que mais lutou por isso, que defendeu, que contagiou a equipe e o pessoal comprou a idéia. E a gente pensa em concretizar isso , mesmo tendo saído lá antes de ver o curso iniciar. E para mim, isso aqui é um encontro, eu aqui com eles, desta vez como professora.

T) Mas, você dizia que houve uma negligência?

FF3) Sim, eu sinto que há uma certa negligência, em função de algumas questões que poderiam ..., de administração, da coordenação; essas coisas eu até já falei para a L., eu vou colocar no papel algumas impressões: é bom que fica registrado. Eu sinto que eles poderiam estar melhor, as alunas, se tivesse sido..., e aí , quando eu digo: é uma impressão minha, que eu tenho, é que o professor, alguns professores que trabalharam com eles nao exigissem tanto porque eles nao seriam capazes de dar. E eu achei isso criminoso . Isso vai, isso fere, e eu estudo, eu leio, e onde eu puder levar a pedagogia de **Paulo Freire** eu levo. E repenso minha prática em cima disso e quando eu lembro que ele , o aluno esta aqui, eu nao tenho que nivelar por baixo, eu tenho que ir de encontro com ele, crescer junto com ele. E eu nao dou um texto porque eles nao sao capazes de compreender “, eu achei isso um crime e eu sinto que algumas professoras vêm para a sala sem saber, sem conhecer a proposta. Uma das coisas que eu vou propor, pelo menos para esse final de curso, e outra coisa que eu discutir com eles: “ vocês nao têm que ficar brigando para concluir o curso de vocês , essa relação é para SEMED e para a UNIR, que passa recurso nao passa, porque

vocês tem direito adquirido. Vocês vão concluir quer queira quer não, é só entrar na justiça e a UNIR vai ter que, vocês têm que se organizar é para outros cursos, né? virão outras turmas e tudo“. E eu fico pensando que, que eu acho que eles perderam em alguns momentos.

T) Que momentos são?

FF3) Não sei, eu não quero estar fazendo julgamento irresponsável, que eu não sou disso. Mas é que eu sinto que eles têm muita dificuldade ainda, já com três anos, de ler, compreender um texto, de escrever. E eles fazem isso, porque quando eu, e aí eu comecei a trabalhar com resultado de confiança, de discutir com eles: escreva e o que você escreveu e aí depois, aquela coisa assim, de anotar: você tem que melhorar nisso, está precisando de concordância verbal. É um monte de coisas do dia a dia mesmo. Aí você sente depois, ontem eu li o quarto texto, devolvi para eles e estava falando para eles: gente, como vocês cresceram; um potencial que tem e que não está sendo trabalhado.

T) Pelo que você coloca, você acredita que tem um pré – conceito de forma, no sentido de sentir os alunos como inferiores aos alunos regulares dos outros cursos?

FF3) E eles sentem isso e eles dizem: nós somos tratados diferentes. Nós somos tratados diferente, não é um diferente porque nós defendemos o diferente, diferente, né? É a convivência com o diferente é saudável. Mas eles falam isso como se eles fossem: eu sou o diferente, o menos, o menor, sou o menor. Você sente na fala, você sente nos depoimentos deles, as vezes, assim, conversando e tudo. Porque na realidade eu me sinto uma ex – aluna com eles. Não é aquela coisa de professora, a gente brinca, conversa e tudo, eu acho que eles também se sentem mais à vontade, né? Aquela coisa assim da relação professor – aluno, porque a maioria deles eu já trabalhei com eles. Eu acho que essa coisa assim também ajudou um diálogo muito bom na sala. Mas eu sinto isso, né?

T) E você pensa, dentro dessa ideia que você reivindica, nesse tipo de trabalho: de estar crescendo junto com o aluno, de estar incentivando o potencial que vem dele, a partir da realidade que ele traz, você concebe a concepção de avaliar esse potencial como? Como é

que você esta fazendo efetivamente o registro disso e avaliando, porque formalmente você tem que ter uma avaliação?

**FF3) Claro, claro. O que é que eu faço? Como é que trabalhei a avaliação com eles?**

**Primeiro, falando com eles: discutindo, negociando e tudo. Agora, nós vamos trabalhar com produção com produções escritas ; vamos trabalhar com quatro produções escritas, em casa você ler, pensa, discute e escreve, fazendo a aproximação das idéias do autor com o que eu já sei e com a minha experiência, né? Todo o tempo, esse tempo todinho da disciplina, trabalhando essa idéia : eu vejo a idéia do autor, o que eu sei e o que eu, com a minha prática , minha teoria e minha prática, e escrevo.**

**E aí , uma das ... , que eu aviso, né? a avaliação só em casa temos que dar um conceito. Eu digo a eles: nós vamos, o que é que eu fiz? Fiz um quadradinho: e aí, como uma das coisas ... , e eu vou escrevendo, vou escrevendo um pouco, eu faço alguns códigos, alguém que vai crescendo, o texto vai melhorando, eu vou colocando mais, né? e vou atribuindo um ponto. Eu sei que no final, eu dividir dez, são cinco produções, cinco pontos cada produção e o único critério que eu utilizo para não atribuir o ponto: se fizer resumo na ênfase do que o autor esta dizendo, só transcrever o texto; e, brinco com eles que nós já passamos do, estagio de fazer cópia e essa coisa toda, para mostrar que a cópia é boa, em determinada etapa, né? mas agora ela não é tao fundamental, que a gente tem que crescer e tudo, e na realidade eles se esforçaram, as vezes até escrevia alguma coisa sem sentido, mas não escrevia muito do autor. Quem não entregasse, também não tinha direito mesmo e quem fizesse resumo na íntegra. No primeiro texto, foi muito trabalhoso; levei dois dias para corrigir passei um dia todinho, entrava pela noite, porque eu aproveitei para colocar desde das questões gramaticais, de ler, você ler uma coisa e ler alto, para ouvir se esta soando bem, né? Eu estou escrevendo para alguém, você esta se expondo e aí quando eu vou me expor, eu quero mostrar o que eu tenho de melhor. Eu trabalhei muito essas idéias com eles, né? E escrevi muito, o primeiro texto, assim, foram dois dias de muito trabalho e valeu a pena porque no segundo texto eles já tinham uma referencia, eles já tentaram melhor e tudo. No outro texto era não sei quantas páginas; porque como não tem muito, não tem muito hábito de escrever, então ele quer assim: escrever tudo que o autor diz, né? que é para poder é , eu até brincava com eles que: daqui para cá vocês estão me enrolando, que estão só dizendo o que o cara já escreveu. Isso é bom porque essas observações, é um pessoal muito sério, muito sério, é um pessoal muito esforçado, de passar o sábado e domingo, sábado e domingo o tempo todinho estudando, né? Porque dizem e eu acredito, porque têm na segunda feira a produção muito boa, né? De discutir, de criar, muito bom, muito bom, né?**

T) Eles estão motivados.

FF3) Muito bom. Eles até colocaram: Ha! professora, que bom que você chegou com essa metodologia, que as vezes dá um nó; porque você tem que escrever muito. Aí umas dizem: meu marido está brigando, essa coisa todinha, né? Eu digo: vamos superar né? Então é uma animação para eles.

T) Uma coisa que essa minha investigação procura levantar é a cerca do conhecimento teórico-prático prévio que esses alunos, que não são só alunos, são alunos – professores, trazem consigo para a sala de aula. Eu queria que você falasse alguma coisa sobre isso: se você considera que ele existe, como você abordou esse conhecimento?

FF3) Claro, claro que ele existe, Tania. Em algumas situações, quando a gente estava discutindo, é muito fácil, eu lembro que quando eu fazia pedagogia, tínhamos algumas colegas que não tinham a experiência de sala de aula, e as vezes a gente parava uma discussão, o professor parava uma discussão para poder aprofundar na questão que os outros já conheciam, já haviam caminhado na sala de aula. Por exemplo: Nós discutimos um texto da Rosa Maria Torres, que ela faz, ela levanta vários pontos, dentro do pacote do Banco Mundial para a América Latina, ela conta várias questões que vai desde do Livro Didático até toda essa problemática do dia a dia da escola e nós não tivemos que parar para aprofundar isso. Porquê? Quando a gente discutiu o Livro Didático, eles já tinham toda uma convivência lá, na prática do livro didático, qual livro que vai para a escola, como é que chega e até mesmo essa, essa avaliação que chega atrasada, que as vezes não condiz com a realidade. Então, nós não tivemos, pelo contrário, possibilita é, compreender mais rápido o que ela estava dizendo, os textos, esses textos, um texto longo da Maria Torres e até pensando na situação: dois dias nós vimos um texto, porque eram coisas teóricas, né? da ideologia, do livro didático, um monte de coisas teóricas mas que como eram coisas do dia a dia das escolas, embora escrito de forma acadêmica e tudo, num documento, eu sinto que eles caminham mais rápido, né?

T) Eu sei, até por causa do seu tempo, eu preciso perguntar a você acerca, como você conceituaria ou definiria como você entende o que seria conhecimento? O que seria ensinar e aprender, os três conceitos que são básicos nesse processo de ensino-aprendizagem?

FF3) Conhecimento, ensinar e aprender? Olha, eu acho que o conhecimento, eu vejo como, como, é como se fosse aquilo que eu sei, né? E, aí eu digo: que tem conhecimento e conhecimento; as coisas que eu sei, que é conhecimento e as vezes esse conhecimento está muito voltado para a questão do senso comum, daquela coisa do dia a dia, que a gente vai ..., e aí tem hora que você não sabe se é conhecimento ou se é uma coisa mecânica que

você aprendeu e vai , e vai repetindo, né? E eu acho que o conhecimento dentro da disciplina, é você conhecer o pensamento, o pensamento que já foi construído, né? e a partir desse pensamento que já foi construído, você ser capaz de construir o seu conhecimento. Eu concebo dessa forma, né?E, eu acho que o Ensinar e o aprender esta muito próximo, né?Para mim esta muito próximo, porque é uma troca, é uma troca aonde você vai passando e vai recebendo, nao sei dizer.

T) E, a questao de cómo você realmente concebe isso. E eu vejo que na sua fala, tem muito a ver, como você bem falou, a questao do Paulo Freire. Paulo Freire, pelo que a gente percebe, ele esta como um pano de fundo, como uma referncia básica na tua forma de conduzir. E você acredita que seus alunos demonstraram também uma base nos relatos deles, de alguma influência direta da teoria de Paulo Freire?

FF3) Eu acho que, alguns poucos, e, eu acho até ..., até brincava com eles outro dia: tem umas coisas, outro dia tinha uma senhora dando conceito lá, para mim, uma senhora, nao na sala, eu falando para eles, do que seria, o que Marx passou a vida toda para chegar a relação de exploração, a mulher, que eu acho que nunca ouviu falar do Marx, ela jogou lá e explicou melhor do que ele, né? E eu falava isso para eles assim, num bate papo, que eu sempre chego as vezes, mais cedo, né?Eu fico conversando, e falava para eles, contava a experiência que eu tinha tido lá numa visita que eu fiz no JK, e também falava para eles: as vezes a gente faz as coisas, alguém já escreveu sobre aquilo e você as vezes pensa: meus Deus, porque eu nao escrevi isso. Eu estava falando da pedagogia da esperança: eu acho até um crime vocês ainda nao terem lido a pedagogia da esperança, né? Eu falei para eles que eu tentava tirar uma xerox de uma página que tem lá da pedagogia da esperança que fala, que Paulo Freire faz um “puta“ de um desabafo: aí que capitalismo é esse, que há milhoes de crianças aí, jogadas no chao. Sabe, assim, e é fato .Diz que o mundo caiu, caiu, mais caiu o quê? caiu no sono? Será que a gente também caiu no sono? E falei um pouco disso, né? Agora, eu acho assim: que eles têm uma vontade, tem uma vontade e nao esta sendo bem aproveitada essa vontade. E uma das preocupações minha, em relação a esse curso, é que a idéia também Tania, seria trazer os professores em sala de aula. Eu fiz um levantamento, eu tenho trinta e cinco alunos; desses trinta e cinco, eu acho que 50% nao estao em sala de aula .

T) Está em desvio de função.

FF3) Eu acho isso ruim para eles, que estavam então ..., claro, porque estavam em sala e você tem o relato de colegas professor que vai lá e diz : não , você tem que aprender isso porque vocês vão atuar na supervisão, né? É uma das coisas que eu, eles vieram depois conversar comigo; eu digo: vocês não têm habilitação de supervisão. É uma das coisas que eu já trabalhei, conversei um pouco com eles , quero aproveitar amanhã, quando eu for fazer uma avaliação da disciplina, colocar um pouco disso para eles, para eles começarem a perceber que esse investimento é voltado para reverter o quadro caótico que está lá na escola. E que ...

T) Melhorar a qualidade.

FF3) É, melhorar a qualidade, e que a gente critica uma coisa e que nós estamos lá fazendo, né? Essa tomada de consciência de que eu sou parte do processo e que eu sou responsável .

T) Para fechar I. , eu gostaria de saber: você, dentro das tendências pedagógicas, você se identifica com uma delas? Você acredita que está trabalhando com base em uma determinada tendência, ou como você percebe isso?

FF3) (sorri ). Você deu uma de L., agora (sorri). Deu uma de L. .Ele diz: qual é a sua tendência? Depende professor do horário. É, eu venho militando a muito tempo na esquerda, né? e a minha, dentro da esquerda, dentro do movimento sindical, sempre na escola né? com raras exceções: eu saí por uma causa justa , quando eu fui na SEME, mas depois eu retornei para a escola, né? Até mesmo tendo habilitação de supervisão, eu acho que eu passei 8 meses só em supervisão. Me encantei mais pelo espaço da sala de aula. E venho lendo, pensando sobre Paulo Freire e uma das coisas que eu não quero perder é essa coisa do humanismo, de me sentir gente. Aí, eu tive um professor, o Leon, marxista lá da escola de Frankfurt, e eu, a gente teve algumas discussões e eu dizia: olha, as pessoas olham o Paulo Freire, humanismo, como uma coisa assim, mais de cristianismo. Mas eu também não posso negar que eu sou cristã, né? e eu venho nessa caminhada e eu estou satisfeita com isso, porque eu não quero perder a capacidade de me sensibilizar com as

coisas, de sentir, de chorar, de rir, de abraçar, de querer bem, né? Eu sou movida por essas coisas boas da vida, do toque , das pessoas; e eu fico mais ... , mas também nao quero perder a capacidade de me indignar com as coisas. Eu acho que estou nessa linha humanista, mais humanista bem radical .

T) Seria um progressista?

FF3) Um progressista.

T) E, você acredita no que Paulo Freire defende que o professor, o ato dele é um ato político?

FF3) É sim. Claro. Nao há dúvida. Eu acho que um dos primeiros livros que eu comprei (... ) , ele aborda a educação como ato político. Eu penso que é um ato político e de muita responsabilidade.

T) Eu vou te agradecer pela entrevista e logo que o trabalho esteja concluído, estarei mandando para que você possa ler e estar convalidando o material para ser analisado.

FF3) Esta ótimo.

T) Obrigada.



### **ENTREVISTA A FF4**

FECHA: 21/09/98

LOCAL: Porto Velho /RO/Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estructurada.

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO / BR (la propia investigadora).

ENTREVISTADA (FF4): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación y Directora de la DIAC (Diretoria de Assuntos Acadêmicos) - UNIR /RO/Brasil.

Vamos iniciar agora a entrevista com a professora A. M. S., do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondonia.

T) A., eu gostaria de conversar contigo acerca deste projeto especial que a Universidade tem em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho, onde a intenção deste projeto é a Formação do magisterio superior dos professores à nível de pré - escolar e 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Eu sei que você foi professora de Didática e de Avaliação da Aprendizagem. Eu gostaria de saber como você percebe este projeto? Dê que maneira você considera este projeto que a Universidade iniciou com a secretaria? Como você vê a relevância dele?

FF4) Eu entendo que este projeto é de grande relevância para a comunidade e até defendo que a Universidade assuma este projeto não apenas como um convênio, mas como um projeto, seu de qualificar estes professores que já estão no mercado de trabalho e que não têm a formação de nível superior. Eles, esses prof..., esses alunos, eles são professores que estão na rede municipal na condição de professores da pré-escola ou de 1ª a 4ª série. Há alguns que hoje estão desviados da função de professor: trabalhando na secretaria ou a nível da própria secretaria municipal ou secretaria anterior, que eu me referia, a secretaria de escola. É, mais de qualquer maneira, eles estão envolvidos com o processo que envolve o ensino e a aprendizagem, mesmo que não seja diretamente na sala de aula. Esta clientela é uma clientela que vêm de uma realidade concreta. Eles estão lá no campo, estão fazendo e, existe esta formação à nível acadêmico e que então a prefeitura decidiu oferecer. Eu considero importante porque, eu trabalhei com as turmas e, depois trabalhei uma outra disciplina: Avaliação da Aprendizagem, e a gente percebe que alguns deles, num vestibular tradicional, eles jamais chegariam a fazer o curso.

T) Isto quer dizer que o nível que eles vêm ainda é um nível aquém daqueles nossos alunos que são do vestibular aberto?

FF4) Exatamente. Se fosse o nível do nosso vestibular tradicional, eles não entrariam.

T) Devemos esclarecer Ana, que este vestibular foi um vestibular fechado?

FF4) Exatamente.

T) Em função de ser um projeto fechado, com autorização do MEC (Ministerio da Educação e Cultura ).

FF4) Isso. Esse vestibular, ele já foi feito para uma clientela específica, que só concorria aqueles que estavam já dentro do perfil que a secretaria, junto a Universidade, formaram; uma parceria entre as duas que definiram que perfil. Mas com isto não quero dizer que estas pessoas não tenham a condição, a possibilidade de crescer dentro do curso, que é o que nós temos visto: que eles entraram naquela condição, mas que ao longo do curso, eu dei Didática, é ..., quase um ano depois eu voltei e dei Avaliação, e pude perceber que nesse intervalo houve um crescimento, muitos deles cresceram consideravelmente.

T) Em que sentido você fala deste crescimento?

FF4) É, esse crescimento do ponto de vista da abertura, da reflexão. A visão de prática pedagógica deles hoje já é uma visão diferenciada. É, a visão deles do próprio sistema; a visão deles enquanto profissionais que estão dentro deste sistema e, até do ponto de vista da realidade deles, de melhorarem mesmo enquanto profissionais naquilo que eles estão fazendo dentro da escola.

T) Um crescimento enquanto pessoa e enquanto profissional?

FF4) Enquanto pessoa e enquanto profissional. E, já dessa condição deles estarem avaliando a sua prática anterior, com sua prática atual.

T) E você percebeu, de forma mais clara, quando você voltou na Avaliação?

FF4) Quando eu voltei na disciplina de Avaliação. Exatamente. Quando eu trabalhei Didática foi já em 97/, primeiro semestre de 97. Depois, já em 97/2, já pelo mês de outubro, eu voltei. Quer dizer: no início do ano de 97 eu trabalhei Didática, quando foi no final, em outubro, eu voltei para trabalhar Avaliação. Nesse meio tempo deu para perceber que eles amadureceram e que eles cresceram.

T) Quando você iniciou a disciplina, você teve essa preocupação inicial de fazer essa avaliação diagnóstica? Como é que você fez esse diagnóstico com eles?

FF4) Sim. Quando eu entrei com a turma, eu quis saber com eles o que eles estavam fazendo ali. Porquê que eles estão ali, se eles estavam porque alguém tinha determinado que eles estivessem, se era vontade deles? Que vontade era essa? O que é que eles estavam buscando ali? A partir disso, eu fui tentando levantar com eles a concepção que eles tinham de política, do pedagógico, do técnico, e aí fui levantando no momento que havia uma transição de administração no município. Então, fui levantar com eles: quê diferença de política eles percebiam nesse momento de transição, numa administração, um partido que administrava e a entrada de um outro partido, administrando e como é que isto está? Houve um fato que eu achei muito interessante e que eles vivenciavam o seguinte: que eles têm um horário que é para planejamento, e eles assim: quando eu fazia esse questionamento para eles tentando que eles localizassem quais são os aspectos de mudança, eles foram, assim, na grande maioria, muito enfáticos a um aspecto: é que a administração atual estava centrada, que “os perseguia em função do horário de planejamento.”

T) Quer dizer: cobrando deles o planejamento?

FF4) Exatamente. Cobrando a utilização desse horário para planejar. Então, eles reclamando, fazendo assim, como uma reclamação, porque eles estavam se sentindo como que perseguidos. Porquê? Então, aí, fui levantando com eles a questão: Porquê que eles estavam se sentindo daquele jeito? Como é que eles utilizavam desse tempo? E a gente foi percebendo que o tempo então, ele estava sendo, realmente, um tempo que estava ocioso. Eles não estavam utilizando para aquilo que deveria ser. Então, era assim: para sair mais cedo, para conseguir outro emprego porque estavam ganhando pouco. Então, na conversa, eu fui puxando com eles e eles foram declarando, muitas vezes, talvez até, de forma inconsciente, o que eles estavam declarando. E aí, eu levantei com eles: então, porque é que vocês não param, porque o horário de planejamento não foi dado gratuitamente, foi uma luta, uma luta da classe e, como é que essa classe agora estava utilizando disso para outros fins que não aqueles que ela tinha lutado por ele? Isto inclusive gerou um certo conflito porque, de repente, eu estava ficando vista como alguém que estava defendendo o atual, o atual em termos da cobrança. E aí, na discussão que nós fomos fazer, eu disse para eles o seguinte: olha! Eu quero dizer uma coisa para vocês: eu inclusive tendo a oportunidade, vou fazer isto, vou fazer esta observação a Secretaria: que a Secretaria

precisa criar um mecanismo de acompanhamento do desempenho de vocês dentro da escola, para poder ela saber até que ponto está valendo à pena esse ...

T) Horário de planejamento?

FF4) Não. Não o horário, mas o próprio curso para eles. Em quê que isto está ... isto está revelando o quê? Isto está realmente melhorando a prática deles, dentro da escola? Como é que eles estão atuando? O antes e agora, o durante. Eles estão fazendo um curso superior. Então, num primeiro momento, deu para perceber assim: eu entrei para fazer um curso superior, mais eu vou, tipo assim: empurrando, eu vou conseguir fazer o curso. Ai, a gente foi colocando para eles que: olha, vocês são cobrados, vocês serão cobrados como alunos universitários, tanto quanto os que estão cursando durante o dia. Se vocês também são trabalhadores, eles também são. E vocês tem que se organizar para ler, porque ai havia as reclamações: do tempo: que não tinha para ler, para estudar, para comprar livros, para não sei o quê. E a gente foi tentando dar uma, uma ajustada nisso, fazendo-lhes entender de que essa é uma necessidade: quem entra para estudar vai ter que arrumar tempo para estudar.

T) E esse perfil desse professor -trabalhador é um perfil que é bem característico na nossa América e no nosso país. Aqui no Brasil isto é uma realidade.

FF4) É uma realidade. Então, dentro do grupo tem alunos que são muito bons, tão bons quanto os alunos que nós temos em outro vestibular. Inclusive, há uma moça que me chamou muito a atenção porque essa moça já tinha sido minha aluna anteriormente, num curso de formação pedagógica que a Universidade também fez, ofereceu um convenio com a SEMED para o pessoal que não tinha o curso de magisterio de 2º grau.

T) Aquele curso de Monitoria, para complementação pedagógica?

FF4) Isso. E esta moça, neste curso agora, na licenciatura, tem três delas que foram daquele programa. E, uma delas, ela me chamou muito a atenção pela garra, pela vontade dela e assim, como eu estive no momento anterior com ela, de ver o quanto essa moça tem crescido ao longo desse tempo.

T) Acha ruim falar o nome dela?

FF4) Não.

T) Porque, de repente, pode ser uma das pessoas que eu poderia estar convidando para participar do trabalho?

FF4) Pode. Ela chama-se **PA2**.

T) PA2. Ela é de que turma?

FF4) Ela é da turma A.

T) Turma “ A “.

FF4) É. É uma moça que eu acho que vale a pena realmente você compartilhar essa conversa aqui, porque é alguém que, que me chamou a atenção. Quando eu voltei então na disciplina.

T) Porque ela partiu do professor “leigo”?

FF4) Do professor leigo mesmo. Quando eu cheguei, aí vim e trabalhei didática. Eu não fui professora de didática dela, porque foi a **FF6**, quem trabalhou com a turma dela. Na Avaliação Sim. Aí eu fui professora dela. Você vê: como eu tive a oportunidade de trabalhar, trabalhei didática com ela na formação pedagógica à nível de 2º grau, vê lá e vê-la aqui foi algo assim, para mim, muito gratificante. De comprovar que é um projeto que vale à pena.

T) E hoje, atualmente, como você sabe, também a nossa Lei – a nova LDB, ela clama por esse curso. Um curso para ser colocado como algo que vai se estender a todos os professores de magisterio do país, ou seja, nós temos um tempo de nove anos, pois na verdade já se passou um ano. Você acredita que a realidade que nós temos hoje, você acha que esse curso poderia ser uma das referências para que a nossa Universidade pudesse estar implantando esse curso posteriormente?

FF4) Eu penso que Sim. Eu penso que seja, é uma primeira experiência, como se diz: é uma experiência que terá frutos bons, como na nossa graduação regular. Terao alguns que sairao sem grandes acréscimos, mas terao aqueles que sairao com grandes acréscimos. Eu entendo, tenho defendido isso, inclusive no departamento: é preciso que se ofereça o curso noturno a esta gente, porque inclusive hoje a gente percebe que a mentalidade das pessoas está mudando nesta busca pela capacitação. Entao, é uma pena que tenha aqueles (...), eu ouvi inclusive um depoimento de um dos meus alunos que disse assim: Professora! (quando eu voltei para trabalhar avaliação com eles, né? Eu perguntava para eles: o quê tem sido o curso para vocês? Como eu dei a disciplina, eu perguntava: o quê tem sido o curso, o quê esse curso tem favorecido, em termos de melhoria: como identidade de vida de vocês, na qualidade de vocês enquanto seres humanos, que aspectos isto tem sido mais evidente? Como vocês têm percebido isto?) E alguns deles (...), houve um depoimento dessa natureza: “Olha! e pensar que eu vim para este curso praticamente forçada e hoje o quanto que eu agradeço a Deus de ter tido esta oportunidade.” Inclusive, essa pessoa me dizia o seguinte: “porque eu tenho certeza que se fosse numa condição normal, eu nao teria entrado. Entao, hoje, eu assim, eu sou muito agradecida a Deus por esta oportunidade, e nem imagino aquelas pessoas que abriram mao dela e o quanto estao perdendo”.

T) Houve um nível pequeno, mais houve desistências?

FF4) Houve. Houveram pessoas, de acordo com o depoimento dela, que inclusive: “eu vou fazer este curso para quê?”

T) Sao professora, oficialmente.

FF4) É. Inclusive, uma das pessoas que teve esse posicionamento é alguém que é federal, que acha que tem um bom salário, entao nao tem nenhuma justificativa para ela fazer este curso. Aí, a pessoa que fez o depoimento disse assim: “é, professora, quando hoje eu me, hoje eu me vejo e olho para trás, eu acho que já mudei muito, acho que na minha vida, até na minha relação com a minha família.” Realmente, é uma experiência válida e que é um caminho que a Universidade necessariamente tem que percorrer. Nao só com o curso de pedagogia, mas com os cursos da licenciatura, como um todo. Que daí, se também é

necessário capacitar essa demanda toda, que não é pequena a demanda de professores que não tiveram ainda oportunidade de se qualificar. E estar aí. Eu entendo que, a partir desta experiência inclusive, já é possível se montar um curso com alguns cuidados que não aconteceram na ocasião, porque nós já tivemos uma oportunidade de perceber como é que vem esta clientela. E, você queira ou não, a gente percebe que nível de alunas são. Eu, para mim, por exemplo: quando eles questionam isso: de que estavam sendo pressionados a ocupar este horário do planejamento, e aí eu perguntei deles: mas vocês brigaram mesmo porque então? Para quê? Então não foi porque vocês queriam melhorar aquilo que vocês faziam, que vocês precisavam de tempo para estudar? O que é planejar? Até neste ponto de vista você vê que eles, é de repente (...), então entramos nessa discussão: a questão salarial é importante? É. Temos que lutar por ela? Temos. Mas, como é que (...), que eixo maior de luta é o nosso? Será que seria via essa, o salário? Porque eu também tenho experiências, porque trabalhava com pessoas que ganhava cruzeiros mais do que eu e que, nem por isso, tinham um desempenho melhor do que aquelas que ganhavam pouco.

T) Tem que ver também o compromisso.

FF4) Exatamente. Quer dizer, é uma questão de alienação mesmo. Alienação política. Não tem a menor visão de com quem é que ela está comprometida.

T) E, esta visão que você coloca, na tua disciplina de Didática: que autores, que livros, você procurou buscar trabalhar com eles para que conseguissem perceber, apesar deles já serem professores e já terem passado por uma didática inicialmente? Como é que você buscou esse trabalho, dessa base da didática, neste tempo que esteve com eles?

FF4) É, eu gosto muito da linha crítico-social dos conteúdos. Então, sempre procurando trabalhar os conteúdos da didática numa perspectiva de reflexão, a partir daquilo que eles estão fazendo. Não tomando esse (...), o que eles estão fazendo e como é a realidade deles como sendo o .., tudo que está aí, que é real e que não adianta, que não dá para a gente fazer nada, né? Mas, que eles consigam perceber que apesar de ser esta a realidade, há possibilidades. Mas a possibilidade só poderá vir a partir da conscientização de cada um de nós. Cada um deles também é ator dentro desse processo. Então, nós fomos trabalhando a questão dos paradigmas dentro da escola, as tendências pedagógicas, fazendo um paralelo



entre o momento político e econômico que se vivia aquele modelo, e enfocando um pouco mais a tendência pedagógica que está aí. Hoje não é ainda efetiva, mas que se busca, que é a crítica social dos conteúdos. Que é Libanêo, é Giomar, é Ilma Passos, é (...), Ilma Fazenda, é Dermeval Saviani.

T) Você utilizou Paulo Freire como sendo desta tendência.

FF4) Sim. Paulo Freire. Tem Paulo Freire, Gadoti, Curi; dentro desta corrente se busca uma linha bem progressista.

T) Uma tendência progressista.

FF4) Exatamente. Os autores básicos com quem a gente vem atuando: Pedro Demo, na parte de Avaliação, Lukesi.

T) Você sentiu que houve dificuldade dessa clientela, na leitura e no entendimento desses autores?

FF4) Para alguns textos, Sim ( sorri). Principalmente quando você passa para uma leitura mais filosófica, quando você trata de paradigmas. Quando você vai tratar da linguagem, por exemplo: determinadas leituras que o próprio Pedro Demo faz, aí eles tem algumas ...

T) Resistências?

FF4) Não resistências, mas dificuldade de compreensão.

T) De entendimento, mesmo?

FF4) Hum ! Hum! E que aí, precisa você até ser mais, é, minúscula, às vezes até se ater a ler o texto com eles e até dissecar o texto junto a eles, pensando entender o que o autor quis dizer com aquela, com aquela coisa. Eles têm uma idéia ainda muito fundada no positivismo e que é preciso haver harmonia (sorri), e que está dentro do tradicional também. É até certo ponto, muito medo do confronto, do conflito. O medo do quê (...), uns

proclamam até como a revolução (sorri). E daí, quando eles ouvem esses termos, ficam arrepiados, pois é algo que realmente (...), então assim: eu, não só com eles, mas com as minhas turmas, nos últimos tempos, eu tenho estado sempre trabalhando também estes conceitos. Porque são conceitos que ao longo do tempo foram sendo muito deturpados e utilizados de forma dissimulada e, que isto causa uma certa rejeição por eles. Por exemplo: você falar de disciplina: a gente enfocou muito a questão (...), é, fizemos algumas leituras de alguns autores sobre a questão da disciplina. São temas assim, que eles ficam muito assustados, porque é algo que parece que é coisa do militar, que prende, que amarra. Nem se apercebendo, eles estão altamente amarrados, altamente atrelados, justamente por essa ignorância de superação do conceito, dentro de como ele está sendo utilizado, né?

T) E você, dentro da disciplina, você já comentou os procedimentos: como leitura, discussão. Você percebe que houve uma boa participação, um envolvimento? Você percebia que, pelo fato deles serem professores, que já trabalhavam o dia inteiro, isto poderia, de certa maneira, interferir efetivamente neste tipo de atividade?

FF4) As vezes. É que eu acho que eles estão assim, muito (...). Sempre eu digo: “eu acho que nós, a partir de uma outra ótica, a própria Universidade já tem mais um “Now How “ para preparar o curso. Porque também nós temos, eu entendo que nós temos que ser, as vezes, condescendentes. Mas, também, não podemos deixar que a coisa (...), nesta justificativa de que trabalha o dia inteiro, de que não tem dinheiro, essa coisa toda, porque afinal de contas, essa é a condição dos outros também.

T) É o perfil do nosso aluno.

FF4) É o perfil do nosso aluno. O nosso aluno é um aluno trabalhador. Agora, o que tem que acontecer é que cada um tem que aprender a administrar o seu tempo. Isto é uma coisa necessária que eles precisam. Assim, como vocês aprenderam a administrar que vocês têm que estar dentro da escola, que vocês são mães, que vocês são pais, que vocês têm que ir na igreja, que fazer não sei o quê, vocês vão ter que encontrar este tempo que é para conseguir ser estudante. Assim, há muita reclamação, mas acho que você não pode recuar por conta disso, não.

T) Não. Insistir ...

FF4) Até porque eles vão vencendo a partir disso. Então, é assim: fizeram um trabalho, para não ser tão, tão radical, e a gente entende também que é muito maluco tudo isto: é preciso uma vontade muito grande para poder (...), e eu acho que isto eles têm, tanto é que dos oitenta, nós temos setenta e três alunos.

T) E, já estão no terceiro ano?

FF4) Está no final do terceiro ano, e desses setenta e três, não é porque desistiram: tem alguns que se transferiram, que foram embora, inclusive em Campos nossos, no interior. Então, eles, você vê que eles estão tendo esta resistência. Estão resistindo a todas as intempéries (sorri).

T) A vontade de vencer, o desafio tem sido maior?

FF4) Tem sido. É. E aí então, eles, assim, a gente cedia, por exemplo: um trabalho que a gente via que era necessário, uma carga horária para eles se dedicarem para fazer esse trabalho, a gente cedia, por exemplo: a aula de tal dia vai estar livre para que vocês possam utilizar para estudar, para a realização do trabalho. Um seminário, por exemplo. Para ir também negociando com eles essas dificuldades, né? E, assim, tiveram, por exemplo, nessa disciplina de avaliação, nós tivemos momentos muito interessantes, momentos assim: realizamos um painel, a partir de uma avaliação que nós enfocamos a avaliação do ponto de vista do Pedro Demo, com essa visão mais ampla do processo, e não de uma avaliação mais pautada em cima da quantificação e nós tivemos assim ..., é também interessante e tivemos bons desempenhos. E, tem gente na turma que tem realmente conseguido avançar e que não deixa a desejar frente a nossos “pruridos”.

T) Eles costumam, A., você sentiu isso, trazer relatos da prática deles, nas aulas?

FF4) Ha! Sim. Muito, muito, muito, muito. E, é como, um outro cuidado que nós temos que ter, porque senão vai ficando esse relato como sendo simplesmente a verdade e pronto, porque eles têm, inclusive, a necessidade de expor isso. Então, esse é um cuidado que eu

acho que nós temos que ter: é pegar a partir disso que eles trazem, más trazer também o aprofundamento teórico.

T) Entao, esse confronto teoria e prática, ele vem para sala de aula?

FF4) Vem, sem dúvida nenhuma! E, vem muito fácil, vem muito fácil. Como todos eles estao fazendo aquilo, entao, você tem assim: aquele que traz no sentido da negação: “é isso mesmo, tá tudo muito ruim, a gente nao tem mais o que fazer, a gente só é cobrado”. Como você tem aquele que traz como de que: ”nao, isso acontece, mais é também possível se fazer dessa outra forma”. Dentro deles mesmo há aqueles que trazem tudo isso ou aqueles que já começam a fazer o depoimento assim: “antes eu fazia desse jeito, mas agora eu já passo a fazer assim”.

T) Quando você trabalhou a parte específica dos planos de ensino, dos vários planos (que a gente sabe que é um conteúdo muito trabalhado na formação de magistério de 2º grau, e que se acredita que seja uma prática da sala de aula deles, enquanto professores), você percebeu a presença efetiva do conhecimento prévio ou você percebeu que, apesar desse suposto conhecimento prévio, ainda houve muitas limitações, muitas deficiências?

FF4) A questao está muito assim: porque eles concebem (...), é a maneira como eles concebem o planejamento, né? Tanto é que eu nao me atenho muito na, na, na instrumentalização do plano em si. Eu acho que muito mais interessante é a gente discutir o quê é isso, para quê ele serve e como é que eu devo fazer? De que um modelo ou (...). Tanto é que, quando eles exercitaram isto, cada um, nós juntamos, fizemos duplas, porque a turma é grande e a gente dispoe de um tempo curto, porque como você vai compactando a disciplina, né? entao, você nao dispoe de um semestre inteiro para trabalhar com ele, você dispoe de três meses.

T) Você comentou que a turma é grande. Mais ou menos quantos alunos?

FF4) É de 40 alunos. E tinha mais de quarenta, porque (...), e esses alunos que saíram, saíram mais de uma turma que de outra. Entao, de oiten..., de setenta e três, eu tinha numa, trinta e oito e na outra, quarenta e poucos, mais ou menos. E aí, entao, o quê a gente

percebe? O grande problema é que eles ficam muito limitados a questão do instrumento. Quer dizer: eu tenho que ter como, eu tenho que ter: objetivo, conteúdos, procedimentos, avaliação. Eles têm que estar nessa ordem ou no quadrado, ou não sei quê. Essa é a grande preocupação deles. Quer dizer: a preocupação deles não é que o plano seja é, um elemento que faz parte do trabalho deles. Que vem facilitar, porque ele não vai, ele vai permitir que eu mantenha os meus registros; que eu possa estar sempre é, numa sequência, sem me perder do que eu estou fazendo. Então, eu, eu procurei trabalhar muito mais este aspecto neles, do que o aspecto. Tanto é que para fazer, para exercitar a elaboração do plano, foi assim: o tempo foi muito menor do que a gente dedicou para essa outra, esse outro lado do sentido. À medida que nós íamos refletindo, por exemplo, a gente discutia: fazer tal coisa, o quê é isso? Isso é um objetivo? Que tipo de objetivo é esse? Se fosse desenvolver uma atividade para o alcance desse objetivo, que tipo de atividade eu poderia desenvolver? Como eu poderia fazer? Chegou um momento em que eles foram construir, pelo menos o esboço de um plano, um plano que tivesse uma unidade, planejar uma aula que eles pudessem aplicar. Eu acho que esta questão é (...), o medo que eu tenho, da minha experiência de trabalhar em escola, ser professora mesmo, de séries iniciais, de ter trabalhado como orientadora de professores de séries iniciais. Quando iniciei na Universidade, trabalhando com a formação desse pessoal, eu acho que a questão instrumental, ela é, na prática, se você tem esse referencial do, do crítico, do reflexivo, eles se tornam muito mais facilitados. Eu acho que é complicado, e da maneira como ele é, porque ele é dado ele por ele. Desvinculado dessa ação, desse pensar e aí ele fica algo que é extremamente chato, que eu faço apenas (...) e, isto é uma coisa que eles declaram mesmo: tempo que é para cumprir, não aparece; porque o povo da Secretaria vai cobrar, porque não sei o quê, vai cobrar e não porque essa é uma forma de estudo, que eles desenvolvem de estudo também. Eu tentei colocar muito para eles: “planejar é você estudar”.

T) Você trabalhou com Gandin?

FF4) Sim. A parte do planejamento a, a (sorri), a concepção é do Gandin.

T) O Gandin faz exatamente essa reflexão, né?

FF4) Exatamente.

T) Danilo Gandin.

FF4) Planejamento como prática educativa. Entao, no planejamento, meu referencial foi ele.

T) E, dentro desse trabalho que você desenvolveu com eles na didática, de quê maneira você conseguiu avaliar essa disciplina, que você pudesse dizer que eles conseguiram atingir os objetivos que essa disciplina tinha?

FF4) Tá. Fizemos uma prova, uma prova em que nós demos questoes, algumas afirmativas para que eles discutissem essas afirmativas, algumas situaçoes - problemas, por exemplo: como é que eles, como é que eles reagiriam, o quê que eles fariam diante dessas. Algumas das questoes eram situaçoes – problemas em que eles deveriam manifestar como é que eles resolveriam aquilo ali. É, do que eles produziram na sala, por exemplo, uma exercitação da elaboração do plano, e a isso eu nao dei notas diferenciadas nao. Quem fez, teve um valor “X “ e ai , teve a nota, né? Por exemplo: do seminário também. É, eu costumo dar valores: eu pego a nota, fraciono essa nota em valores diferentes (sorri): é a estratégia que eu gosto de trabalhar. Entao, assim, se eu for fazer com eles cinco atividades, eu fraciono essa nota nessas cinco atividades e esse valor ele vai sendo colocado em função do nivel de dificuldade que cada uma delas têm, e da amplitude dela.

T) Mas, eles já sabem de antecedência que aquele é o valor?

FF4) Já. Sim, sim. Até porque nós negociamos isso no inicio da disciplina. Eu costumo, nao só com eles, mas com todas as minhas turmas: levo para eles a minha proposta, explico para eles qual é, porquê é que eu estou propondo aquilo, quer dizer, eu proponho, defendo (sorri), eles morrem de rir , quer dizer , “Ana, o quê é que nós vamos dizer se você ... ” (sorri).

T) Já disse tudo.

FF4) Tá aqui minha gente. São vocês agora que vão me dizer porque, se eu venho para cá sem nada, como é que vai ser? Então, eu coloco para eles a proposta, ele tem o dever de questionar, de sugerir, inclusive, as vezes, muda alguma coisa. As vezes o valor de uma questão que tá, de uma das atividades que eles acham que aquela deveria valer mais do que a outra e tal. Então, a gente entra nessa negociação. A verdade é que todos eles já sabiam o que deveriam. E, na didática aconteceu uma situação interessante: eu tive dois alunos que reprovaram. Esses alunos, quer dizer, chegaram ao final e não teriam nota para passar. Fiquei pensando muito: “Meus Deus, o que é que eu devo fazer? Não sei se vai ser pior eu reter esses alunos ou esses alunos caminharem?” Porquê? Esses alunos estão aqui, num trajeto finito; esse projeto ... amanhã não tem para eles continuarem, pagarem esta disciplina. Como é que vai ser isso? Eu, inclusive, nesse momento, burlei a própria legislação (sorri) da instituição com relação a avaliação. Eu chamei então os alunos e conversei com eles: Bom! a situação de vocês é essa! Um deles, inclusive, faltou bastante. É, eu quero fazer o seguinte: se vocês estiverem de acordo, nós faremos outra prova. Certo. Concordaram. Ai, vieram fazer a prova. Fizeram a prova. Mesmo assim um deles, principalmente este que faltou muito, além da dificuldade que tem, faltou as aulas, é lógico que ele não atingiu. E ai, esse que, a outra conseguiu o mínimo, mas conseguiu. E ai, eu fiquei naquela: O que é que eu devo fazer? Mas ai eu já joguei fora com ele. Eu fui e disse para ele: olha! É o seguinte: Você, na verdade, se eu for justa (sorri) com a distribuição de valor, você não tem nota para passar. Mas eu quero te dar um voto de confiança. Você vai ganhar (sorri) a nota mínima. Você vai me prometer que você doravante vai levar o curso com seriedade e eu vou explicar para você porquê eu estou fazendo isso: Eu estou fazendo isto porque, quando eu entrei para trabalhar com vocês, eu disse o seguinte: eu entendo que para vocês não existe nada menor do que seis – do que sessenta. Porque sessenta é o mínimo para vocês passarem. Para vocês só pode ser mais do que isso. Num processo de energia, de desgaste de energia muito grande, e que eu acho que isto tem que ter uma recompensa: que é justamente vocês estarem levando o curso a sério. Ai, eu disse pra ele: e eu acho que, preocupada com isso, é que eu vou fazer, mas nesta condição: você vai, se você estiver disposto a fazer este pacto comigo. “Professora, lhe prometo que não vou mais fazer essa coisa”. Está certo. Para minha surpresa, isto foi assim, altamente gratificante pra mim: quando eu voltei para dar Avaliação, você precisava de ver, foi assim, o aluno mais assíduo, mais ativo que eu tive durante as aulas todas, você acredita? Assim: não perdia

nada, estava ligado em todos os lances, fazia tudo com aquela atividade e estava assim, mesmo, supermotivado. Entao, eu fiquei super satisfeita. (demonstra estar emocionada)

T) O quê que você tiraria, Ana, dessa mensagem, porque a gente está acostumado dentro do sistema a estar preso às normas, e elas servem sempre de argumento pra gente se isentar de algumas situações. Como é que você vê isso?

FF4) Olha, Tania, eu penso o seguinte: eu sempre tenho procurado, eu prezo pelo seguinte: a norma, a função dela é criar uma condição de igualdade, criar uma condição de igualdade. Eu acho que a norma, ela, às vezes, não é sensata (sorri). Não é sensata. E eu acho que existe o legal e o bom senso. E, eu entendo que, em muitas situações, o bom senso precisa prevalecer. Eu sei que não sou justa, não sou perfeita, não tenho análises que sejam, é, corretíssimas. Eu poderia perfeitamente ter errado (sorri). Graças a Deus eu acertei ! Poderia ter afetado ...

T) Um voto de confiança que você deu para uma pessoa que está num processo de crescimento.

FF4) Entende? Entao, eu poderia perfeitamente ter errado. Ele não ter feito nada daquilo, ter continuado no mesmo relapso, não ter tido nenhum interesse de nada. Mas foi o inverso, quer dizer, aquilo ali foi assim: “acorda, porque a coisa não é brincadeira. Entao, valeu de mais por conta disso. Entao, eu acho que a gente tem que tentar também desenvolver na gente essa capacidade do bom senso. Quando eu devo, quando eu não devo? Porque acho que a gente está lidando ali com, com o aluno, e eu entendo que isso é muito necessário: a gente tentar conhecer o aluno, perceber o aluno, como é que a gente pode chegar e conseguir que esse aluno (...). Eu, por exemplo, na minha, quando eu trabalho com os meus alunos regulares, reprovar o aluno não é algo que satisfaça a gente de maneira nenhuma. Muito pelo contrário, né? A maior satisfação é que você tenha ... , eu por exemplo, agora, fechei uma turma que eram vinte e seis alunos e que foi altamente gratificante. É claro que foram aprovados todos, nem todos saíram com o mesmo nível, foram aprovados com o mesmo ..., mas que, com a condição mínima de ..., inclusive, dentre elas, tinham algumas que foram reprovadas anteriormente, e que agora, nesse momento, conseguiram melhorar consideravelmente. Eu vejo que a gente reprovar, a responsabilidade é tal grande quanto a de aprovar. Eu tenho procurado fazer o seguinte:



Sempre que eu percebo, porque, às vezes, é uma situação que a pessoa está vivendo, é o momento dele, que ele está passando e que de repente. Agora, há aqueles que você vê que realmente não tem nenhuma vontade mesmo, não tem nenhum compromisso. Mas, um pessoal desse aí, a condição deles é muito diferente, mesmo do nosso aluno do dia. Seja um aluno que já é trabalhador, mas a condição desses nossos da noite é diferente daqueles.

T) Em que condição você fala?

FF4) Eu falo no aspecto da condição disciplina. Eu acho que estudar durante o dia já dá um outro tom. Assim, o próprio horário da disposição para você fazer isso. Eu, por exemplo, quando chega de noite, por mais que a gente faça, não é a mesma coisa que a gente faz durante o dia. Então, você já leva um dia inteiro de trabalho, muitos deles correndo. Tem alunos desses daí, que trabalham o dia inteiro, fazem um lanche e que sai da escola, saiu para a escola de manhã, passou o dia inteiro, comeu por lá, vem pra cá. Então, a gente tem, tem situações aí que não são nada ...

T) Motivadoras para aprendizagem.

FF4) Motivadoras para que eles estejam ... E mesmo assim, o sujeito está enfrentando tudo isso, está se submetendo a tudo isso, em busca de crescer um pouquinho. É o que eu disse para o seu A. : eu acho que com essa turma, o que a gente conseguir de avanço, eu acho que se a gente conseguir que eles percebam que existe um mundo que é maior do que o mundo que eles estão vivendo, já é alguma coisa (emocionada).

T) Você acredita que isso pode ser também vinculado diretamente com a melhoria do ensino também das escolas?

FF4) Claro. Sem dúvida, sem dúvida, porque o que você percebe, no próprio depoimento deles, é que de repente eles começam a se enxergar. “ Ha! professor! Quando eu imagino ... “. Por exemplo, quando eu trabalhei Avaliação com eles e que a gente discutia os ... , das provas, dos tipos de provas, dos tipos de questões. Muitas vezes até da raiva de você, naquele momento da prova pegar, e aí, tentar pegar o camarada na prova e essa coisa toda; quantas vezes que eu vi : “ aí, professora, tô me vendo nisto, eu já fiz tanto isso, sabe?

Puxa vida! “ Eu acho que isso já é um ...uma ..., porque, à medida que esse sujeito começa a pensar na sua prática, ele começa a melhorar essa prática.

T) Porque ele esta vivenciando o papel de aluno de novo?

FF4) Sim. Exatamente. Quer dizer: de repente, ele se sente nessa pele: “Puxa vida! Como fui injusto; como eu fiz isso desse jeito, né? Como eu poderia ter feito diferente? Como eu hoje, eu vou passar a agir com meu aluno? Como é que eu vou me relacionar com esse aluno?” Entao, eu acho que isso já começa a dar outra dimensao. Agora, eu entendo que, essa, a preocupação da Universidade e a contra - partida dela, é formar esse pessoal, mas a Secretaria também tem que criar um mecanismo de acompanhamento desse pessoal, para que eles possam sentir assim: “Olha! A Universidade está me dotando disso, mas eu tenho o outro lado que também está dizendo: escuta, você está fazendo? Como é quê está isso aí?”

T) E, até valorizando esse crescimento.

FF4) E até valorizando este crescimento.

T) Nao só no sentido da fiscalização.

FF4) Nao. Mais na questao de realmente ..., porque é ... o municipio, ai eu, a gente tem que dar a mao a palmatoria: o governo anterior foi muito mais feliz na SEMED.

T) Um crescimento muito grande.

FF4) Eles investiram ...

T) Em todos os niveis.

FF4) Eles, eles, eles pesadamente se preocuparam com a formação dos recursos humanos. Esse projeto é resultado da, da, ainda, da gestao anterior. Eles tiveram essa preocupação muito grande. Acho que a atual, eu inclusive tive a oportunidade, como eu tenho acesso a

eles, eu disse pra eles: “ olha! Eu acho que vocês tem que encontrar uma maneira de acompanhar esse pessoal, até para que esse pessoal se sinta mais estimulado. E, outra coisa, vocês estão pecando à medida que vocês estão permitindo esses alunos estarem fora da sala de aula. Vocês não podem permitir uma coisa dessa; esses alunos têm que estar dentro da sala de aula, porque é para isso que eles estão aqui, na Universidade.

T) Uma formação em serviço.

FF4) Exatamente. Eu estive, eu fui diretamente conversar com eles e disse isso para eles: estou dizendo isto como professora da turma, estou dizendo isto como um membro da agência formadora e estou dizendo isto como um membro da comunidade. Eu acho que vocês têm o dever de fazer este tipo de coisa. Vocês estão permitindo que o fulano trabalhe na merenda escolar, não sei o quê. Tudo bem! Tem a ver com educação? Tem. Só que eles não estão, a formação deles está sendo para eles estarem dentro da sala de aula e você tem que estar lá, acompanhando e verificando a melhoria do desempenho desse professor lá dentro da sala de aula. Tá valendo a pena? Porque, até que vocês possam pleitear amanhã, para a Universidade, não mais em termos, até, de vocês estarem pagando via convênio, mas até de dizer: olha! vocês têm o dever de dar isso para a gente, nós precisamos para que o nosso pessoal se qualifique.

T) Esta perspectiva, A., que você colocou agora de certa maneira você está antecipando a própria prática de ensino, que seria já estar em prática desde que entraram aqui, né? E, como que você concebe a disciplina Prática de Ensino? O quê seria para você esta disciplina que a gente chama para o final do curso, que é o que nós temos ainda, aqui na nossa estrutura de grade?

FF4) Salve o melhor juízo, no caso deles, ela já está diluída, né Tania?

T) Ainda não.

FF4) Não?

T) Há a disciplina Prática I e II .

FF4) Já na nova grade?

T) Sim. Que é para começar agora.

FF4) É o nosso do ...

T) Há uma proposta para vincular ela com as metodologias, mas na prática ela ainda existe enquanto disciplina, do último ano.

FF4) Pelo menos neste do projeto, né? Entao, eu acho que o da grade do curso regular é que já estar. Olha! Veja bem. Isso já é reflexo disso aqui.

T) Exatamente. Já é um produto dessa realidade.

FF4) Exatamente. Já está começando a se pensar diferente o curso do pessoal de dia.

T) Mas pra você, o quê seria a disciplina de Prática?

FF4) Eu entendo o seguinte: a Prática de Ensino, ela é uma disciplina que ministrada no final do curso como ela tem sido, ela pega tudo isso que foi o curso, e faz esse aluno pensar esse todo, e aprofundar até aquilo que ele mais gostaria. E, às vezes, muitas vezes, até que o curso nao ofereceu: o quê eles gostariam e que o curso nao pode oferecer para ele. Eu acho que essa tem sido uma das oportunidades que a prática de ensino, pelo menos no curso de pedagogia regular, tem oferecido para eles. “Eu me interesso muito por educação especial, mas só que nao teve nada no curso que reportasse a isso“. E, a prática de ensino tem possibilitado a esses alunos, que tem esse interesse, que sao na maioria pessoas que já estao trabalhando com aquilo lá, na realidade deles, e por isso eles tem o interesse, e a prática de ensino tem possibilitado a eles de desenvolver o projeto em cima disso. De estudar mais isso, de conhecer mais.

T) Uma forma de estágio específico?

FF4) Hum! Hum!

T) Naquele momento dele tá especializando, se podemos usar essa terminologia, numa determinada área.

FF4) Hum, Hum! É. E, agora com esse pessoal que tá aí, já com experiência, é um pessoal que está trabalhando na pré- escola ou de 1ª a 4ª série. Já estão dentro da escola. O quê é que a gente faria com eles agora, neste momento de prática de ensino? Eu entendo que seria até, e aí precisaria não só de um, mas de alguns professores para poder acompanhar mais de perto, no dia a dia esse professor, o quê que realmente ele está fazendo, de como ele está fazendo e trazendo isso para a discussão mais ampla, nos momentos de sala de aula.

T) Então, você acredita que a Prática de Ensino deles deve ser feita na sala de aula, como sendo o seu próprio trabalho, num momento de reflexão e de autorreflexão, e reflexão em grupo?

FF4) Autorreflexão e reflexão no grupo. Eu acho. Eu acho que esse seria um caminho.

T) Porque oficialmente na UNIR, a tendência, nas outras turmas, é que a gente não permita o aluno que já trabalha fazer sua ...

FF4) Estar no próprio local .

T) ... prática , na sua própria sala, não é?

FF4) É.

T) Eu até coloco isto porque um dos conflitos que eu vejo que nós também temos na licenciatura, nas várias licenciaturas da UNIR, é que a gente perde a prática do aluno no sentido de ...

FF4) Na verdade, aquilo que ele está fazendo. Bom, por exemplo: com o pessoal da pedagogia isso não acontece, não até porque eles têm trabalhado em cima do desenvolvimento de projetos, né?

T) O pedagogo?

FF4) É. Eles montam o projeto dentro da prática de ensino, em cima daquilo que eles...

T) Do magistério?

FF4) É, do magistério. Por exemplo: agora, essa turma que fechou agora, trabalharam a questão das classes de aceleração: o quê é isso, como é que ela está estruturada, o quê eles pretendem? Fizeram toda uma leitura na bibliografia, em cima de bibliografia do quê que tem sido isso. Eu acho que isso pra eles é importante porque, afinal de contas, eles estarão na escola, orientando os professores a fazerem isso, porque, no caso deles, eles não saem para ser professor de 1ª a 4ª, mas sim (...), a não ser aqueles que optem pessoalmente, mas a formação não é essa, o objetivo, né? Já o objetivo desses é de serem professores de pré-escola e 1ª a 4ª série. Então, eu acho que a prática de ensino, no caso deles aí, o que eu entendo é que a própria coordenação do curso teria que juntar, e aí talvez, quem fosse esses professores? esses até que trabalharam essas disciplinas mais do tronco da formação, metodologias, ..., avaliação, e que pudessem compor essa, essa ...; esses professores que acompanhariam essas práticas, e com momentos de encontro no grande grupo para se discutir aquilo que, por exemplo: aquilo que o próprio aluno está vendo que ele está fazendo e aquilo que o professor que está acompanhando, está observando, na verdade se ampara essas duas coisas.

T) Eu creio que essa realidade dessa prática hoje vai ser o grande desafio desse curso, pelo perfil característico dessa clientela. Com relação a esse perfil e a essa prática pedagógica, você acredita que a pesquisa etnográfica pode estar contribuindo? A visão daquela pesquisa que o próprio profissional, a pesquisa de autoavaliação, seria o suporte de, do professor investigador neste momento?

FF4) Sem dúvida. Eu acredito, inclusive, que poderia ser um, (...) desenvolver com eles nesse último ano, praticamente com o (...) de prática de ensino, desenvolvendo com eles algumas estratégias tipo por exemplo: do diário de classe deles, não o diário de classes que ele anota as aulas, mas ...

T) Seria o diário de campo?

FF4) É. Exatamente. O registro daquilo que está fazendo, como ele está fazendo, dos acontecimentos para que ao final, inclusive, ele pudesse retornar a isso ...

T) Porque ele tem que fazer um relatório.

FF4) Isso inclusive já vai ser elemento para o relatório dele (sorri), né? Eu acho que essa seria uma boa coisa de que , criar com eles ..., e quem sabe que a partir disso, isso fazer, ... serem ..., é, dessa experiência deles no momento do estágio, já passar a fazer parte do trabalho cotidiano dele, né?

T) Porque as próprias literaturas tem desenvolvido esse, essa reflexão de se criar esse professor investigador.

FF4) Isso. Exatamente.

T) Nesse curso pode ter essa oportunidade nesse clientela.

FF4) Pode. Porque a partir disso, que ele vá criando esse hábito de anotar: o quê que ele fez, como foi que o aluno esteve reagindo em determinada situação, como foi que ele agiu naquele momento? Depois que ele (re) ler tudo isso, ele mesmo vai se defrontar e ele mesmo vai poder dizer : puxa, eu não devia, não teria sido dessa a melhor forma, né? E até pensar para novas, novas atitudes, novas ações frente aquilo que ele ao longo do tempo foi fazendo. Vai estar tudo registrado; eu acho que seria outra coisa.

T) Uma proposta ...

FF4) E, e inclusive também, acho que iria ajudá-los a ir rompendo ..., porque o que a gente percebe também, Tania, é a valorização do burocrático. É a questão dos conceitos, né? O burocrático foi durante muito tempo tachado, o próprio governo criou o Ministério da Desburocratização (sorri); então, isso tudo passa a ser assim: tudo que você tem que escrever parece que é burocrático.

T) É para alguém, não é para você mesmo.

FF4) É. É ruim porque à medida que você está fazendo isso, você é um tecnicista; você é alguém que, que não pensa, que você só quer ..., então isso tem uma conotação que não é muito positiva, ainda, né? E a gente consegue ainda perceber que, e isso foi uma coisa que nós discutimos, inclusive nossa, porque o burocrático também faz parte do que você é. O professor também é um administrador. Ele é um administrador da sua sala de aula. Como administrador, ele também tem uma função burocrática: que é das anotações dele; fazer o diário o de classe é burocrático isso. Mais isso aqui é um documento que a hora que eu quero saber ... , hoje, por exemplo: você chega e me diz: qual foi o programa? Eu não ..., Bom, eu sei a grosso modo o que eu trabalhei como ele. Bom! O processo ensino aprendizagem. eu não lembro do processo ensino – aprendizagem; eu dei muita coisa; o que foi de tudo isso que eu trabalhei? Eu não estou de posse do programa mas eu pego o diário e está aqui. É um registro de dados; quem quiser saber o que foi, o que foi que esse curso trabalhou nessa disciplina, ele está aqui.

T) Uma parte da história desse curso.

FF4) Exatamente. Mas o que é que acontece: isso é visto, não é visto com bons olhos. Nós temos colegas que tem rejeição por fazer isto. Que não tem, inclusive, o menor cuidado ao fazer essas coisas. (interrupção na gravação até sua conclusão).



### **ENTREVISTA A FF5**

FECHA: 22 /09/98

LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estructurada.

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO / BR (la propia investigadora).

ENTREVISTADO (FF5): Profesor del Departamento de Educación Física - UNIR / RO / Brasil.

Vamos iniciar agora uma entrevista com o professor J. G., professor do Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Rondônia.

T) J., eu gostaria de ti perguntar, a você que foi professor recentemente no curso de Magistério na modalidade de normal Superior, do convênio UNIR e Secretaria Municipal de Educação, eu gostaria de saber: a disciplina que você ministrou, que tem o nome de Psicomotricidade, como é que você vê essa disciplina na formação desse profissional à nível de pré-escolar e 1ª à 4ª série?

FF5) A disciplina, ela é uma disciplina básica, uma das disciplinas básicas. A realidade que as professoras trazem e a mesma realidade que eu pude constatar nos diferentes cursos que eu ministrei no período, com professores de 2º grau de magistério, e mesmo de professoras pedagógicas, e mesmo as pós-graduação com pedagogos, não são diferentes do que eu encontrei nessa turma de professoras e professores. Alguns já foram "leigos" na educação. E, que não é só um jovem ou um adulto que eles trabalham, eles vão para a escola, mas só vai a cabeça, porque é como se eles só matriculassem o "cérebro" delas. Mas, o cérebro no sentido desses alunos poderem responder às inquietudes dos planos de aula delas: os conflitos dos planos, desde à área de Matemática, Português, Geografia, História, Estudos Sociais, etc, dependendo do nível de escolaridade. Mas, não existe a pessoa da (...) e, eu fiz força para isso. De que maneira? Ou como é que eu constato isso também? Com outras realidades que não é muito diferente dessa: **nao tem espaço para a questão do corpo na escola**. Nunca, eu tento ..., só de falar desse corpo na escola: de atividades de brincadeira, de atividades na sala de aula, do corpo sentado na carteira, do modo como pega no lápis, do modo como se organiza para se deslocar da sala de aula, no modo como o corpo se expressa nos trabalhos de leitura, nas dinâmicas, do lúdico que eles criam, que é sempre fechadinho, sentado, circunscrito à mesa, a cadeira que cada aluno deles têm. É nesse sentido que eu vejo que a Psicomotricidade é uma coisa muito básica, porque a intenção que eu tive, talvez pela abordagem que eu dou, em Freud, é que eles descubram o corpo comigo. Descobre, assim, que o corpo pode se movimentar, que os alunos podem se levantar, que eles podem, que quando eles brincam, quando eles não brincam, quando eles

ficam sérios nas carteiras, quando eles se fecham atrás das mesas, que isso tem um sentido, mesmo nao podendo falar disso. E, que o corpo manifesta uma fala, uma comunicação. Eles começam a tomar contato com isso na minha disciplina. E, outra coisa mais importante, ou tao importante quanto isso, é que a escola começa a ser vista como um lugar para brincar. Eles falam assim: "mas, eu só via a brincadeira como uma coisa, assim, de deixar no parquinho na hora do recreio, é coisa de bagunça. A escola nao é isso; a gente nao pode fazer isso, a gente domina, a gente controla, a gente disciplina eles". E disciplinar esses alunos é disciplinar os corpos mesmos. E eles percebem, eles viveram esse caso comigo, porque a única disciplina dos corpos, como é que essa disciplina aconteceu? Brincando com as bolas: eles fazem movimentos dentro do espaço, com material, escolheram os colegas que eles queriam, eles, isso era movimento para eles. Eles se sentiam "esquisitos", se sentiram "ridículos"; outros vinham perguntar: "más, professor, o quê é que eu tenho que fazer? Professor, aonde é que eu vou? Professor, o quê é que eu vou fazer, agora, com esse material, om papel crepon, com folhas de papel crepon? E, agora, o quê é que eu posso fazer?" Entao, eu pergunto para ele assim: o que é que eu tenho que fazer? O que você pode fazer? É para fazer alguma coisa? E, eles ficam completamente "desorientados", porque eu percebo, no vivencial da prática deles, que eles repetem exatamente aquilo que eles esperam dos alunos deles: executar uma atividade que o professor manda: agora, é hora de sentar; agora, é hora de levantar; agora, todo mundo pega na bola; agora, todo mundo pega na fita de papel crepon; agora, todo mundo pega na corda; agora, a gente pode pular; agora, a gente chuta com essa perna; agora, todo mundo faz uma fila; agora, ...(...) Entao, eles ficaram completamente "desorientados", porque se transformou em um caos, foi uma desorientação. E, eu percebo, assim, que no final da disciplina eles caminham para uma orientação; que neste caos de poder explorar por si próprio o espaço, no tempo de cada um - essa palavra "tempo" pra eles, eu estava tentando explicar pra eles: nao é só o tempo que a bola vem até a mao da gente quando ela quica, mais é o tempo que a gente tem para poder se colocar à disposição para entrar na brincadeira, para ir para aquele lugar, nem todo mundo vai do mesmo jeito, ao mesmo tempo, quando o outro quer, quando o professor determina. Entao, a impressao que eu tenho, o sentimento que sai é muito novo. Pra mim, isso nao é novo, pela minha trajetória. Mais é muito novo, tudo é muito novo porque a Psicomotricidade pra eles é o quê? "É coordenar. 50% da Psicomotricidade é movimento, é pensamento, é ação, é inteligência com o movimento, é ligação do movimento com o pensamento. Faz uma analogia dos

préfixos e dos sufixos da palavra". E, depois, eu pergunto assim: entao tá bom. Agora, como é que funciona isso, na prática? E, na prática, o que é quê é? "Coordenação, é cortar com a tesoura, é riscar em cima da linha, é pontilhar direitinho". Eles entao trazem pra mim, dentro das suas experiências, o porque do verso da folha de papel ou, no verso da manipulação, da aprensão, através da escrita e da coordenação motora fina de usar a tesoura", e nao trás mais nada. Quando eu falo de alguma coisa da motricidade ampla, eles falam: " Ha! Também tem um negócio da coordenação ampla, da coordenação motora ampla". Ai, eu pergunto: pra que quê é isso? "Isso aí é pular, é correr, é saltar. Tudo é Psicomotricidade". Mas, entao, tudo é Psicomotricidade? Nao precisa ter psicomotricista, nao precisa fazer essa disciplina, porque se a Psicomotricidade está no pular, quando a gente corre, quando a gente salta, quando a gente escreve, quando a gente escova os dentes, entao, nao precisa ter professor de Psicomotricidade, nao precisa fazer essa materia, porque naturalmente se desenvolve, né? Entao, isso dá um "nó" na cabeça deles, porque eles vêm a Psicomotricidade numa concepção instrumental, de um corpo que você tem. E nao de um corpo como um todo, também: é a mão.

T) Hum, Hum.

FF5) É. A Psicomotricidade da mão. Entao, assim, a escola ... Por isso é que eu falei que a escola - a impressão que eu tenho é que quando eles matriculam o cérebro, matriculam a cabeça. E, o que quer dizer o cérebro e a cabeça? É a capacidade de decodificar as mensagens, os textos, as idéias, as somas, a multiplicação ou, um lugar aonde está um determinado país, determinados Estados. Enfim, os conhecimentos, os conteúdos programáticos pré-estabelecidos, tudo dentro daquela faixa etária, naquela série. **Nao existe a pessoa do aluno. O corpo nao vem para a escola.**

T) Entao, você acredita que a referência deles, de seu próprio corpo, também nao está sendo entendida?

FF5) Nao.

T) Pelo o que você fala, esse professor, quê é aluno, também nao se percebe nesse corpo?

FF5) Não se percebe. Assim, alguns tomam, eu vou até reforçar isso que você está falando. Eu me lembro, aconteceu numa dinâmica, quando eu falei assim: agora vocês, vocês agora vão ficar sózinhos com a sua tira de papel crepon. Isso é parte de uma dinâmica maior. Mas, eu precisava de uma tira de papel crepon. Falei para eles escolhessem uma cor que eles queriam e pedi pra eles medirem, medirem a tira de papel crepon. Então, cada tira são 2 metros e meio, já pra cada um. E, aí, eu pensei: o papel crepon aberto dava aquela tira bem grande. E, aí, eles começavam a medir: cada um decidia como media. De certa forma, medir com quê? Com uma régua? Ai, eu falei assim: Ha! mas, esse material não consta do nosso espaço e da nossa atividade. Nós temos o que aqui? Nós temos os colegas, nós temos as tiras e nós temos o seu corpo. Como é que nós poderíamos..., ai, eu devolvo para eles. É angustiante. É muito angustiante. O referencial é as coisas da escola: régua, papel, caneta. Outros, não falam. O silêncio me trás a, me dá a possibilidade de fazer uma inferência de que "há outros que comandam (sorri) o caminho da história", né? porque fica uma situação de "repúdio". Mas, sobre a questão "descoberta do corpo" que estava falando. Então, nessas atividades, inclusive tem pessoas que diz assim: "olha! Não pode mais usar a mão para poder medir. Temos que usar agora outra parte do corpo". E começaram a medir. Disseram então: "agora a gente vai começar a medir e comparar com uma tira de papel do colega. Qual é a diferença da tira? E, nessa história, teve uma pessoa que disse assim: "na hora que medir, você sabe que tem pessoas muito velhas, né?"

T)Hum.

FF5) E mediu pé sobre pé. Descobriu que não consegue se apoiar muito nos pés. E, que cair, é difícil, é perseverança, que tem uma estabilidade de ir e de vir. E, a gente percebe que tem "conteúdos" mais profundos que não podem ser trabalhados. Não era a proposta, não é um trabalho de terapia psicomotora, é um trabalho de educação psicomotora. Mas, o que, o resgate que eu pude trazer pra, pra, para essa senhora é de que "há quanto tempo ela percebe essa dificuldade de pisar? Se entrava naquele momento, se é para todas as situações, se é só para aquela perna?" E, aí, ela, a gente foi perceber numa outra atividade, que era de saltar, que eles estavam saltando as tiras, e que era difícil poder saltar. E, aí, ela desconhecia essa possibilidade de saltar. Ai, eu me pergunto? Poxa! Mas a gente salta quando sai de um ônibus, salta uma poça d'água, salta ...(...), mas, essa chamada de, dá

consciência pra sua própria conformidade, sua própria especificidade, isso parece que foi uma (...) médica. Eu tenho um corpo, um corpo, como é que eu poderia dizer?

#### T) Corpo Objeto?

FF5) É, um corpo sem dono. Sabe, é um corpo "acéfalo". Dá muita tristeza, sabe porquê? Eu tenho trabalhado cada vez mais com o meu corpo e a gente visualiza muito rapidamente aquela parte da gente, assim, às lacunas que cada pessoa tem. E não tá no curso da Pedagogia que você, assim, ampliar esse vivido corporal, fazer uma ponte entre estas lacunas que cada um tem, que provavelmente impedirá, impedirá essa sua criança, que tem possibilidade de ter essas lacunas, de superá-las, porque eles não têm, não porque eu não tenho o domínio de uma parte do nosso corpo que eu não vou ajudar o outro a ter. Mas, são vários corpos "acéfalos", sem controle, sem contato, sabe, assim, perdidos. Por exemplo, com a música: então, vou fazer um trabalho dirigido, agora um trabalho dirigido: eu fiz um "pupuri" com várias músicas, com as músicas orientais e ocidentais, que mobilizam determinadas coisas. O quê que eu quero dizer afinal de contas? Isso que fala de amor, que provoca uma certa coletividade, que trás o infantilismo. E, ai, tocou aquela música do Romeu e Julieta (tan,tan, tan tan tan,tan tan...), eu acho que é Romeu e Julieta, né? Aquela que toca naquelas caxinhas de música, né? Ai, eu dizia assim: cada mão tinha uma fita. Uma mão é o bailarino, e a outra mão é a bailarina. Imagina a bailarina dançando. Cada um dava uma metodologia: agora, a bailarina vai para a outra mão e o bailarino para a outra mão, e continua a dançar. Só a bailarina dança. Só a bailarina dança? É verdade? Todo o corpo está dançando, o braço está dançando. O meu objetivo, como eu coloquei pra eles, assim, de tudo isso sai muito, da vivência do trabalho. É aprender a soltar as mãos, porque eles valorizam tanto as mãos, que são mãos envelhecidas, enriquecidas, mãos que não se expressam. Sabe, assim, quando eu tenho a oportunidade sai espontaneamente. Como é que eu posso afirmar isso? Porque, antes, eu coloquei o "pupuri" e o movimento dos braços, as estruturas articulares todas curtinhas, aquilo é tudo muito novo. O ambiente é "esquisito", é aberto, entre nós, nós estamos acostumados a caminhar entre as carteiras, tem a idade, tem a religião, tem vários papéis, tem até pauta para que esse corpo se manifeste. Mas, como era o bailarino, porque era uma fita, e era bailarina, porque era outra fita, o corpo todo foi expressado. Porque não eram eles, né? Então, é uma estratégia. Então, eu estava tentando mostrar pra eles como é que a gente pode soltar a mão de uma criança que tem uma letra

muito dura, que quebra muito a ponta do lápis, que existem exercícios né, dentro dessa quantidade de instrumental rígidos, né? completamente, assim, sérios, para poder, assim, reeducar o movimento da escrita e, que passa antes por um contato com essa mão que expressa um sentimento. Quando a gente mobiliza a fita e ela dança no ar, ela desenha e o que é a expressão gráfica? É um desenho, é uma representação, uma projeção do seu corpo, porque quanto maior amplitude, maior possibilidade, melhor pra eles. Enfim, nesse conteúdo, nesse trabalho, teve pessoas que teve que perceber, assim, que a outra mão não conseguia parar: quando a bailarina ia dançar., o bailarino queria ir junto, e ele não conseguia controlar. O bailarino não conseguia ir junto ou vice e versa. "A minha mão esquerda é "esquisita", ela vem junto; a minha mão direita, então, assim, de repente, situações que a gente, às vezes, toma conta quando precisa abrir uma lata, quando precisa, assim, segurar uma coisa para poder abrir uma porta, a gente percebe que tem mais jeito de um lado do que outro. Eles percebem uma distância nesse contato, até disto: da esquerda e de direita. Qual é meu lado dominante? Qual é o lado que tenho facilidade? Então, assim, eu vi umas pessoas tão confusas. Eu percebo que, que por mais simples, um tempo reduzido de atividades, sem aprofundamento, já mobiliza "conteúdos" mais profundos de cada um. Então, eu não insisto em muita coisa, e rapidamente já trago pra discussão de como que é isso na escola. Então, o corpo deles, são corpos que estão, que eles não se encontram, com se não existissem, assim, uma vinculação entre o controle e o corpo. Quando a gente deixa esse corpo livre, o corpo não tem dono. E fica, assim, ameaçado, ameaçado, porque eles não conhecem. Então, eu tentei dizer: "Puxa! Se vocês não conhecem, como é que a gente vai ajudar às crianças a conhecerem os seus próprios corpos no sentido de segurança para poder, lá na frente, fazer uma leitura, ... , conseguir comunicar sua expressão, de um bom texto que ele produziu, de poder expressar como ele quer, através de um texto, ele representar, dramatizar". Será que essas atividades são feitas na escola? Elas não são feitas. Então, eu sinto, assim, o que eles me colocaram é uma angústia. Eu acho que, talvez, isso seja importante pra você: Eles disseram, assim, sobretudo no início, "você é um que desconsidera, a gente não sabe nada. A gente já viu todo isso e (isso não foi a turma toda, são aquelas pessoas que são mais, assim, com um "faço muito melhor", a gente vê que se veste melhor, vem de uma condição melhor. É porque tem pessoas muito pobres, né? Não sei se você se passou despercebido?)

T) Hum, hum.

FF5) E que muitas dessas pessoas, está num nível, eu vou falar a palavra "inibido", colocar nesse, do jeito que eu estou colocando, "como eu desconsiderasse o que eles tinham, porque eles se dao conta que eles nao sabem nada. E isso, isso estava ruim, de que eles nao estao sabendo nada, porque a minha estrategia no início, talvez isso nao seja importante, mas, assim, eu comecei perguntando: O quê é psicomotricidade? Entao, a psicomotricidade é isso? Entao, eu começava a fazer um jogo de dizer assim: tudo é psicomotricidade. Eu nao preciso estar aqui pra, entao, posso ir embora. Entao, essas coisas deixam eles "enloquecidos", né? Tipo assim, poxa! mas eles estao tao convictos de que eles faziam tudo direitinho. De repente, nao fazem, né? Eu disse assim: "vocês sao uma merda". Eu nao disse que eles eram uma "merda", mas, eu disse que eles eram uma "merda" na medida que eu mostrava outra coisa, um outro referencial, um outro paradigma de corpo, de escola, de individuo na solidariedade, nao só no discurso. Eles nao conheciam isso. Entao, eles nao sabem medir. Entao, eu precisei diminuir minha ansiedade e dizer pra eles : Olha! Eu vou ...(..) e falei, vou começar e vou redimensionar minha dinâmica. E, dizendo assim: que essa angustia, eu, eu acreditava que eles, todos, nao iam assimilar do mesmo jeito, mas que eu pensava que essa angustia era importante. Mas angustia pode também inibir o nosso processo de aprendizagem porque se sentir "ruim", se sentir "fraco", se sentir "burro", ser menosprezado, isso nao é jogo; a gente arranja um outro. E, eu queria que eles soubessem fazer isso ai. "Eu nao estou desconsiderando vocês, mesmo sabendo que a minha tática, o modo como eu comecei foi, assim, "chocante" né? foi , criou uma coisa, assim, que deixou vocês se sentirem menos, com "menos vália". Nao estou desconsiderando a história de vocês, mas eu também nao posso deixar de, de, assim, sao os meus ideais que podem estar errados, mas, de mostrar para vocês que a gente precisa deslumbrar um outro caminho. Nao dá para negar. E eu estou muito convicto dentro das coisas que eu prego, das coisas que eu digo, por conta das minhas leituras, por conta da minha prática. Nós estamos experimentando isso porque a gente está passando por uma experiência, pra gente poder confirmar a distância que a gente tem. Isso é angustiante. Mas eu estou com vocês". O resultado final, hoje mesmo foi lançado lá uma campanha, entao, assim: "ele parou de falar". Quando eu cheguei foi um "rebolicho", tipo assim, gostaram muito de mim né? Eu estou falando do geral, eu me sinto, assim, eu nao acredito que esteja equivocado. Se tiver, depois você até me comunica. Mas, nao é que eu esteja equivocado, eu sinto, assim, que eu conseguir resgatar isso: a autoestima, conseguir resgatar a autoestima. A avaliação deles,



eu vou tentar localizar a autoavaliação deles pra você. A avaliação deles era pra eles trazerem, assistir uma aula de um educador físico e, a outra era fazer um teste de coordenação com as crianças: observar postura, o tônus da mão. Então, assim, treinar a leitura de ver o outro. Então, nós fizemos isso entre a gente e os mesmos exercícios que eles vão fazer com as crianças. Podiam fazer em grupo. Disse pra eles que a gente sabe que com atividade de grupo as pessoas enrolam, umas encostam no outro, mas, que vai ganhar aqueles que for lá, fazer mesmo, observar as crianças. É muito simples, não precisa ser uma coisa complicada. Pra treinar pra ver o outro, porque eles também ficavam meio surpresos, assim, de como eu conseguia ver determinadas coisas que refletia a personalidade neles? Ai, eu falei assim: "isso não é segredo. Isso é treino e eu vou ajudar vocês a conseguir isso." E, eu sei que eles conseguiram porque eles foram a campo, entregaram as avaliações; eu ainda não corrigir as avaliações. Agora não consigo te dizer, assim, o resultado, que eu não sei. Mas, a impressão que eu tenho é que eles ficaram satisfeitos. Sabe, todo o movimento fechou.

T) E, dentro disso tudo que você colocou,

FF5) Não sei se eu falei demais?

T) Não, não. Não preocupe com essa questão.

FF5) É porque eu "curti", assim, o momento.

T) Mas, a intenção realmente dessa nossa conversa é que você possa estar trazendo a tua experiência com essa turma, como você percebeu essa relação, tua, nesse processo de interação com eles, mediado pelos conteúdos, pelos conteúdos que a tua disciplina trabalhou. É justamente esse o objetivo que nós estamos discutindo agora. E, por tudo isso que você trouxe, eu queria saber de você: de que maneira você, FF5, professor, concebe conceitos pra mim considerados básicos dentro desse trabalho como o que seria conhecimento? O que é conhecimento? O que é aprender, o que é ensinar? Você poderia, dentro disso que você já expôs, o que você poderia estar expressando dessas definições, desses conceitos acerca dessas palavras?

FF5) É, interessante. É a respeito disso que a gente está precisando discutir, ler. Eu, toda vez que eu preciso ler, falar sobre aprendizagem, essa questão de ensino, a gente, eu, né? fui sempre buscar alguns autores, fazer algumas (re)leituras. Então, você me pegou de surpresa, porque eu não tive tempo pra mim preparar. Mas, ao mesmo tempo,

T) Mas, é no sentido da tua concepção, da tua prática?

FF5) Então, assim, eu busco, quando busco, é porque, às vezes, eu me sinto, assim, muito "chato", com a minha idéia de (...). Eu vou definir pra você. Mas, eu me sinto muito "chato", quer dizer, "uma ducha", tipo assim: Poxa! É que são tantos, estou pensando de uma maneira e você vem dizendo uma outra coisa, você vem trazendo um outro universo, então assim, é "angustiante". Vê, assim, a distância e (...), assim, "Quem sabe mais? Quem conhece o quê? Certo? Desperta o nível de consciência dele, da criança, eu estou no mesmo conhecimento. Qual é a diferença? A visão que cada um de nós, eles enquanto alunos - professores; eu, enquanto professor, sentindo o mando mesmo. Inteligente, ser humano e que visão de sociedade? Sabe, assim, por exemplo: a evangélica, né? não consegue o corpo brincando, ela não pode ir, não pode se separar da música (...). Esse conhecimento da dança, ou seja, o que ela adquiriu ao longo da sua história com música, o significado de dança, tem um sentido na sua visão de mundo, na sua religião. Então, o que é que acontece? Ela não pode participar. Mas, quando eu disse que era um trabalho de exercício de treino, das articulações das mãos, com vista à melhoria da coordenação motora fina, tudo bem. O corpo estava dançando. Então, o quê que é conhecimento? Pra mim, é a história que cada um carrega, carrega desde o momento que começa a compreender, acho que até antes de compreender, porque os primeiros esqueminhas dados, tudo cimentado, depois que experimenta os reflexos (.....), transformando toda essa esquematização, são conhecimentos que são assimilados, acomodados, né? E, mesmo que não se tenha a consciência disso, a gente utiliza isso no momento apropriado. O conhecimento aí está relacionado a tua história, a história daquilo que você consegue ter, pra poder relacionar com o mundo. Pra aprender. Aprender com tua abertura pra poder compactar com o que você já tem acomodado, quem sabe lá, ao longo da sua história, e consegue ter uma estrutura mínima, uma estrutura mínima que vai passar pela experiência. Ou seja, que vai passar pela sua história de poder aceitar, ou de poder entrar em contato, porque senão... Aprender realmente está ligado a assimilar, a incorporar, né? Mas, como é

que assimila, incorpora, se você não tem uma experiência, não tem uma vivência anterior, né? de pequenas coisas, pequenos pressupostos, pequenos, pequenos passos naquilo que você está tratando de (.....)?

T) Então, o que você pensa sobre o conhecimento novo, se é que a gente pode afirmar que há um conhecimento novo "puro"? Como é que fica a aprendizagem de algo que, a princípio, é o primeiro contato?

FF5) Tudo, é, todo fenômeno, ele é interpretado de alguma maneira. Ele tem uma, ele é dado, é lhe dado num sentido que pode não ser aquele pelo qual você vai conhecer. Então, o conhecimento novo, que a gente chega com ele na sala de aula, eu cheguei lá com o conhecimento de Psicomotricidade, ninguém nunca ouviu falar esse "palavrao", né? Então, eu começo a dizer uma série de coisas sobre o corpo, eu falo da emoção, falo do vínculo da mãe com a criança, falo do diálogo tônico, falo da questão da coordenação, falo da evolução da espécie, no movimento automatizado. Uma confusão. Estou podendo entrar até na Psicopedagogia ou na Psicologia. Ai, é que pega. Só não é comigo, né?(...) Então, assim, não "fussa" a área que (...), que dá um bloqueio. Mas, tem um nível de apreensão de aprendizagem, que não é no todo. Bem, assim mesmo, no todo que eu determino, porque no todo dele tem um nível de apreensão, que vai chegar nessa "gestalt" maior. Vai abrir, em pequenas situações, em partes; essas partes, são partes para mim. Para ele, faz parte de um todo: ele mobiliza e identifica, desequilibra todo o seu interior. Por exemplo: é que todo o pessoal da Psicanálise já está começando a perceber que o caminho é só esse: que o corpo sempre rígido, sempre fechado, da Psicanálise, que não tem espaço para outro tipo de leitura, que de repente se deu conta que ele não consegue muitas coisas. Então, o que é que aconteceu? Ela, de repente, não aprendeu a Psicomotricidade, mas, aprendeu que precisa se abrir para novos conhecimentos. E, era esse o meu objetivo especificamente. As máximas não importa. (sorri). Então, o conhecimento novo sempre é apreendido, dentro do nível da história das crianças, que já passou.

T) Então, disso que você colocou, o que seria o termo ensinar?

FF5) Ai, acho que isso talvez seja mais fácil dizer. Ensinar é criar os passos para viver as possibilidades: possibilidades de não dizer, possibilidades de não ler, a possibilidade, como

eu já vi, não no curso que você está investigando mas, na pessoa ir embora, de sair. Não aguenta, não aguenta, assim, a bagunça, muita confusão, muita correria, muita bola, muita gente. Não aguentou. Então, assim, ensinar pra mim é possibilidade de ser, de mudar, de reconfirmar, de contradizer, de brigar, né? Eu acho que é por isso que eu gosto de ser professor. Porque eu não me sinto a minha sala, porque tudo é novo, eu também, às vezes, eu me sinto, (...), sabe, eu não tenho a menor ideia do que vai acontecer, porque a gente não tem uma avaliação diagnóstica dos valores quando a gente vai trabalhar na graduação, ou mesmo na pós. Então, é tudo novo. Então, eu também vou ajustando o meu discurso, vou organizando as minhas ideias em função de como eu aprendo com eles. Se eu aprendo com eles, então eles estão me ensinando. Como que eles estão me ensinando? Como olham pra mim, eles conversam comigo: olhando, falando, saindo, bocejando, dormindo, ficando em pé, rindo, tentando desviar a atenção, trazendo coisas da vida particular e, não aprofundando o conteúdo, ou aprofundando o conteúdo e não entrando na vida particular, no aspecto pessoal. São tantos os papéis que, são tantos os papéis que estão envolvidos numa dialética: para aqueles que se propõem de que vai levar alguma coisa para o outro, porque, ele, só confiante, já ..., eu não quero falar em nome de todos os professores, mas, eu digo: mas o outro lá, é que está me dizendo assim: "você só pode ensinar até aqui, você pode, você agora está precisando de (...), você está precisando ampliar. Olha! Você, agora, tem que fazer de uma outra maneira". Você está menosprezando a gente. Então, assim, eu percebo que, eu não tenho, assim, um conhecimento, é, uma enciclopédia a ser passada para o outro. Eu tenho o quê? Uma experiência de corpo, de ideia, do outro, da relação do outro com o objeto, com o espaço. Que às minhas experiências pessoais, minhas experiências de trabalho escrito, né? que me diz o seguinte: que, determinadas atitudes podem ter uma ideia de trazer determinadas respostas. Então, eu troco isto com eles, trago a história da vida prática deles. Então, eu penso que quando eu estou ensinando, eu estou criando um espaço para eles poderem falar da sua história, falar da sua experiência. Às vezes, eu criei uma situação como a que eu coloquei pra você, né?: deles, quando eles estão falando deles, as experiências deles, eles se sentiram subjugados, porque o que estou constatando é muito forte. Não era essa minha pretensão. Mas, alguma coisa aconteceu, alguma falha, nessa minha leitura, de deixar-los se expor, de deixar-los à vontade pra dizer sobre eles, mas não deixando eles "melindrados", né? De alguma maneira eu não, não, em algum lugar eu não ajudei a valorizar o conhecimento adquirido ao longo da vida deles, no trabalho de troca com as crianças. Eu fui coerente, né? Então, eu percebo o quê? Que eu

aprendi. Porque eu também estou aberto para esse novo (...), e o conhecimento novo quando chega? O conhecimento novo a gente não sabe como é que é. Eles chegaram comigo como uma forma de reinvidicar, pra mim, assim, me desculpar. Mas, não foi só isso que aconteceu. Eu vi de uma outra maneira: eu refiz a minha prática, eu vivi, sabe, tropeço o limite. Eu estava, assim, complicado, uma correria na minha vida, pós-greve da Universidade. Então, assim, eles ali, eles estavam sendo um impecilho pra mim; não era hora de eu trabalhar com eles. Não era. Era antes, não pode ser antes, estava sendo agora e tinha que ser feito tudo correndo. Quer dizer, eu misturei os meus "conteúdos", mas eles não sabem disso. Eu sei disso. Eu posso falar isso pra você, que você me compreende. Então, eu tinha uma meta: poder visualizar esse novo, que estava me sentindo, assim, "puto" com tudo: meu trabalho, não era possível o que eu estava fazendo, eu não estava ensinado. Eu estava negociando porque, se eu persistisse, não visualizasse, não tivesse esse fato que eu vi, eles provavelmente não teriam terminado do jeito que a gente terminou.

T) Então, essa tua fala ao final, eu gostaria de saber de você, de que maneira, a partir de que momento, você passou a estar atento pra essas questões do ensinar e do aprender desse "feedback" que você ficou percebendo no processo dessa disciplina, que essas pessoas te mobilizaram? Como é que você pensou na avaliação dentro desse sistema formal, que nós sabemos que a disciplina é obrigada a ter uma avaliação? Como é que você sistematizou tua avaliação? Dê que maneira é que você conseguiu perceber o quanto eles conseguiram "aprender" o que você trouxe, ou não?

FF5) Neguei totalmente a avaliação formal. (...). É um monte de coisas e atividades que eu tenho vontade de falar, né? Então, vou tentar contar em cima disso: eu tentava mostrar pra eles, assim, se eu, vou voltar nessa tecla do precisar a memória deles, se eu não posso reconhecer pra vocês (porque eu reconheci, nas duas turmas, até na outra que eu não falei), falei com as duas, né? Se eu não posso aqui, diante de vocês, reconhecer que eu estou falhando, que eu não estou sabendo conduzir direito, porque se você está afetando algumas pessoas, é porque o conteúdo não está legal, isto vai comprometer o processo de aprendizagem. Porque eu preciso ter, porque eu manifesto isto verbalmente pra vocês? Porque eu divido com vocês essa minha, esse meu "acordar" diante de uma queixa de um colega, em nome de um grupo? Porque é importante que vocês desmistifique o professor da Universidade. O Mestre é o que sabe, né? Tem que respeitar. Eu estou colocando em

termos de um imaginário geral, dentro do nosso meio. É assim que a gente vê : o professor universitario é aquele que sabe tudo, né? E, isso nao é. A gente sabe que nao é verdade; é bem verdade que a maioria sabe que isso nao é verdade. Mas, existe um nível de respeito muito grande. Agora, um professor precisa ver, professor de faculdade, na Universidade, dizer que está falhando no modo de relacionar com os alunos e que isto está comprometendo o trabalho, que ele tem que refazer sua prática, isso é um gesto de humildade. Eu me lembro muito daquele dito: "Se (...) é pra passar todo mundo, é um professor bonzinho". Nao tenho essa perspectiva higiênica. É pra que vocês possam se colocar no meu lugar e visualizar se fosse vocês, com suas crianças do maternal, do pré - escolar, de 1ª à 4ª série, de 5ª à 8ª série ou da educação de jovens e adultos. Quantas vezes (eu lembro de ter falado disso), quantas vezes vocês falharam, mas, por orgulho, por nao se permitir entrar em contato com as suas limitações. Interferiram no processo com as crianças, com os jovens. Eles foram embora e nao refizeram o caminho com eles. Eu estou refazendo o meu caminho com vocês. Eu estou ai pra isso, estou refazendo. Eu quero que vocês utilizem isso, nao é pra pensar: o professor Joao Guilherme é um bonzinho. Nao é isso. É pra vocês refletirem a história da prática de vocês, a praxis pedagógica que vocês têm. Vocês sao capazes de observar o modo como vocês lidam com as crianças, que interfere na mudança de tônus dela para escrever, no tom da voz dela pra falar, se elas vao gagejar, vocês estao atentos à isso? Porque eu estou percebendo que isso nao está dando certo. Tem algumas pessoas que se "bobiar" vao abandonar, vao ficar com medo de mim. Estou me sentindo assim: "o côô do cavalo do bandido" e nao é pra sentir isso, mas, eu nao sou do conduzir. Tenho que refazer. No dia que eu dizer: "meu ponto nao é na prática". Fora. Agora, vou entrar na avaliação. Eu comecei a fazer atividades aonde eu comecei agora, entao, a ficar "eu" me expor mais do que eles se expondo, porque estava colocando eles e já devíam ter posto como "gelo". Eles vinham, sem o conhecimento prévio, colocavam o que eles tinham, exatamente por acreditarem que eles tinham uma experiência anterior, e depois eu "crau" neles. Ai, é uma "bobisse". Mas eu nao ia dizer que nao era nada disso. Mas era como se su dicesse, porque o quê eu demonstrava? Eu corrigia tudo. Por exemplo: Eu mudei aquelas atividades de corda lá, que eles criarem, eu tive que pular. Até pularam com salto alto, eu falei disse: muito bem, né? vocês estao cuidadndo do corpo de vocês, podem imaginar se vocês tivessem torçido o tornozelo?" Nao importa!" É perfeitamente triste. Vocês parem pra imaginar se vocês nao sao capazes de cuidar do tornozelo do próprio pé, nao tem a consciência de que aqui nao é uma quadra, nao é uma

caixa de areia, todo mundo saltando cordas altas, quer dizer: eles são "cruéis", eles levantam o mais alto que podem, sabe, aquela coisa que não existe, tudo contra ele mesmo, deles, eles se esquecem do outro e, aquela coisa de mim mesmo, de levantar a corda para o outro não conseguir e cair. E, aí, o que é que acontece? o colega mais velho, assim, alguns são idosos, alguns são muito idosos aqui, algumas pessoas nunca fizeram atividades físicas na vida. E estão saltando, porque tem que saltar, porque o professor foi que criou a atividade, que é pra vocês experienciarem uma atividade dinâmica. Que absurdo! E eles se sujeitam a fazer isso. Eu sou capaz de dizer isso, né? Se vocês não são capazes de dizer isso, vocês não vão permitir que as crianças digam: "eu não quero fazer a atividade, eu estou com medo." E, inclusive esse medo, não é porque ele não é capaz de fazer, às vezes é porque não se sente seguro com a dinâmica, como o modo que vocês encaminharam as atividades. Por exemplo: um exemplo: a avaliação, vem como o quê? Como uma continuidade do nosso conteúdo de aula. O tempo todo eu não estou corrigindo? Olhando, mostrando o que eu olho, como é que eu olho? Aonde que o professor fica. Vocês já perceberam aonde eu fico? Eu tenho sempre um controle de todo mundo, eu percebo, chamo atenção de cada um, sou capaz de dizer: olha, você não fez a atividade assim, você poderia ter feito melhor assim, você poderia ter tirado esse sapato, Como é que você se sentiu? Conta para o grupo o que, a sua conquista. Como é que o João Guilherme sabe disso tudo? Quantos olhos eu tenho? Isso é um treino. Então, eles repetiram isso fazendo um treino. Eu vou ver como enviar a avaliação pra você.

T) E, a questão da mensuração?

FF5) Ai é que está. Como eu não corriji, isso é o meu grande medo. Você está pegando no meu "Tenda de Aquiles". Eu não sei quantificar o outro. Pra mim seria melhor, como agora foi na pós, lá no Ceará, eu dizer, eu falar assim: você tem que dizer se é suficiente, insuficiente, um tipo isso: suficiente ou insuficiente. Se respondeu ou não respondeu. Então, isso é muito melhor porque assim eu não tenho que comparar um com o outro. Eu não sei, eu não sei como quantificar. O objetivo, o quê é que era? Avaliar, eu não lembro de cabeça, né? Qualquer coisa no sentido assim: de avaliar a atividade do professor, quais são as atividades que ele propôs, se todo mundo participou, se ele acompanhou todo mundo, se ele ajudou um, se ele ajudou outro, se ele fica mais com um, independente dos outros ou se ele faz atividades valorizando determinados aspectos, por exemplo: do mais

forte, do mais inteligente, do mais rápido, e assim, não trás uma contextualização de valorização do potencial, no individual de todo mundo, porque foi isso que a gente falou. O tempo todo. Então, eles só foram uma vez, eu ia dizendo, não precisa nem colocar o nome do professor, só analisar: nós vimos a aula assim, descreve a aula pra mim, para eu poder ter uma idéia do que é a aula, porque senão como é que eu vou avaliar? Quanto mais bem descrito, ..., mais fácil vai ser pra mim, para eu poder dá uma boa pontuação, porque aí eu vou poder entender a análise de vocês. Então, eu acho que foi, um teste tipo assim, a outra parte um teste nas crianças, então, assim, é só anexar o resultado e examinar: olha, foi difícil, as crianças sentiram assim, sentiram "assado", né? Eles falaram o que eles viram. Bom, se eles fizeram isso, eles cumpriram. Depois eu vou dar 10, vou dar 9, vou dar 8, eu não sei, eu não sei. (demonstra angustia). Então, você pensa assim, como você vai fazer? Hoje, eu não tenho nem idéia. Mas eu tenho certeza que eu vou fazer assim: eu vou olhar de todos e ter uma idéia no geral. Daí assim, é muito subjetivo. É subjetividade mesmo. Aqueles que foram mais organizados na sistematização de escrever, de descrever com todas as partes de que foi pedido, de anexar tudo para que eu pudesse ter uma visão mais clara daquilo que eu pedir, então esse merece ter uma nota melhor. Aquele que fez tudo, mas que não me ajuda a ter uma visualização da situação, da vida prática lá, eu me lembro de tudo que eu disse pra ele, né? olha, o material você trás de um jeito que é como se eu estivesse fazendo parte da equipe. Então, eu não sei exatamente o que aconteceu. Então, quanto mais próximo disso, a nota será melhor. Até assim, um dia, se você puder me ajudar (sorri) a ver a avaliação, (...) , não é o objetivo, né? (sorri).

T) A avaliação, eu acho, principalmente, que eu acredito que é o grande nó ainda da educação. O nosso grande desafio a ser superado nesse processo de rever a prática pedagógica, de avançar. Eu percebo, João, na sua fala, nessa entrevista, em alguns momentos, eu percebo que, não sei se eu estou enganada, eu percebo que você tem um "pouco" do que Paulo Freire vem defendendo na sua teoria. Como é que você vê isso? Você acha que você tem uma descendência também do seu trabalho, em cima do que Paulo Freire vem defendendo?

FF5) Hoje, nós conversamos sobre Paulo Freire e você não perguntou nada, né? Eu também tinha pensado: falta. Mas, antes de eu vim pra Rondônia, em 1985 eu me formei e, eu tinha ótimos empregos, minha condição de vida, assim, pra morar sózinho, assim, não tinha



jeito, né? Morava com pai e com mae. Meu salário nao dava, como educador físico. E ai, minha grande vontade era de ganhar dinheiro na educação. E, tinha uma professora aqui, ela me falava do Paulo Freire, a gente lía algumas coisas, mas, nao a fundo, mas no nível de aperfeiçoamento. E ai eu comecei a ler Cartas a Guiné Bissau". Nao terminei de ler ainda, pra dizer a verdade. (.....) Ele, mas. Cartas de Guiné Bissau eu sei que eu li. Entao, eu saber que o Paulo Freire estava em Guiné Bissau, esteve em Bissau na época, nao sei se ele já tinha saído ou se ainda ele continuava, eu tinha constatado que abriu um processo de contratação lá, por conta do negócio de governo e tudo mais. E se pagava em dólar, um horário ganhando (...). Se der tudo certo eu posso fazer um mestrado, doutorado na área da Psicomotricidade. Olha a minha viagem! E, eu estava próximo da, falando bem a verdade: eu podia continuar meus estudos lá. Mas, a grande vontade, também tá isso: pobre, como o Paulo Freire, no meio da floresta, eu imagina assim, era a minha viagem: a floresta, no meio do mato, junto com os nativos, construir, eu ficava imaginando assim, os diferentes dialetos, entao, assim, como é que a gente ensina o processo de educação? Eu nao sabia como. Mas, eu ficava imaginando, assim, eu nao tenho que ter uma técnica. Eu tenho que conhecer a realidade deles. E isso eu aprendi com Paulo Freire. Qual é a história deles? O que é importante pra eles? O que é importante pra mim? Entao, eu ia conhecer a realidade deles. E a verdade, eu nao ia levar um conhecimento, eu ia viver o conhecimento deles, e ajudarlos a chegar à leitura e à escrita. Mas, eu pensava que quem iria fazer isso era o Paulo Freire. E, a minha viagem naquela época era ir pra Guiné Bissau e no discurso de Paulo Freire, levar a aprendizagem a partir do próprio corpo, junto com o trabalho dele. Esse foi meu grande sonho. E ganhar em dólar pra fazer e entrar pra conhecer a Europa. Era a minha vontade de estudar. Só que ai vim pra Rondônia. Vim para o meio do mato, né? Engraçado, né? eu queria estar no meio do mato. Cheguei! E, eu dei continuidade a história do jeitinho como eu havia pensado em 86. A época disso foi 86. Mas, eu penso que o grande aprendizado que eu tive com Paulo Freire é o seguinte: A minha história e os conteúdos que eu tenho, Paulo Freire tem tudo a ver com conteúdos, é, o que eu aprendi na escola, e o que é que eu aprendi na escola? eu aprendi na escola pública estadual, depois fui para a pública municipal, depois eu fui para a melhor escola particular, eu fiz uma faculdade particular. Esse conhecimento tem ma história de conteúdos acadêmicos, formais, que é meu, que eu adquiri, fruto de uma circunstância, de uma pai comerciante, classe média na época, mae uma educadora, professora de letras. Enfim, eu tinha uma história. Mas eu bem sabia que nem todo mundo tinha uma história. Como é que eu sabia

disso? Isso tem a ver com a igreja, porque eu trabalhava com o pessoal da teoria da libertação, né? na linha do Leonardo Bofé, eu trabalhava diretamente com o pessoal do padre Leonardo Bofé, da pastoral operária, sobretudo a pastoral operária, e fazia aquela área educacional, e a gente, e eu aprendi todos esses conceitos de que: eu não tenho que levar a minha história, eu tinha que ouvir a história do outro. E, em cima da história do outro, o que é que eu posso com a minha história? O que é que eu tenho mais que eu poderia, assim, dividir, que eu poderia contribuir para que as crianças pudessem ter a vida melhor? Mas a partir do desejo do outro também, sem impor. E, eu sabia, isso eu aprendi dentro da igreja, que o teu interesse mental vem depois, de que eu violentava com a minha própria maneira de ser. O que é que eu quero dizer com isso? Não adianta eu chegar lá, na favela, nem nas periferias, e com o meu sapato, o meu sapato é bom, estava comprado na sapataria, eu era quem tinha roupa boa, usava perfume, cabelo sempre arrumadinho. A minha maneira de ser não é como a maneira deles serem. Não era melhor nem pior, mais era diferente. E a minha maneira de ser já dizia que eu fazia parte, e que eu já não incluía, só com a minha simples presença. Então, essas coisas que eu lia em Paulo Freire, eu senti na pele, e eu entendia. É bem verdade, apesar de eu ser jovem, adolescente, eu me sentia um pouco envelhecido, porque eu me sentia melhor, porque eu era branco, porque eu tinha uma formação de educação formal direitinho, nunca tinha reprovado, minha mãe era educadora, tinha um monte de livros na minha casa, né? eu era totalmente diferente do resto das pessoas com que eu convivia. Por outro lado, eu percebia que a igreja é que condenava esse burguês, que eles não falavam que eu era, mas eu sabia que eles pensavam, por outro lado, era bom me ter, porque custava a gente ter isso, porque isso também dava status. Eu era uma contradição, que eu fui entender depois: a dialética lá, quando a gente vê alguma coisa de Marx e, assim, a história da exclusão do capitalismo.(sorri). Ah, começou a fazer sentido pra mim. Pra que eu vou começar dizendo: "vovô viu a uva", A minha verdade que meu pai me ensinou tinha isso: "vovô viu a uva", eu lembro da cartilha, eu lembro de meu pai me ensinando. Não sei porque a gente estava fazendo aquilo. Mas eu tinha que ler, meu pai me levava com ele na loja. Na outra ela carregava a lata na cabeça, eu lembro dessa senhora, dessa velha, alguma coisa assim, a mulher da lata, eu lembro direitinho disso. Eu (...) de fazer isso. Isso foi em 83. A lata era o problema do pessoal da favela, de carregar a lata e, a lata começou (...) da coordenação por uma lata de carregar água. E eu entendia isso. E, se for importante, assim, perguntar, assim: qual o livro que mexeu com você nessa área de Paulo Freire? Eu me lembro direitinho. Esse livro

deu num curso, eu me lembro até dos cursinhos que eu ..., "Cuidado! Escola", que não é do Paulo Freire, mas é do Humberto, é um grupo, eu não sei te dizer, acho que é do Ceará, que tem, assim, participação do povo do Paulo Freire, dos seguidores na época. (...) estava muito importante, e quando falava que a escola entrava muita gente humilde, aquela coisa comunista, era os porquinhos. Eu sabia que eu era aquele porquinho lá de baixo. Outra coisa que me chamava a atenção é que, o professor fala, fala, fala, e a criança ouve, ouve, ouve, o aluno ouve, ouve, ouve. Então, eu trabalho muito com imagem, então, o Paulo Freire me ajuda porque ele visualiza, ele faz você comprovar sua imagem e a impressão que me dá, eu trabalho com imagem também, é um trabalho assim, com a informação simbólica, figurada, e é fácil pra mim, porque ele, a minha dinâmica cognitiva é a imagem. Então, eu imagino o professor, quando ele se vê nos desenhos, né? nos meus cursos, agredia na época. Em que época é isso? 93. 93, 94. Quer dizer: um professor, uma boca bem grande aberta, uma boca assim, falando. Isso é ser professor. Que mau há nisso se a gente pudesse representar um parte do corpo, (...). E, hoje, eu costumo até dizer ainda, (...) Eu nunca tinha feito essa analogia. Essa associação estou fazendo agora, mas, dá para imaginar assim, naquela época, como é um estrupo. Eu falava nesse estrupo mas não usava a palavra "estrupo". E eu era agressivo, sabe? E, eu percebo assim, que de alguma maneira, essa agressividade está muito presente, quando a gente vê no curso os alunos dizendo: "olha, você tem se esquecido da gente." Quer dizer, é muito forte pra mim, me admitir, é, não admitir que um professor violento o aluno. O quê é violentar o aluno pra mim? É impor, é forçar, sabe? É trazer uma coisa descontextualizada da sua história, porque essa foi a minha história. Entende? Então, assim, eu estou fazendo um caminho, um caminho que não fizeram comigo. Eu estou bem consciente disso. Mas, com a diferença de que eu estou vivenciando, e vivenciar é muito mais duro. No modo como eu fui levado essas coisas, porque as pessoas que me ouviam não tinham, ... Eu, numa sala pequena mas (...) e um dos colegas ainda, professor da faculdade, (.....). Depois de tudo isso, eu estava pensando o corpo dentro da escola. Na hora que eu faço isso sempre penso: o corpo violentado, o corpo que é desconsiderado, o corpo que não pode se manifestar do jeito que é, o corpo que é considerado só uma parte dele nessa arbitrariedade. (...). Todo mundo tem algo para poder apresentar. Todo mundo. Eu falo isso, é, eu estou tendo esse "insigt" aqui, agora. Eu nunca tinha parado para pensar nisso. Nas minhas bases, na minha base teórica, na minha base de formação. Sempre que você, alguma coisa vai acontecer : .....(.....) e tudo cai em cima de você. (...) da banho em cima da gente. Os alunos ficam assustados,

(...), todo mundo sabe que todo mundo acha que você não sabe. Mas, todo mundo consegue ver que ..., como alguém pode ter algo pra potencializar. Aceita o outro do jeito que o outro é, com o potencial que ele tem, que tem a sua história, assim, o seu contributo que é fruto da sua vivência, que não é minha. Então, tem alguma coisa diferenciada; se que tem de diferenciada nele, então eu posso aprender. Aonde que eu aprendi isso? Na aceitação incondicional do outro, né? na história que o outro trás, independente de ser do meio urbano ou rural. E foi aí que eu tentei o meu mapa astral (...) E eu chorei muito, né? Eu não me lembro muito, eu devia ter uns dezessete, dezoito, dezessete anos. Em Volta Redonda, uma cidade que é o "cú" do mundo.(...)

T) Eu percebo também João que esse teu relato agora, acerca da tua vida, do embasamento que você percebe em Paulo Freire nessa tua prática, sempre essa sua preocupação da relação professor - aluno, né? você é enfático na sua fala, e como é que você viu essa relação ocorrer na sala de aula: você com seus alunos, dentro dessa disciplina? Como você poderia está relatando esse processo de relação professor - aluno no período dessa disciplina?

FF5) No início, a minha, no início foi assim, em maio. Em maio, eu tive uns três ou quatro encontros e aí depois, "tum" , voltei em agosto. Ficou um tempo muito grande sem ter aula. Eu tive, eu estava apreensivo por conta de eu saber exatamente nada, eu não sei nada sobre a história deles. Eu tinha, assim, muita insegurança, eu não estava seguro como professor, o que ensinar. E, afinal de contas, tantas pessoas muito mais velhas, né? que já ensinaram muito e tinha até avó no grupo. (...) e aí eu fiquei no plano do geral. Falamos da Psicomotricidade, do corpo, da história, muito brando, no geral, né? Eu estava defensivo, a minha relação era de defesa. Eles me atacaram. Junto aos problemas, tudo me era diferente, eu já me sentia tipo ameaçado porque eu vi, esse é um dado importante, que contribuiu pra chegar naquele ponto que eu já falei (...)Eu percebi que eram eles os fracos. Eles eram muito ingenuos também, ingenuos assim, no seu papel de educador. Eles sabem muito bem o papel deles, como professor de pré - escolar, de matemática, de português. Eles não sabem me dizer sobre aquilo que eles se organizaram a sua vida toda, como é que eu posso respeitá - los? Então, assim, foi um descaso meu com eles. Isso aconteceu. Na minha avaliação, o feito naquela minha história toda, que eu não preciso voltar a falar. No momento que a moça, uma senhora lá me chamou a atenção, e eu posso pensar nisso tudo

que a gente já falou aqui, como eu estou trazendo uma realidade pra você, ai, eu tenho que agradecer. (...) ai, ele saiu pra defensiva, ele saiu , é que eu nao sei se eu posso dizer que eles estavam na defensiva. É mais fácil dizer por mim: eu estava na defensiva no início, passei para um ataque no segundo momento, ai depois, eu vi que pode existir uma maneira mais honesta, quando eu pude mostrar pra eles que realmente eu estava errado. Eu vejo tipo, o Joao Guilherme, a partir desse momento, com essa turma acontecendo, o momento em que eu aceito a pontuação de que eu falhei. Relação de verdade, porque antes nao era uma relação. Era uma disputa, uma defesa, mas cada um no seu canto, trabalhando nos papéis estabelecidos institucionalmente: você sabe de cá, um sabe de lá. (...) porque se sabe o mesmo tom. Ai, eu fiquei muito chateado porque eu deposito muito, mas a minha expectativa é sempre assim: de que o reconhecimento que o outro sabe mais, mais do que eu. Ai, me frustei e ai nao pude aceitar essa decepção. Isso é uma grande falha. Eu preciso está me policiando para que estas coisas nao aconteçam. A expectativa de que o outro pode realmente errar, falhar. Esse momento do outro, essa história do outro, eu nao tenho que ter expectativa de que o outro vai acertar. Ele tem possibilidade de acertar, de saber mais, mas isso nao é condição para eu entrar numa sala de aula. Eu olho e penso que eu nao tive maturidade, assim, porque eu estava desesperado, eu nao queria acabar naquele momento. E eu nao via isso daí. Só fui vê quando me chamou a atenção e ai, a relação, como é que foi a relação daí pra frente? Foi de descontração, nós ríamos, brincar de cobrar "(...)" quando chegava atrasado. Nao era porque eu estava afin, que nao podia chegar atrasado, principalemte nas aulas práticas, e quando chegava mais de duas horas, "ha! Olha só a hora de você está chegando "bicho"? nao sei o que. Entao, eles tinham, essa gostosa, uma coisa gostosa. Nao tinha nada para ele poder "detonar", nem eu a eles, né?E, (...) já nos exemplos deles, e eu nao conseguia terminar o conteúdo, ai eu falava: olha, eu estou muito angustiado porque a gente nao vai vê tudo, nao vai, nao vai ver, nao tem jeito de ver tudo. Ou eu valorizo a história de vocês em detrimento do que eu tenho que cumprir, ou eu valorizo o que eu tenho que cumprir em detrimento do que vocês têm pra falar, que é a necessidade de vocês. Entao, assim, eu quero que vocês fiquei tranquilos: eu nao vou cumprir todo o conteúdo. Tá bom? Mas, assim, eu vou me esforçar pra cumprir, mas eu vou tentar responder , ai começou a "pintar" muitas dúvidas, (interrupção da fita para trocar por outra e dar continuidade a entrevista). Entao, eu estava dizendo pra você o seguinte: que eles chamavam a atenção para a questão da história da roupa, né? eu me visto, é o meu jeito, eu sou assim, é o meu jeito, eu só fui do meu jeito mesmo, né? e, eu

digo pra eles assim: eu nunca sou o mesmo, eu sei que tudo muda: dentro do nosso organismo um monte de células morre, outras nascem, um dia a gente acorda alegre, outro dia a gente acorda triste, outro dia a gente acorda de mal humor, outro dia a gente acorda cheio de tesão, a vida é uma mudança e, essa mudança reflete na minha maneira de ser, de expressar no meu tom de voz, vocês já me viram aqui chegar bravo, com a carinha de triste, meio chateado, meio fechado, esperando o que ninguém falou. Isso não é uma loucura, né? Isso é que é ser gente, é ser humano. Eu acho que é minha transparência. E, eu curto, eu curto vocês falarem porque se não diz isso pra mim, diz para os outros, diz pra vocês, assim, é legal, é legal saber que vocês vão curtir. Então, assim, é bacana isso, é uma troca. Eu não disse só pra mim, eu não penso que o nazismo é "louco", é troca mesmo, é uma vivência, é falar: olha, que bonito, que legal, que diferente, isso é uma coisa gostosa, (...) de repente, eu não sei quantificar. Mas foi bacana também, eu acho que para os dois, né? para os dois: tanto para eles como para mim. Mas eles chamam à atenção, e tem aqueles que chamam porque acham inconveniente, não pode perguntar, porque acha esquisito. Outra coisa assim, da interação com eles, e que não é só com eles, e que mexem sobre a mente, parece, de repente, que, eu, fazendo a supervisão e acompanhando isso, né? Eu digo que nós somos pedagogos com frequência, e nunca supervisores. É muito difícil. Eu (sorri), até hoje tenho trabalhado nesse aspecto de avaliar os "conteúdos" individuais, pessoais do que eu sou, interferindo sobre a praxis, né? Agora, sobre o caminhar, a minha concepção de religiosidade, de crença em Deus, né? que eu nunca esqueço. (...) Eu não sou cristão, eu fui. (...) Notadamente, desde o primeiro dia, "cola", não tem jeito. (...) quando eu falo da dicotomia corpo-mente, da das diferentes partes, né? e aí quando eu começo a falar de um corpo integrado, e quando trazem a questão do espírito e ele junta com o corpo, eu pergunto pra eles aonde está o espírito, né? O quê você chama espírito, né? Se tem alguma coisa ligada ao corpo, ligada a mente, ao raciocínio. E isso traz uma confusão muito grande porque isso é parte de uma concepção filosófica e, independente dele saber qual é a concepção dele, eles têm uma concepção associada, né? e há uma grande diferença: a minha verdade, nós sabemos como brincar com as palavras como verdade, e eles (...) por puro sentimento (sorri), pura afetividade acima das suas crenças. Então, chega até a ser covardia porque eles estão no curso. Eu brinco: eu me acho gostoso porque eu sou o guia. Os primeiros dias chegou a querer até "porrada". Eles tinham vontade de me bater, de descomugar, de desconjurar, me chamar de "demo", filho do "demo", qualquer coisa nesse sentido. E depois, eles não conseguem compreender como eu posso acreditar em

Deus se eu falo do ser humano com um respeito, como uma divindade, como um ser vivo, como um filho de Deus. Entao, eles nao conseguem compreender essa cobranca, e a prova disso é (...) Eu percebo que eu os deixo com a frustracao de ser, assim, uma pessoa que eles descobrem tao bacana, que foi um "filho da puta" no começo, e isso, nao sei, é gostoso, parece que eu provoco isso mesmo; eu sei que vai criar essa confusao, eu mobilizo essas dicotomias de corpo-espírito, alma-mente, Deus entra nessa história toda, e (...) no final. Como é que a gente resolve? Eu, o estado que eu aceito isso, a religiosidade dele, a pessoa da umbanda, da quimbanda, da igreja evangélica, do catolicismo, e eles sabem do espiritismo, né? e eles sabem que o meu desejo é que eles me aceitem do jeito que eu sou. Mas eles vao embora com uma angustia, aquela dificuldade de aceitar do jeito que eu sou. As eles querem muito. Entao, eles dizem que aceitam, mas o coração realmente partido, porque como ele pode acreditar numa pessoa que diz que nao acredita em Deus, como é que eu posso aceitar uma pessoa assim? E ai, pra mim, você poderia me perguntar : mas porque você faz isso? Porque essa angustia que eles, que eu fantasio que alguns fazem, de mim, é, na minha maneira de ver, é o jogar, é a minha avaliacao final. É jogalos assim, na para eles mesmos se admitirem, assumir o conteúdo da materia, da aceitaçao se sentir na sua totalidade, e o quê é a sua concepçao totalidade. Entao, eu posso muito bem fazer uma prova, um texto (...) . Entao, eu penso que a minha prática, sabe assim, é esse vivencial, que eu tenho certeza, Tania, é tantas vezes: dá pra mentir, sonhar, é muito subjetivo, mas eles sabem que eu gosto muito, assim, deles como professores que está começando, que está errado, que vai errar porque eu mostro que eu erro, admito meu erro, toda vez que eu tomo consciência, eu só posso falar daquilo que eu tomo consciência. Se eu nao tomo consciência eu nao tenho a menor idéia. Mas, se eu sei, eu assumo otimista, reconsidero e eles ficam, assim, sabendo que eu ajudei. Eles tem a compreensao do jeittinho deles: eu nao tenho que mudar, nao tenho que vestir uma roupa diferente, nao vou ter que falar diferente, entendeu? nao ter que mentir pra mim.

T)Nesta perspectiva, J., você diria que está trabalhando dentro de que tendência pedagógica? Qual você encontraria relação com a sua prática?

FF5) Olha, Tania, eu nao acredito, eu queria me colocar assim, sabe, nao fechar em uma, mas estar aberto. Eu acredito essencialmente no ser humano, como eu digo pra eles: "eu nao acredito no homem nao, eu acredito no homem e na mulher. Eu acredito na criança e

no idoso."(...) Há uma certa gestão dos governos na sociedade mais recente, onde as pessoas, (...), aonde o "EU" não existe, caiu, eu estou pensando na teoria crítico-social dos conteúdos, caiu também na abordagem da Juliana, enfocada na criança, descontextualizada da relação aluno-aluno, professor-aluno, naquela escola que bota os filhos todo o dia, como na Espanha, né? que tem muito turno, é outra "praia". Não adianta só focalizar, é ela no contexto da mãe, que estuda, do pai que está em casa agora. Tudo muda. Então, você, eu estou resistindo para dizer do ecletismo, mas eu percebo que em determinados momentos é importante dirigir, comandar, controlar, sabe assim, se localizar, como redigir, pelos meus ideais. Em outros momentos, o "Lasefyer" aparece bem desfarsado, né? não é na sua totalidade porque senão, ele é muito flexível, eu foi criado com ele(sorri). Então, o "Lasefyer" é assim, aquela tendência assim, ao deixar fazer, ela aparece, mas por si só, você fica no abandono, na espontaneidade, sem a tomada de consciência do porque: das respostas dos seus atos, da sua condição. O caminho, eu tomo nessas tendências, de acordo com o grupo, do modo como eu reajo com eles. Eu acredito no ser humano. Eu vejo assim, numa abordagem mais ampla, que eu não sei se seria admitível, uma que eu acho que seria é a humanista. A tecno-humanista é o quê? (sorri) Entendeu, é o meu humano, então, assim, eu ainda não consigo trazer uma categoria; eu acho que vai ficar mais bonito você estudar a minha fala (sorri), e dizer, " eu acho que o Guilherme se encaixa mais nessa "tranqueira" aqui, ou naquela "tranqueira" acolá. (Ha). Mas, você compreende, assim, eu não tenho tudo direitinho, às vezes fica uma vaidade "filha da mãe", então, eu acho que eu ajudo a discutir os problemas, que eles podem elaborar, que eles admitem, eles escolhem o que eles querem agora, e a gente assume tudo isso, e coloco no diário de classe como se estivesse cumprindo tudo porque essa é uma demanda. Cumprimos. Seria muito mais fácil se eu dissesse: "mas não é isso, não é isso". Então, às vezes, eu acho que eu utilizo um estilo bem divertido, e é muito presente, mas ainda acontece, mas é extremamente importante, em determinados momentos, eu colocar as "rédiás". Quando eles me dizem assim: "qual é o prazo?" A data é tal dia. Tal dia para entregar o trabalho, está aqui, meu telefone está aqui no quadro, meu endereço é tal, como se " a culpa é do João Guilherme". Assim, ranço, e eu, agora, né? a gente tinha negociado tudo. Mas é importante isso porque algumas pessoas compreendem assim.

T) Em quê sentido?



FF5) Produzem através da marcação do limite. E eu tenho o bom senso que uma outra, uma outra já não está nisso: "Quê é isso professor? Professor, eu não entendi uma parte, eu tenho perguntas, eu sou de tal equipe." Ele está aprendendo, está. Então, exige de minha parte também, no primeiro momento. A minha tática é que eu procuro ser o mais próximo possível daquilo que eu digo, daquilo que eu preconizo, dos exemplos que eu trago das minhas experiências que eu acumulei. Uma coisa importante é importante: taticamente todos os exemplos que eu dei, são exemplos que eu consegui com sucesso, são os meus sucessos na minha vida profissional. (...) muita pesquisa, muito mesmo, (...) eu tinha uma demanda muito grande, estudava muito sozinho, nunca tive do que me envergonhar. (...) porque eu conseguia, eu tinha um princípio a seguir, nem todos os animais, nem todo o ser humano. Sempre tem uma ética pra isso, e essa é a minha ética. (...) e eu sou consciente disso, eu sempre fui e continuo sendo de uma maneira diferente. Eu acho que isso desmistifica, talvez por isso a aproximação, sabe, Tania? É um estilo de ser, a escola que eu estou (...), não tenho a menor ideia. Isso só serve para mim quando eu tenho que fazer, sabe, tipo fazer um concurso. E como eu teve que dar aula de (...)

T) Para você, onde estaria Paulo Freire dentro dessas correntes?

FF5) (...) Ele não está. (...) Parece uma brincadeira, um jogo de palavras, mas eu me lembrei de uma mania de tentar organizar, codificar, fechar, pavimentar as pessoas. (...) Todo educador que está afinado com seus alunos, ou procurando sintonizar, ele vai de um contínuo ao outro, e de uma tendência à outra. Qual é o equilíbrio? É você, você lá conforme as necessidades: do seu grupo, da sua relação com você, com os seus alunos, com a distribuição do espaço, com a instituição, de você com os objetos. Porque a gente muda. Pode imaginar: eu estou preparado para trabalhar com 50 bolas, eu tenho 3 bolas e com 50 alunos. Isso modifica totalmente a minha abordagem, (...), mexe com o meu emocional, mexe com a minha situação, mexe com a minha capacidade de domínio. Então, vai variar o estilo de ser, vai variar a minha tendência de estar num estilo diferente, na escola que eu vou estar. Tudo isso (...)

T) João, eu queria te agradecer, foi muito boa a conversa, essa troca que a gente...

FF5) Eu falei todo o tempo e posso ter falado muita bobagem...

T) Nao, nao. Nao é bobagem nao. É porque em sua fala foi desencadeando e eu achei que era mais rico nao te interromper e estar registrando este teu relato e eu queria ti agradecer, e posteriormente vai estar sendo transcrita e vai está sendo enviada para que você possa está lendo e está comprovando a sua fala e autorizando a análise desse material.

FF5) Eu é que agradeço. Boa sorte!

### **ENTREVISTA A FF6**

FECHA: 24 /09/98

LOCAL: Porto Velho/RO/Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estruturada.

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO/BR (la propia investigadora).

ENTREVISTADA (FF6): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación - UNIR/RO/Brasil .

Vamos iniciar agora a entrevista com a prof<sup>a</sup> R., do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia, e que atuou no Projeto Especial da UNIR / SEMED na Formação de Magisterio de Pré - escolar e 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental.

T) R., você trabalhou basicamente com três disciplinas no curso que foram: a Didática, a História da Educação e o Currículo. Como é que foi essa experiência de está trabalhando nesse Projeto Especial e porquê assumindo essas disciplinas de forma específica?

FF6) De uma prática acumulada, eu venho me percebendo participante em um processo de mudança, de transformação para a Educação e todo trabalho que se apresenta para mim, eu encaro com, dentro dessa perspectiva. Nessa ótica de dar uma contribuição, é dentro da área da minha formação e me interessa muito a formação do educador, quer dizer, na perspectiva de, não só contribuir no papel político mesmo, nessa formação, mas aliando a perspectiva de competência técnica, de reflexões sobre como trabalhar a Educação na sala de aula, voltado especificamente para as séries iniciais, que é o meu foco de interesse. Agora, a questão das disciplinas, quer dizer, porquê didática, porquê História da Educação? Ela se deveu a um convite mesmo especial, uma oportunidade, dentro da coordenação do próprio curso. Com a Didática, eu já tinha experiências anteriores; com História da Educação, eu já tinha experiência anteriores e o Currículo, é que ficou um desafio maior, em função dos Parâmetros Curriculares Nacionais que eu tive que realmente estudar junto com os alunos. Então, era a minha ansiedade maior, tanto que eu me coloquei à disposição para essa disciplina, preferencialmente. Com a discussão à nível Nacional dos Parâmetros, quando você tem que ensinar, entre aspas, porque eu não acredito nessa expressão do ensino; mas eu acho que foi a construção do meu aprendizado, quer dizer, foi uma oportunidade de me detalhar mais profundamente. Então, as três disciplinas para mim, oportunizaram: no contexto histórico primeiro, quer dizer, eu tenho essa visão clara de que esse contexto histórico da Educação é, através dos tempos, e eu não fui, não utilizei uma perspectiva factual, mas partir do momento atual, regredindo na história (sorri), foi um retrocesso. A questão, isso colocado, deu uma amplitude para o aluno perceber os movimentos da Educação no Brasil e no Mundo, né? As tendências, a efervescência dos fatos e dos hábitos na Educação a partir da própria história, né? Do referencial teórico da História da Educação. Uma abordagem crítica foi feita; quando a gente... quando, na proposta de trabalho, eu dividir com outro colega, a gente pensou em fechar com

cominância dessa disciplina, uma perspectiva bem prática, quer dizer, eles elaborarem um texto sobre cada época, vamos dizer assim: sobre a Educação no Brasil e apresentarem isso de uma forma criativa. Quer dizer: a nossa intenção: as leituras, as discussões, os debates, as falas, se materializassem numa perspectiva, e eu me surpreendi muito com a turma: eles foram capazes de criarem dramatizações, criaram teatros, se vestiram em época (sorri), criaram diálogos de Sócrates e Platão, a partir do referencial teórico, no entendimento, quer dizer: o quê poderia ser um diálogo entre, a partir do referencial teórico, eles materializaram e foram capazes de viver, por exemplo, o que eu achei um ponto alto, a questão da Idade da Reforma Protestante, da Contra-Reforma, de uma forma lúdica, muito criativa, havia assim, um confronto, um debate das idéias de Calvino, de Lutero, Henrique VIII, e dialogando, quer dizer, eles defendendo posições (sorri) históricas, mais num diálogo, eu achei assim: muito criativo. Então, as beatas de um lado, apoiando um ou o outro, os revolucionários mais de vanguarda; então, eles perceberam que a questão histórica não passa pela figura daquele expoente que está nominado como um representante. Eles talvez não tivessem consciência disso, mas estavam lá presente as beatas, as negociações que eles achavam que deveria passar por interesses das indulgências, então, as negociatas; fizeram um trabalho, assim, bem crítico. Eu achei muito interessante nesta questão. Esse pano de fundo, me possibilitou conhecer a turma, perceber as relações ali existentes: são trabalhadores, vêm cansados, vêm às vezes com fome, porque não dá tempo de fazer esses lanches, assim, vêm, mas vêm com muita esperança, eu acho que eles depositaram, e o que me deu assim, muita, uma sensibilidade muito grande em relação a essa turma, porque tem um limite teórico muito grande, né? De redigir, de produzir, de escrever sobre o que está sentindo às vezes, compreendendo mesmo, porque a gente sabe que a transposição do entendimento, né? do pensamento para a escrita passa por toda uma transformação, de se constituir enquanto um sujeito que assume o discurso, eles se prendem muito ao texto e eu, naquela perspectiva, que também vim do mestrado, onde esse exercício foi muito doloroso, então eu queria já antecipar para eles, quer dizer: quando é que fica o texto, o autor e o seu texto; então, foi aí que nasceu essa idéia de uma representação, que na verdade não era uma representação, eu queria uma forma criativa de dizer, sem estar sendo a mesma linguagem do livro. Que eles contasse a história assim, e que esse trabalho me possibilitou perceber que esses professores, mas isso também de uma prática anterior, com o professor rural, eles necessitam muito da linguagem simbólica, né? Não é uma coisa que o cognitivo seja suficiente para expressar.

E, se você analisa, em termos cognitivos, da produção escrita, você ainda reprova esse aluno. Mas, se você vai buscar esse referencial dele, enquanto um ser, construindo a sua própria identidade, através de uma prática, ele avança, ele é capaz de perceber. E, os resultados desse trabalho chegaram até ao modelo de globalização no mundo, que eu fiquei muito surpresa, a perspectiva contemporânea da Educação e o fenômeno da globalização, eles buscaram, foi um grupo que não apresentou teatralmente, mas através de transparências, então a coisa ficou ...

T) Bem variada.

FF6) Bastante variada. Eu achei, assim, um trabalho muito criativo. A ementa dessa disciplina nós tivemos que elaborar; então, tivemos a oportunidade de regredir no tempo; eu acho que isso foi muito bom porque a gente fez o contexto atual e essa volta foi como uma viagem. Eu me senti muito bem em relação a essa perspectiva; mas, os limites desse trabalho também foram muito grandes, porque, primeiro, não há tempo para uma discussão mais aprofundada: o cansaço deles, somado a aquela perspectiva que a gente estava finalizando um semestre e, a expectativa de continuidade ou não desse trabalho, porque a SEMED não estava mantendo em dia o pagamento. Então, eles têm um desgaste muito grande, a cada semestre há uma ameaça de suspender porque o convênio não está sendo respeitado. Quer dizer: é problemático demais para o aluno, para uma turma, se sentir manipulada porque é um projeto que foi assumido numa gestão política anterior, não está sendo dado o devido valor nessa gestão, para essa questão de manter os professores pagos, remunerados e isso há sempre uma ameaça de que não vai ter uma continuidade. Então, isso desgasta: há muito tempo da aula perdido, daqueles momentos, dos encontros da noite, é perdido porque eles estão com ansiedade de falar sobre isso, quer dizer, vai o representante da turma, numa negociação para pagamento, e aí vem, tem que dar um retorno, então, a gente, tem uma quebra de continuidade, em alguns momentos houve assim, um certo, eu senti um certo desestímulo; mas, de uma perspectiva geral eu me surpreendi com a turma. Trabalho de manhã, trabalho há muito tempo, mas, principalmente, a *Turma A* é uma turma onde os elementos se constituíram esporadicamente, não houve intencionalidade nenhuma, mas eles têm um perfil que me leva, assim, a refletir que há um certo nível de comprometimento, eles estão aqui realmente

porque vieram buscar alguma coisa para referenciar o trabalho deles, e para se sentirem em condições de uma transformação mesmo da praxis.

T) Você sente então isso? Deu para você perceber isso: esse compromisso efetivo com melhoria da qualidade do ensino na sua sala de aula, enquanto docente, nesses alunos – professores?

FF6) Eles vêm exatamente por isso. Porque eu acho que é muito sacrifício vir apenas por um título, por uma melhoria que não é significativa nos salários e a gente sabe disso. Quer dizer, eles não são liberados para estudar: eles trabalham dois turnos, com turma, a grande maioria, tem uma diretora, nessa *Turma A* mesmo, e tem alguns outros ...

T) Que estão com desvio de função.

FF6) Com desvio de função. Mas, a grande maioria é professor, trabalha com duas turmas: uma de manhã e a outra à tarde. A gente conhece a realidade do sistema: salas calorentas, salas superlotadas, salas, mas eles estão lá, não faltam, é uma questão assim: obviamente faltas esporádicas e quem faltou nessa disciplina acabou desistindo do curso, né? Mas a grande massa está ali: presente, todos os dias e, até tem uma hora que bate aquela refrescada, que você sente que as pessoas estão cansadas. Você trabalhar com uma pessoa cansada é, intelectualmente é muito difícil, né? Então, eu procuro motivar o máximo.

T) Você, em função dessa realidade, dessa clientela, você colocou que usou a estratégia adequada em seu trabalho. Você poderia estar citando, com um pouquinho mais de detalhe, como você desenvolveu esse trabalho?

FF6) Eu hoje, desenvolvi uma perspectiva, não pessoal obviamente, mas assumida, do trabalho coletivo. Aquela postura: aluno atrás do outro, eu falando e, eu acho que, mesmo em qualquer espaço de trabalho que eu ocupe, eu não uso mais este modelo, até porque acho que me superei e vejo que o resultado é muito mais interessante. A perspectiva do trabalho em grupo, mesmo quando eu tenho que fazer uma preleção, ou amarrar, eles estão sentados em grupo, eu faço questão: ou em círculo, para que a coisa não fique, né? Aquela, um aluno atrás do outro, aquela, e o sentido que eu procuro impregnar nesses momentos é

acompanhar cada grupo. Eles me chamam muito, eles querem a presença, e eu sento junto: o que é que vocês estão lendo? até aonde já foram? E, a partir daquela, daquela realidade imediata, eu tento trabalhar. Fazendo pontes relacionais, fundamentando; eu parto sempre, Tania, de uma perspectiva de dar a visão de totalidade: o que é aquela área do conhecimento, não isoladamente, mas dentro de uma perspectiva das ciências humanas e sociais. Quer dizer, eu sempre parto desse pré-suposto: de que ele tem que ter uma visão de contexto. Ele sabe no primeiro dia, através do plano de trabalho, o que é que vai acontecer, a sequência, as vezes, a gente estica porque eu tenho uma fluência muito grande, eles também, acabam, sempre falta tempo. Eu sinto, a minha grande dificuldade é que falta tempo mesmo para...; mas eu também não fico ansiosa mais, de querer: "bom, agora tem que encerrar, cala a boca porque tem que passar para outra coisa". Não. Eu vou deixando a coisa fluir; de repente eu dou uma amarrada: "não, agora vamos repensar, que tempo que a gente tem e o que falta". Fico sempre nessa angústia – é uma angústia pessoal até. Mas o trabalho sempre em grupo; a produção escrita eles fazem, eu peço trabalhos individuais, peço assim: para sentir como eles estão escrevendo, acompanho um pouco, porque não dá tempo de você ler todos os trabalhos, fazer a crítica a todos os trabalhos. Então, eu até brinco: agora a gente sorteia e vou analisar uns dois ou três e em cima dessas análises eu coloco para eles: quais são as dificuldades, eles redigem muito mal, Eles, quando eles assumem o discurso, porque os trabalhos você sente que são transposições de autores, fazendo uma colcha de retalhos. Alguns têm coerência: fazem essa coisa de retalhos com uma lógica, mas você percebe que não é ...

T) Em função de um texto.

FF6) É, não se apropriaram ainda. É uma questão que, me parece, precisa ser trabalhada; já coloquei para a CP2. Eu acho que ainda tem disciplinas, principalmente a Metodologias, Língua Portuguesa, que pode auxiliar, não só como fazer, mas até subsidiá-los nessa produção, né? É o ponto "nevrálgico" mesmo, porque o discurso eles têm. Na sala não erram mesmo: eles captam a ideia central, quer dizer, um ou outro aluno tem dificuldade, tem um aluno com uma séria dificuldade, mas eu tenho entendimento de que a gente não tem que trabalhar um aluno ideal não. A gente tem que trabalhar o aluno real. Então, são esses alunos que a gente vai ter que... . É uma das perspectivas desse trabalho - eles sabem, é a produção de um único trabalho do grupo: porque ele envolve pesquisa e os

resultados desse trabalho colocados todos, de todos os grupos, num único documento. Então, fica ali, daquela turma ..., eu tenho trabalhado, que voltei do mestrado nesta perspectiva, em todas as disciplinas: e eles conseguiram, quer dizer, a gente tem lá os diálogos que eles criaram, tem toda a história mesmo dessa construção.

T) Deles se sentirem atores nessa construção.

FF6) Atores, e eles estão sendo avaliados não por um trabalho por conta de uma prova, ou do, mas por uma construção de um trabalho continuado, quer dizer, essa é uma perspectiva, tanto metodológica quanto de avaliação, que eu tenho impregnado, tentando impregnar no meu trabalho, né?

T) À nível da avaliação deles, na hora de fechar, que a gente sabe que formalmente tem que dar uma nota, como é que você fez isso dentro dessa proposta de um trabalho inovador que você está fazendo?

FF6) É muito angustiante. Sempre foi para mim um ponto nevrálgico da questão, até porque eu acho que todo processo, eu concordo com Luiz Carlos de Freitas quando ele diz “ que não parte de objetivos “. Eu acho que o planejamento de ensino tem que partir da avaliação para a avaliação. Ele privilegia todo, ele contextualiza todo esse modelo didático, em função de que tem que se estabelecer objetivos. Objetivos em relação a que realidade? Em relação ao que eu considero um objetivo? E ele foi muito feliz: a dissertação, a tese de doutorado sobre organização do trabalho na escola dá essa dimensão de que é da avaliação para a avaliação. E aí, muda todo o enfoque, né? Porque você vai e no primeiro dia, quando eu iniciei esse plano de trabalho, tem lá explicitado que a avaliação vai se dar em quatro instâncias: a autoavaliação, quer dizer, eles vão ter que se avaliar; eu tenho uma ficha que eu trabalho a avaliação do grupo, né? A minha própria avaliação, as minhas próprias observações, porque eu, a partir do momento que o aluno vai lá na frente, porque, eu até me esqueci de falar: nessa perspectiva do trabalho em grupo tem três momentos básicos: um, que eles fazem de leitura individual e eu exijo, porque ele tem que dar uma resumida e me entregar ; então, se ele tem, eu conto assim, tem trinta leituras ou vinte leituras, ou, eles tem que ter ali, aqueles resumos para subsidiá-lo. A perspectiva da leitura individual, leitura mesmo, né? leitura pra, na sala de aula, muitas das vezes nós tivemos que fazer essa leitura, porque não havia tempo ...



T) Fora.

FF6) Fora. Entao, por mais que eu disesse: "olha, vamos fazer essa leitura nos finais de semana", mas nao há esse, nessa turma eu tive que adequar; porque de manha eu vou e exijo: olha, eu quero que leia. E aí, eu fui "arefecendo" nessa perspectiva para que eles até pudessem ter o espaço para ler mesmo, em sala de aula. Mas aí, há discussao no pequeno grupo e abre-se a , ele sabe que ele vai discutir aquilo no primeiro grupo para ele expor; ele tem que assumir esse discurso fazendo sempre uma relação - aí é que é a questao da unicidade teoria-prática, no meu entendimento, é o momento que eu oportunizo o aluno para que ele, tem a partir desse referencial teórico, uma perspectiva de confronto com a sua prática. E como isso se encaixa, entao ele faz a crítica em nome, quando nós lemos um texto sobre organização do trabalho pedagógico, eles colocaram que nao há uma organização, eles percebem as falhas do sistema. Quando, por exemplo, em didática trabalhamos a questao do planejamento, eles viram que o planejamento é um mero instrumento de mostrar para a supervisora, quer dizer, eles conseguem fazer a partir de...

T) Da vivência que tem.

FF6) Da vivência que tem e de terem colocado lá na frente para socializar isso. E parece incrível que todos, "bate", né? eles tem uma, uma, ai, eles sempre colocavam: "Ha! Professora, mas", principalmente uma aluna que eu acho bastante inteligente, a C., ela colocava assim, pra mim: "Há! mas a teoria na prática é outra. Isso ai é muito bonito no livro." Entao, o conceito de práxis - eles inclusive me chamavam "Dona Práxis" – porque eu falava muito. Eu digo: "olha! tudo bem, isto é do livro, mas esse livro é uma teoria que foi pensada por alguém e você, para se constituir dela, para que você possa transformar a sua, tem a responsabilidade de fazer essa ponte; claro, isso aqui é bonito para outra situação. E para minha situação, o quê eu posso fazer, a partir disso? Porque você tem que ter uma referência de ideal, porque a perspectiva teórica é sempre idealista, mas você tem que ter o pé no chão e a realidade; entao, aproximar isso é o teu desafio". E aí, entao, os trabalhos sempre partiram nessa direção. E a avaliação eu responsabilizava-os com autoavaliação, eles têm que se dar um conceito, nao um conceito pura e simplesmente: eu vou me dar nota, mas escrevendo: fazer uma dissertação de cómo eu me vejo nesse curso,

né? O que quê eu aprendi? As fichas, os critérios, a ficha em grupo, é, são discutidas, os critérios são discutidos entre, a gente faz a discussão rápida, bem rápida mesmo, ver os itens que vão ser colocados, porque eu deixo em branco o campo dos critérios, então, eles sempre colocam: assiduidade, participação, contribuição efetiva, etc., então vem esses critérios e um dá nota para o outro. Aí fica aquela situação: Ha! Eles mesmos discutem, é ruim porque a gente já compra briga, porque isso. Então, passa por uma responsabilidade, eu digo: "olha! tudo bem. Se você quer colocar o nome do colega no trabalho, é uma decisão do grupo, eu não vou intervir nisso. Agora, é para refletir: estou colocando o teu nome no trabalho". Até que ponto isso é importante. Então, passa por toda uma discussão, porque é ...

T) De conscientizar acerca do que aprendeu.

FF6) De conscientizar. É uma tentativa, tentativa. A terceira nota é minha mesmo, eu faço questão e eu, a ponderação também depende da turma. Tem turma que acha que tem que centrar no professor ainda. Outras, acham que não. Sempre tem um debate. A ponderação, e eu tenho aquele, acho que é no "excel", já está pronto, como eu faço essa média, né? É só jogar ali, porque acaba assimilando em notas, porque tem que ter essa representação numérica e, a última nota que eu, aí eu defendo, enquanto participe do grupo, não imponho, que o trabalho final seja o peso maior, porque a gente, geralmente, é prudente 40, 50 pontos. Ela é somativa, quer dizer, acaba ficando 20 para um, 15 e 15 mais 50, então, vai dando um fechamento de, e eles sabem que se eu estou dando uma nota pela participação, vai precisar do envolvimento deles o tempo inteiro, né? Essa foi uma perspectiva que, nas três disciplinas, a gente, a ficha eu adotei na questão do currículo só, porque já tinha sido um amadurecimento. Então, tanto a história da educação e quanto a didática foi a autoavaliação, a minha avaliação e a avaliação do trabalho. O trabalho mesmo, a concretude dele como, dentro de uma orientação, da metodologia científica, porque também tem que fazer esse esforço, porque eles tiveram, mas, falta ainda, ficam muito ansiosos de como organizar. Então, eu dou o roteiro mesmo: os capítulos. E, eu chego ao ponto, e me senti na obrigação, e isso é desgastante, enquanto professora, nesse momento de construção desse trabalho de fechamento dele em si, porque é colocado, assim: o quê é uma introdução? O quê deve constar uma introdução? O quê é um capítulo de referencial teórico? O quê é você trazer, pra sua prática, e aí construir esse novo, né? Na

didática, mais especificamente, houve, eu tentei, a partir dessa, a partir do contexto da educação no mundo, no momento atual, da globalização, eu entrei com a perspectiva interdisciplinar como uma alternativa de superação do modelo vigente – essa é uma perspectiva teórica que eu tenho me "metido" mais, estudando, reconhecendo ...

T) E você concebe qual o modelo vigente? O quê seria para você esse modelo vigente?

FF6) Uma superação do modelo vigente, dentro de um paradigma, vamos dizer, de um modelo majoritário, de uma educação cognitivista, eminentemente cognitivista. Por mas que a taxonomia de Bloom tenha dito que era afetiva e psicomotora, há uma dissociabilidade na escola, na maneira em que ela está colocada, e isso principalmente nas séries iniciais, que eu acho uma fragmentação, num momento muito cedo da.., e o próprio planejamento, de uma forma linear como é colocado, né? A própria, aqueles momentos estanques: agora é matemática, agora é português, agora é.., então, eu tento essa superação e reflito sobre a questão do paradigma: a questão desse paradigma nas ciências, de um modo geral, porque a gente sabe hoje que os trabalhos que lançaram mesmo na física orgânica, inorgânica e etc., estão subsidiando essa concepção de totalidade, essa visão mais relacional, e, eu coloco a questão da crise do paradigma na educação a partir de um modelo que é emergente, está se firmando, não é uma coisa que seja vivido, e se você for na escola, eles alegam muito que “o diretor não permite, que o supervisor não permite”, porque obviamente, também tiveram uma formação anterior, eles estão “cristalizados“, as vezes e, é difícil mas, a perspectiva é uma linha..., aí trabalho essa questão da interdisciplinaridade, conceitualmente. tenho estudado na didática, também estou trabalhando. Eu tenho um texto da Ivani Fazenda, que é : “A ambiguidade na ...“, agora eu esqueci o outro, eu sei que é a ambiguidade no ensino da didática, né? ela trabalha o ensino da didática, como a didática está concebida muito linearmente? Muito, qual é o processo de relações entre os diferentes conteúdos? Claro que tem que ter objetivos, tem que ter , mas partindo de um processo de avaliação para avaliação. A perspectiva interdisciplinar, ela se materializa, no meu entendimento, foi o que eu tentei passar pra eles, posso estar até errada, eu que está a coisa muito nova, né? não sei se o rumo que eu dei, é, preocupa muito nisso, muito mesmo. Mas eu tenho que ousar, eu acho que é na ousadia que a gente vai transformando. É uma linha de projetos, uma linha de avançar, por enquanto um a um, e aí eu já tenho esquematizado alguns princípios, que eu discuto com eles os seis princípios:

(...), de contexto, ai depois, a dialética, eu coloco mesmo a necessidade de uma visao contraditória em tudo, quer dizer, nao há, vamos dizer, a verdade do livro didático. Há, entao, a dialética que é um encontro de muita reflexao, a interrelação entre os diferentes conteúdos, essa possibilidade. Eu coloco a questao interdisciplinar como a Ivanir coloca, numa perspectiva de relação de conteúdos disciplinares - que isso ai é muito pouco para, mais uma postura interdisciplinar: você encher o mundo a partir de uma óptica relacional.

T) Uma rede de significados.

FF6) Uma rede de significados, e a partir de símbolos, né? quer dizer, entao, que tem toda essa questao, por exemplo: eu faço dinâmicas, né? e uma dinâmica feita é: um dos alunos engatinharam, fazer qualquer outra ação, que eles mesmos indiquem, né?, alguém vai fazer: pagar uma prenda ou, e ai, no engatinhamento, naquela ação, houve uma, uma concretude né? e ai vamos teorizar sobre, primeiro, eu peço para o próprio: com as maos presas, parado, em pé, duro, para. Vai explicar o que você fez: “ ah! Eu, primeiro coloquei ai ... ele quer usar corpo pra mostrar. Nao, nao pode. Tem que ficar paradinho, tem que ser sedimentado. Agora você vai descrever: a linguagem, dar outro nível de significado. (...) todo mundo riu. Bom, aí eles passam para essa questao de, mais elaborada, e ai, sobre o ato de engatinhar, como a ver todos os significados do grupo. Entao, contrai uma representação social sobre o engatinhar, que na verdade é uma teoria sobre o engatinhar. Entao, eu explico pra eles: toria nao é uma coisa assim, do nada. Entao, eles têm que, é interessante como, na vivencia concreta, né? Ai, eu digo: exatamente, só que a teoria, ela nao foi construida pela pessoa que engatinhou a perna. Nós tivemos o quê? Várias visoes. E eles vaocolocando no quadro, sabe assim, construindo. Para trabalhar a questao da relação professor - aluno, a questao de um trabalho de, vamos dizer, respeito, da identidade, do material, do conhecimento que saiu da prática da escola, das suas emoções inclusive, né? É um trabalho da perspectiva, que eu trabalhei na minha dissertação que a trilogia "pensar, sentir, agir". Dentro dessa trilogia eles vao buscando referenciar o ser professores, o ser aluno, com esse ser que está em construção pode ser constituído a partir de uma área proximal, vamos dizer assim, de relações, trabalha mesmo a questao do Vigoskt..., nesse momento pra mostrar que é possível aprender com o outro e o papel, eu discuto a questao do papel do professor. O papel do planejamento hoje entra como uma

perspectiva muito didática. Didática pra mim não tem mais aquela conotação de "como ensinar", a metodologia, mas que eles tentarem compreender exatamente os fundamentos da didática. É difícil mas, eu mesmo não tenho isso muito claro, eu acho que por mais que eu tenha me referenciado, tem um livro que eu me apoio muito que é da Selma Garrido, que ela organizou, inclusive é um trabalho titulado "Didática na Formação do Professor" e com vários autores, inclusive é um trabalho Brasil e Portugal, muito interessante, e os fundamentos ali, eles subsidiam, quer dizer, eu estou tentando implantar mas isso não está muito claro pra mim de que maneira eles puderam, eu falo mais da minha percepção obviamente, mas fico preocupada como eles decodificaram isso. Quer dizer, eu acho que isso é uma grande preocupação e eu não sei exatamente, porque eles estão acostumados com um modelo de planejamento e aí você coloca outro. Eu sei que duas alunas estão tentando o projeto, quer dizer, de 70, bom, 70 mas não, já devem ser 68, 65 alunos. Duas alunas que me procuram, estão fazendo o projeto, estão sempre querendo. Então, eu acho pouco mas pelo menos eu digo: olha! quem, porque as pessoas em educação, qualquer coisa mesmo, é um medo do novo, se sentem inseguros, estão acostumados a fazer daquele jeito, aí colocam mil impecilhos. Mas, trabalhei nessa perspectiva de projeto, eles elaboraram o projeto em grupo; os princípios todos eu já falei da, a dialogicidade é outro ponto em princípio fundamental no projeto. O projeto é coletivo, ele não pode ser, ele não é um projeto de pesquisa, é um projeto de ação pedagógica, é diferente. Então, ele parte de uma avaliação, onde ele justifica as necessidades, né? e a recomendação são, eu não estou querendo criar um modelo, né? aquilo que eu, da minha prática e eu percebo como importante falo pra ele, digo que preferencialmente ...; temos 4 projetos com temas muito amplos. Temas que pudessem levar cidadania, levar uma formação mais integral. O tema não pode ser um tema como a gente vê esses projetos, né? a maioria deles, muito factuais: sobre as plantas. Mas um projeto que possa ser pensado a todo momento uma concepção de homem, de sociedade que a gente quer.

T) Essa tua fala me lembra do Gandim.

FF6) Toda, É toda apoiada no Gandim: com marco referencial, marco profissional. Eu não faço essa transposição do livro pra eles mas teoricamente eu estou respaldada nisso. Então, o modelo é mais sofisticado. Mas é exatamente na perspectiva do Gandim: Planejamento Participativo. E, a questão da participação ela é trabalhada no modelo que eu, ainda bem

tive esse contato sempre na educação rural e é um modelo da prática de agricultores rurais, de organização rural, com instrumentos, ferramentas de trabalho mesmo pra diagnosticar, trabalhar as necessidades e prioridades. Eles vão levantar o que necessário e o que é prioritário. Nessa relação. Houve muita falta de entendimento nesse momento, é difícil porque a gente tem a tendência de achar que tudo é prioridade e aprofundamento, é muito difícil fazer a relação espaço - tempo, quer dizer, eu acho que o grande desafio, eu acho que o nosso, de qualquer um que vai fazer qualquer tipo de trabalho, a angústia "bate" é aí: "que pena, se eu tivesse mais tempo eu poderia..." Mas eu acho que tem que aprender a administrar e eles ficam muito angustiados porque são coisas novas e aí eles são cobrados e aí, foi assim, parecia que não ia dar em nada, assim, um momento até de pensar: " não vou seguir em frente", mas tanto que a FF4 não entrou nessa área. Eu, só numa turma, dessas duas, uma a gente trabalhou sempre junto: ser aluno, a questão da disciplina, do castigo, toda uma questão, né? nos textos fomos juntos sempre, em alguns momentos trabalhávamos a turma toda, em grande roda, pra discussão e houve uma troca, foi muito importante isso porque as duas turmas também estavam muito fragmentadas: turma A e a turma B. Então, houve uma possibilidade de já no início de integração e ficava assim, aqueles blocos, né? a Turma A toda sentada ali, numa roda, e a turma B num outro e eu e a Ana ali, mediando, não foi uma coisa muito fácil também não. Mas saiu conflitos: "que o fulano disse", "que é o contrário". Mas aí a gente tentava mostrar que é um exercício da academia: respeito as ideias. Uma posição diferente tem que ser respeitada. Mas isso também ficou muito mal resolvido naquele momento, no meu entendimento. Quando, nessa perspectiva do PAPI, que a gente batizou de PAPI: que é o projeto de ação pedagógica interdisciplinar. É engraçado, porque em Cerejeiras ele recebeu um nome assim, muito sugestivo: FOLHA, projeto FOLHA, porque ele, numa folha de papel, ele faz esse projeto. Pelo método você ver que é muito mais simples, quer dizer, você tem que definir objetivos gerais mesmo, objetivos formadores.

T) Há médio e longo prazo.

FF6) Há médio, vamos dizer, a médio prazo. Há longo seria um trabalho de um ano inteiro, mas eu não tive essa possibilidade, eu me situei num bimestre. Agora você falando, até eu deveria ter partido de um ano inteiro e chegar, dar margem agora a refletir mais sobre isso, porque eu já vou trabalhar na outra turma a didática. É uma perspectiva. Então,

trabalhamos o bimestre e partimos da avaliação para a avaliação. Então, qual é o percurso: vamos estabelecer uma justificativa, pequeno diagnóstico dessa realidade: quem são esses meus alunos? quantos são? o que eu sei sobre eles? E aí eu dizia: "já que vocês estão trabalhando conversem com os alunos, batam um papo com eles, procurem dar voz a eles, né?" e aí não sei se fizeram ou não, mas ficou muito ainda dentro do modelo tradicional: o que pretendia, as necessidades ficaram muito na área cognitiva mesmo, não houve tempo para refazer, porque eu deixei esse trabalho mais para o final, porque não entra na programação. (...) Ficaram muito fracos os projetinhos mas eles existem. Foi dado o primeiro passo. E aí o interessante disso, porque tem a dificuldade, tem o limite, mas tem a possibilidade, é que eles começaram a pensar dentro da linha do construtivismo, atuar na totalidade: isso na matemática, ele deixa de se apoiar no livro, naquela lição de fração, ele já fala: "eu quero que o meu aluno aprenda fração, eu quero que ele aprenda divisão, eu quero," quer dizer, ele começa a exercitar. Eu acho que esse foi o ganho porque alguns alunos vieram pra mim: olha, R., agora eu, nesse bimestre eu já sei, porque fica assim, bem junto, né? e aí é matemática, cada área, porque a interdisciplinariedade pra essa corrente teórica que eu estou me apoiando não é, leva em consideração as partes, quer dizer, as disciplinas não acabam porque existe uma perspectiva interdisciplinar. Pelo contrário, elas até vão estar em relações. E aí eles são capazes de terem uma metodologia, e aí a metodologia ficou muito a desejar porque eles não tinham tido, na didática não me preocupei de dar quais são os recursos? quais são, não me preocupei. Eu acho que, quando eu percebi a proposta do curso, tem que está lá as metodologias, porque a didática vai se materializar mesmo nas metodologias: de matemática, de, quer dizer, nas especiais, né? chamadas de especiais, que na grade está como metodologia, inclusive de recreação e jogos, tem várias opções ali de aprofundamento. E aí o que quê eu tentei colocar? Que eles pensassem avaliação, e eu medie com o livro-texto do Lukesi, não o livro, mas um texto do Lukesi, porque sempre deu problema o texto, eu não faço resumo jamais, trabalho o texto, porque referendo no texto: tá no livro tal, porque eu acho que é mito ensinar que eles se recordem muito além. Eu até digo que: "olha, nesse momento estão cansados, realmente, não estão," mas eu não coloquei a questão da avaliação no final, eu coloquei no princípio, pra chegar ao final com uma série de, e a questão de um cronograma. No cronograma, eu já havia pensado o modelo, isso eu já havia pensado em questões gerais, numa folha de papel, eles deveriam fazer como eles distribuiriam esse tempo, o grupo tem que pensar levando em conta. Aí eu disse: vamos criar uma hipótese aqui: o que é prioridade pra vocês nesse trabalho

descritivo dessa disciplina? O que você vai ter que trabalhar em português? E aí eu digo pra ele: vocês vão se apoiar no livro didático pra fazer obviamente isso. Agora, não precisa seguir a sequência do livro didático, de repente. Qual é a relação do português com as matemáticas? e aí eles ciam semanalmente um quadro de atividades, que é o plano de atividades do projeto, semanalmente eles submetem. Eles não vão pensar mais: está claro que os objetivos são esses? A metodologia é essa? O processo de avaliação? Isso é o que importa. Agora, vamos pensar: como operacionalizar? Esse quadro de atividades, que serão atualizados semanalmente, ele tem lá a distribuição do tempo: coloca lá agora, quantos dias vamos dá a língua portuguesa? Dentro da língua portuguesa, vamos lá: vocês priorizaram a produção de textos. Então, quantas vezes vai entrar? pra eles terem um roteiro mesmo porque eu acho que o professor fica muito perdido de como vai ser. Ele pega o livro didático, copia de novo no quadro e (sorri).

T) Já vai criando toda uma má estrutura até pra esses alunos futuramente a projetar.

FF6) Com certeza. Tirando a criatividade, arte e recreação, que horas, que horas? Você tem que enxergar pra semana, tem que ter (...) ideal. E aí eu coloco: uma atividade que esteja relacionada ao tema, porque aí tem um tema gerador naquela semana, dentro de um projeto que ela fala de cidadania, tem um tema gerador: para essa semana vai ser as plantas. Semana que vem, as plantas pode ocorrer num mês, três semanas ou duas. Os animais. Dependendo da série, ele vai organizando e aí buscar a referência de não está falando língua portuguesa, no momento de língua portuguesa, vai ter o momento pra língua portuguesa, mas essa produção de textos tem que ser aproveitada em matemática, tem que ser aproveitada em estudos sociais, tem que ser aproveitada, quer dizer, se você subsidia: vamos ensinar uma leitura e interpretação já dos textos de estudos sociais. Então, aquela hora da aula assim, que eu leio e responde aquelas perguntas. O trabalho, a interpretação de um texto de estudos sociais depois, no momento de estudos sociais ele vai organizar um álbum, eles vão organizar outras atividades mais lúdicas, mais criativas, vai depender aí, realmente, porque uma coisa é você ter isso na sua ideia, né? porque se, outra coisa é ver como isso vai se materializar, se vai ou se foi uma coisa que foi ouvida e não foi decodificada, não foi envolvida. Então, eu não tenho essa dimensão hoje pra ti, eu não estou fazendo uma pesquisa sobre isso mas vou fazer. Meu projeto de doutorado vai ser exatamente nessa linha.



T) Em cima disso, para não perder essa questão que você está colocando aí, a questão das capacidades, né? porque no momento que você trabalha essa mobilidade das suas capacidades básicas que precisam ser desenvolvidas no aluno na escola, e no seu caso, neles aqui, na hora que você está especificando os conteúdos, como você concebe isso aí porque o perigo é que a gente às vezes trabalha no nível do discurso, apesar de um conteúdo concreto, tentando materializá-lo, mas na efetivação disso à nível do concreto da ação?

FF6) Esse é o grande desafio, né? É o grande desafio. Eu, sinceramente, eu não tenho a dimensão de quanto isso, por exemplo, por instrumentos eu pude oferecer para eles, pra, por exemplo, estabelecer as metodologias, vamos dizer assim, a que ele tem que decidir que metodologia utilizar. Então eu uso, no texto teórico, eu digo: vamos lá denunciar a prática. O que que você faz? Aí eles se percebem que estão fazendo uma coisa muito, eu acho que só foi até aí. Alguns, vêm mais cedo: "eu tenho que mudar e muito porque o quê é que eu estou fazendo?" "Como é a minha aula?" Aí eles tem que se questionar porque eu estou sempre buscando: olha! tá aqui. Os objetivos, elaborar objetivos todo mundo até que consegue. Agora, trazer isso pra prática é o grande negócio.

T) E você acredita nessa sua proposta de um trabalho interdisciplinar que se houvesse um trabalho interdisciplinar dos próprios professores que assume esse curso, antes de entrar na sala, esse processo já poderia estar ocorrendo na própria formação?

FF6) Ha! Esse é o meu sonho! (sorri) Esse é o meu sonho. Inclusive eu já estou mexendo nessa perspectiva. Não na graduação, não vale aqui nenhuma referência mas as dificuldades são muitas. Nessa graduação a tentativa houve com a mudança, né? do perfil do curso, da vocação do curso, o perfil do curso de Pedagogia: vamos formar professores para saírem habilitados em educação infantil, mas incipiente a participação mesmo. Mas na pós-graduação eu estou coordenando um curso de *latu sensu* de Jovens e Adultos. Então, a perspectiva são reuniões, eu acho que tem que sentar, e nós já fizemos duas reuniões: a primeira: o que nós queremos com a educação de jovens e adultos? Por onde nós estamos? Porque são professores que trabalham juntos há muitos anos mas a gente não senta pra nós mesmos vivenciarmos essa prática. E foi muito positivo, estava falando com o A.,

gostaram muito, com a W., M. não foi. As pessoas que vão trabalhar, um professor vem do Acre. Mas que estava, que vai trabalhar, a 2ª reunião foi pra compatibilizar as ementas, quer dizer, qual linha nós temos, nós discutimos eu, CP4 e CP2. Nós até elaboramos: eu elaborei, a CP2 referendou, uma perspectiva do perfil. E aí eles sugeriram, riscaram, os objetivos do curso mudaram, houve um trabalho coletivo. Pela primeira vez, eu, na UNIR, me senti participando de um trabalho que eu sonho a muito, muito tempo, desde a época do CIEP no Rio de Janeiro. Em 2ª estância, vai haver uma 3ª reunião agora com o pessoal que vai trabalhar metodologia. Agora que está formado o quadro de professores, porque naquela época ainda não tinha formado o quadro, agora está definido os nomes. Então, já está elaborado o convite, vamos tentar. Porque se não houver isso fica, assim, uma andorinha só querendo. Agora, eu também acho que é uma perspectiva de longo prazo pra isso acontecer na graduação, mas nós estamos, eu, a T. P. e a E. M. num projeto no 1º período de Pedagogia: eu com a questão antropológica, a E.M. com a saúde escolar, a saúde na educação e a T.P. com a análise do discurso mesmo, linguística, né? e montamos o projeto único, a pesquisa de campo única, e aí vão ter nos relatos a parte específica de cada uma; conversamos e muito, como deveríamos: tivemos uns 4 ou 5 momentos, encontros, com essa finalidade. É por aí. Hoje em dia, estamos começando, pra esse curso, eu sugeri a CP2 a colocar a Prática de Ensino junto à ocorrência da metodologia, exatamente para a gente acompanhar na prática de ensino, porque a minha preocupação é essa, até que ponto eles estão. Foi marcada uma reunião que não houve, mas o que eu vou colocar nessa reunião? A perspectiva de se trabalhar com projeto. Eu sei que a CP2 trabalha com projeto. O G. trabalha com projeto, inclusive nós temos trabalhos já em andamento, quer dizer, eu já trabalhei com ele, também vai pra trabalhar. Com a N. eu nunca trabalhei, mas aí nós contamos, junto com o pessoal da Prática de Ensino, subsidiar o trabalho mais particular pra essa turma.

T) Já ter uma prática na perspectiva interdisciplinar?

FF6) Interdisciplinar? Ela.

T) Ou pelo menos integrada.

FF6) Integrada. Porque não interdisciplinar? Porque eles vão ter essas metodologias ao longo, então, a prática de ensino vai ficar mais voltada para aquela disciplina. A

metodologia da alfabetização ela vai acompanhar como é essa metodologia, quer dizer, o quanto ele está conseguindo transformar porque essa sua questão que você colocou que eu acho muito pertinente, é exatamente isso. Como está se materializando? Nós temos que ter um conhecimento, ele pode ter certeza que se houver outra perspectiva, esse aluno vai mudar porque ele, de uma própria exigência de produção, porque as vezes ele não, a gente sabe que tem gente que vai a mil cursos e aproveita muito pouco porque acomoda. E ele vai ser obrigado a estar fazendo. Ele vai ser "checado" porque vai fazer a prática na própria sala de aula dele.

T) Isso já é uma coisa inovadora.

FF6) Pra nós, pra nós. E aí o trabalho seria uma vez por semana o encontro da Prática. Quatro dias aquela disciplina estaria sendo abordada e um dia na semana pra prática, pra pensar, pra ver o que serviu. Que serviu não, porque quem já está com a prática vai ter que saber o que a maioria está fazendo. Eu acho que esse é o grande salto. Mas como está é impossível. Mas a gente nunca encarou realmente, eu digo como isso pode (...) é a primeira experiência, porque o trabalho aqui de manhã não permite, porque tem alunos que nem trabalham como professores, alguns da Pedagogia, muitos trabalham mas alguns não, tem que fazer estágio pra comprovar. Agora, em relação ao currículo,

T) Só um minutinho. Antes de você falar no currículo, eu não queria perder essa questão da prática porque eu acho que seria interessante, pelo menos pra mim com relação ao currículo, saber qual é a tua concepção da disciplina Prática de Ensino?

FF6) Olha, eu sempre na UNIR tive a oportunidade de trabalhar com a Prática de Ensino. Eu nunca trabalhava no curso de Pedagogia. Tinha aquelas cadeiras cativas e sempre trabalhei com os outros cursos de Licenciatura. Eu tenho entendimento como a Prática de Ensino o momento que oportuniza o aluno, eu acho, sempre critiquei acontecer ao final do processo, eu acho que é uma coisa que tem que construir, eles de repente são colocados numa jaula de lobos, né? e amedronta: você tem que ir lá, na escola, fazer um trabalho, você não conhece o professor, você não conhece, você tem todo um desgaste emocional até, de ter que criar e ministrar, fazer regência, fazer observação, tudo isso. Esse modelo que está aí ele é muito, ele está muito inconsistente porque ele fraudulenta. É uma prática

que foi ministrada lá no final do curso. Mas, na minha visao, o que era possível fazer, dentro da perspectiva da fragmentação? Eu sempre procurei trabalhar com o professor, apoiada no professor da disciplina ou quando, na matemática, eu sempre trabalhei muito com o (...), muito com a S. e G. . Sempre. Na Psicologia, eu nao tive parceria específica de alguém mas eu buscava o apoio do psicologo da escola ou do Carmela ou (até faleceu o J. ). O que importa é que lá em campo eles também tenha o acompanhamento, tem sala dos professores. E, a primeira questao que eu acho que tentava fazer diferente era as primeiras rodadas de discussao em sala, preparando para essa prática, era repetir de que eles iam dar uma contribuição a essa realidade. Ele tinha uma função social nesse trabalho, até porque eles iam ver que eles iam ultrapassados de uma realidade, que para o aluno que está saindo da Universidade, ele sai cheio de teorias e a realidade lá, daquela disciplina, é ministrada de uma forma muito , quer dizer, eu dizia pra ele: "cuidado com o contágio. A primeira questao é vocês nao se impregnarem com críticas." Entao, eu fazia essas discussoes em sala, em rodadas mesmo, pra refletir o que é educação. Entao, eu fazia um resgate. E, do meu papel, quer dizer, sempre numa linha da ideal do alinhamento da competencia técnica ao compromisso social, quer dizer, nós somos agentes de uma perspectiva de transformação. Ou acreditamos nisso ou nao acreditamos na educação porque educação é mudança, é mudança de comportamento. Agora, nem sempre esse comportamento é pra melhor, pode ser pra pior também. Uma contra-educação (des)educa. Entao, essas reflexoes eram subsidiadas por textos, muita apoiada em **Paulo Freire**: Formação da consciencia crítica. Na prática, montava um cronograma com as escolas, eles se definiam, e ai montavam o projeto. Teve um projeto na Matemática que foi super relevante porque eles fizeram um "cursinho" para ajudar os alunos a fazer o vestibular. Na psicologia eles tiveram um projeto de mudar toda a ementa do Carmela, houve uma proposta de cursos mesmo, enfim, eles pensavam: tinham um elemento pra observação, eu nao desvinculava disso, porque depois chegam num lugar que nao se conhece nada, nao escreveram nada, nao tem referencial nenhum, entao, é difícil mesmo. Entao, tem que primeiro observar, eu tenhoo um outro texto muito interessante sobre a ética, um texto que saiu com a postura de alguém que vem pra se inserir num grupo, com os problemas do (...). E, resgatava essa questao teórica em totalidade: educação contra um processo, né? muito biológico, e eles se inseriam primeiro, a participação ela entrava dentro da proposta desse projeto, trabalhando com o projeto em grupo mesmo. Entao foi feito: se tinha um evento na escola, era pra ir, que eles reclamavam muito a falta de participação, nao davam voz. Mas eu sempre fui a

escola antes, a gente se reunia antes, identificava a prioridade, eu tive uma decepção muito grande com a Carmela nessa gestão, (...), que a administração, pois tem hora que fecha a porta no nosso peito. Mas tinha que ser um projeto relevante e colocando: há uma responsabilidade, a maioria, quer dizer, eu vou repartir com o próprio professor. E aí, participação é você está sugerindo: o que é que você vai dar? Como está fazendo? Não é dizer: "tá errado o que você está fazendo". Tem que ser uma forma de se inquirir, mas mostrando uma perspectiva. Agora, eles se sentem, se sentiam muito inseguros nessa participação por falta de abertura. E na regência eu comecei a perceber que eles entravam pra dar aquela aula que o professor daria. Isso pra mim era muito alienante na prática de ensino. Eu vou substituir o professor e aí eu comecei a levar: eu vou fazer um projeto, né? a partir desse projeto você, esse professor vai ter que se envolver nesse projeto, o que você fará numa turma e na outra, porque são vários alunos acompanhando esse professor, teve momentos de turma, as turmas serem grandes e ter que dividir o cronograma pra não entrar todo mundo no mesmo dia, na mesma hora e tá de noite. É complicado esse ajuste. Quando eles iam pra campo, iam já com uma, ou palestras ou seminários, procurava repetir temáticas mais, do que a própria regência, naquele sentido de ver dá uma aula. Mas pelo menos uma aula cada um ministrou e aí eu subsidiava, porque a didática geralmente o discurso dela deixa muito a desejar, a didática. Eu fazia uma revisão do roteiro de aula, não o plano de aula, aquela, mas um roteiro de aula relacionando, eles faziam a experiência em sala, um dava aula para o outro, antes, por isso que eu estive dentro disso, porque o medo era muito grande. Eu vi que ao final eles gostavam muito, diziam até, traziam a notícia que eu acho que referenda essa forma de conceber a prática, mesmo eu sabendo de todos os limites que ela nos impunha ao final do processo, de que lá, os alunos preferiam eles ao professor (sorri).

T) Delicado.

FF6) Delicadíssimo (sorri).

T) É um teste pra ética, né?

FF6) Mas muito vaidosa, eu percebi assim alguns alunos, e fico feliz de saber que tem alunos que são bons professores na rede, né? Não são todos, obviamente, mas tem alguns

alunos que se destacaram dando aula. Eu tenho, por exemplo, tive notícias de uma aluna da primeira turma de Psicologia que se formou, está fazendo aula na FARO. Sabe, é uma coisa, assim, que gratifica. E reencontrar essa aluna, um abraço afetivo, eu tenho esse meu lado muito forte de tentar, tem horas que, tem alunos até que eu sinto, assim, que são mais críticos, que eles estão acostumados com aquela postura de "bater e levar", aquela relação professor - aluno e que vai refecendo as coisas, né? Teve um trabalho tão, tão triste, que eu dei seis, assim, uma visão pessimista demais, pessimismo e, (sorri), eu dei seis há um e chamei pra conversar. Ai ele disse: "é, Roseni, é que esse trabalho eu fiz foi pra ti constar". Ai eu me emocionei, chorei nesse dia em casa, porque ele disse: é, eu fiz isso aqui (sorri), ele quis saber quanto eu creditava. Ai ele disse assim: eu queria saber se você iria me reprovar. Teve uma atuação vivida assim, muito emotivamente pra mim, que estava um trabalho, assim, sucinto, muito pontual, totalmente fora daquela forma que a gente vinha discutindo, né? Ele foi entregue, eu fiz a leitura e muito pessimista, determinista demais. O Carmela era visto como um complô, as relações ali dentro, salas por restaurar, sem possibilidade nenhuma de estar acontecendo um trabalho, que era uma fábrica de neuróticos, que era, e ai vinha toda uma discussão mesmo, e muito bem escrito, e muito sucinto, muito, sabe, muito incisivo, provocativo mesmo. E eu pensei em reprovar esse aluno. Quer dizer: vai ter que fazer a prática de novo pra, ai eu fiquei: eu reprovar. Qual é a concepção que eu tenho de reprovar alguém? Quer dizer: é mandar refazer. É a alternativa. Entao, nós vamos conversar, vou pontuar, vou colocar as minhas idéias, né? de como isso pode. Vou perguntar se não precisa de um tempo pra refletir melhor, pra buscar uma luz no final do túnel porque estava muito. E na chamada, tinha um outro trabalho entao que era (...). E ai ele ainda disse brincando: (...). Eu digo: é, isso porque, você me pareceu uma pessoa muito, ele usou "ativista", "piegas" mesmo, no sentido de quer que o aluno faça, chantagando, usou esse termo assim, você me pareceu assim, uma chantagem. Mas, quando a gente vai, eu quis saber, assim, eu quis te testar, eu achava que você ia me reprovar, você ia se contradizer em tudo que você tinha falado. Uma reprovação ali, eu pensei até em reprovar, eu disse pra ele. Mas eu pensei seriamente. Entao, vamos dá uma chance de revisão, vamos ver até que ponto, por enquanto o seu trabalho está merecendo seis, mas eu acho que você tem condições de fazer melhor. Porque ele ficou muito tempo calado na sala, não se evidenciava. Sempre eu instigando e ele muito calado, muito calado, muito calado e ai, de repente.

T) Você criou um conceito desse aluno, uma auto- imagem, pela participação passiva dele?

FF6) Passiva. Ele estava (...)

T) Ele produziu um texto fora dos principios que você esperava?

FF6) Totalmente.

T) Daquilo que você queria escutar e ver?

FF6) É uma lição pra mim. Eu já tive várias lições. Uma delas é que os medos, eles são tantos que às vezes eu penso: oh, meu Deus, aonde a gente tem que buscar forças pra essa mudança. Como? De que forma? Então, é a tal coisa: nos espaços, né? nos espaços que aparecem no seu trabalho. A eloquência é muito grande da minha parte, me sinto, assim, responsável, não sei porque, nessa tentativa de que o outro vá, embarque nessa visão de que quem está sentado na sua frente merece uma consideração, merece um respeito pra ser e para fazer melhor. E na questão do currículo, acalmou muito a minha angústia porque eu não me senti tão solitária, eu venho me sentindo muito solitária mesmo, vamos dizer, pedagogicamente. No Mestrado, a minha orientadora, ela colocou exatamente isso pra mim: de como ela se sente, até pela afinidade a gente acaba buscando, né? porque não há uma resposta, não há um eco. Ela faz um trabalho belíssimo na periferia de Brasília, eu entrei no projeto dela, eu ia, aí já era sem necessidade, mesmo pra contribuir, pra me envolver com essas coisas. Então, são essas questões que criam laços, né?

T) Vínculos afetivos.

FF6) Vínculos. Eu acho que eu preciso disso. Quando eu penso assim: que tipo de professor eu sou? Eu gostaria de ser aquela professora que eu me identifico, eu acho que tem textos muito interessantes que falam disso, né? exatamente é essa dimensão. Eu digo: "eu não quero ser um urubu a mais aí, doutorado, não é isso. Eu estou buscando é realmente, é fazer alguma coisa que possa subsidiar as pessoas também a fazerem, (...). E no currículo, estou colocando essa questão exatamente numa perspectiva de que a interdisciplinariedade está contemplada numa palavrinha mágica: conteúdos transversais

(sorri). Entao, houve toda uma fundamentação teórica, toda uma sugestão para ir rompendo com aquele modelo cognitivista e até, vamos dizer, de objetivos operacionais. Isso pra fazer isso pra chegar a isso, mas buscando o relacional mesmo. Eu acho que os parâmetros, hoje você vê que o MEC tem um discurso, né? um discurso expresso nos parâmetros, onde os cursos de gestão participativa, que foi subsidiado desde 70, pelos poucos professores, quer dizer, eu conversando com uma pessoa amiga por telefone, lá de Brasília, ela me deu essa referencia: R., não. O que aconteceu no MEC? Eu estou estranhando essa. Não aconteceu nada, você sabe que a ideologia dominante ela assimila e traduz, e acaba representando, porque é do interesse ou entao não vai continuar sendo dominante. Não seja ingênua ai não. Puxa, realmente, eles se apropriaram; hoje você vê que está ai um projeto político-pedagógico e o currículo, ele deu assim, uma dimensão de análise, porque eu procurei, assim, que eles, nós discutimos filosoficamente, as tendências filosóficas dentro de uma proposta curricular porque eles tinham estudado a filosofia. Ha! entao agora viram aquelas ideias pragmáticas, se ele é mais idealista, se ele é mais, e ai concluíram, não por intervenção minha, eu não tinha ainda feito essa abordagem, concluíram, todos concordaram e eu ainda perguntei: todo mundo concorda de que o currículo da escola não é feito só de uma tendência filosófica, que ela é um pouco pragmatista, tem que ser um pouco idealista, tem que ser um pouco racionalista, tem que sempre ter uma visão holística. Foram e analisaram o currículo pleno das escolas da rede. Fizeram uma análise assim, bem descritiva, com uma visão tímida de como eles viram qual era a tendência filosófica dos currículos. Ai é muito tecnicista mesmo, né? houve um grupo que colocou até, eles colocam logo de cara a estrutura física e material, não as pessoas (sorri). Não vem, assim, escrevendo: é um quadro de professores e alunos, primeiro, (...), é isso, perceber. Um grupo eu até socializei isso, eu quero que vocês repitam isso porque ele é muito relevante. Entao, como deverá ser o currículo? A partir do aluno, dos professores, da equipe toda pra chegar ao físico. O físico tem, né? que esses currículos vêm com fotos, tudo físico. E eles têm essa tendência porque material tem que ter, sala de aula tem que ter e às vezes as relações que poderiam ser melhores, não são.

T) Em cima disso, antes que você continue, eu senti a necessidade de ti perguntar: você acredita que você, enquanto profissional, você se encontraria em que tendência pedagógica a partir de toda essa forma de atuar que você se propoe?



FF6) Eu tenho uma leitura dessa questão, principalmente do Libâneo, das tendências, ele explicita muito bem, ele clariou pra mim muito. O Saviani também, né? ele coloca assim, eu acho que dá uma, quer dizer, você tem mais, eu acho que o Saviani está certo: "a nossa cabeça é progressista mais a nossa prática ainda é muito tradicional". Interar isso é que eu chamo de paradigma emergente (sorri), quer dizer, e aí não pode ser individualmente. Mas eu acho que se não for também individualmente não vai ser nunca coletivamente. Então, é essa contradição, eu acho que, uma cópia, vamos traduzir, uma cópia daquele modelo tradicional que você copiava e meramente, sem entender o significado, ela pode ser muito relevante se você compreende o significado, se você dá uma dimensão, um ditado, porque eu acho que essa coisa do, por isso que eu vejo a perspectiva interdisciplinar como uma possibilidade de maior alcance porque ela não anula. Porque eu sinto nos teóricos brasileiros, e até no Novoa ele fala muito disso, quer dizer, a superação de uma teoria por outra, que na realidade era uma teoria precária, toda teoria é precária, mais ela é alimento (...) Eu acho que não tinha que haver essa competitividade, pelo menos eu percebi nos discursos acadêmicos e a Academia me irrita muito por isso, quer dizer, precisa ridicularizar o que o outro produziu pra afirmar o seu ponto. Eu acho que tinha que ser a partir, como a gente fala: aí, que o positivismo. O positivismo tem muita coisa maravilhosa, em momentos contextuais, é raro o professor chegar e dizer isso. Mas eu tive em Brasília um professor. Ha! está superado. É horrível você ser positivista. Já coloca ...

T) Um rótulo?

FF6) É um absurdo. Quanta coisa, aí a Wilma organizou mil técnicas de ensino porque não, porque não? Você tem que ter capacidade de organizar tecnicamente o teu trabalho, fazer roteiro. Eu acho que, depende de como você, depende muito mais dessa questão, vamos dizer, não eminentemente cognitiva mas do entendimento dessas relações que passam pelo afetivo, que passam pela ação mesmo, do que só teoria, desqualificação de trabalho. Eu acho que a Academia, ela precisa se rever porque há um pensamento majoritário. Todo pensamento majoritário, ele consegue criar uma tendência, ela é modista, a tendência é majoritária. E não abre pra que outros, outras vozes, sejam colocados lá. Eu acho que o grande problema da construção científica mesmo está na praticidade. Eu acho que a gente vai ter que buscar na interdisciplinariedade, você vê que é um estatuto próprio

de cada ciência, epistemologicamente cada uma tem, e não há diálogo, quer dizer, ou quando há, há um diálogo de cada uma defendendo aquilo, que dizer,

T) De alta afirmação

FF6) De alta afirmação

T) E não de cooperação, de integração.

FF6) E eu faço uma dinâmica pra eles discutirem isso que é muito interessante. Não fiz nessa turma. Aprendi agora no Rio, nesse período de férias, e não trabalhei com essa turma nesse ano, esse semestre. É o seguinte: eles sabem que, eu pretendo ter, nós temos que simbolizar o máximo, criar a vivência corporal mesmo pra a partir dela, extrapolar, né? Então, formam-se dois grupos na turma. Um grupo é de cooperação e o outro é de coerção. Ai, o que é que acontece? Todos colocam o objetivo, escrevem um objetivo, refletem primeiro, o que é que nós vamos conversar, por incrível que pareça nesse curso que eu fiz, na música do Taiguara, a gente tinha conseguido e estava lá e a professora, meus Deus, Taiguara. Ele te fala da criança sugerindo que não existe uma criança ideal, não existe uma criança (...), existe a criança né? então, o que eu fiz lá, e já fiz numa turma da pós, é exatamente: ela pediu que a gente colocasse os objetivos, né? refletindo sobre essa música: do que seria, todo mundo fez o papelzinho e todo mundo dobrou e botou num balão de ar, na bexiga, numa bola de ar. Então, aquela bola foi soprada e ela era uma única bola. Então tinha dois grupos: um tinha que manter a bola no ar, e os outros em roda, fechando o grupo, tinham que não permitir que a bola ficasse no ar. Então, teve uma reação muito forte, né? até que conseguia e o grupo andava para um lado, para o outro, um puxava para um lado, outro puxava para o outro. Estourou até a bola e ficaram com os papéis na mão. Vamos viver, fazer a dinâmica até o final. Vamos abrir agora a roda, outro balão foi jogado, e ai ficou, qual é a situação que foi vivenciada? E ai, pronto. Cada um foi se colocando, muito mais tempo, muito mais curioso, muito mais gratificante, muito mais cooperativo, muito mais, quer dizer, e ela construiu uma das falas mais importantes que eu ouvi até agora, uma pessoa maravilhosa, por um acaso é minha irmã (sorri), mas vivendo uma humanidade, isso é que é ser cooperativo: ou a gente acredita que relacionalmente, no conjunto, a gente possa manter esse planeta terra livre das ameaças, sustentado nesse

infinito, porque ele está sustentado por forças que o, ele se destroi e arrebenta, como essa bola arrebentou, e aquela coisa assim, eu vi comoção. As pessoas participaram e uma perspectiva que ela fez em seguida e que deu essa dimensão, aliás, fez em seguida não, tinha feito antes e deu a dimensão a esse trabalho, era aquela dinâmica do autógrafo, que todo mundo estava preocupado em pegar o autógrafo e não em dá o autógrafo. Então, a perspectiva que eu acho do currículo, abrindo esse leque de vários modos de pensar, de criar, de, porque o homem é um ser criativo, ele não quer fazer tudo igual sempre, não quer (sorri).

T) Quebrar a rotina é necessário.

FF6) Quer quebrar. É uma maravilha de mentes, de agora rápidas, interessadas, de hora pra tudo e uma lição que os professores da área rural sempre me deram, eu coloco isso muito no meu trabalho, é que a teoria da ação comunicativa em Haberman, eu acho que isso aqui pode, é buscar referência pela questão, pelos interesses humanos mesmo, o que na verdade que tem interesse? O técnico é um interesse, é um interesse de poder de comunicar. E eu optei por pegar o viés da comunicação, passa como, na educação, a mola propulsora. Então, antes de ser um bom professor, tem que ser um bom comunicador. E vou buscando agora a teoria da comunicação, é essa a minha perspectiva: como a comunicação, os teóricos da comunicação, porque eu fui buscar os teóricos dos modelos agrários, né? de organização, trazendo pra educação, é o modelo de planejamento participativo, cooperativo mesmo, como montar um quadro de necessidades, como montar um quadro de prioridades, como montar projetos setoriais para uma instituição ou para uma sala de aula a partir desses instrumentos, eles chamam os instrumentos de dinâmicas, porque com os agricultores você tem que fazer o simbólico, você tem que retratar a terra dele, tem que delimitar, os problemas que ele vive, ele tem que prestar de uma forma e esse professor educador, que vem cansado, que vem faminto, faminto em todos os sentidos, assim, não é aquela fome do daquele momento, né? Mas com a fome de saber, essa fome de pura esperança. Porque eu acho que esse discurso da via reprodutivista é muito mais fácil. Graças a Deus está superado porque eu assisti em Ouro Preto, Tania, sem exagero, um professor levantar, pegar o microfone, é secretário, nós que estivemos lá e fizemos um trabalho, e até quando que esse governo federal, esse governo estadual, vai manter esses professores nessa miséria de salário? E aí ele mesmo fez assim, a plateia...

T) Quieta?

FF6) Quieta. Porque nós estávamos trazendo uma, eu percebi ali, pelo menos na minha análise, que nós estávamos trazendo uma fala de esperança. E ele veio com: até quando? Ai a N., se saiu muito bem. Professora de Rolim de Moura, que eu já admirava por uma série de fatores, o que ela disse? "porque eu não vou entrar nessa em função de que não há tempo, esse não é o foro, ela foi bem, há um momento ela disse, esse foro não é o momento. Mas, eu posso dizer que "até quanto?", um "até quando?" mais grave é esse pedido que eu recebi aqui: estava assim: "pelo amor de Deus eu preciso de um emprego". Esse aqui ainda é mais grave do que esse. É grave. Até quando vamos ter desempregados no Brasil?

T) Isso já é uma questão bem maior acima até daquele salário reivindicado.

FF6) Reivindicado. Quer dizer,

T) Que também é uma luta.

FF6) Mas é uma luta que tem que ter uma direção de consenso, é relacional. Eu vejo que essa perspectiva de uma tendência pedagógica progressista, vamos dizer, vamos assumir a palavra progressista, num **modelo de Paulo Freire**, é tomar consciência do seu momento e compreendendo os processos dos momentos históricos, para poder haver uma perspectiva de futuro. O progressista pra mim significa não aquele proprietário, aquela coisa que faz um discurso vazio. Mas progressista no sentido de revisão do próprio progresso da sua prática, numa complexidade, uma parceria, pra que a outras práticas, nós enquanto professores é essa a nossa função. Agora, progressista, em termos de tomada de consciência, do Paulo Freire, eu vi buscar um mundo numa frase. Eu preciso melhorar, eu acho que tomar consciência daquele momento, relacionar ao momento histórico, é tornar a ter um ensino desconhecido que pelo menos o único significado, o único significado da vida é tornar conhecido o desconhecido. Não esse desconhecido que é o "outro", mas esse desconhecido sou "eu". Qual é o benefício diuturno: reflexão, revisão dos valores, revisão de posturas, revisão. Nunca acreditar que aquilo que você está fazendo, ele é o melhor

naquele momento, ter essa clareza. Mas não é porque o "outro", que é o "outro" mesmo "outro" sujeito, ele está interagindo comigo e eu tenho que relevar que ele seja também. Eu hoje, especialmente, eu fiquei muito magoada de manhã com uma situação que ocorreu lá, eu cheguei atrasada realmente e a turma não esperou, e veio pra votação e...

T) Hoje é a votação pra Reitor, né?

FF6) Pra Reitor. E aí eu fiquei assim, primeiro frustrada porque não me esperaram, você tolera, os alunos chegam, às vezes, quase até na hora da aula sair. Eu hoje tive um problema sério, não estava nem em casa, mas sair pra resolver uma outra questão, eu não esperava demorar e cheguei um pouco mais tarde, uns 40 minutos, e já tinha todo mundo saído. Mas a forma com que eu fui cobrada pelo coordenador, quer dizer, você tem uma prática de estar ali, de cumprir, aí você vê que uma hora que você desliza, e é claro que todo mundo desliza, nem estou apregoando que, mas aquela chamada desnecessária, aí eu fiquei refletindo: que dimensão humano essa pessoa tem para ir substituir um, no corredor, né? ao cargo de coordenador de curso, a turma queria entregar uma lista de frequência, que eu sei até, no sentido, porque eu tenho até uma relação com a turma muito positiva, quer dizer, nós vamos votar, diz pra Roseni que nós estivemos aqui, e repor essa aula que eles queriam. Claro que eu vou repor. Então, é uma série de, eu fiquei me perguntando: é uma contradição você querer ser progressista, eu acho que aí é que é difícil, num modelo tão seccador, tão, quer dizer, se tem uma pessoa pra empurrar pra cima, tem dez pra botar fora. É essa a intenção. Mas nisso tudo, Tania, eu acho que, não sei se a gente pode finalizar, se você quer perguntar mais alguma coisa? Eu acredito que ser professora é uma coisa muito desafiante e muito frustrante ainda. Eu terminei a minha dissertação de Mestrado fazendo uma analogia entre a, em termos de tendência, vamos dizer, como eu traduzir isso simbolicamente. Primeiro construindo uma metáfora da parábola: uma conclusão, ela não vem no sentido de conclusão. Criamos a metáfora da parábola, onde eu faço uma relação entre os processos de educação e os processos da agricultura, comparando com as raízes, com os troncos, com as folhas, e no caso as folhas (...) cai pra adubar a nova, fertilizar. Daí o conhecimento do tronco é a seiva, que está em toda direção, e está circulando, as flores, né? que são aquele momento que a gente pensa: a plenitude, perfeito, no estágio mais belo, que é aquilo que eu acredito, a minha verdade nesse momento, mas está lá a semente, pra provar que ela vai ter que morrer pra renacer e o ciclo

se repete. Ai, pegando a questao de um registro que eu fiz no diario de campo sobre o professor rural, eu estava numa observação na escola lá, na área rural e um professor, ele mudou, ele foi professor naquele momento quando ele foi falar da parábola do semeador, e foi professor, no sentido pleno da palavra educador, né? que tem uma formação religiosa, é protestante, etc mas ele viveu aquilo, os alunos viveram, materializaram aquilo no desenho. Quando eu cheguei no quarto do hotel, e que eu tinha todos os registros, eu fazia os comentários: de como tinha sido; e eu coloquei naquele dia, lá, não sei quando, eles não seriam, os professores rurais, como as sementes? Eu mesmo me indaguei daquilo que estava relatando. E aí vim, trabalhei, fiz tantas coisas, aquele diario ficou superlotado, a maioria do caderno ficou cheio. Eu sei dizer que no momento que eu estava querendo escrever a conclusão, que não saía, era, o que eu queria concluir era em relação a, era micro. Afinal, esse cotidiano, até que ponto ele interfere, até que ponto, e eu, naquela angústia, naquele processo de concluir: concluir como? O quê? Que conclusão eu posso dar? (sorri) Você se questiona: esse processo continua, não tem conclusão. E, um argumento qualquer, uma afirmativa eu tenho que fazer. Dá um fechamento ao trabalho. E aí, eu tive a idéia de usar aquele, lembra o, passando no diario de anotações, não serão os professores, e aí eu resgatei, montei exatamente em cima da parábola: quem são os professores? que são a semente que é regada na beira da estrada, e você, professor, só, na beira da estrada, entre aspás, é aquele que, descompromissado, ele não está fixado, identificado com aquele fazer. Ele está provisoriamente, sempre, ele está passando, ele está ali, por acaso. (.....), Cristais de rocha, os professores cristais de rocha, aquele que já cristalizou, o conhecimento desatualizado, está fechado, a teoria dele é aquela que está superada. Ele já fechou, cristalizou, (...). Então, eu vou por essa análise, vamos dizer, bem metafórica mesmo, até chegar no professor solo fértil, então esse professor solo fértil, como na parábola, é se multiplicar sessenta vezes, e uma semente dá sessenta, e a bíblia coloca isso, sem religiosidade nenhuma, não era a minha intenção, mas como um fato da realidade, eu quis trazer exatamente que isso é um fato da realidade, que isso sucede. E aí eu realmente concluo, e eu acho que a gente pode concluir essa entrevista da seguinte maneira: “ a exemplo desse professor solo fértil, que também é progressista nesse sentido, eu gostaria de ti dizer, que eu ti vejo também assim. Nós não tivemos ainda uma parceria em trabalhos, mas eu acho que vai ser uma perspectiva que eu (...) eu admiro essa sua forma de ser, de se relacionar, de comunicar no trabalho – é muito comunicativo. Eu acho você identificada com essa tendência de um professor sólido, forte, eu reconheço que tenho

carinho em você (...) Y, falando em termos de planeta: eu acho que a educação tem que buscar no momento de verbalização da econômica brasileira, promover ações educativas, porque nós temos hoje a internet, nós temos hoje possibilidades e, se nós não tivermos utopia, não tivermos um sonho, y ai eu acho que Paulo Freire – este foi o grande ensinamento dele: sonharmos com um mundo que possa se autosustentar, porque a natureza ela responde às agressões que ela recebe: aos modos de vida e de tecnologismos, essa ansia e essa ganancia por querer sempre mais (...) (interrupção da gravação por problemas na fita).

## **PROFESORAS (ES)-ALUMNAS (OS) DEL PROYECTO GRADUANDO NA ESCOLA VIVA**

### **ENTREVISTA A PAp**

FECHA : 29/09/98

LOCAL : Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA : Semi-estructurada.

ENTREVISTADORA (T): Profesora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR/RO/BR (la propia investigadora).

ENTREVISTADO (PAp): Profesor de la SEMED, con formación de Magisterio a nivel de 2º grado, y Alumno del Curso de Magisterio de Pré-Escolar y 1º al 4º curso de la Enseñanza Fundamental, en el Proyecto Especial *Graduando na Escola Viva*. Edad: 39 años.

Vamos iniciar a entrevista agora com o **J. B.**, que no momento encontra-se como aluno no curso de Pedagogia do convenio UNIR/SEMED, formação de magistério de pré escolar e 1ª à 4ª serie à nível universitário. Eu convidei o J. até porque considero que é importante, nesta primeira fase do estudo de campo da tese, está escutando também o outro lado da estória, escutando o papel dele, enquanto aluno, dentro desse curso.

T) J., me diga uma coisa: você, enquanto aluno neste curso, considera que este Projeto é um projeto relevante para sua realidade de professor?

PAp) É. Além de ser relevante, é pioneiro; e foi uma iniciativa que eu acho que deveria ser seguida por vários outros administradores, enquanto a nível Estadual e Municipal. Isto sim, que apoio este curso. Que tenha outra iniciação para realmente satisfazer outros colegas que estão loucos para fazer neste período e, não tem a oportunidade.

T) E, para você, qual é o Papel da Universidade, o Papel da SEMED, enquanto desencadeadora direta deste projeto, neste curso? O que você consideraria que seria Papel destas duas instituições?

PAp) Olha, o Papel da SEMED: da SEMED, ela está hoje como se fosse a entidade pagadora, e a UNIR é a executora do projeto; apesar de ser um projeto, como se repete, não é um projeto de um material concreto: o material é o aluno. Então, a coisa é meio diferente. Mas não deixa de ser a UNIR executora e a SEMED a pagadora do projeto.

T) E você, é claro, deve estar sentindo na própria pele esta situação de conflito que está ocorrendo no desenrolar deste curso com relação justamente a esta situação dos papéis. Como você, enquanto aluno, tem se sentindo neste embate dos professores entrar em sala, não estão sendo pagos? Como é que está isto?

PAp) É bastante desgastante. Termina uma disciplina e passa uma, duas semanas para recomeçar outra. Aí, lá se vem aqueles comentários que os professores não vão mais dar



aula porque não foi acertado o pagamento. Então, acho que está faltando é um compromisso mesmo quanto ..., da parte da SEMED, na pessoa do Sr. Secretário, que não tem aquele compromisso realmente que deveria ter com a Educação. E, acima de tudo, com este curso. Eu já ouvi, realmente, até da boca dele mesmo, dizer que se dependesse dele este curso ia terminar, porque é um curso muito trabalhoso e o resultado, ele não sabe se vai trazer um bom resultado para a SEMED.

T) E você, acredita que ele tem como já estar verificando isto, agora? Você acha que já há um resultado hoje?

PAp) Hoje, já há realmente resultado. Se ele fosse realmente buscar informações se realmente está trazendo benefícios, eu acho que, com certeza, ele iria, já ser satisfatório a ele, porque já tem resultados hoje.

T) Em que sentido você diz, de forma mais concreta?

PAp) Em sentido profissional. De melhora profissional, de empenho profissional, de consciência dos colegas enquanto aluno e enquanto professor em sala de aula. A consciência que eles já absorveram através deste curso e na aplicabilidade na sala de aula.

T) E para você, de forma específica, o que você já sentiu que mudou, se é que mudou, nestes três anos que o curso está acontecendo?

PAp) Olha! Sinceramente, foi uma, já devia ser uma bagagem bastante grande com relação ao (...). Coisas que eu cometi de errado e que achava que estava certo e que, na realidade, era totalmente diferente. É totalmente diferente. Hoje, eu atuo totalmente diferente. Já tenho consciência de orientar o pessoal que trabalha conosco na escola; é, desde da parte de supervisão, por exemplo: a avaliação, que é um tema muito, muito debatido na escola e que tem colegas que realmente fazem uma avaliação muitas vezes, uma avaliação punitiva: é a maneira que eles encontram para punir o aluno. Eu acho que é errado isso. A gente tá debatendo, combatendo isto para ver se a coisa muda.

T) Joao, você, nesta posição hoje de Diretor de Escola, como você diria que este curso realmente ti trouxe contribuição na sua função de direção, apesar dele ser um curso para a formação de pré escolar e 1ª a 4ª série, para aquele que está na sala de aula evocê, neste momento, está na direção? Que contribuição você tira disto?

PAp) Primeiro, porque você observa as falhas enquanto um professor. Lá você tem a oportunidade de observar também as falhas de você enquanto aluno. Você se posiciona como aluno: aí você vê as aberrações que você, enquanto professor, comete com os alunos, e baseado nisso tudo aí, você se posicionando como diretor, você tem uma visão bem ampla da coisa. Porque você tem os dois lados. Você se coloca como aluno na Universidade e, ao mesmo tempo, se coloca como aluno lá na sua própria escola e vê: pôxa! eu como aluno, me comporto desta forma e sou um adulto, e meus alunos, que estão se comportando da mesma forma que eu? Então, esse jogo de professor / aluno dá para você manter, as vezes, uma consciência correta de que, qual papel você deve agir como diretor.

T) E, qual você tem procurado atingir neste momento? Você acha que tem consciência que atitude você acha que tem realmente? Você sente que você mudou? Você já tem algum exemplo, alguma ação que você falaria que antes você (...) e hoje já tomou uma atitude diferente?

PAp) Eu, por exemplo, enquanto no papel de diretor: (...), é aquela de repressão. Aquele papel de diretor repressivo. De chegar e achar que, por exemplo, uma atitude muito prática é que antes tinha aquela visão de que o professor tinha que cumprir aquele papel de sala de aula, porque, para mim, aula tinha que ser aula e ponto! Um não estava ligado ao outro. Certo? Só que hoje eu tenho outra visão. Acho que não é ... se o professor não tem aquela obrigatoriedade de chegar e dá cem por cento de conteúdo, entendeu? É, pressionar que o professor cumprisse a carga horária; além da carga horária, cumprir o conteúdo. Hoje não! Tenho uma outra visão. Eu acho que ele tem que dar o conteúdo Sim, mas isto, de uma forma bem dinâmica, que busque os conhecimentos do aluno, aproveitar os conhecimentos que o aluno traz, para poder aplicar o conteúdo em cima disto aí. E não, aplicar o conteúdo para depois absorver o conhecimento da criança - do aluno. Então, nesta parte aí, realmente, já é uma mudança básica, o que é mais prático é isto de aí, o mais visível assim.

T) E essa sua mudança, que você demonstra perceber, você chegou a passar isto oficialmente, dentro da tua escola? Você levou isto para alguma reunião, fez algum processo de troca interno na sua escola, oficialmente?

PAp) Nas reuniões pedagógicas que eu participei : de reuniões de diretores e reunião mesmo de professor e diretor , através da SEMED, eu já busquei passar isto de aí; inclusive, já fizemos reuniões sobre, só sobre a avaliação, sistemas de avaliação no município, aonde foi debatido..., buscando mudanças realmente para levar as escolas, porque é um problema que eu acho que atinge muito ..., a culpa, hoje, da reprovação também muito alta é baseada na avaliação que os professores que estão adotando.

T) A culpa toda tem recaído sobre a criança e também na família, não?

PAp)...tem recaído sobre a criança . É. Mais, na realidade, eu acho que tem que dividir essa responsabilidade, porque tá muito aí no sistema de avaliação que o professor aplica.

T) E, para você, o que seria uma avaliação mais humana, neste momento, que consideraria essa clientela que normalmente vive à margem da sociedade?

PAp) Olha! Eu digo sempre o seguinte: se a criança não... o ser humano em si, se ele não tem uma alimentação em casa; e, dentro da família ,uma família distorcida - em Porto Velho nós temos muita criança com família distorcida - e, se ele vai para a escola e chega lá, em vez de receber carinho, receber atenção, ele vai receber, também, muita patada de professor, diretor , supervisão e essa coisa toda, com certeza o objetivo dele é se afastar da escola o quanto antes. Ele vai buscar isto na rua. Apesar de não encontrar, mas pelo menos ele tem mais espaço para a vida dele.

T) Espaço? pelo menos liberdade para que possa se expressar?

PAp) Liberdade. E, alguém chamou a atenção, repreendeu ele aqui, ele tem outro espaço para ir e acabou-se. Na casa dele, se ele tem só repressão, ele está só no quarto, ou na

cozinha e acabou, não tem outro espaço. Na sala de aula, é quatro paredes e acabou. Então, quer dizer: ele busca outra opção. Ele quer a liberdade, o espaço.

T) Da rua?

PAp) É, sem limites.

T) Então, você acredita que essa escola, que esse projeto (você sabe, surge dentro daquele projeto maior de Escola Viva, que a administração anterior procurou implantar dentro da SEMED - pelo menos jogou a semente), esse projeto surge dentro desta semente? Você acredita que esta escola viva, ela ainda é possível, aqui, hoje, em Porto Velho? O que dependeria para se tornar possível?

PAp) Eu acho que, há possibilidade da continuidade, apesar de que o projeto deveria ter algumas, algumas alterações, alguns complementos, porque existem algumas falhas. Para se houvesse alguns complementos, e um compromisso de nossos administradores, com certeza ia funcionar, não só com o município, como para o Estado, porque no Estado, você vê, não tem nem um projeto desse, ainda.

T) É. O município de Porto Velho realmente saiu na frente, com a preocupação da melhoria dessa qualidade da educação pública. Claro que tem muitos outros fatores envolvidos, inclusive questões sócio-econômicas, que as vezes fogem ao espaço da sala de aula e diretamente da escola. Mas, não sei se você tem conhecimento, esse projeto quando surgiu, ele veio com uma base teórica de Paulo Freire?

PAp) É, de Paulo Freire.

T) Você, como você vê Paulo Freire? tem ou teve leituras antes de ir para este curso sobre Paulo Freire, no momento de sua formação inicial?

PAp) Não. Antes de ir para o curso não. Eu vim ter um conhecimento sobre Paulo Freire já após estar ingressado no curso.

T) E, que professores você poderia dizer que isto para você foi mais forte? De ter visto presença efetiva da Teoria de Paulo Freire?

PAp) Olha. Nós tivemos, eu poderia citar dois professores. É, que mais pegaram informe, fizeram informe sobre a Teoria de Paulo Freire: foi a A. M., a professora FF4, de Didática e a professora de Português. Elas trabalharam muito, realmente, em cima das teorias de Paulo Freire. Inclusive, a FF4, na parte de didática, ela falou sobre avaliação, certo. O Onofre também, que falou sobre o currículo, também e, um outro que deu a, acho que foi a FF6. Então, esses quatro professores foram os maiores que trabalharam com a linha de Paulo Freire.

T) E o que para você realmente ficou dessa Proposta de Paulo Freire que fala de “nao se deixar de ter esperança, de acreditar no seu aluno”? O que você acha que hoje, você poderia dizer que assimilou, com base nesses professores, no que eles trouxeram?

PAp) Eu acho que antes de tudo, uma coisa bem resumida, é trabalhar com democracia, ou seja, como falei agora a pouco : é buscar o conhecimento do aluno para poder você autoengrandecer e engrandecer o conhecimento dele.

T) E você, enquanto aluno, sentiu que isto ocorreu na sala de aula, até em função dos próprios professores terem essa práxis, esse discurso de Paulo Freire? Mas, como foi receber essa relação na sala de aula?

PAp) Inicialmente, aquele impacto. Você está com uma visão fechada e depois começa a ter alguns horizontes. Então, primeiramente, aquele impacto, e depois você vai sentindo que alguma coisa vai dando mais espaço a você mesmo. E, uma das coisas que também abre muito espaço é a própria leitura que você vai buscando fazer; obrigatoriamente, você vai ter, tem que fazer leituras. Quando você pensa que não, já está envolvido naquilo, e qualquer coisa que você faça, além do que foi determinado, você sempre quer levar alguma coisa para absorver mais conhecimento. Inicialmente aquele impacto, depois a coisa vai se abrindo normalmente, e a tendência é melhorar muito.

T) A nível das produções escritas você, enquanto aluno, como é que está sendo este desafio de voltar para a sala de aula para escrever? Para ler e escrever, ou seja, os básicos da alfabetização?

PAp) Eu lembro até de um puxão de orelha que recebi da A. , da FF4, quando nós fomos lá, nós fomos pedidos para fazer um texto crítico. Aí, eu fiz alguma coisa; aí, no final, ela colocou : “ falta conteúdo... conhecimentos teóricos,falta embasamento teórico”. Tá. Aí, além disso: está faltando, acima de tudo, segurança pessoal sua. Porque eu fiz o teu o texto e depois, quando fomos fazer uma outra avaliação, já na minha avaliação, eu coloquei seis para mim, na minha avaliação. Ela disse: você tem boa vontade, você tem empenho, você tem isso, mas ainda está faltando uma coisa chamada autoavaliação sua. Você está se subestimando. Você tem mais coisa a oferecer do que você está oferecendo. E isso realmente me marcou. Gravei. (sorri com satisfação)

T) A tendência quando a gente desperta a consciência dessa relação teoria/prática é a gente ser mais rigoroso com a gente do que as próprias pessoas.

PAp) É, realmente.E, outra coisa: acho que nós ainda estamos nesse curso nós, em sua maioria, estávamos em média oito anos, dez anos parados, assim. O pessoal em média terminou em 81, 85, terminaram o magistério.Aí, estive só em sala de aula; muitos trabalhando só com uma série.Eu, que já trabalhei doze anos numa sala de aula, só com matemática, trabalhei sempre com matemática. Fiz alguns cursos de matemática, a nível de segundo mesmo, e trabalhava com 5<sup>a</sup> , 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> série de matemática. Aí , depois que eu passei a assumir Direção de Escola, leitura foi só aquelas partes, é, é, ...

T) Conceitos?

PAp) Conceitos e de Documentação, sabe? Então, legislação. Legislação que eu lia muito para poder me interar dos assuntos que tinha que aplicar no colégio, como diretor.Mas textos, livros,essas coisas, tinha parado mesmo. E, nao era só eu.Também tinha outra coisa: da nossa época ,enquanto primeiro grau, enquanto segundo grau, o primeiro e segundo graus, nós nao tivemos ... ninguém passou para a gente o hábito da leitura. O que nós vimos era o livro didático que era passado. Um texto aqui, outro lá e era só.Ninguém teve o

hábito da leitura realmente. Tempos antigos, morava numa família, assim, uma família distorcida, que não tinha pessoas instruídas e que não tinham como passar isto para mim. Então, fica difícil. Agora mesmo, para a gente romper essa barreira foi muito difícil. E, ainda, está sendo difícil.

T) Está sendo gratificante?

PAp) É, está sendo gratificante porque hoje você já pega, estou tenho o prazer de pegar um texto, daqueles mais complicados e, dou uma lida, duas lidas, tal, e depois consigo fazer uma análise, consigo fazer um resumo, alguma coisa. E antes, nem isso se conseguia. Certo? Lembro que tantos passavam um trabalho e era um terror para mim. A esposa do professor D., foi o maior terror que nós tivemos.

T) A L.?

PAp) A L.. Foi a segunda professora, ou sejs, a terceira professora nossa. Ela passou uns trabalhos que a gente só faltou ficar maluco; daqueles pensadores: Marx, tal e tal, e só me peguei em Marx. Ainda bem que ela é muito prestativa. Eu segui os passos dela direto. Ia nos lugares que ela ia, ia para a UNIR com ela, voltava.” Estou indo para tal canto, vou ter meia hora lá.” Então, vou com a senhora para lá também. Chegava lá, ela me explicava uma coisa, e tal. ” Entendeu? ” Entendi, essa parte eu entendi. Então, no outro dia: professora esta faltando tal coisa”. Eu estou indo para tal canto assim, assim.” Tá, onde é o tal canto? Eu tava no pé dela. Foi como realmente eu consegui aprender um pouquinho a mais.( sorri com alegria ).

T) Com isto, você esta me dizendo que até este seu processo de aprender, teve uma importancia muito significativa com relação à sua relação com o professor? Dependendo do professor, você percebe que você aprende mais ou não? Como é que é isto?

PAp) Com certeza. É porque, olha! por exemplo, vou falar enquanto professor: trabalho com a disciplina de matemática. Quando você chega na sala de aula, a disciplina que mais você percebe que o aluno realmente tem medo, que não gosta é a matemática. De trinta alunos, você começa aquele comentário inicial, o aluno fala: quem é que gosta de

matemática aqui? de trinta alunos, uns quatro ou cinco consegue levantar a mão, dizer que gosta. Os demais não gostam. Detesta. Muitas vezes, eu sempre costumo fazer até uma avaliação antes para saber isto daí, realmente. Para trabalhar em cima das dificuldades. E acontece realmente, acho que noventa, oitenta por cento não gosta de matemática. Aí, você tem que buscar saber o porquê que não gosta? Muitas vezes está no próprio professor. A dificuldade não é da matemática, é do professor que ele: amedrontou, que realmente puniu o aluno com a prova de matemática. E, a partir de ali, fica o horror por aquela disciplina.

T) Então, ele faz de um instrumento de poder e de repressão, conteúdo da disciplina?

PAp) Repressão, os conteúdos da disciplina. É. E principalmente porque ele sabe que matemática, em sua maioria das pessoas, já não gosta de engolir mesmo; então, amedronta mais ainda e pronto.

T) E ...

PAp) A própria universidade ...

T) Era sobre isto que eu ia lhe perguntar: Em relação a este curso, você, enquanto aluno, o que você sentiu? Alguma disciplina que você sentiu que isto veio a ocorrer?

PAp) Olha, a da que estava falando agora a pouco, da professora L. . Inicialmente, eu nunca tinha visto esta disciplina. E quando ela chegou na sala de aula, ela foi dizendo que: "meu método de ensino é este assim, assim, assim, assim". Eu estava, nós estávamos realmente sem nenhuma base de conhecimentos. E, quando ela começou a passar trabalho, tal e tal e, principalmente, quando alguns colegas, grupos que ela formou, eles foram para interpretação e foi uma negação. Então, a partir de aí, fiquei aterrorizado com a disciplina. Mas depois eu digo NÃO! eu não posso! Eu não posso me levar por esse, por essa má apresentação, ou pela maneira que ela se expressou. Acho que para saber se realmente esta disciplina é difícil, eu tenho que buscar mais um pouco, buscar me aproximar da professora para ver. O nosso grupo realmente, foi um grupo assim, bem dinâmico, bem dedicado e começamos a conversar com ela e, vimos que realmente era outra pessoa. Por trás daquela máscara existia uma pessoa que estava ali, aberta para todo diálogo, para ti orientar, para ti



dar todas as coordenadas. Entao, inicialmente foi esta disciplina. Depois nao. Depois que conheci a professora, a coisa melhorou cem por cento.

T) Entao, na sala de aula ela nao conseguiu ser a pessoa que ela conseguia ser lá fora?

PAp) Que ela era lá fora. Realmente, que ela era fora. Eu digo: isto lá na universidade. Trazendo isto para nível de 1º e 2º grau, acontece demais até. Eu nao sei porque os professores talvez levem até os problemas de casa para dentro da sala de aula e isso complique, complique o trabalho deles. Acho que, se fizesse uma avaliacao, ele fizesse uma autoavaliacao, com certeza nao iria acontecer este problema. Mas acontece de mais, realmente.

T) Dentro do curso, eu sei que vocês tiveram uma disciplina que chamou-se Relações Interpessoais. Como é que foi essa disciplina? Ela veio trazer alguma contribuicao justamente para esta questao que a gente está abordando?

PAp) Essa disciplina de Relações Interpessoais, primeiramente, foi de você se comportar como aluno, aluno, sendo um ambiente de sala de aula: Universidade/aluno, o próprio aluno. O que você passou o ano todinho, convivendo ali, quatro horas com um determinado colega e nao o conhece. Entao, trouxe esse espaço. Muita dinâmica para você conhecer o outro e também para você, enquanto professor, para a gente que é professor, para se comportar com o aluno: a maneira como se dirigir, de como você buscar analisar o problema que a criança trás, certo? e, aquilo que está impedindo ela participar da sua aula. Entao, é você se aproximar desse aluno também.

T) Quem foi que administrou essa disciplina em sua turma, foi a C. ou a M.?

PAp) C., foi a FF1.

T) E, ela usou técnicas de dinâmica de grupo com vocês?

PAp) Usou algumas dinâmicas, sim.

T) Você lembra de alguma que marcou mais?

PAp) Uma das dinâmicas que, deixa eu ver se consigo passar: O título é “Nao faça com o outro o que você nao quer que faça com você”. O título é da dinâmica. Entao, fica assim: forma-se um círculo, e ai, ela troxe um bonequinho. Certo? E aquele bonequinho, muito bem: e agora, você pega o bonequinho e faz o que você quiser com ele. Pode beijar, pode fazer o que você quiser. Entao, teve colegas que jogavam no chao, que pisavam. Nao, só nao pode sujar. Iam pisar. Deram bofetoes, outros tapas, aquele negócio todo.Muito bem! Agora, passem em frente.E este boneco foi rodando de mao em mao. Aí, depois, deixamos o bonequinho. Ela disse: agora você vai fazer com seu colega da direita o que ele fez com o boneco. Aí, a coisa pegou realmente.Quem tinha tratado com carinho, logicamente recebeu carinho. Quem tratou o bonequinho com violência, com certeza ia receber violência. Entao, quer dizer, ficou uma coisa meio (sorri) ...

T) E, você tirou que mensagem?

PAp) Foi, que realmente você tem que tratar o outro de uma maneira delicada, de uma maneira carinhosa, de uma maneira gentil.

T) No mínimo, com respeito.

PAp) No mínimo, com respeito, realmente. Se nao, alguém pode tratar você de uma forma grotesca. Com certeza você nao vai gostar.

T) E você, já colocou esta dinâmica em prática?

PAp) Já. Eu fiz isto de aí com os próprios professores da escola.

T) E, você sentiu que reação, da parte deles?

PAp) Olha. A mesma reação que nós tivemos. Aquelas maneiras: uns muitos passivos. Outros já agressivos e tal. E, que depois que isto aconteceu, nós estavamos fazendo um treinamento mesmo. Levei duas psicólogas também para fazer um curso de um

treinamento lá, conosco. Aí, além dessa dinâmica, elas fizeram outras dinâmicas mais e também depois, o relacionamento da escola mudou. Após este curso, mudou. O que existia muito era aquela fofoca, o dia todo, e tal. Aquele disse me disse, e tal. Mas a partir de aí, mudou realmente. Bastante.

T) Agora, vou ti perguntar um pouco acerca do que eu estou chamando no meu Projeto “Conhecimento teórico-prático prévio”, que eu acredito que vocês tenham à medida que vocês têm um curso normal, a nível secundário. Pelo menos, acho que, quem não teve o normal de magistério, deve ter tido o Logos II e completou com a parte pedagógica, certo? Então, no teu caso, você acredita que você entrou com esse Conhecimento teórico-prático prévio? Ele veio ajudar ou veio prejudicar você, enquanto aluno, na sala de aula?

PAp) Ele veio ajudar, porque além do, eu fiz o curso do magistério. Tivemos algumas disciplinas e, a própria sociologia, passou uma tradução de sociologia, alguma coisinha, e tal. E, como o próprio conhecimento de você, que eu já estava levando, também de sala de aula, né? Isso veio me ajudar bastante. Um dos conhecimentos que eu poderia dizer que veio me ajudar, enquanto professor em sala de aula, foi o próprio comportamento, o próprio respeito para com os professores. A atenção que se deve dar devidamente ao professor, que muitos alunos não fazem isto. O professor está explicando uma coisa e o pessoal está conversando, tá lendo revista, tá fazendo outra coisa que não tem nada a ver com o que o professor está passando. Então, isto me ajudou. A outra, na parte pedagógica, foi pouca coisa realmente. Porque como eu falei, tava muito tempo fora de sala de aula já. Eu estava com doze anos que tinha terminado o magistério. Doze anos sem pegar um livro para poder estudar. Então isto daí foi uma dificuldade.

T) J., a tua disciplina de Didática, no magistério, ela trouxe uma contribuição muito grande na parte da didática, neste curso? O que ela trouxe? Que meios de conhecimento dessa didática do magistério você veio? Quando você teve a disciplina de didática, você viu alguma relação, alguma contribuição? como é que foi isto?

PAp) Olha, na disciplina de didática do magistério, nós vimos também; olha, eu acho fraca. Para hoje, que eu estou vendo uma nova didática, estou tendo uma outra visão realmente, eu acho que tem muita coisa que estão passando hoje na universidade que deveria passar a

nível de magistério, porque o elemento sai de lá e já vai pegar o seu produto para trabalhar. E não está realmente lapidado para pegar aquele produto, para lapidar aquele produto que ele vai trabalhar: a criança. Principalmente uma criança de 1ª série, né? Então, eu acho que deveria ter muito mais coisa dentro do magistério. Na didática do magistério você aprende o quê? É basicamente é fazer um planejamento. É basicamente isso: fazer um planejamento; é preparar um plano de curso; um plano de aula; nem o currículo você não... você não vê um currículo completo. Só parte de um currículo somente..

T) Conceituação.

PAp) É. Conceituação. Há! Outra coisa que você vê também, é a elaboração de uma prova. E na minha época, passou uma, uma, uma “lapidação” sobre a elaboração de provas. Hoje, não sei como é que está. Espero que realmente. Mesmo porque essa nova LDB está cobrando isso também. Espero que realmente tenha uma disciplina específica para isso, dentro do magistério. Porque se não tiver, vai ter muitas crianças que vão terminar na rua.

T) Vai estar contribuindo para aumentar este número que está aí?

PAp) Vai. Vai. Porque, olha, eu, meu exemplo: agora na escola, que fomos fazer avaliação de (...), que fomos fazer avaliação, elaborar as provas para o terceiro bimestre. De dez professores em sala de aula que nós temos na escola, nós tivemos que reprovar, ou seja, pedir para o professor refazer, dando modelo para ele de orientações de como elaborar outra prova. Porque quatro professores realmente, ainda não conseguiam elaborar a prova que estivesse condigna para aplicar aquela prova para as crianças.

T) E depois, como esse aluno ia conseguir responder essa prova?

PAp) Pois é. Aí, conversamos, tá e tal; mostramos os modelos direitinho, e tal. Então, eles conseguiram elaborar com a gente. Eu ti disse: lá na escola tem dez professores. Imagine as outras escolas que têm trinta, quarenta, cinquenta professores? Fica difícil. Se não tiver alguém realmente para ajudar e o professor não tiver consciência também, é besteira. Porque supervisor fala uma coisa e ele acha que ele está certo e o supervisor está errado. O diretor está errado e ele vai fazer da maneira dele.

T) E ele acha que é uma interferência ... na autonomia dele.

PAp) É. uma interferência. É. É, na autonomia.

T) Ele trabalha por aí.

PAp) Ele está fechado naquela visao:” Eu estou certo. Quem sabe do meu aluno sou eu, nao é o supervisor, nao é o diretor.”

T) Ele nao vê como um apoio.

PAp) Nao. Nao vê como um apoio pedagógico. Para alguns professores, o supervisor e o diretor sao apenas a pessoa que reprime eles. Só vai para perturbar. Enquanto nao mudar esta visao, fica difícil trabalhar.

T) Você, antes de fazer esse curso, também tinha a mesma concepção? Você mudou depois que começou a fazer este curso, ou nao? Por exemplo, a forma de você atuar?

PAp) Olha. Eu, por exemplo: eu trabalhei algum tempo na escola militar, no colégio militar, e lá nós tivemos alguns cursos muito bons , em termos de treinamento para professor. Alguns professores vieram de fora e tal. E lá, eles nos passaram realmente bastante coisas em termos de avaliação, em termos de postura para professor; é, relacionamento de professor /aluno e tal, interpessoal e isso me ajudou bastante. Entao, depois que eu sair do colégio militar, eu já passei a aplicar tudo isso que eu aprendi lá, passei a aplicar fora , em outra escola.

T) Você recebeu como professor ou como aluno?

PAp) Como professor.

T) Você ministrava aula?

PAp) É, eu ministrava aula. Trabalhei muito.

T) Em algum momento você assumiu uma sala de aula de pré, 1ª a 4ª, ou você nunca teve esta experiência?

PAp) Não. Em 1ª série não. Eu trabalhei um ano com 3ª série, não, seis meses com 3ª série e trabalhei um ano e meio com 4ª série.

T) Ministrando todos os conteúdos?

PAp) Ministrando todos os conteúdos.

T) Como foi essa experiência, J.? Você, hoje, tem condições de está tentando lembrar daquilo, e ver como é que foi vencer este desafio?

PAp) Para mim, foi super interessante porque, por exemplo: eu trabalhei já, os seis meses finais de um ano e, em seguida, peguei essa mesma turma e trabalhei a 4ª série. Daí, eu já passei a trabalhar a 5ª série com essas mesmas turmas. Os alunos todos distribuídos pelas outras salas, né? Aí, eu trabalhei 5ª, 6ª e 7ª série e 8ª série com matemática com eles. Hoje, eu tenho o maior prazer, e muitas vezes eles citam até brincadeiras na UNIR, o local onde a gente mais se encontra, é na biblioteca. Alunos desses mesmos, saídos da 3ª série e que hoje estão fazendo, uns estão fazendo letras, outros estão fazendo pedagogia, outros estão fazendo administração, contabilidade. E, eu encontro eles na universidade hoje.

T) Você, dizendo que voltou para ser aluno? Como é que é isto?

PAp) Me lembro que o primeiro encontro que nós tivemos na universidade, no início do ano agora : “ ei professor, está fazendo o quê aqui? Já está lecionando aqui? ”Eu digo: não, não estou não. Ainda não estou lecionando aqui. Um dia eu pretendo.” Está fazendo o quê aqui? “. Eu estou estudando. ”Tá brincando.” É, eu estou estudando. Estou fazendo pedagogia a noite, pela Faculdade de Educação. Quer dizer: hoje somos colegas de universidade. Então, isto é muito gratificante para mim.(sorri com satisfação)

T) Como é que é ser aluno de novo, depois de tanto tempo?

PAp) É gostoso. Aquele lado traquino, aquele lado de, que volta um pouco a ser criança, volta a ser um adolescente em matéria de brincadeiras, em matéria de formação de grupos. A gente senta para contar piadas, aquela coisa toda. Entao, isto para mim, é gostoso. Mistura, eu esqueço a minha idade e eu volto a ser (sorri), criança (continua a sorrir), e isto é bom.

T) E, como fica, depois de viver esta situação de voltar a ser aluno, quando você vai para a sua escola, durante o dia, e é o diretor de escola? Como é que é isto?

PAp) Olha, o desejo que se tem lá, enquanto diretor, é, na maioria das vezes, é intervir muitas .. intervir até no trabalho do professor e agir como professor e passar tudo para ele que se vê na universidade, e passar para ele. As coisas novas, as experiências novas que se tem, quero passar para ele. Quando eu tenho tal oportunidade, sempre eu passo. No horário de planejamento, eu sempre gosto de estar presente e aí, toda e qualquer oportunidade que eu vejo, alguma falha, eu vejo que está errado, eu digo: olha, que tal se vocês agirem desta forma assim, assim, assim, olha. Eu tenho uma, eu tive um conhecimento, e tive uma outra coisa assim, assim, assim que eu acho que vai valer a pena aplicar aqui. Entao, eu já busco passar aquilo para eles.

T) Mas, você, o J., vive o papel de J. / aluno e J. / diretor. Como é que é esta passagem? Como é que na hora: você senta lá na UNIR, você é aluno.

PAp) É Aluno.

T) E aí, você chega e senta em sua sala de direção. Como é que fica isto? Como é que você se sente esse J., na direção, trazendo o aluno que tem que ficar ali quieto, naquela hora?

PAp) É como eu acabei de falar. É aquela impaciência muitas vezes de, buscar o que, pegar o que eu aprendi enquanto aluno - iria servir se eu estivesse em sala de aula - iria aplicar de imediato na sala de aula. Mesmo porque, já não deixaria nem esfriar o que aprendi. O que eu aprendi já passaria para o meu aluno. Aquelas mesmas coisas que eu

aprendi, passaria para eles já enquanto professor. Ai, enquanto diretor, eu tenho que fazer aquilo que é cambio. Ou seja, é de passar para o professor, se o professor tiver com tolerância, tiver com cabeça, boa vontade para me ouvir, para depois ele passar para o aluno. Quer dizer : para mim , seria muito mais fácil se eu tivesse o papel, lá na UNIR enquanto aluno e chegasse para ser no papel de professor e passar para o meu aluno aquilo e seria ..

T) Um canal direto?

PAP) Seria um canal direto. Até seria bem melhor. Enquanto diretor, fico assim, meio impaciente, sem poder fazer o que eu gostaria de fazer.

T) E, você acredita que seus colegas que estão em sala de aula, há algum depoimento de alguém que já está sentindo isto? Que está fazendo esta passagem direta? Como é que é isso?

PAP) Olha, eu diria que daquela turma, de 72 (setenta e dois) alunos que estamos hoje, eu creio que noventa por cento deles , noventa por cento está fazendo isso. Porque, de vez enquanto, quando se tem uma oportunidade, por exemplo: algum seminário, um professor, muitas vezes passa um seminário que reuni as duas turmas. Se vê, cada um, você observa, que tem a curiosidade de expressar a sua experiência de sala de aula. Muitas vezes não limitar tempo e não tiver um controlador da reunião, primeira coisa: quer falar todo mundo junto. Quando tem um controlador, é, as vezes tem que determinar o tempo, porque senão a pessoa quer falar, todo mundo quer falar sua experiência. Daí, você observa que eles estão buscando isto, estão buscando este conhecimento, absorver este conhecimento da universidade e estão fazendo, aplicando isso em sala de aula. E, cada um está adquirindo uma experiência diferente com essa aplicabilidade na sua sala de aula. Na nossa profissão, no nosso ofício, ainda não tivemos oportunidade de todo mundo ainda, para realmente, para fazer este trabalho. Ter uma aula com ele. Você vai ver muita gente querendo contar, todo mundo querendo contar toda experiência que viveu em sala de aula já. Eu acho que estão aplicando Sim, com certeza.



T) J., eu queria te pedir agora, uma questao mais relacionada a como você pensa o que seria Aprender e Ensinar? O quê é Aprender?E, o quê é Ensinar?

PAp) Aprender? Para mim, Aprender, eu acho que é absorver os conhecimentos que, nao importa de onde venha, de quem venha estes conhecimentos, o importante é você absorver e ao mesmo tempo já aprimorar, quando você absorve este conhecimento, diria que: a informaçao é uma matéria prima, no momento que você absorve ele, é você tornar ele um produto já para a sociedade; ou seja, é você já aplicar ele, ou seja, repassar as outras pessoas já através do ensinamento.

T) E, o quê é que é entao Ensinar, para você?

PAp) Ensinar para mim é uma coisa tao ampla, tao gratificante.É , é o prazer de você dar ao outro o que você sabe, o que você tem ,o que você pode ajudar a alguém através do que você sabe.

T) E, para você, o que é o Conhecimento, desde esta relação de Ensinar e Aprender?

PAp) Eu nao sei se teria a palavra correta para expressar o que é, mas, para mim, o Conhecimento é, é tudo de bom que você pode absorver.

T) E, as coisas ruins, quê sao?

PAp) (sorrir) Também sao os Conhecimentos. Só que tudo é conhecimento, tudo que você pode obter é conhecimento. Só que, eu acho que neste momento aí,você tem que separar o “ jó do trigo”.As coisas ruins você procura ocultá-las, ou até destrui-las, e as coisas boas, passar em frente.

T) E o Conhecimento Científico, como fica nisto?

PAp) Bem, dentro do conhecimento científico, é uma visao geral, entre o bom e o ruim, e tal. Eu acho que o Conhecimento Científico é absorver tudo. Conhecimento científico é tudo aquilo que se pode absorver, tanto o que seja coisas boas como ruins.Porque dentro do

conhecimento científico existe o quê? relaciona pesquisa, relaciona tudo. Nem sempre tudo é sucesso, nem sempre tudo é valor, é valioso. Mas se tem que absorver tudo.

T) Você diria o quê acerca do Conhecimento que a gente diz Empírico, Conhecimento que vem do cotidiano das pessoas, conhecimento prático, aquele conhecimento tipo “da vida”?

PAp) Eu diria, aquele conhecimento, o Conhecimento da Vida, por exemplo: **eu, enquanto aluno**: é a experiência que eu vou adquirindo dia a dia, e que muitas vezes eu posso ajudar um colega meu, professor, passando minha experiência para ele e dali ele, dá outro exemplo, ou juntar o conhecimento dele e tentar passar para outras pessoas. Já, **eu, enquanto professor**: eu tenho que chegar para o meu aluno, observar ou tirar, ou fazer com que ele mostre o conhecimento que ele tem, para daí então, eu passar alguma coisa para ele. Porque eu sei que eu tenho, eu levo conhecimento para ele. Mas, também eu distribuo este conhecimento a me proporcionar. **Um exemplo prático**. por exemplo: eu trabalho na zona rural. A vida deles lá é totalmente diferente da vida do pessoal aqui da cidade. Eu estou mais relacionado com o pessoal da cidade. Então, com eles, por exemplo, sobre o meio ambiente, não temos material didático para dar uma aula sobre meio ambiente e nem precisa disso, porque nós pegamos eles e vamos para o campo aberto para dar esta aula sobre meio ambiente. Apenas a parte teórica, porque a parte prática eles sabem muito mais do que eu, então não adianta eu tentar dizer para ele que isto aqui é desta forma, esta planta aqui serve para tal coisa, se ele vive daquili dali. Nós fizemos uma gincana, um exemplo: a gente fez uma gincana e aonde foi citado como atividade – Pescar. De início, eu achei um impacto muito grande; isto é perigoso, tal e tal. Mas depois, nós reunimos com os professores e fomos ver que eles estão acostumados a fazer isto. Era perigoso para nós, professores, que não convivemos esta situação. Então, eu digo: nós é que temos que ter cuidado, porque eles vivem disto daí; o dia a dia deles é isto aí. Aí, levamos, colocamos isto daí como atividade dentro da gincana. E, o que deu de peixe, que eles pegaram na beira do rio, foi incrível a quantidade. (sorri)

T) E vocês fizeram o quê, com estes peixes?

PAp) Ha! Nós fizemos uma “calderada” com este peixe (sorri). Entao, nao deixa de ser um conhecimento que eles alcançaram no dia a dia. **De acordo com a realidade que viviam, é esse o conhecimento deles.** Entao, tem assuntos que nao adianta nem você propor, por mais conhecedor que seja do universo todo, o que ele vive ali, ele conhece mais do que a gente.

T) Isto é o quê o Paulo Freire vem nos ensinando estes anos todos. E você acha que entao é uma coisa que nao se pode perder de vista?

PAp) Nao se pode perder de vista. Eu tenho uma outra experiência sobre isto daí, este conhecimento empírico assim, e tal. Eu estava ministrando uma aula de supletivo, é, modular, modular. Aí, eu estava na aula de conhecimentos gerias, estava falando de ciências e geografia, na parte de Bacia Amazônica. Aí, eu falando sobre rios, da margem direita, da margem esquerda e levantou um senhor - já bem uns 70 anos. Aí, ele disse: professor, mas tá faltando rios aí. E eu, para nao perder a pose, lógico né? (sorri). Eu digo: Sim, realmente tá faltando sim. Porque aqui, olha, tá apenas os principais, os rios mais frequentados, essa coisa toda. Agora, nós gostaríamos que, se alguém tiver conhecimento, se tiver conhecimento de algum rio mais que possa falar para a gente? Eu me sentei, ele veio para a frente e terminou meu tempo de aula todinho, ele dando a aula sobre geografia, sobre Bacia Amazônica. Coisa que jamais eu imaginei que ele tivesse , coisa que ele conhecia, pois ele passou vinte e dois anos da vida dele sendo embarcador aqui, no Madeira e no rio Amazonas. **Eu vou discutir com um homem desse? Nao tem nem condição** (sorrir).

T) Quer dizer, este homem foi para a escola com 70 anos?

PAp) Com 70 anos, né?

T) E tinha uma Escola de Vida.

PAp) De vida, realmente. 22 anos de escola de vida. É isto o conhecimento. Eu acho que há um conhecimento e ..

T) E você acha que a Escola tem um Conhecimento Específico? Podemos dizer que existe um Conhecimento Escolar?

PAp) Eu diria que, quando se refer a Conteúdos pré-estabelecidos, ou estabelecidos por um sistema educacional, então isto daí é o conhecimento escolar, o conhecimento técnico. Agora, o prático, só lá fora. Não adianta que o prático você não vai absorver dentro da escola, dentro da sala de aula.

T) Nem nas atividades práticas? Você acha que o que vem é muito pouco?

PAp) É. Um pouco. Mas nem tudo é realmente.

T) Precisa de uma vivência mais ampla?

PAp) Precisa de uma vivência. É por isso que eu acho que tem que bater muito na pesquisa de campo. Não adianta eu me formar em geografia se eu nunca fiz uma pesquisa de campo. Formar sem nunca vivenciar uma pesquisa de campo. Formar em pedagogia, se eu nunca entrei numa sala de aula.

T) Dentro disso, nós chegamos numa coisa que é também central neste processo de investigação que é a questão da Prática de Ensino. Partindo deste contexto de vocês, enquanto alunos e professores que são, como você pensa que deveria ser conseguida ou praticada esta Prática de Ensino, dentro deste curso?

PAp) Para mim seria assim, mais, já um gerenciamento. Um gerenciamento mesmo, porque nós já estamos no meio, (não estou me referindo a mim, que estou na direção de escola). Mas os nossos colegas todos estão na sala de aula. Então, teria que ter realmente é, essa prática de ensino teria que ser uma visão teórica, praticamente, com experiências, que o professor, que o colega, que o aluno enquanto professor ele pudesse aplicar em sala de aula. Ou seja, de regência seria esta parte. De regência. Que prática de ensino nós temos é, a prática de ensino I e II. Então, teria que ser já direto, isto daí.

T) Agora, não sei se será mais esta divisão.

PAp) Eu nao sei.

T) A prática de ensino agora é para ser tratada como um Contínuo.

PAp) Contínuo, né?

T) Depois da nova Lei de Diretrizes e Bases , ela mudou para 300 horas .

PAp) 300 horas, né?

T)Era 180. Entao, agora é um dos desafios dentro deste curso, aplicar esta Prática de Ensino, quanto mais com uma clientela específica, como vocês.

PAp) Dentro desta prática de ensino aí, nós teríamos que voltar a revisar esta situação do comportamento do professor/aluno, da elaboração de um plano de aula, e como aplicar este plano de aula: baseado na realidade, buscando o conhecimento que o aluno traz, adaptando o conhecimento, o próprio plano de aula, para poder o professor depois aplicar isto daí. É, um outro ponto também que tem que ser debatido bastante seria, é, a própria avaliação: como elaborar a prova. De que forma você aplica esta avaliação? Será que ainda é válida essa avaliação de você chegar: tal semana, vai ser a semana de prova! Estude porque senao você vai ficar reprovado, nao vai passar! Será que até quando isto ainda vai ser válido? Será que hoje, com base na nova LDB, baseado na realidade de nossos alunos, será que ainda é válido? Até que ponto é válido? Porque nao avaliação contínua, avaliação diária? Porque no final do mes o professor sabe da participação do aluno, sabe da frequência, sabe da atividade que ele faz. Será que ainda é necessário fazer aquela avaliação escrita alí, e se ele nao está bem, psicologicamente ele nao está bem? Ele faz uma péssima prova, será que o professor tem o direito de reprovar este aluno por causa disto? Entao, para mim, um dos pontos é isto aí: a avaliação. Bater muito em cima disto. E, como se vai dar, e ao seu aluno.

T) Entao, aquele perfil clássico da prática de ensino, de passar pela observação, participação ...

PAp) Participação e regência?

T) Como é que fica, nesta turma?

PAp) Para mim, teria que ser contínua, já pegando, primeiramente, se fazer um trabalho com o professor, certo? Para ele fazer uma auto-avaliação de como que ele vai realmente aplicar as suas aulas, de que forma ele vai aplicar estes conteúdos, é, aonde ele vai buscar estes conteúdos, como ele vai avaliar o aluno, e até o próprio currículo, certo? Os conteúdos: o que ele deve aplicar, o que ele dar mais ênfase naqueles conteúdos, o que ele não deve dar mais ênfase. É, o plano de curso: tem que ser, para mim também, eu acho muito válido ter este plano de curso. Tem que ser feito em conjunto: 1ª série com 2ª, 2ª com 3ª e assim sucessivamente.

T) Por ciclo?

PAp) Por ciclo. Porque existe uma vaga muito grande, um vácuo muito grande de uma série para a outra; principalmente de 4ª série para 5ª e, de 5ª para 6ª. Existe um espaço muito grande de atividade do aluno; o professor não consegue evitar, o aluno não vê; na outra série vai se prejudicar por aquilo, e quando ele chega para encarar um concurso, ele está derrotado, certo? Vai ser difícil. Nós estamos debatendo muito isto no Duque de Caxias. Minha esposa é diretora lá e nós fizemos uma reunião, inclusive eu participei da reunião num treinamento que teve lá. Uma das coisas que nós pegamos foi isto. Essa LDB veio, com um sistema de avaliação paralela. Não houve uma conscientização do próprio professor, certo? Não houve uma conscientização muito menos com os pais dos alunos e com os alunos. Tem aluno hoje, se você for ao ginásio, 5ª e 6ª série, se você for perguntar: como é o sistema de avaliação? ele não está sabendo até hoje e está terminando o ano. Se não fizer este trabalho hoje, no ginásio, a rede estadual, vai ser o ano de maior índice de reprovação no Estado.

T) E a culpa vai cair toda na criança, no adolescente.

PAp) Logicamente. É muito mais fácil você jogar a culpa em alguém. Mas, só que eu acho que a culpa é de todos. Principalmente das pessoas que estão envolvidas com a Educação, que não fizeram a conscientização com o pai...

T) Não auxiliaram no processo de transição.

PAp) Não auxiliaram. Não auxiliaram, certo? Aí, o professor fala: “Rapaz, estes alunos não querem nada, os alunos não querem nada, só vivem para brincar. Tem outro lá, que passa a aula todinha olhando para cima e não participa da aula”. Eu tive uma cena: será que é só isto que está acontecendo? Será que não é culpa do professor, será que não é culpa da direção, supervisão e do próprio sistema em si, que não fez alguma coisa pra balançar, para sacudir, para levantar este aluno? É uma preocupação muito grande, que eu vou lhe falar! Se não tomar uma providência, de imediato, vai ser um caos.

T) João, para a gente fechar agora, o que seria para você, Práxis Pedagógica?

PAp) (sorri). É a cara da L. . (volta a sorrir). Práxis pedagógica? Eu ..., vamos ver se consigo sintetizar a coisa.

T) Como você entendeu a práxis, como você conceberia?

PAp) É, é o Conhecimento na sua aplicabilidade. É isto aí. Não resumiria de outra forma: é o conhecimento na sua aplicabilidade. É como eu falei: eu acho que a prática pedagógica, a práxis pedagógica é a aplicação, é a aplicação do ensino. Ou seja, o que você aprendeu, você jogar na sua prática. Saber jogar no seu trabalho, no dia a dia.

T) Nesse processo de uma prática consciente, você acha que hoje, você consegue esta chegando nela?

PAp) Estou tentando. Eu espero que, se tiver, se conseguir até a conclusão deste curso, com boa vontade, eu vou conseguir, sim.

T) Com certeza! Eu queria te agradecer, J., e a entrevista vai ser transcrita e logo que esteja pronta, eu estarei enviando para você ler e estar autorizando o trabalho para ser analisado, está bom?

PAp) Desejo a senhora muito sucesso, realmente, neste doutorado e que volte com mais bagagem ainda que a senhora já tem. Boa sorte!

T) Obrigada !

### **ENTREVISTA A PA1**

FECHA: 29 /07/99

LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estructurada.



ENTREVISTADORA (T): Professora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO/BR (la propia investigadora).

ENTREVISTADA (PA1): Professora de la Red Municipal de Educación de Porto Velho y Alumna del Proyecto "*Graduando na Escola Viva*" - Convenio UNIR/SEMED.

Vamos começar agora a entrevista com a professora S.M., professora da 1ª série de uma escola da SEMED.

T) S., eu gostaria de ti perguntar porquê você veio fazer este curso de Pedagogia, do Projeto “Graduando na Escola Viva”?

PA1) Olha professora, em primeira mão, né? eu vim para melhorar minha qualificação, porque passei 9 anos no interior e, com certeza, eu precisava melhorar muito mais, para poder ajudar aquelas crianças. Porque eu estou pensando retornar para lá, para ajudar em Calama, distritozinho de Porto Velho, no Baixo Madeira. Então, eu vim mais para isso: para melhorar e aprender muito mais porque, com certeza, o que eu sabia era muito pouco do que eu sei hoje.

T) Eu gostaria que você relatasse pra gente um pouco do contexto dessa escola que você veio. Qual era a realidade que você tinha, que você trabalhava? Que tipo de aluno e que dificuldades você encontrava, antes de estar aqui fazendo esse curso?

PA1) Olha, em primeira mão, professora, eu também não conhecia o distrito, né? foi meu marido, porque, depois de 2 anos de casada, a gente foi para lá passar um ano e acabamos passando 9, né? Olha, é um interiorzinho muito pobre, sabe? carente mesmo, onde as crianças de manhã, o café deles era bolinho com farinha. Era uma coisa estranha, porque eu nunca tinha visto bolinho de farinha. Inclusive, eles levaram no primeiro dia de aula, levaram bolinho de farinha para mim comer, mas era muito estranho, porque eu nunca tinha visto isso, né? Eu era recém chegada lá no local. E, como eu falei, a carencia lá, material didático não existe. Até hoje tem uma realidade, que eu sempre vou final de mês e continua do mesmo jeito, a mesma situação: não tem material nenhum. O que que a gente fazia? Quando eu ia trabalhar matemática, eu pegava era “goiabinha”, “carrocinho de açaí

”, “ semente de seringá”. Entao, este era o nosso material didático e, às vezes, quando eu vinha receber, aquí em Porto Velho, de barco, aí eu levava papel camurça, papel crepon, para eles conhecerem. E, a gente fazer, ornamentar a salinha, - que era de madeira, nao tinha porta, nao tinha janela, nada. Simplesmente nada. Mas era o maior barato. (sorrir satisfeita)

T) Você se sentia feliz naquilo que você estava fazendo? Você via a importância do teu papel de estar ali? Como é que era isso?

PA1) Olha, professora, com certeza eu fui importante ali, naquela escola. Eu desempenhei bem o meu papel porque, a pesar de eu ser recém chegada. Depois de dois anos de trabalho que eu fiquei lá, as maes quando iam matricular as crianças, vinha pedir logo: "quero com professora S., quero com a professora S., entao, é sinal de que eu desempenhei bem o meu papel, né?

T) S., hoje, você sabe que nós já estamos quase no final dessa formação do Curso de Pedagogia com habilitação de pré-escolar e 1ª a 4ª série. Hoje, depois desses quase 4 anos de Curso, você se recordaria de algum momento ou momentos dessa formação que te marcaram, tanto no sentido positivo, quanto no negativo? Você poderia estar dando algum depoimento nesse sentido?

PA1) Com certeza. Olha, um momento que marcou muito foi quando eu tive que vim, tive que deixar minha casa, meu marido – ele era diretor da escolinha, né? ai, eu vim com os meus três filhos. Chegando aquí, no primeiro ano, meu filho pegou hepatite de uma alunazinha minha, que eu levava ele também para a escola. Aí, eu quiz desistir. Ai, a professora Eva, essa alema que está com câncer, ela me chamou para o cantinho da sala e me orientou muito: “que eu nao desistisse, que aquela fase ia passar, que eu tivesse muita fé em Deus, que eu ia vencer e que meu filho ia ficar bom, que depois eu ia dar rizadas daquilo”. Entao, esse foi um ponto positivo para mim, eu agradeço muito a ela, né? Meu sogro também, que foi em casa, pediu que eu nao retornasse a Calama, que eu terminasse meus estudos, né? Meu marido também: telefonava e pedia que eu nao desistisse, porque Deus era maior e ia me dar muita força. E, o ponto negativo, professora, que eu acho, essa falha da gente nao ter professores para dar aula. A senhora foi um privilégio, meus Deus,

que veio de tao longe e assumiu essa sala. Tanto a nossa, como a turma “B”. Mas, tem professores que nao querem dar aula para gente. Quando a gente foi conversar, eles disseram que nao íam dar porque nao recebiam, como é que ia trabalhar de graça? Entao, isso ai eu acho um ponto negativo, porque a gente passou de dois meses sem ter aula. Entao, esse é um ponto negativo, porque a gente vai se desestimulando à toa, quando retorna, ninguém ..., começa a faltar duas, três vezes, quando pensa que nao, está querendo desistir. Eu mesmo: teve momentos que pensei em desistir. Meu marido também, sabe que, veio para cá, ele veio para cá, para Porto Velho, deixou a direção lá e veio para cá, para onde eu estava com os meninos. Ele também me deu muita força: “pelo amor de Deus, nao desista. Você largou tudo por causa dessa faculdade. Agora, pelo amor de Deus, vá até o fim.” Ai, graças a ele e a Deus, também, né? estamos ai.

T) S., com relação à questao pedagógica mesmo, ao contexto da sala de aula, a possibilidade de estar fazendo uma reflexao sobre a sua própria prática, esse Curso teve essa contribuição concreta? Você poderia dizer em que sentido?

PA1) Olha professora, com certeza melhorou muito, porque eu nao vou dizer que eu era certinha, porque eu nao era. Claro que eu tive falhas. Na hora de avaliar meu aluno. Hoje, com essa faculdade, eu tenho certeza, plena certeza, que eu errei. Eu assumo isso, sabe, que eu errei muito na hora de avaliar meu aluno. Que eu ia muito pela ética escrita, eu nao ia pelo o que meu aluno conhecia, o que ele tinha de conhecimentos. Entao, com essa Pedagogia com certeza você vê mais longe. Eu, agora, eu sei como avaliar o meu aluno: nao só na escrita, mais em vários sentidos. Entao, essa Pedagogia para mim é tudo, porque foi com ela que eu aprendi e continuo aprendendo e, com certeza, hoje, eu tenho outra maneira de avaliar o meu aluno, que nao seja só aquela escrita, como eu era antigamente, como eu fazia. Com certeza eu reprovei aluno meu pela escrita e hoje, com certeza, eu nao faço mais isso.

T) S., e o papel enquanto profissional, por exemplo: você, enquanto professora, você acredita que hoje, você mudou tua forma de conceber a própria profissao? Hoje você já se vê mais uma “tia” ou mais uma “professora”, como Paulo Freire escreveu “Professora SIM Tia NAO”? Como é que você vê isso: o papel político do profissional na escola?

PA1) Olha, hoje eu me sinto mais profissional, com certeza, né? hoje, eu tenho orgulho de dizer que sou uma professora. Não pelo salário, porque isso jamais (sorri) eu me orgulharei desse mísero salário. Mas, para mim, eu sou "Tia" e "Professora" ao mesmo tempo, com certeza.

T) S., mas uma coisa que eu acho que é importante está perguntando a você: dentro dessa experiência agora, que nós tivemos das 120 horas de Prática de Ensino I, você acredita que essa disciplina, independente de ser para a professora Tania que você está falando agora, de uma forma realmente super sincera, que eu sei que você está sendo, o quê concretamente, nessa disciplina, você acredita que teve de contribuição, acrescentando estes quase 4 anos que vocês já tiveram com vários outros professores?

PA1) Olha, professora, não é, não pela senhora, né? Olha, a disciplina para mim, eu nem sabia, não tinha nem noção de como seria essa disciplina. Ai, quando falou que era Prática I e Prática II e disse: Meu Deus, tudo isso? Porque eu não tinha mesmo nem noção do que seria, como seria, porque eu fiz o curso de Magistério o LOGOS II. Então, essa Prática não tinha. Mas, olha, eu gostei muito, aprendi muito, era a matéria que estava faltando para gente e, eu acho, não sei se tivesse outra professora, outro professor, eu acho que não ia "cair" tão bem quanto foi você. (sorri). É um elogio, porque eu acho que não foi só eu, eu acho que a turma todinha gostou demais, porque você soube como aplicar essa disciplina, você deu uma "sacudida". Então, quando você se "sacode", claro que vai sair bastante coisas, né? E, no nosso Curso, com certeza foi coisas positivas. Porque, olha na SEMED - o meu marido trabalha lá - nem sequer eu tinha colocado os meus pés na SEMED. Nunca. E, nesse trabalho, a gente teve de batalhar, tivemos que "ralar"; a gente vai para lá, vai para acolá. É uma escola que eu também não sabia onde é que existia: saímos perguntando ao motorista, ao cobrador onde era. Então, para mim, eu acho que foi excelente, demais, foi ótimo. Eu acho que superou todas as expectativas. Com certeza. Agora, é uma pena que nem a senhora estava comentando ontem, né? a gente ali na parada, você não dá a Prática II.

T) É porque eu tenho que retornar ...

PA1) Mas, porque você vai ter que retornar. Mas a professora E. , com certeza ela vai, porque a E. também foi uma ótima professora, com certeza. Ai, eu acho que ela vai dar continuidade no teu trabalho. Mas que você está de parabéns, com certeza, tá. Agora, que ajudou muito, com certeza.

T) Obrigada, S., e, para finalizar, eu queria que você me dissesse: hoje, se eu perguntasse "S., o quê é para você ensinar e aprender, depois desses anos todos, como você mesmo disse "ralando" nesse curso? Essa concepção de ensinar e aprender mudou? Se mudou, o quê é para você?

PA1) Olha, a primeira: Ensinar. O quê é ensinar? Eu acho que ensinar, para todos nós que somos professores, antes de ensinar, a gente tem que aprender. Porque como é que eu vou ensinar uma coisa que não tenho conhecimentos? Só que antes dessa pedagogia, eu não tinha essa noção. Sabe, eu ia muito pelo livro, muito pela cartilha e hoje, não. Para mim ensinar, eu sei que eu tenho que "ralar", eu tenho que conhecer, eu tenho que aprender primeiro, para depois ensinar ao meu aluno. Com certeza, eu vejo por esse lado porque eu não via, professora. Não vou negar, não vou mentir, porque nós não tínhamos, nem supervisor a gente nunca teve em Calama. Sabe, é como eu te falei: é muito carente. Então, a gente nunca tinha isso, não tinha aquela salinha pedagógica, sabe, com todos aqueles aparatos; a gente não tinha. Eu é que tinha que inventar, eu é que tinha que criar, sabe. Mas, eu falei, não sei se estou sendo bem clara que "antes da gente ensinar, a gente tem que aprender. E aprender, a gente tem que buscar, porque nunca vai chegar nas nossas mãos. Então, a gente tem que batalhar, estudar para aprender muito mais, com certeza."

T) S., eu queria está perguntando se você se proporia a estar fazendo um relato posteriormente, através de um diário, na tua classe? Você registraria durante um período essa tua prática, para que a gente pudesse estar trabalhando juntas esse processo de mudança que você afirma que tem certeza de que já incorporou. O quê que você acha disso?

PA1) Olha, é uma boa idéia, professora. Eu posso fazer isso, assim, porque eu faço muito relatório, sabe? Porque, às vezes, eu coloco, faço , eu coloco frente a frente o passado com o presente, agora, né? Porque, quando você pega, dá vontade de rir. As barbaridades que eu cometia , né? E, hoje, já com essa visão, com certeza, se eu fizer, só se for inconsciente,

porque ... Quando eu tenho uma noção, jamais eu vou agir do jeito que eu agia antes. Mas, essa daí é uma boa: anotar, porque eu faço, mas em relatório. No diário eu ainda não experimentei, não.

T) Então, você "topa" o desafio?

PA1) Com certeza, topo. (sorri)

T) Esta bem, S., muito obrigada e boa sorte. Saiba que pode estar contando com a gente. Eu estou lá, mais continuo aqui presente, nem que seja no pensamento. Obrigada.

PA1) Com certeza, professora. De nada.

## **ENTREVISTA A PA2**

FECHA: 29 /07/99

LOCAL: Porto Velho / RO / Brasil

TIPO DE ENTREVISTA: Semi-estruturada.

ENTREVISTADORA (T): Professora del Departamento de Ciencias de la Educación – UNIR / RO/BR (la propia investigadora).

ENTREVISTADA (PA2): Profesora de la Red Municipal de Educación de Porto Velho y Alumna del Proyecto "*Graduando na Escola Viva*" - Convenio UNIR/SEMED.

Vamos iniciar agora a entrevista com a professora **M. R.**, professora que trabalha pelo municipio, na Escola "Vovó Ana", com a 4ª série.

T) M., eu gostaria de perguntar: qual o motivo, o quê que ti fez ir buscar essa formação de Pedagogia na "Escola Viva", no projeto "Graduando na Escola Viva"?

PA2) Em primeiro lugar, porque eu acreditei no projeto, porque a minha primeira formação de magistério foi através do projeto "Escola Viva". Então, eu acreditei. Foi um trabalho que eu vi que houve uma preocupação enorme, da parte dos coordenadores, em mostrar um trabalho de boa qualidade. Por isso, eu não pensei duas vezes em voltar a participar desse projeto, que foi fazer o Curso de Pedagogia através desse projeto.

T) Como é que seria essa questão dessa formação do magistério, que você colocou inicialmente, pela "Escola Viva"? O quê você quis dizer com isso? Quê projeto foi esse?

PA2) Foi um projeto no qual ia qualificar "monitores" - professores "leigos" - que tinham outras habilitações que não seria o magistério. Então, as pessoas teriam, o requisito era que as pessoas tivessem o 2º grau completo. E, no projeto, nós iríamos só fazer a parte didática. E foi isso que aconteceu. Foi um curso intensivo que durou de agosto à maio, em torno de oito meses, não lembro no momento. Oito meses. Então, foi intensivo o curso – à tarde e à noite.

T) E você acredita que houve contribuição desse primeiro curso de formação pedagógica para esses "monitores"? Ele veio a contribuir, já, nessa sua prática?

PA2) Olha! Falando na minha prática, contribuiu muito, porque eu sempre tinha aquela ansiedade de querer melhorar a minha prática, porque quando você é "leigo", você não tem aquela questão didática de saber que metodologia utilizar, de que forma. Os problemas aparecem, você não tem uma resposta de como fazer, alguma orientação. Fica difícil. Na minha prática, melhorou bastante. Eu pude melhorar muito – eu comecei a ver a Educação de uma forma diferente. Eu comecei a ver a minha responsabilidade como educadora. De que forma eu poderia trabalhar? Não só melhorar a minha prática em sala de aula, o domínio de conteúdo; ver como trabalhar o meu aluno, mais como também refletir sobre a minha prática.

T) E, no momento que você entrou neste Curso de Pedagogia com formação de pré-escolar e 1ª à 4ª série, o que você acha que veio, além dessa formação inicial? Houve um acréscimo? Ou o primeiro momento, a primeira formação de magistério, à nível de 2º grau, foi suficiente? Você percebe alguma diferença entre essas duas formações?

PA2) Com certeza. Eu vi que lá, no Curso de Pedagogia, eu vi que eu tive a oportunidade de dar continuidade com o trabalho que já vinha desenvolvendo, né? porque, o magistério, por mais que o curso tenha sido de ótima qualidade, de bons professores, inclusive todos os professores da Universidade, né? mas, assim, foi muito pouco tempo para que eu pudesse totalmente tirar todas as minhas dúvidas, em relação a minha prática. E, com certeza, é no curso atual que eu estou fazendo, eu cresci bastante em termos de linha de pensamento. A minha atuação como professora, meu pensamento, a questão postura como professora, entre outros fatores que eu não lembro, como citar no momento. Mas, eu acredito que deu continuidade ao trabalho, ao um aperfeiçoamento que eu já tinha feito à nível de magistério. Eu dei continuidade porque eu tive a oportunidade de rever, trabalhar novamente com os mesmos professores. Então, eu acredito que o magistério não foi o suficiente para que eu pudesse melhorar minha prática, e isso veio contribuir bastante.

T) E, como é que foi a experiência de está passando pelo vestibular? Aquela expectativa: será que vou ser capaz? Será que não? Como é que foi isso? Você se sentiu mais fortalecida talvez porque tinha feito o magistério, a qualificação à nível pedagógico? Como é que foi a sua experiência?



PA2) Olha! Para falar a verdade, assim, eu, como eu moro, morava no interior, em Sao Carlos, no interior de Sao Carlos, eu nao tinha mais essa perspectiva de vir fazer vestibular. Eu achava, assim, incrível. Incrível nao, desculpa, difícil, porque a pesar de lá, eu tive que me deslocar (na época, vim para fazer o magistério) para cidade, para capital - Porto Velho. Passei oito meses longe da minha família, porque eu tenho uma família. Entao, quando eu voltei, eu falei: "bom, a minha jornada terminou aqui, eu acredito que eu nao vou ter mais oportunidade de estudar". Até entao, eu nao. Quando surgiu a época do vestibular, eu nao fiquei tao ansiosa para fazer. Eu esperei a primeira etapa, eu falei: "nao vou fazer porque sao 4 anos. Entao, eu nao tinha uma estrutura financeira para vim morar na cidade. Entao, o que aconteceu? Eu esperei a primeira etapa - terminar a etapa de inscrição . Eles prorrogaram a inscrição. Entao, no último dia é que eu vim à cidade – Porto Velho. Eu estava em Sao Carlos e resolver vir a cidade de Porto Velho e chegando aqui, eu resolvi fazer o vestibular, a inscrição, né? sem nenhuma esperança de passar, para ser sincera. O meu sonho era fazer né? porque eu sempre, eu tracei um objetivo: desde criança eu imaginava que, minha maior vontade era terminar meus estudos e fazer uma faculdade. Mas, eu achava , assim, impossível. Sinceramente, eu achava impossível realizar esse sonho. Entao, quando eu cheguei aqui para fazer, eu fiz sem anseio nenhum. Nao esperava que fosse passar. Eu fiz, assim, até como uma experiência, para dizer, assim, eu vou fazer porque eu nunca tinha feito um vestibular, foi a primeira vez, nunca tinha tentado. Eu falei assim: “é, vai ser mais uma experiência para mim. Se eu passar, eu vou tentar conciliar. Se eu nao passar, valeu à experiência”.

T) Seria interessante você colocar pra gente como é Sao Carlos? Quê regioao é Sao Carlos? Qual é o meio de transporte que você leva para chegar alí? Como é essa experiência, para que as pessoas tenham uma idéia do quanto foi essa sua luta?

PA2) É um Distrito que fica cerca de 8 horas de viagem, de oito nao, de 6 horas de viagem da capital – Porto Velho, até chegar o local. Entao, sao 6 horas de viagem à barco – o único meio de transporte é fluvial, nao existe outro meio de transporte. Entao, a localidade é um Distrito, assim, como sendo do interior, é muito pacato. As pessoas nao têm muita perspectiva de vida, assim, em termos de sonhar, de querer vir para a cidade; as pessoas, elas projetam seu futuro em termos da localidade. Entao, até para mim, né? que antes, uma observação que eu queria colocar: eu fui para lá quando eu tinha oito anos de idade. Entao, eu passei lá 16 anos, morando lá 16 anos. Entao, é assim, a localidade, ela é muito

tradicional, a pesar, assim, é uma história bem interessante que eu queria contar. Foi a questão: eu casei muito nova, eu tinha 14 anos, então, lá, a menina, a pessoa quando casava, ela tinha, o objetivo dessa pessoa já não voltava mais para estudar. Ela seria só uma dona de casa. Acabou. Para ali, terminou tudo, né? Como se tudo tivesse se estacionado naquele momento. Você aproveitou enquanto, é, não tinha uma vida solteira, se você aproveitou o que tinha que aproveitar, em termos de estudo, aproveitava; senão, parava ali mesmo. Então, eu acho que eu fui a primeira. Então, eu até coloco, eu repito no meu discurso que eu fui uma das primeiras a vencer essa barreira.

Quando eu casei, aos 14 anos, eu estava cursando a 4ª série. Então, não tinha ninguém que tivesse à coragem de voltar para sala de aula e ficar. Como lá é um local muito tradicional, a pessoa casada já não podia mais ficar se relacionando com as meninas consideradas "moça" ou "juventude" da sala. O quê aconteceu? Eu venci essa barreira. Os professores, eu tive muitos incentivos, que as pessoas achavam que eu tinha uma capacidade para crescer. Então, houve muito incentivo por, assim, de dois professores, professores que viu que (...), iam da capital para trabalhar em São Carlos. Então, eu continuei a estudar, né? apesar desses preconceitos. Fui tendo os meus filhos, muita dificuldade. Eu tinha que conciliar a minha casa, os meus estudos, né? Quando eu terminei, estava cursando a 6ª série; eu tive, eu conseguir um emprego como Auxiliar de Serviços Gerais, foi como Auxiliar de Serviços Gerais. No primeiro momento, eu não exerci essa função porque foi na época que estava fazendo o cadastramento dos títulos eleitorais. Então, eu vim fazer um treinamento aqui, em Porto Velho, para tirar títulos, para fazer esse cadastramento e, em seguida, eu retornei à São Carlos e passei uns seis meses exercendo essa função de cadastramento de títulos. Depois, eu voltei a exercer minha função de Agente de Limpeza. Exerci dois anos essa função e, em seguida, eu terminei a 8ª série e o Secretário de Educação, Raimundo Guilherme, na época, ele falou que eu tinha condição de ir para uma sala de aula. Então, ele pegou e me trouxe para Porto Velho com o objetivo de mudar minha função. Foi quando ele me nomeou "monitora". Eu estava cursando a 8ª série, e quando eu terminei a 8ª série, eu não tinha, assim, uma perspectiva de vida. As pessoas terminavam a 8ª série, não tinha o 2º grau na localidade, só tinha até a 8ª série. Então, eu pensava, assim: "eu não tenho condições financeiras para continuar em Porto Velho". Então, o que aconteceu: eu passei um ano parada e, em seguida, eu entrei para o 2º grau. Foi quando eu tirei o 2º grau colegial e, quando eu estava terminando, em agosto, quando estava terminando o 3º ano, o ano que eu estava terminando o 3º ano, em agosto, eu

consegui: foi a época que surgiu o projeto "Escola Viva". Eu ainda não tinha ..., uma observação importante: eu ainda não tinha terminado o 2º grau quando surgiu essa oportunidade, eu fiquei muito ansiosa, porque o meu sonho era ser professora. Então, para dizer, assim, eu estou numa função que eu gosto e que cada vez eu quero crescer ainda mais. Então, eu disse assim: "Magistério! eu não posso perder". Só que as pessoas, como são muito tradicionais na localidade, disseram assim: "mas você é louca, deixar seus filhos aí, você tem que pensar que são 8 meses". Mas, meu marido é uma pessoa que, apesar de ele ter só o curso primário, ele falou: "não PA2, você vai que eu lhe dou todo o apoio". Então, o que aconteceu? Depois, eu, surgiu uma espera, aí, eu vim aqui. A mulher disse que eu não poderia fazer, mas, eu e mais duas colegas não poderíamos fazer porque nós não tínhamos o 2º grau completo. Então, elas falaram que, nós pedimos, que era a única chance que nós teríamos era essa, porque nós morávamos no interior. E, eu não estava, assim, interessada em fazer logo os dois, porque eu vi que eu não tive muito proveito, até iniciei logo os dois, mas eu vi que logo nas primeiras provas, é, foi muito, eu fiz oito provas num dia só, e eu vi que não aproveitei nada. Apenas eu estudei para fazer, e absorver com o conhecimento, quase nada. Só foi em termos mesmo de cumprir umas provas que eu fui fazer. Então, não eu tinha interesse, de minha parte, de fazer logo os dois. Eu queria, assim, atuar, fazer um curso no qual eu tivesse dia a dia na sala de aula, para mim poder crescer mais. Então, eu resolvi, foi a hora que ela falou assim: você teria que assinar um documento se responsabilizando que ficaria, eu receberia o certificado, mesmo que concluísse esse curso de capacitação de "monitores", que seria a fase didática, eu só receberia o certificado mediante o certificado de 2º grau colegial. Então, nós nos propomos, que foi eu e mais duas colegas, a fazer isso. Foi difícil no começo. Eu tive que vim para cá, para Porto Velho, né? e morar, ficar longe da minha família. Não foi fácil. Eu tinha que ir toda semana para lá. Eu não tinha tanto recurso financeiro. Às vezes, eu me desdobrava, economizava, foi muito difícil, mais valeu a pena, né? O que eu posso ressaltar é que valeu à pena e que toda, por mais que você tenha que passar por vários obstáculos na sua vida, você, mais tarde às coisas vem, vem a recompensa mais tarde. Eu consegui concluir esse curso e foi muito difícil: eu trabalhava no período da manhã, estudava à tarde fazendo o colegial na Escola Eduardo Lima e Silva e, à noite eu tinha que vir para a Universidade, aqui no centro, fazer o curso de capacitação de "monitores". No mês de novembro houve uma correria imensa porque o curso passou a ser à tarde e à noite, e eu tinha que conciliar o término do curso do 2º grau e tinha que também fazer o curso

aquí, na UNIR centro. Mas, a gente corria para lá e para cá, e deu para conciliar e terminámos.

T) É muito bonito ver esta sua luta. É uma coisa, assim, maravilhosa. Eu gostaria de perguntar, PA2, dentro desses quase quatro anos que você está fazendo essa formação de magistério à nível de 3º grau, essa formação em "serviço": quê momentos, que determinado momento marcou essa mudança dessa sua prática pedagógica? Ou quê momentos desse curso você poderia apresentar que marcaram tanto positivo quanto negativo?

PA2) Olha! No primeiro ano, assim, você vê que, que você tem, assim, uma perspectiva: como é que vai ser, aquela ansiedade, aquele medo, aquela, há todo um, vários fatores, assim, que fazem com que você vá de encontro com toda essa ansiedade. O quê é que eu quero? O quê que eu acho que vou aprender? Ou o quê eu posso melhor na minha prática? Eu acho, assim, o primeiro momento, eu acho que é a partir do 2º ano da faculdade né? Eu já pude, dentro da minha prática, começar a perceber a minha postura, as formas de cómo eu estava trabalhando. Eu já pude refletir, reviver o passado, para me compreender no presente. Agora, a questao, assim: como é quê eu atuava? eu comecei a refletir: as coisas que eu fazia, o que eu falava, a minha postura como professora. Mudou muito, porque, antes, eu, às vezes, eu, eu achava, assim: eu estava cumprindo o meu papel como professora, o aluno estava ali para aprender e eu estava ali para ensinar. Entao, eu nao tinha aquela preocupação com o aluno: se ele iria aprender, se eu (...) assumi a responsabilidade; eu achava, assim: a minha responsabilidade, o meu papel é aquí: chegar na sala e dar minha aula e pronto. O aluno, ele tem que está aquí para adequar-se à minha, minha filisofia, ele tem que, que fazer como, num linguajar bem popular “ele tem que ir de acordo com o meu pensamento, né?”. Entao, a partir de aí, quando eu comecei a ver que a questao da História da Educação: como foi feito as lutas dos educadores para que a Educação viesse cada vez mais, melhorar a ..., toda a perspectiva que veio em torno da Educação: o quê mudou? O que veio a ser tudo isso? É que veio a crer que, que eu tinha, assim, eu era uma professora que, eu, além de ser uma professora, nao era só o meu papel de transmitir conhecimento, o meu papel também como educadora viria, assim: SIM, passar conhecimento, mas, trocar, ser apenas uma mediadora no qual eu passaria nao só a transmitir conhecimento, mais também aprender, buscar conhecer melhor o meu aluno,

viver com ele, junto com ele, conhecer às necessidades, para que eu pudesse desenvolver um melhor trabalho. Entao, eu acho, assim: o meu pensamento, a minha filisofia de trabalho mudou muito. Entao, muitas coisas também ..., é porque, é sempre, assim, por mais que eu tivesse uma postura tradicional, eu também, eu sempre, eu era uma pessoa sempre curiosa. Mesmo nao tendo uma formação, eu sempre tinha aquela curiosidade, assim, no que eu podia melhorar? Eu tive, assim, essa preocupação, mesmo que eu nao percebesse a importância dessa minha reflexao, às vezes, eu parava e pensava, principalmente quando eu vi a prova, porque na época eu pensava: a prova dizia tudo para mim. Eu pensava, assim: será que eu, como educadora, será que eu nao podia mudar a minha postura, a minha prática? Será que é eu, ou o meu aluno, que nao está se interessando? Porque, às vezes, é muito fácil, nós como educadores jogar a culpa no aluno, dizer assim: "nao, ele nao conseguiu aprender", ou "ele nao conseguiu alcançar o meu objetivo". Eu falo sempre assim: nós falamos “o meu objetivo”, “o nosso objetivo”, devido a falta de interesse dele. Às vezes, nós nao nos colocamos no lugar do aluno. Vamos refletir, saber, assim, como é que está indo nossa prática? O quê é que nós podemos mudar? Quê tipo de filosof..., filosofia mesmo que nós podemos tomar para que nós possamos melhorar nossa prática? Entao, houve, assim, crescimento bastante, a partir do 2º ano, né? E, eu presenti que eu deveria mudar minha postura, eu senti que deveria, nao só minha postura, mais começar a conversar com as minhas colegas, a fazer um trabalho na escola, que nós sabemos que é difícil porque quando nós chegamos e deparamos com um modelo na escola (há toda uma estrutura, ou toda uma filosofia), e que, às vezes, você tem que vencer barreiras. Às vezes, você tem que ter humildade, nao só falar, ficar apenas na, na, no discurso, mais você tem que mostrar na prática, que as coisas podem mudar. Entao, foi a partir de aí, que eu comecei a mudar minha postura como professora.

T) E, com relação aos pontos negativos, houve algum ponto negativo nesse processo que você acha que seria importante está ressaltando?

PA2) É, o processo em relação ...

T) Ao Curso de Pedagogia?

PA2) Ao Curso...

T) Houve algum momento que você considera que foi negativo? Que houve alguma interferência, inclusiva externa, como é que é isso?

PA2) Olha, no primeiro ano não houve pontos negativos, porque o curso foi (...). É, agora, a partir do 2º ano nós vimos, assim: as interferências, houve muitos obstáculos, principalmente (...), nós começamos a perceber a questão (...), como a recepção na Universidade, né? porque, num primeiro momento, nós levamos tanto em consideração. Depois, a partir do meio, nós vimos, nossa recepção na Universidade não foi, assim, como nós pensávamos que fosse, né? Como se nós fossemos (...), sempre nós éramos tratados, assim, como “Curso da Pedagogia Noturna”. Então, é como se nós fossemos um Curso que não fizesse parte da Universidade, fosse apenas um “Anexo”, uma coisa que, que não tivesse tanta importância. Mas, assim, no 2º ano, em termos assim, de estrutura, em questão houve, assim, a falta de professores. Aí começou a surgir o problema de faltas de professores. Porque, no primeiro momento, houve o pagamento, os professores foram recebendo seus pagamentos normais e, no segundo ano, já houve essa defazagem. Então, isso interferiu muito, né? porque os alunos já não tinham mais professores interessados em, em ministrar a disciplina. Não porque eles achassem que nosso Curso não tivesse tanta importância, mas, porque eles têm uma carga horária a cumprir na Universidade e esse curso seria mais uma carga horária a mais, e justo que ele recebesse por esse Curso. Isso aí não vem ao caso. Mas, assim, a Prefeitura, ela foi (...), ela não cumpriu com o compromisso de (...): A Universidade estava cumprindo a sua parte, porém, a Prefeitura não cumpriu a sua parte, no caso do pagamento realizado com, para os professores. Então, eu acho que foi um ponto negativo aí. Até as coisas começaram a, a, a se complicar, né? porque (...), mas isso não interferiu na atuação dos professores. Todos os professores que ministraram o nosso Curso, eles sempre tiveram essa preocupação de, de passar para nós a disciplina de forma, de qualidade, de qualidade. Sempre eles preocupados em ter um conteúdo que levasse você a crescer ainda mais. Então, em termos de conteúdo, de conhecimento, isso aí, nós, eu não tenho tanto, eu não tenho como me queixar, criticar. A questão mais foi nós passarmos vários dias sem professores, então, desestimulava muito. Às vezes, você passava duas, três semanas para começar a disciplina. Retornava, tinha duas disciplinas. Parávamos novamente. Então, isso interferiu muito porque quando você estava, assim, com todo “pique”: “ vamos lá, agora vai dar certo “ e, de repente, você

parava. Aí, desestimulava tudo, porque você passava o dia inteiro, como nós temos uma carga horária de 40 horas, trabalhando de manha e à tarde, entao, nós chegávamos à noite, nós tínhamos aquela ansiedade de terminar o Curso. Quando pára, você que, quando você pára, desestimula totalmente. Isto faz com que você deixe de nao, um pouco a leitura, às vezes, você se acomoda, entra num comodismo e isto complica muito, e quando você retorna, você vai ter que começar tudo de novo. Eu acho que isso foi um pouco negativo em nosso curso, até o momento.

T) M., eu gostaria de ti perguntar : de forma mais concreta, para este momento que vivenciamos agora, dentro dessa disciplina das 120 horas de prática de ensino I, independete de você está aquí, com a professora, eu quero lhe pedir para você dá um relato de cómo é que foi essa disciplina para você? Que contribuição que ela veio trazer, se é que trouxe, a mais, ou ela veio apenas reforçar outras questões? Como é que você vê que foi a Prática de Ensino I nesse momento da formação?

PA2) Olha, nao é porque eu estou diante da professora, porque sempre nós temos que ter a postura de saber analisar e saber criticar ou nao, o que nós estamos vivenciando. Mas, no primeiro momento, eu pensei, assim, eu falei : "como será esta prática?". No começo eu, assim, eu quase que, que ficava, assim, desnorteada, sem saber de como seria o trabalho. Entao, de início, a professora colocou todo o trabalho e eu falei assim:" hai! Vai ser muito dificil, como que vai ser?" Porque sempre, a primeira vez, há sempre essa dificuldade. Mas, no decorrer do Curso, no decorrer das aulas, você percebeu que a professora, ela teve a preocupação de colocar passo a passo tudo que ela queria que nós fizessemos. Tudo, em termos de ter aquela preocupação de nos dar um embazamento teórico, a preocupação de nos explicar passo a passo como seria esse nosso trabalho de campo. Porque nós já tínhamos a experiência anteriormente de ter feito esse trabaho de campo, mais nao tao detalhado como foi esse. Esse teve a preocupação de explicar passo a passo como seria feito o trabalho. E, uma coisa assim, que fez eu crescer muito, né? porque, sempre nós atuamos na rede de ensino, nao temos essa preocupação nem de observar as escolas da rede, nem as escolas que atúamos. Entao, o que eu acho que cresci bastante é quando fui fazer a pesquisa de campo. Nós ficamos com o tema que eu até nao dava tanto valor a esse tema que foi: "A rede física da escola". Eu achava, particurlamente, até no momento, eu me preocupava muito com a parte pedagógica, em termos, assim, de conhecimento, ensino,

a minha postura; mas, de observar o, a estrutura da escola em termos de espaço físico eu não tinha ainda nem parado para pensar e analisar. Então, ela, por mais, assim, que foi um tempo, assim, corrido, nós tivemos que conciliar o nosso trabalho com o trabalho de campo, mais foi compensador. Eu pude observar que, dentro do trabalho que nós desenvolvemos “Rede Física”, nós colocamos, assim: olhamos por fora e falamos “tá muito bonito, tá tudo lindo” e nós não, não nos colocamos, não colocamos, assim, a questão das pequenas coisas que, às vezes, nós achamos que não tem importância e, quando nós vemos e nós buscamos o embasamento teórico, nós vimos que as pequenas coisas dentro da sala de aula (o que são os detalhes?), isso influencia muito dentro do aspecto relacionado com o pedagógico, né? Então, eu acho que foi um ponto positivo essa questão, assim: a professora, ela teve muito a preocupação de, além de pegar os trabalhos, de observar, fazer observação, nos ajudou muito e, com certeza, no próximo trabalho de campo vai ser ainda melhor, porque foi o início, o início de um trabalho que a gente viu que nós podemos melhorar cada vez mais. Então, dentro das observações que foram feitas do nosso trabalho, foram boas, foram críticas construtivas, que nós vimos que houve as falhas. Ela tentou corrigir, na medida do possível, falar, dar sugestão como nós poderíamos fazer, o que nós poderíamos melhorar. Então, no final do trabalho, houve aquela questão de todos terem a oportunidade de fazer a explanação do trabalho, onde nós podemos ter, não, assim, de forma geral, ter completamente, saber de forma bem concreta a real situação das escolas. Mas agora, nós temos uma ideia de como se encontram as escolas, né? E que com esse trabalho, que foi feito de forma bem responsável, de forma bem feita, com esse trabalho, com certeza, fez com que, a partir de agora, nós tenhamos mais preocupação em relação a todos esses aspectos que envolvem a qualidade do ensino, porque, às vezes, nós nos preocupamos muito com o fator pedagógico. Eu, assim, particularmente eu achava, assim: “o pedagógico em sala de aula, aquela questão: conteúdo, a minha postura, como vou dar a minha aula?” Mas não se esquecendo que existe “N” fatores que fazem com que esse ensino venha ser de boa qualidade. Não é só o professor, mais existe todo um, todo um, como é que se poderia falar?

T) Um contexto.



PA2) Todo um contexto que deve ser levado em consideração. Desde as pequenas coisas até, partindo de dentro do orgão responsável pela rede, até dentro da escola, que envolve o âmbito de toda a comunidade.

T) PA2., para tentar finalizar eu gostaria de te perguntar: hoje, se você tivesse que estar definindo o quê seria ensinar e o quê seria aprender, você definiria já de uma forma diferente? Q quê é para você esse ensinar e esse aprender hoje, depois desse processo de formação em "serviço" que você vem passando há quase 4 anos?

PA2) Olha! Até eu tive a oportunidade de ler o livro do Paulo Freire, né? que eu ainda não tinha tido a oportunidade de ler a “Pedagogia da Autonomia”. E, eu percebi que “N” fatores contribuem para que você mude a sua postura e uma coisa hoje eu posso falar, como professora, como educadora: “que o professor, ele não tem que ter a postura apenas de dizer assim: “eu estou aqui para ensinar e vocês estão aqui para aprender”. A minha postura hoje é, em questão da minha prática, é levar o meu aluno, não só através sim, dos conteúdos, que são importantes, mais levar o meu aluno a saber utilizar esse conhecimento no dia a dia, a criar um, a ser um sujeito crítico. Quê sujeito crítico seria esse? Um sujeito que, além dele perceber os problemas existentes dentro da sociedade, ele ser capaz de também apresentar soluções, né? porque não basta dizer: “você tem que perceber e criticar.” Não. Além disso, o aluno, você, eu, como professora, né? não ver apenas o aluno como objeto, no qual eu vou manuseá-lo e colocá-lo do jeito que eu achar que ele deva ser. Não. Eu tenho que ser, a minha postura como professora, levar esse aluno, além de ser, reviver esse senso crítico dele, ele ser capaz de apresentar soluções e atuar dentro da sociedade. Ou seja, eu acredito que seria a questão de exercer a sua cidadania. Porque hoje, eu antes desse, de eu estar dentro, fazendo esse Curso, eu pensava, assim: “exercer a minha cidadania é fazer o quê? é eu fazer parte da sociedade, fazer a minha parte de forma isolada, fazer a minha parte, crescer apenas, assim, observar de fora, trabalhar de forma individual. E, hoje, eu percebo que não é isso. Nós fazemos parte de uma sociedade na qual, nós, como educadores, e isso nós devemos, eu acho que eu tenho obrigação de repassar para o meu aluno, não, assim, de forma com que ele venha, no caso: “não, vai ser assim”. Mas, fazer ele ver, perceber que nós vivemos dentro de uma sociedade na qual nós devemos ser participativos, não só participar, mais também cooperar para que as coisas cresçam, as coisas mudem e, que eles comecem a perceber que dentro da escola pública,

que hoje nós achamos que a escola pública é “pública” e o aluno tem essa, essa postura : "que é pública e entao nao é meu, isso nao é meu, é do governo". Que o aluno começe a perceber que tudo isso aí faz parte da nossa vida e que é nosso, e que nós contribuimos para que isso, para que isso venha a acontecer: "a escola é pública Sim, mais tudo que está ali faz parte do nosso trabalho, que nós contribuimos e que é nosso, que nós devemos preservar". Entao, é essa a minha postura como professora hoje: é levar o aluno a perceber a sua importância como cidadão e que ele tem futuramente, ou no presente, ou no futuro, ele possa desenvolver o mesmo trabalho, né? de fazer, de ter sua parte de contribuição dentro da sociedade.

T) Muito obrigada, M.. E, eu queria lhe fazer um convite, ao mesmo tempo um desafio: se você toparia agora, após esta entrevista, a gente está fazendo um trabalho de diário, de registrar a tua prática durante um período. Se você concordaria, por exemplo, uns 15 dias dessa tua prática da sala de aula, você estaria anotando e depois a gente estaria discutindo esta prática juntas, para poder vê até que ponto você já se dá conta, na hora que escreve, dos seus avanços, do que você já modificou e poderia estar servindo de uma experiência para a referência de outros professores que estao nas mesmas condições, ou que vieram das mesmas condições que você, que é uma realidade ainda muito grande do nosso país?

PA2) Olha! Seria, assim, um grande prazer realizar esse trabalho, porque seria uma experiência a mais para mim e, com certeza, eu sei que nao vai ser fácil, mediante esse trabalho porque (...). Vale ressaltar que eu nao tinha ressaltado antes, entao vale ressaltar que é muito difícil você desenvolver um trabalho dentro de uma escola. É muito difícil. Eu já tentei e às vezes, você entra em confronto. Eu ainda, particularmente ainda nao sei lidar com esse tipo ainda de problema: como enfrentar, é isso que eu estou , que eu estou querendo fazer com que eu possa lidar com esse tipo de problema. Com essa aula que nós tivemos agora, de Prática de Ensino I, já veio uma luz de cómo eu vou, de cómo eu posso lidar com os problemas que irao surgindo. Entao, você realizar uma prática do jeito que você gostaria que fosse é muito difícil, mais nao é impossível. Eu vou tentar fazer, como eu já estou tentando. Dentro da escola, às vezes, as pessoas até dizem assim : “a PA2 tem cada idéia assim, revolucionária “. Às vezes, porque a filosofia, a escola já adota uma filosofia e como eu trabalho numa escola que é uma escola comunitária, assim, tem o convênio, ela nao é totalmente da rede municipal. É uma escola que atende 90% dos alunos

pertencem a rede municipal, mais ela tem uma filosofia que é uma filosofia tradicional, mas, na medida do possível, nós estamos tentando mudar essa postura. Eu já estou realizando um trabalho dentro de sala de aula e eu vou tentar realizar esse trabalho. Eu topo, com certeza, porque é uma experiência a mais.

T) Muito obrigada e quero desejar toda a sorte para você. Que você realmente atinja todos os seus sonhos, consiga vencer, porque eu não tenho dúvidas que isto vai acontecer. Muito obrigada, PA2.